

51-2-33
O LIVRO SF

DO

DEMOCRATA

POR

Arcebilão,



S. PAULO

Typographia Americana, rua Direita 32

1866 (Abril a Outubro.)

(Propriedade do Autor.)

V
321.8
C348
L
1866

BIBLIOTECA NACIONAL FEDERAL

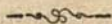
Este volume foi registrado

com número

de ano de

4.513
1946

INDICE



PREFACIO.— pag. I

Primeira parte.

INSTITUIÇÕES SOCIAES E POLITICAS.

- CAP. I —A soberania individual de cada homem sobre si mesmo e sobre a sua propriedade, constitue a liberdade.—A confederação das liberdades individuaes, constitue a liberdade publica.—Sem o elemento—liberdade individual—não ha liberdade publica, e sem esta, não ha ordem na sociedade. ” 5
- CAP. II —A origem do governo é a Communa.—Ella não pode delegar sua soberania a um governo central, sem abdicar-a.—Ella não abdica, foi ou é destronada por este poder.—O poder central de uma nação é um governo de facto, não de direito.—E' uma usurpação que deve ser posta fora da lei. ” 10

- CAP. III —O governo communal exercido por comicios é o unico que respeita a liberdade do homem.—Existe na tribu selvagem, nas companhias de accionistas, nas irmandades, nos clubs, e em quasi todas as associações privadas.—Objecções possiveis á esta forma de governo.—Solução das objecções. pag. 14
- CAP. IV —A Monarchia constitucional e a Republica são o absolutismo desfarçado, que não o cede em despotismo á Monarchia absoluta, á Dictadura e á Aristocracia.—O governo do povo pelo povo, não existe. „ 37
- CAP. V —Comparação entre um governo constitucional chamado livre; e o systhema das communas. „ 47
- CAP. VI —O unico governo legitimo, livre e justo, é o democratico por comicios, isto é, o da communa.—Não lhe são applicaveis as condemnações justa ou injustamente lançadas sobre os outros governos chamados democraticos, com os quaes não tem outra communitade que a do nome.—E' o unico que não opprime o povo, porque o povo não se opprime á si mesmo.—E' o unico que respeita o direito dos outros povos, e que não póde prescindir de respeitá-los, porque nisso está a razão da sua propria existencia.—Os principaes acontecimentos politicos contemporaneos julgados pela justiça e pelo criterio da communa.—Os grandes

cataclysmos politicos que devastaram a humanidade não se teriam dado, se aquella justiça e aquelle criterio tivessem regido o mundo. . .

pag. 60

CAP. VII—As tres aristocracias da sociedade.

—A do poder com a realeza e sem ella.—O poder é causa do luxo: derribado o poder, o luxo o segue na queda.—A do saber, que a communa pôde derribar pela educação da mocidade.—A da riqueza, se sumirá na queda das duas.

” 75

CAP. VIII—O poder theocratico é incompativel com a liberdade humana.

” 91

CAP. IX —Causas do progresso da sociedade.

—Causas do estado estacionario da tribu do selvagem e de algumas sociedades.—Todos os homens tem a mesma aptidão para o progresso; mas não têm a mesma necessidade.—O progresso é o signal da fraqueza physica de uma raça.—O poder é causa do progresso material.—O faz servir aos seus commodos e á sua ambição, e á criação e conservação de necessidades ficticias.—A civilisação não é o progresso.—O poder se oppõe ao desenvolvimento della.—Destituído o poder, a civilisação irá tambem em progresso: o progresso material desandarà em regresso diminuindo as necessidades ficticias do homem e dando-lhe mais descanso.

” 103

CAP. X —A guerra.—E' a negação da civilisação.—Em quanto houver poder,

- haverá guerra. pag. 114
- CAP. XI —A instrucção publica.—Convem que seja dirigida pela communa.—A actual deve ser substituida por outra racional, porque qual ella é não preenche o seu fim.—A instrucção deve ir acompanhando o desenvolvimento da curiosidade do adolescente.—Não se deve admittir ás escolas o menino menor de 8 annos.—A instrucção primaria deve ser obrigatoria.—A secundaria *ad libitum*.—Devem ter por professores os tratados populares.—Deve haver aulas de todos os ramos de sciencias, artes uteis e bellas artes para escolha e auxilio das profissões.—O estudo deve tornar-se um costume na sociedade, destinado á tomar o lugar dos vicios. „ 122
- CAP. XII —A imprensa.—Deve ser gratuita e de propriedade da communa, sem exclusão todavia da imprensa de propriedade privada.—E' a tribuna dos povos livres, e deve ser o parlamento da communa.—Crimes de imprensa : quaes sejam. „ 138
- CAP. XIII—O livre arbitrio.—O universo é um encadeamento de causas e effeitos necessarios, e entre estes effeitos se contam as acções humanas.—O livre arbitrio seria uma infracção desta lei, e por isso é impossivel.—Sem livre arbitrio não ha criminalidade, e sem ella a punição é injusta.—Na penalidade criminal se de-

ve attender somente á necessidade da segurança da sociedade, e não á vingança, nem á punição, nem ao exemplo. pag. 143

CAP. XIV—O direito penal.—A sociedade não tem o direito de punir nem de vingar, nem de corrigir o réo, nem de sacrificar-o ao exemplo.—Tem o direito da sua defesa e da sua conservação contra o criminoso.—A pena de morte é um assassinato.—A pena maior que a sociedade pode impor, não como pena, mas como defesa propria, é o desterro.—A commutação desta pena por outra, como seja a reclusão, é um acto de clemencia do poder moderador, que o réo pode recusar. ” 149

CAP. XV —Os preservativos dos crimes são : 1.º a educação pelo exemplo e pela moral : 2.º a infallibilidade da pena : 3.º a policia popular.—Nem o rigor da pena, nem a religião não os impedem. ” 159

CAP. XVI—O direito de successão não existe.—Deve ser supprimido em proveito da Communa, respeitando todavia o direito de propriedade do homem em quanto vivo. ” 171

CAP. XVII—O Codigo civil.—O Codigo commercial.—O Credito.—O Jury em materia criminal e civil. ” 176

CAP. XVIII—A liberdade.—Nasce com o homem, é sua guia : ella o preserva da anarchia.—Anarchista é o poder que lhe a confisca para substituir-se

á ella.—A liberdade é planta que
 pode viver somente na tribu e na
 communa.— Na liberdade vive a
 igualdade.—O domestico deve ser o
 igual do amo.—A mulher não deve
 sujeição ao homem.—Somente a cri-
 ança a deve ao tutor em quanto se
 desenvolve nella a rasão. pag. 184

Segunda Parte

COSTUMES.

- DUAS PALAVRAS DE INTRODUCCÃO. „ 191
- CAP. XIX —A decencia.—O pudor.—A morali-
 dade dos costumes, e a libertina-
 gem. „ 194
- CAP. XX —O celibato.—E' uma instituição em
 opposição ao preceito de Deos.—
 E' a suppressão de uma funcção na-
 tural, suppressão que é um soffri-
 mento que a ninguem aproveita.—
 Seus effeitos.—Deve ser abolido. „ 204
- CAP. XXI —O casamento como instituição.—
 E' a licença de exercer uma func-
 ção natural, que o homem já tem
 da natureza.—Não corresponde ás
 necessidades dos sexos.—Da recon-
 quista do direito natural confiscado,
 e do seu uso sem licença previa, se
 faz peccado, ou crime.—A sua con-
 fiscoção faz a desgraça do genero
 humano.—A cerimonia do casa-

mento é um escandalo, porque é o representante de um acto reputado indecente.—O casamento civil é meio escandalo somente.—Necessidade de varrer da sociedade estes escandalos, e de restituir ao homem o seu direito natural. pag. 212

CAP. XXII—A mulher deve ser livre como o homem.—Comparação entre a esposa e a mulher livre (*libertina*).—Qual das duas professa vida mais decente.—Porvir de ambas. „ 228

CAP. XXIII—A prole.—Deve ser criada e educada pela communa em nome da igualdade da intelligencia e da civilização.—O direito paterno ou patriarchal e o principio d'autoridade, são as duas pessoas, que com o direito divino, formam a trindade do absolutismo.—A criação artificial da prole. „ 235

Terceira parte.

O UNIVERSO E O ESPIRITUALISMO QUE O HABITA.

CAP. XXIV—O universo é infinito.—Existe e existirá com a eternidade —Deos e o universo, ambos infinitos, ou um delles infinito e outro limitado, são um absurdo mathematico.—O universo não foi feito para o homem, nem este é o rei da criação.—O destino do universo é ignorado.—As revelações não esclarecem o mysterio.

—O Genesis e a Geologia não estão de accordo como se diz.—A unidade da raça humana, como as mais raças existentes se extinguirão, e talvez outras lhes succedam.—A geração espontanea é uma verdade adquirida á sciencia.—E' propriedade da materia, quer Deos exista, quer não.—Deos: seu pró e seu contra.—A providencia é uma prova negativa de Deos.—Deos não pode ser qual os prophetas o descrevem.—Seria a photographia de um homem máo.—Tudo é mysterio.—Impossibilidade de forçar as trevas do mysterio. . pag. 247

CAP. XXV—A organização dos seres é uma das metamorphoses da materia, que se operam continua e eternamente.—Todos elles tem por destino: 1.º a propria conservação, 2.º o seu desenvolvimento, 3.º a perpetuação da sua especie.—Todos os seres organicos, planta, animal ou homem, são dotados de razão na proporção da sua necessidade e da sua organização.—Ha sete sentidos conhecidos nos seres organicos; mas talvez haja outros a nós desconhecidos.—O que se chama instincto, é acto de razão.—A razão dos animaes em acção.—Todo o ser organico, planta, animal ou homem considerando-se á si na esphera da sua racionalidade, deve julgar-se o unico rei da criação.—Não ha rei de criação, ou cada ser organico é um rei. . . . „ 268

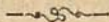
CAP. XXVI—A alma.—Suas funcções e seu destino.—Cada alma deve ser um milagre.—Deve ser da mesma natureza tanto a do homem como a dos animaes.—Não pode ser mola do corpo, nem suas funcções podem enfraquecer-se pelas molestias, visto ser incorporea.—E' um mytho inventado para clarear um mysterio, que deixa nas trevas. pag. 281

CAP. XXVII—As religiões.—Tendencias da humanidade para o polytheismo e para a idolatria, e sua razão.—Todas apresentam as mesmas provas d'autenticidade.—Todas, usam dos mesmos artificios de propaganda.—Todas, apoiadas na autoridade do instituidor, adiantam-se sobre a razão, do crente e se lhe impoem—Todas se condemnam e se excluem reciprocamente.—Não ha signal por onde se reconheça a verdadeira.—Não devem ser uma instituição publica. „ 290

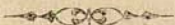
CAP. XXVIII—A instituição das religiões falsas é um grande delicto.—Não o justifica nem a necessidade, nem a utilidade publica.—O interesse de um falso propheta as fundou, a fé as mantêm, o interesse da casta sacerdotal as defende.—Todas ellas submettem a humanidade ao seu poder.—A philosophia que deve defender a liberdade humana, deve combatel-as.—A diffusão da moral não é da alçada dellas; mas da philosophia.—Todas ellas causam grandes

males á humanidade.—O unico beneficio que lhe prestam, consiste no mal que deixam de lhe fazer, não sendo cumpridas á risca como manda a sua lei.—Sem as religiões a historia da humanidade não apresentaria as tristes paginas do seu fanatismo e da sua ambição.—São inimigas do progresso, da illustração da sciencia e da civilisação, e se esforçam para os reprimir.—Se fossem livres de si, se exterminariam reciprocamente. — O catholicismo conspira e faz leva de broqueis abertamente, á luz do sol, contra a liberdade humana.—Perigo imminente. pag. 303

CAP. XXIX—Consequencias logicas da verdade de uma religião	„	327
CAP. XXX—CONCLUSÃO.	„	332



PREFACIO.



Meditando sobre os direitos do homem, coordenei-os n'um escripto, e vi que tinha feito um livro. Li-o e me pareceu util: resolvi dar-lhe publicidade na lingua franceza, lingua universal da sciencia, e mandei-o para a Belgica, pelo correio, ao impressor; porém nenhuma noticia recebi; escrevi perguntando por elle a quem m'a podia dar: tive em resposta o silencio.

Si eu acreditasse que os jesuitas teem a vigilancia de Deos, e podem acompanhar nas trevas do segredo os actos humanos, e subtrahir um livro ou uma carta a tempo e a hora, diria que me sumiram o livro e a carta: porque, sem conhecel-os, occupei algum d'elles n'esta remessa. Conservo o borrão do livro perdido, porém não quero mais publical-o. O tempo aconselha.

Quando escrevendo, discutia comigo os direitos do homem, e os via tão ultrajados, a indignação tomava parte na discussão, e ficava sobre o livro.

Devia tel-a feito calar: a indignação excita as pai-

xões, e devia fallar somente á razão pela demonstração mathematica: esta só convence, e faz proselytos aos milheiros, porque traz comsigo a sua prova.

Escrevendo este novo livro, farei calar em mim até o ultimo murmurio da paixão indignada. Eis porque não imprimo o primeiro.

Não escrevo este segundo na lingua universal da sciencia, porque teria de mandal-o imprimir na Europa, o que retardaria sua publicação, com o risco de perder-se novamente.

Se tiver valia, será por outros tradusido, e se não a tiver, cahirá inobservado, no olvido.

—Depois de quanto se tem dito sobre os direitos do homem, ainda restará alguma cousa a dizer?

—Creio que muito. Mas sobretudo falta ajuntarem-se os principios n'um corpo de doutrina. Sentenças destacadas attrahem os applausos da admiração, mas não reformam. Só reunidas n'um systema completo e auxiliando-se reciprocamente, podem reformar o mundo.

Bem sei que um philosopho reformador em nossos dias é recebido com sorrisos de incredulidade, e até de mofa. Se me apresento com o meu livro na mão, é por que confio na verdade que n'elle depositei e no muito que meditei para mondar esta verdade da mentira.

A'quelle que ao ler estas primeiras paginas, acoimar-me de utopista e de sophista, quando chegar á ultima perguntarei:—*quem é o sophista e o utopista, eu ou vós?*

Muitos tem concertado este machinismo das instituições sociaes sem conseguir que funcionasse bem, e desesperaram d'elle.

Chegou-se a crer que as guerras e que os cataclismos successivos que abalam de tempos a tempos a sociedade; que este mal indefinivel que a afflige perpetuamente, são irremediaveis como inherentes á natureza humana. Não:—são inherentes ás instituições sociaes, e podem desapparecer com sua reforma.

—*Le monde marche*,—diz Pelletan, mas nem elle, nem outros apontam a estação de sua chegada á perfeição: vae andando; mas lá não chega.—E porque?—*Le monde marche; mais c'est hors de son ornière*: o mundo corre fóra de seus trilhos: colloquem-no n'elles, e lá chegará.

Não terei eu traçado esses trilhos? O porvir o dirá; talvez o diga tambem o leitor.

Entretanto as reformas sociaes não se fazem por cataclismos. Photographam-se primeiro na intelligencia, e depois estampam-se sobre ella as instituições, á medida que se tem de reformal-as.

Todas as reformas violentas e isoladas falham, e uma vez falladas, atiram-nas para um canto como utopias: se se operassem lentamente e de accordo entre si, sahiriam perfeitas.

Este livro não é feito paraprehender e deslumbrar a intelligencia com o facho das paixões, nem tão pouco para fazer revoluções violentas: falla á razão e á reflexão: sua acção será lenta, calma, porém segura.

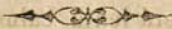
Quem teme as grandes conflagrações sociaes não pode receiar este livro. Poderá, sim, receial-o aquelle que temer a verdade, e que faz do erro e da mentira uma especulação. Mas o dia em que este homem for posto ao

bando da sociedade, este dia será o da justiça e da razão. Os homens de bem devem almejar sua aurora.

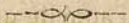
Ha muita gente com a espada do poder em punho, empenhada na mantença da actual ordem de cousas. Ha muita outra, que por ordem superior não quererá comprehender-me. Toda ella unida formará um vespeiro a assaltar-me. Toda ella unida tem um *monitor* formidavel prompto a atacar-me. Este monitor é a sentença de que: rei, costumes, e religião são a arca santa em que é sacrilegio tocar-se: e esta sentença já passou em julgado. Para condenar-me bastará um grito ou uma declamação: eu sacrilego, serei condemnado sem ser ouvido. Mas se poucos me ouvirem, e ficarem convencidos comigo, ajudar-me-hão no apostolado, e minha missão não será perdida.

As vezes pergunto a mim mesmo o que lucro com este trabalho e nesta luta, que aproveitarão somente aos vindouros, se sortir algum effeito.

Nada; mas deixando á humanidade o obolo de minha passagem n'este mundo, n'este livrinho, terei vivido para um fim util.



PRIMEIRA PARTE.



INSTITUIÇÕES SOCIAES E POLITICAS.

CAPITULO I

A soberania individual de cada homem sobre si mesmo e sobre a sua propriedade, constitue a liberdade.—A confederação das liberdades individuaes, constitue a liberdade publica.—Sem o elemento—liberdade individual—não ha liberdade publica, e sem esta, não ha ordem na sociedade.

O homem nasce livre ou escravo?—O direito quer que nasça livre; o facto diz que póde ser livre ou escravo, conforme o lugar do seu nascimento e a sina que a sua sorte lhe deparou n'este mundo: e homens ha, representantes da violencia, que dizem, que nasce como ovelha de rebanho, escravo de um pastor.

A' vista d'isso, o problema está por se resolver. Tentemos a sua solução.

Neguemos por um instante o direito. Quem sabe se elle é apenas uma ficção necessaria para manter a paz entre os homens, e impedir que se destruam uns aos outros?

Se o homem pertence á outro homem, o mesmo que apregoou este principio, pode ser escravo de outro. A força maior decidirá entre os dous qual deve ser o senhor e qual o escravo. Se elle está hoje de posse da força, não estará amanhã.

O mesmo diremos d'aquelle que professa o principio, que a sorte do homem deve ser a que a ordem das cousas lhe deparar n'este mundo: e como o homem póde fazer a sua sorte, poderá ser senhor ou escravo segundo as eventualidades da fortuna, segundo a sua força e a sua sagacidade.

Toda a parte que elle fizer a si mesmo ou á outro, será sempre legitima; o bem que lhe fizerem será igual ao mal que elle retribuir; o direito será igual á injustiça. Então a revolta permanente do homem contra o homem, a guerra e a anarchia como meio de obter a melhor sorte n'este mundo, serão o estado normal da sociedade: a legitimidade da aggressão dependerá da victoria, a illegalidade da derrota. Com estes principios não haverá sociedade possivel.

Sem admittirmos um direito regulador das acções humanas, o estado normal da sociedade seria a anarchia, isto é, a impossibilidade da mesma sociedade.

O direito é pois uma necessidade: se não existisse, seria preciso invental-o.

Mas não é uma invenção; elle existe. Está escrip-

to na consciencia dos homens, nascidos nas latitudes as mais oppostas; com as mesmas palavras, que são estas: *Respeita a pessoa e a propriedade do teu semelhante, que devem ser inviolaveis, porque lhes pertencem exclusivamente.* O homem civilisado commentou a sentença com muitos volumes. São os codigos. O homem da natureza, por não saber escrever tira os commentarios da sua consciencia, quando precisa; mas ambos administram a mesma justiça, seguem a lei da mesma sentença.

Esta sentença se desdobra n'estas outras:

1.º—*O exercicio da soberania sobre si mesmo e sobre a sua propriedade, é a liberdade.*

2.º—*A confederação d'estas soberanias individuaes, forma a sociedade.*

3.º—*O respeito á liberdade individual e á collectiva, (que é a somma das liberdades individuaes) é o unico elemento de ordem na sociedade. Seja quem for que attente á liberdade, o autor da anarchia é elle.*

Entretanto está em voga o contrario. Os interessados na extincção da liberdade atáram no pelourinho a *violencia*, e mostrandol-a á indignação publica, disseram: *eis a liberdade!* E' preciso prendel-a, amarral-a, para que não faça damno. E fizeram leis que foram cohibir a liberdade. *A liberdade deve ser limitada*, dizem elles.

Mas a liberdade limitada não é mais liberdade. Se ella é o direito individual em exercicio, não pode ser coarctada por poder nenhum, sem deixar de ser liberdade. Não ha se não uma liberdade: a illimitada. A liberdade do crime, nunca foi liberdade: sempre foi violencia.

Se esta pobre victima chamada liberdade, não se defende, é tida como ré confessa e é esmagada: si se defende, se justifica e resiste, é esmagada, porque resiste. E' assim que sempre é perseguida, e victima sempre.

Mas a guerra de aggressão contra a liberdade, desafia a resistencia. A *historia da humanidade* não é mais do que a historia d'esta aggressão prolongada, e da resistencia do direito popular, que lhe faz frente; guerra alternada de treguas, chamadas ordem e paz.

Mas a ordem e a paz duradouras, não se obtém se não pelo respeito religioso á liberdade, e não pela sua perseguição: por esta se excita a anarchia da guerra.

—Haverá um recanto debaixo do sol no nosso planeta, com liberdade e paz?

—Sim: ha; precisamente onde não se quer *liberdade limitada*, e onde menos se esperaria achal-a. E' na tribu selvagem. A civilisação a afugentou do paiz que invadio.

A tribu quasi sempre em guerra com as outras tribus, com guerra no *exterior*, goza de profunda paz no *interior*. Não tem codigo escripto; mas passa bem sem elle: a represalia serve de codigo as raras vezes que d'elle se precisa.

—Quereis saber porque reina a paz na tribu, e a guerra aberta ou occulta na terra da civilisação? E' porque o selvagem não tem contra quem se revoltar. Se todos respeitam a sua liberdade, se ninguem o opprime, se ninguem o avilta, contra quem se revoltaria elle?

Na tribu ha um chefe, ha conselho de anciãos, que se reúnem para prover ás graves consequencias da republica; mas suas decisões são conselhos que não obrigam:

geralmente os membros da tribo as seguem por lhes parecerem melhores.

Em toda a tribo onde a espada da lei ou do arbitrio está suspensa sobre a cabeça dos cidadãos, como em Dahomey, onde o poder mata ou encarcera o povo, n'ella penetrou a civilisação.

Nella achareis o poder rodeado do temor da tribo e de sicarios, n'ella achareis a conspiração permanente manifesta ou latente, tanto para represalia, como por concurrencia.

O chefe e os maiores da tribo *selvagem* não tem concurrentes. O seu posto é o do perigo, o dos maiores é o da responsabilidade do seu conselho. Quem pode ambicionar estes postos?

Quereis constituir uma sociedade livre? Fazei d'ella uma grande tribo. Conservando a liberdade d'ella, sem a demolir, sem mesmo tocar-lhe: aperfeiçoa-se o mais. Mandae fazer pela tribo inteira, reunida em conselho, um codigo civil e criminal, bem summario: reuni a tribo a tratar dos seus aperfeiçoamentos materiaes, quando qualquer *selvagem* o pedir.

Talvez não fundeis uma sociedade civilisada; mas fundareis uma sociedade livre, e feliz, governada pela justiça e pela vontade popular somente.

Fazei uma tribo de 500 almas, da população de uma aldêa, reuni em confederação, dez, cincoenta, cem, mil, um milhão d'estas tribus, e tereis constituido uma nação: uma nação sem chefe, porque cada tribo se governa a si, e se entende com a vizinha pelo que respeita os interesses das duas.

Contra quem se revoltariam estes *selvagens*? Contra o seu código civil ou criminal, que podem modificar quando quizerem? contra os administradores das suas obras publicas, que elles mesmos nomeáram e que podem demittir de um momento para outro? Vapor não comprimido, não faz explosão. Os povos nunca se revoltam contra seus códigos, que elles mesmos fizeram para garantia da sua liberdade, da sua propriedade e de qualquer seu direito; nem contra a administração nomeada por elles, e que está cumprindo fielmente suas ordens. Nunca se revoltam contra si próprios; mas sómente contra seus oppressores.

E esta revolta, esta reivindicação pela força, de um direito subtrahido pela astucia ou pela força, não será também o exercicio de um direito, uma reivindicação legitima?

Não existiria direito sobre a terra, se não a fosse.

CAPITULO II

A origem do governo é a communa.—Ella não pode delegar sua soberania a um governo central, sem abdicar-a.—Ella não abdica, foi ou é destronada por este poder.—O poder central de uma nação é um governo de facto, não de direito.—E' uma usurpação que deve ser posta fora da lei.

Visto que o homem não pertence á outro homem, uma agglomeração de familias não é um rebanho humano de propriedade de um pastor. Pertence a si, e a propriedade e a vida e o direito dos cidadãos estão sob a

salva-guarda commum. Na sua protecção está pois o seu governo.

O que é uma agglomeração de homens, ou de familias reunidas pelo acaso do nascimento ou da conveniencia, soccorrendo-se a si mesma, se não um estado independente?

Podem varias agglomerações ou communas confederarem-se tambem, como se confederaram os seus fogos, para conveniencia reciproca, mas não perdem por isso a sua independencia; antes a fortalecem auxiliando-se mutuamente.

E' evidente pois que a origem natural de um governo vem da fracção e não do todo, nasce da circunferencia e não do centro, vem da communa e não do governo central, e que portanto, este não pode ser legitimo, sem que as communas que constituem a nação, não tenham abdicado a sua soberania na sua mão.

Mas qual é a communa que abdicou ou que abdicaria esta sua soberania? Qual o membro d'ella, que abdicaria a sua independencia, a sua liberdade e a sua dignidade de senhor na sua communa, para se constituir servo de um poder central, elle, sua familia e sua communa? Não haveria compensação que os pagasse, por qué soberania de si ou liberdade, independencia e dignidade tem um valor tão incalculavel, que não se lhes pode fazer um preço, nem em moeda de instituições politicas e sociaes.

Se nas sociedades humanas ha um poder central, é elle uma iustituição herdada, e na sua origem foi uma usurpação pela conquista, pela força ou pela astucia.

Ora nem a violencia, nem a fraude não sendo direito, não podem transmittir direito, nem podem obrigar á obediência. A sua illegitimidade nunca prescreve, em quanto a revindicação de um direito usurpado é sempre um direito em vigor. Um poder central governativo, está pois sempre ao bando de todas as sociedades. Atacal-o, aniquilal-o, é direito de todos e de cada um. Elle não existe se não de facto e pela força.

Eis quanto ao direito; passamos aos seus effeitos.

Uma communa tem sua liberdade soberana, suas necessidades a providenciar, seu conhecimento pratico d'ellas, seu dinheiro para remedial-as. Basta-se á si mesma.

Assim: quer sua igreja, seu chafariz, suas escolas, suas estradas, seus edificios publicos, seu parochio, seus professores, seus juizes, e os tem em vista. Mas o governo manda-lhe um proconsul, que lhe toma o dinheiro, confisca-lhe a vontade, deixa-lhe as necessidades, e lhe diz: se quereis isso tudo, pedi ao poder central, vosso tutor, que vos dará ou negará o que pedis, que se esquecerá, ou não fará caso de vós, como bem lhe parecer, que vos mandará precisamente o parochio, o professor e o juiz que vós não quereis, os quaes em seu nome vos tratarão como hungaros ou polacos vencidos, vos farão a igreja onde, e como não a quereis, e vos deixarão soffrer sêde por falta de um chafariz.

Tambem este proconsul vos imporá uma votação em troca da licença de fazer uma cadeia, se o governo central tiver pretensão a representar a ficção de governo representativo

Quantas necessidades vós tendes, são outras tantas graças que lhe entrão no cofre, e que distribuirá a seus cortezaos e a seus ajudantes. Precisaes de um carcereiro, de um agente do correio, de um porteiro. Não consentirá que o escolhais: o cofre nunca está assás cheio de favores para distribuir aos amigos, e comprar adeptos: elle os escolherá. Se pouco cura das communas, cura bastante de si. Precisa do vosso dinheiro para banquear, e ostentar fasto. A realeza, a sua côrte, a burocracia alta e baixa, todos gastão, todos ostentam á custa da communa. Precisão sustentar exercitos para metralhar quem ousar lugir ou mugir. Que importa que fique a communa mendigando á porta do festim feito com o seu dinheiro?

Nos paizes regidos constitucionalmente diz-se, que entre o poder central e a communa ha o deputado que pede em nome d'ella, e vela sobre os direitos d'ella. Ficção! Por quaes meios se communicão deputado e communa? E por ventura um governo central não sabe, em caso de necessidade, comprar uma maioria que o livra das importunações das communas e dos seus deputados?

Nos governos absolutos o intermediario entre o governo e a communa é o delegado do governo. Ora este obedece a quem o paga.

Em todo o caso a communa paga; mas é a derelicta que o orçamento espolia, e que ninguém attende.

Os empregados da communa serviriam bem debaixo da fiscalisação d'ella que os teria nomeado, e que os poderia demittir. Proconsules do governo, fortes no apoio d'elle, não vem servir a communa, vem a governal-a.

Tão insupportaveis se tornam, que a communa de bom grado renunciaria aos seus serviços para se ver livre d'elles. São os dragões das dragonadas pouco mais ou menos.

Por onde se guiou o governo na sua escolha? Não foi precisamente elle quem os escolheu, bem que elle os mandasse. Um, foy escolhido pela amasia do rei, outro, pela do ministro, outro, pelo confessor d'esta, outro, por um deputado que com suas cabalas ajudou o ministro a galgar o poder, o ultimo, por outro deputado, canhão raiado de 100 nas baterias da opposição que é preciso fazer calar a força de concessões.

Tanta justiça e moralidade ha na conquista de um poder central, como no seu uso.

Tal a causa, tal o effeito.

CAPITULO III

O governo communal exercido por comicios é o unico que respeita a liberdade do homem.—Existe na tribu selvagem, nas companhias de accionistas, nas irmandades, nos clubs, e em quasi todas as associações privadas.—Objecções possiveis á esta forma de governo.—Solução das objecções.

Seria superfluo apontar os vicios de um governo central, se não fosse possivel outro governo melhor. N'esse caso a necessidade tomaria o lugar do direito.

Mas será possivel reger uma sociedade sem um centro governador? Governar sem um governo?

Esta pergunta é tanto mais necessaria, quanto a in-

dispensabilidade de um governo central n'uma sociedade, tornou-se uma crença, da qual já ninguém duvida.

Vimos que a tribu não tem governo central, muito embora os que nunca a viram e que a comparam com qualquer sociedade nossa, lhe dêem um chefe, governador, rodeado de uma especie de senado. Mas temos outros exemplos á mão, aos quaes, por nos serem muito familiares, não prestamos attenção.

Estas sociedades sem governo central, são as companhias commerciaes em commandita, as irmandades, os clubs, as associações privadas e publicas, como d'estradas de ferro, de navegação, de seguro, etc. etc.

Qual é o governo central que manda n'ellas ?

Os accionistas reunidos em assembléa. A sua agencia ou directoria, não é governo central, é o escriptorio onde se executam as ordens da assembléa. Não é uma delegação, nem uma representação, porque não ha autoridade superior perante a qual se apresentem no character de delegado ou de representante. O seu superior não é nem realza, nem ministerio, é a companhia. Que seria dest'agencia, desta directoria, se quizesse arrogar-se o direito de governar a associação ? Seria posta immediatamente na rua, em quanto um ministerio ou uma realza não podem ser postos na rua se não por uma revolução ! Porque são um poder superior que ordinariamente vence, e pune a revolução.

N'uma associação mercantil o direito de todos os socios é representado pelo numero de accções com que entram n'ella. Nas sociedades politico-sociaes, o capi-

tal de cada socio é a sua qualidade de cidadão da communa.

A não ser assim, o principio da soberania popular seria uma burla com que alguns espertalhões lograriam a humanidade.

Em quanto o ultimo cidadão da communa não for chamado a arengar e a votar sobre os negocios publicos, o governo popular será uma mentira.

E em quanto houver na communa primeiro e ultimo cidadão; aquelle com direito de ser votado, e este com direito apenas de votar, haverá uma aristocracia privilegiada, haverá despotismo e servidão; egualdade, não.

E como pode haver no mundo um governo popular, se não ha um só povo que se governe por comicios, assim como uma sociedade em commandita, um club, uma irmandade?

E' preciso convir que n'um grande Estado um governo por comicios seria irrealisavel, já pelo incommodo que causaria á população toda qualquer acto governativo que interessasse apenas uma communa.

Mas si se fraccionar esse Estado em tantas confrarias, em tantos clubs, em tantas communas, quantos são os interesses locaes, se estes mesmos interesses forem tratados somente por aquelles membros da communa que tem de aproveitá-los e pagá-los, haverá comicios menos numerosos do que as assembléas de certas sociedades particulares.

Um negocio não deve ser tratado se não por aquelles a quem affecta e interessa: então poucos serão os interventores na mesma communa, e o negocio será tratado

com um cuidado que nenhum governo central lhe presta.

O governo de uma nação, como qualquer outro mister, quanto mais for fraccionado, e suas fracções entregues aos cuidados dos interessados, melhor desempenhado será.

A esta forma de governo se poderão fazer tantas objecções que a tornem uma utopia. Mas a todas dissiparemos de modo, que ella ficará subsistindo de pé como uma realidade luminosa, esperando apenas a hora de funcionar.

1.º — Perguntar-nos-hão : cada communa será um Estado com seus codigos especiaes ?

— Não : seria isso uma grande complicação, um grande embaraço : a communa não deve separar-se da Nação. Por isso deve haver para todas as communas tanta uniformidade de codigos, de meio circulante, de pesos e medidas, quanta for compativel com as suas necessidades. Cada communa terá sua circumscripção territorial para a sua administração interna, menos as barreiras. Uma casa só não deve ter interiormente portas fechadas.—Tendo o Estado, ou a Nação esta communidade de instituições, o que restará a fazer á cada communa?—A sua administração interna, que é pouca cousa, como está á cargo de todas as associações; e a manutenção das relações de boa vizinhança, de amizade das communas, e de mutuo soccorro.

Se estes misteres não podem ser tratados pelos seus comicios, não se pode comprehender como possam ser tratados os negocios de todas as communas de uma Nação, por uma só repartição chamada ministerio. Não

deve ser possível este trabalho, sem ser também aquelle. Se ha differença, é a favor da communa. Ella tratará melhor e mais á tempo seus interesses, do que os trataria um ministerio. Cada um provê melhor aos misteres de sua casa, do que o estranho que mal os conhece.

2. ° — Reunir-se a communa em comicios por qualquer providencia a tomar, por qualquer empregado a nomear, será grande incommodo.

— Já calculastes quantos decretos faz cada anno um governo em proveito de uma communa? E quantas deliberações toma cada anno uma assembléa de accionistas, relativas á associação?

Parece que passam-se annos sem que recebam innovações. Pois bem: pode passar-se annos sem que seja preciso reunir os comicios. E quando tivessem de se reunir frequentemente, não seria razão para se entregar a outros a sua independencia e ficar-se escravo de um delegado proprio.

Depois já dissemos: os comicios todos só se reúnem para tratar dos interesses de toda a communa; mas tratando-se de interesses de poucos, basta chamar somente os interessados. O que certo é; que estas associações que devem servir de modelo á communa, nunca se queixaram da fadiga que lhes dá a sua administração.

3. ° — Se diz geralmente que uma nação para governar-se a si deve ser illustrada, e quasi se exige que todos os que tomam parte na governança popular, tenham as habilitações de um ministro.

—Charlatanismo! Pedanteria! E' mais difficil des-governar o mundo do que governal-o, como é mais difficil tirar um rio do seu leito, do que deixal-o correr seu curso. Que habilitações tinha um Principe da Paz, que pensava que a Russia e a Prussia erão uma mesma e só nação, e que chamava as Cidades Anseaticas de Ilhas Asia-ticas? Que habilitações tiveram Lincoln, o rachador d'estacas; Rosas, o gaúcho; e quaes tem Johnson, o alfaiate: para tornarem-se celebres no seu bom ou máo governo?

Que habilitações tem a republica de S. Marino, composta todas de pobres camponezes e de artezãos, e as tribus d'America e d'Africa, que nem sabem ler nem escrever? E todos estes povos por ventura não se governam a sua satisfação? Desgraçados d'elles, se para terem um governo, precisassem de homens d'estado!

Que felicidades derramaram sobre suas nações um Metternich que tornou odiosissimo o seu soberano a todos os seus povos; um Napoleão III, que esgotando os recursos bellicos e financeiros da França em emprezas tresloucadas, achou-se desarmado quando a Austria e a Prussia assaltaram a Dinamarca, isto é quando precisava de estar armado?

Quando a França pensaria que se riscaria quasi do mappa geographico d'Europa uma nação, sem ella ser consultada, e que se transportaria o congresso de Londres, onde ella emittia a sua palavra, para Vienna, onde não tinha assento? Eis uma amostra da grande pericia dos homens d'Estado! Poderíamos por contrapeso mostrar a de Lincoln, de Johnson, de Washington e dos grandes homens das republicas italianas do medio evo, que

surgidas d'entre o povo, nunca tiveram pretensões á estadistas.

A' um povo para governar-se, basta uma consciencia e uma perspicacia natural. Todos os seus cidadãos, que devem ser os seus homens d'estado, devem ter tido annos de instrucção n'esta grande escola pratica chamada o *Mundo*, onde se estudam os successos politicos do dia, e na qual se formaram em outro tempo os mercadores da republica de Veneza, que se distinguiram pela sua pericia governativa. E qual é o povo que não tem esta escola?

Queremos que os municipales de uma communa sejam os homens os mais illustrados do mundo; mas se o não forem, entendemos que não devem ser recolhidos á um curral para serem governados como rebanhos de carneiros. Elles todos são estadistas.

O unico cidadão que não póde governar-se a si, é aquelle que dá um voto de confiança á outro cidadão. Elle não tem vontade propria onde deveria tel-a, e descarrega sobre outro o fardo da sua tarefa. Quem não tem vontade propria em politica não pode delegar nada, e nem a vontade se delega.

4. ° — Dir-se-ha que uma communa não póde desenvolver os grandes recursos de uma grande nação, nem para o seu desenvolvimento material e moral, nem para a sua defeza. Assim não pode ter escolas e tribunaes superiores, não póde ter penitenciarias, não póde levar a effeito um systema de estradas e de canaes navegaveis, não póde oppor grandes exercitos á aggressão exterior,

nem dominar sobre os seus visinhos pela sua preponderancia politica e militar.

—A communa se confedera com outras para terem em commum o que a todas aproveita. Assim em commum podem ter penitenciarias, tribunaes superiores, escolas universitarias, estradas e canaes, e oppor defeza efficaz á aggressão. E para regular estas relações entre communas, não precisão de um governo central. Precisam apenas de uma sala onde os seus commissarios se reunam a apresentar a deliberação dos comicios communaes que os enviou. Todas as communas de uma nação devem ser confederadas entre si para a defeza nacional: uma por todas, todas por uma: devem tratar em commum dos interesses da Nação toda, como seja systema d'estradas e canaes; e devem confederar-se parcialmente para tratarem dos interesses vicinaes, como escolas, tribunaes etc.

A republica de S. Marino não tinha nem tribunaes, nem penitenciarias; mas tendo um réo a julgar, mandava vir do Estado pontificio juiz e advogados, e se o réo era condemnado ás galés, o punha em pensão na galé do Estado visinho. Uma nação repartida em communas, não precisará reccorrer ao estrangeiro para remediar ás necessidades da sua justiça: todas ellas são cellas da mesma colmêa. Gozarão de todos os beneficios das grandes associações, menos a preponderancia de uma sobre outra, e os grandes armamentos para a aggressão. Mas estes intitulados beneficios de uma grande nação, tendentes a submetter a humanidade, deveriam ser para sempre condemnados. A preponderancia de uma communa sobre

outra, assim como a preponderancia de um individuo sobre outro, é um attentado á sua independencia.

A aggressão para um fim qualquer poderá ser da moralidade de um governo central; mas é repellida por uma confederação de communas, como uma injustiça e como um perigo que mina a segurança d'ellas, baseada sobre o respeito ao direito de todos. A injustiça e a prepotencia não é da sua essencia, reunidas como são para fazer respeitar o proprio direito e a propria integridade.

Temos d'isso um exemplo na Suissa. Desde que ella se organisou em confederação, um cantão ainda não dictou a lei á outro; nem a confederação intentou uma guerra de conquista. Mas, aggreddida, mostrou que tem força para fazer pagar cára a aggressão ao seu territorio e á sua independencia.

Este espirito de associação entre as communas, por seus interesses, é tão possivel, que nós o vemos posto em pratica entre as mesmas nações. O que são os tratados internacionaes de commercio e de navegação, as convenções sobre vias de comunicação, taes como estradas, canaes navegaveis, telegraphos electricos, e sobre conservação de pharóes, se não uma confederação entre nações sobre interesses communs?

5. ° — Dir-se-ha que cada municipalidade de communa pode bem tornar-se uma pequena tyrannia, á maneira das municipalidades das republicas italianas da idade media, sempre dilaceradas pelas guerras civis no interior, entretidas por familias ambiciosas e preponde-

rantes, e com a guerra no exterior entretida por ciumes e ambições das mesmas republicas.

Esta organização social seria a tyrannia da realza multiplicada pelo numero das municipalidades.

—Tal objecção é de summa importancia, por ser uma grande advertencia aos povos para que exerçam elles mesmos directamente o poder, e que nunca por preguiça o deleguem á municipalidades, ou por negligencia se deixem esbulhar d'elle. N'este caso ficariam de peor partido do que se obedecessem á uma realza absoluta.

Em quanto o povo se governar a si, ninguem aspirará á um poder que não existe; mas desde que o povo crear este poder, delegando á alguém a tarefa de governal-o, terá abdicado a sua liberdade em mão deste delegado, terá entregue o pé a calceta, e verá os ambiciosos disputarem a esse delegado o poder. Terá creado a *Aristocracia*.

Servidão e guerra civil, não lhe deixarão nem tregoa, nem repouso.

Por intitular o seu delegado ou os seus delegados de *governo municipal* ou de *municipalidade*, não deixará de ser servo, e submisso á uma aristocracia ou á uma *olygarchia*.

O que prova a perfeição do governo communal por comicios, é precisamente; isso que não tem em si poder que os ambiciosos se possam disputar.

6.º —Onde muitos governam, ha opiniões desencontradas. Deste embate de opiniões não poderão emanar o conflicto e a anarchia?

—Certamente, como pôde acontecer em todos os governos democraticos em que prevalece o absolutismo das maiorias.

N'esse caso ou regeital-os todos como anarchicos, ou aceitar tambem o governo communal.

Este governo, assim mesmo tem menores causas de desintelligencia intestina, do que os outros, porque n'elle todo o cidadão, ou grupo de cidadãos, teem o direito de fazer a sua vontade, onde ella não prejudica aos outros. Ha cidadãos, por exemplo, que querem uma igreja protestante, outros a querem catholica; os primeiros podem fazer á sua custa a primeira, e os segundos a segunda. Mas se uma vontade por força exclue outra, recorrerá, como em outras democracias, á decisão da maioria.

Os homens brigam ou por interesses oppostos, ou por se não entenderem. Vimos o remedio para os interesses oppostos. Nada mais facil do que se entenderem.

Na communa deve haver uma imprensa ás ordens de todos os cidadãos. Ella é a tribuna da discussão de todos os projectos: cada cidadão tem a liberdade de propor e discutir. Não poderá haver desintelligencia quando a discussão tendo esclarecido a questão, e estando esgotada, passar-se á votação.

Eis reduzidas a quasi nada as causas de desintelligencia.

7. ° —O governo communal invocando para sua defeza o respeito do seu direito, não pôde minar o direito das outras nações, sem fazer saltar o seu..

Elle portanto, não emprehenderá guerras de conquista e de aggressão, nem essas grandes façanhas, abuso de força bruta, de que estão tão ricas as historias, e que derramam tanta gloria sobre os povos do mundo. Os povos perderão: não serão mais os continuadores das glorias de seus avoengos, e das gloriosas tradições do seu passado. Ao espirito nacional, succederá o espirito communal, o bairrismo. A's nações succederão milhares de communas. A's epopeias da historia succederá o porvir obscuro e sem gloria das pequenas communas, que não poderá deixar nos seus annaes nada de grande.

—Este espirito de bairrismo existe inoffensivo no meio de todas as nações, e já existio quando as grandes nações da nossa época eram subdivididas em pequenos estados.

Este espirito de bairrismo tem seu prestimo. Excita a emulação entre as communas, emulação que applicada ás cousas uteis póde ser aproveitada.

Quanto á gloria nacional, parece que nada se perderá, se ella se desvanecer em fumaça. Os povos não vem ao mundo para representarem grandes dramas, entre os quaes infelizmente os tem havido horriveis.

As glorias militares, as grandes façanhas, infelizmente sempre foram grandes hecatombes, que deixaram lagoas de sangue onde se affogou o direito. Os grandes protagonistas das epopeias da humanidade, foram e são quasi todos seus grandes verdugos, seus oppressores. A historia é quasi sempre a narração da victoria da força bruta sobre o direito, da desgraça de milhões de homens para gloria de um só e para admiração do mundo. A

humanidade ganharia com a suppressão destes nomes e destas glórias. Quando os povos se governarem á sua guiza, terão esta simples historia:— *Viveram felizes e tranquilllos, e por isso não deixaram annos.*—Esta felicidade será um dos não menores beneficios dados pela *communa*.

8. ° —Assim como ha guerras entre nação e nação, poderá havel-a entre *communa* e *communa*, e as guerras se multiplicarão na proporção das *communas*.

—Essencialmente respeitadoras do direito dos seus vizinhos, porque d'elle depende a propria tranquillidade interna e externa, seriam menos expostos á guerra do que as nações.

Mas que o fossem mais, pouco importaria, se fundassem um *tribunal federal* para decidirem suas contendas. A primeira *communa* que se armasse, deveria ser tratada como o primeiro bandido que hasteasse o estandarte de uma guerra social. Não se deve consentir decisão alguma pela força bruta. No dia em que uma *communa* vencesse outra, estaria em perigo a independencia da nação inteira. Os pequenos condes de Ausburgo, á força de incorporarem no seu condado os territorios vizinhos, tornaram-se os imperadores d'Austria: ao carro triumphal da sua dynastia estão agora ajoujadas muitas nações.

9. ° —Supposto que a nação para sua defesa tenha de empenhar-se n'uma guerra, como prover á ella sem um poder central director das operações militares, que tenha por fim reunir as forças, organisal-as e mandal-as ao combate? Eis um poder central necessario, eis um

governo central, bem que provisório, e que triumphando, pode tornar-se permanente á pretexto de garantia da paz, e fundar o governo do sabre

—E' por ventura o governo geral de uma nação, quem vai fazer a guerra ou concluir a paz? Não: elle manda fazer a guerra por seus generaes, e a paz por seus embaixadores. Este governo central será substituído por um directorio composto de commissarios das communas. Além de serem os executores das ordens d'ellas, levarão para a guerra e para a diplomacia a sua pericia collectiva, certamente mais perfeita do que a estrategia de um só cabo de guerra ou a astucia de um só diplomata. Um general póde errar. Um conselho de officiaes terá menos probabilidade de errar. Um general depois da victoria, póde, como Napoleão I guardar a dictadura do sabre á pretexto de consolidar a paz. Um directorio não tem tal pretensão. Um diplomata póde comprometter os interesses e a dignidade da nação. Um directorio, não.

10.—A diplomacia e os preparativos de guerra necessitam sempre do segredo para serem bem succedidos. Ora como poderá haver segredo em negocios tratados publicamente pela imprensa, nas communas?

—O segredo na diplomacia e na guerra é um outro charlatanismo que serve de contrapeso á habilitação especial para governar as nações. O segredo de nação á nação nunca existio e não póde existir, se não na credulidade do povo á quem o poder mantem em credula ignorancia. Existe o segredo entre governo e povo; mas não existe entre governo e governo. Todos os governos jo-

gam á jogo descoberto, bem contra a sua vontade, com as cartas sobre a mesa. As cartas da diplomacia são os interesses de cada Estado e as contingencias possiveis, e os da guerra são os movimentos estrategicos, e os recursos de homens e de dinheiro.

Se ha segredo é dos governos para com suas nações, isto é, precisamente para com aquellas, que mais direito tem de saber tudo.

Se ha tratados secretos entre nação e nação, elles nunca são uma surpresa para aquelles que foram excluidos da confidencia. Foram adivinhadas pela sagacidade dos interessados. E se não o foram, a sua execução os denuncia assás em tempo para proceder em consequencia, uma vez que um governo esteja sempre prompto, como o deve estar, contra toda a eventualidade.

Na guerra o segredo que poderia ser util, não encobre os movimentos estrategicos, que o revelam, e na diplomacia é prejudicial, porque semeia a desconfiança. A melhor diplomacia é a probidade, que excluindo precisamente o segredo, inspira confiança.

Ninguem mais mysterioso do que Napoleão III. Os papalvos commentam suas phrases como as de um oraculo. Os atilados não lhes dão valor algum; sabem que são uma mentira sempre; mas observam attentamente seus actos. Armam-se, se elle arma-se; mandam exercitos onde elles os manda, e estão sempre em guarda. Eis o seu segredo inutilisado. Sobre tudo espiam-lhe os cofres, que lhes dizem o que elle póde fazer.

Já houve até uma nação, a italiana, que fazia *publicamente segredo* da sua segunda tenção de reunir todo o seu

territorio, e constituir-se em nação livre e independente. Se ella está em caminho de concluir o seu plano, não é isso certamente devido ao *seu segredo*; mas á uma vontade nacional firme e decidida, que nem a vontade de Napoleão III, nem a tibieza do governo italiano poderam abafar.

Em todo o caso, a acção directa de uma nação nos seus negocios internacionaes, e da guerra, sem rebuço, sem dobrez, com toda a energia da independencia, do orgulho, e da firme vontade nacional, é um elemento de successo muito mais poderoso do que os mysterios meditados nos antros dourados da diplomacia e dos governos. Foi esta acção directa, á face do sol, e inteiramente nacional, que fez sahir da França 14 exercitos para derrotar a Europa toda alliada contra ella. O segredo na diplomacia, e na guerra, são apenas um pedantismo, que acha sua importancia na credulidade e na ignorancia dos povos; é uma especulação que rende prestigio aos que governam. A Suissa não tem segredos diplomaticos: quem falla n'ella, quem se arma é o seu povo: o depositario dos seus segredos com o estrangeiro, é o seu povo.

Ninguém ainda pôde accusal-a de dobrez diplomatica, e de incapacidade militar. Respeitando os direitos dos seus visinhos, e exigindo respeito aos seus, sem segredos diplomaticos, ou estrategias encobertas, conserveu-se incolume atravez a todas vicissitudes das discordias d'Europa, e das guerras do Imperio. Não: o segredo da diplomacia e das operações da guerra são impos-

turas. Uma nação sempre pensa e opera á face das outras, nem lhe é possível encobrir-se com o segredo.

11.—Outro segredo que não é compativel com a publicidade de um governo communal, é o da policia. Sem o segredo não póde ella existir. São precisos agentes secretos para se vigiarem os suspeitos, para se descobrirem os crimes. Sómente um depositario do poder central póde guardal-o.

—Pois bem : n'essa mesma ausencia de segredo consiste a boa policia, a melhor das policias, que é a preventiva. Que o suspeito seja vigiado por toda a communa, e que saiba que o é, e que lhe é impossivel subtrahir-se á vigilancia de tantos olhares, que se encrusam sobre elle, quer nos preparativos, quer na perpetração do crime, quer depois de consummado.

Este temor da vigilancia publica que o observa sempre como o olho de Deos, será a melhor policia preventiva que a sociedade poderá ter. Tambem será a unica policia que não manchará quem a exerce, porque nem será a espionagem, nem a perfidia, nem a delação, nem a inquisição politica ao serviço do poder. Todos por um, e um por todos, na defeza da vida da propriedade e do lar, é a unica policia digna de um povo livre e honesto.

12.—Uma vez que o povo tem de obedecer a uma soberania, é indifferente que preste obediencia á soberania popular, cuja maioria é sempre um despotismo para a minoria, como á soberania da theocracia. (Este argumento é muito empregado pela theocracia, que acaba por

concluir, que depois de regeitada a primeira, tendo-se de escolher entre as duas ultimas soberanias, deve-se dar a preferencia á theocratica, como representante da vontade de Deos. Assim é a theocracia: de mãos dada com a realeza a submeter a humanidade, exclue a sua companheira quando chega á pratica.)

— Poderíamos retorquir o sophisma, e dizer: uma vez que se tem de obedecer a uma soberania, e que é indifferente esta ou aquella, escolha-se a popular. Mas preferimos deixar de parte os trocadilhos da escolastica, e fallarmos logo á intelligencia de modo que nos comprehenda, e fique convencida.

Das tres soberanias, a popular não tem se não o nome. O cidadão que obedece a soberania popular verdadeira e não ficticia, obedece a si mesmo, portanto não faz o sacrificio nem da sua vontade, nem da sua liberdade nas mãos de uma autoridade superior. Supposto mesmo que o cidadão que obedece á soberania popular pertença á sua minoria, obedece ainda a si mesmo, por que maioria e minoria popular tem um fim commum, e differem somente nos meios de chegar á elle. Este fim é a satisfação da vontade de todos os cidadãos, n'um interesse commum, em quanto que o fim das outras soberanias, é a satisfação da vontade de uma casta superior que manda absolutamente, e que não dá conta das suas ordens, ou que não admite replica na sua execução. Taes são a soberania da realeza e da theocracia.

13.— Uma multidão de governos communes não custarão mais cáros do que um governo só?

—Não se discute o custo de um bom governo, poisque um governo máo, por barato que seja, é sempre cáro; mas ainda feitos os orçamentos dos dous governos, e comparados entre si, resulta que, o governo central é muito mais cáro do que o communal.

Elle tem a verba—*Corte*—algarismo avultadissimo; a verba—*exercito permanente*—algarismo ainda mais avultado; as outras verbas—*ministerio e burocracia*; outra—*juros da divida publica*;—outra—*policia secreta*;—outra—*extravios de fornecedores, e corretagens secretas de emprestimos estrangeiros, ou em geral, furtos grandes e pequenos dos administradores dos dinheiros publicos*, verba consideravel;—outra—*desperdicios por obras começadas e deixadas detriorar, ou nunca concluidas, por obras inuteis ou mal ideadas*;—outra—*recompensas do servilismo, ou de serviços eleitoraes, ou de imprensa, empregos creados para accommodar afilhados*; emfim, a ultima das que nos lembra,—o culto.

Ora, n'uma communa o povo não tem *Corte*; não ambicionando conquistas, respeitando o direito dos visinhos, é forte no seu direito e na força da confederação, (que deve ensinar nas escolas de instrucção primaria e secundaria o manejo do soldado,) não precisa de um *exercito permanente*, porque a nação toda é um exercito com licença.

Simplificada a sua escripturação, sendo a mesma communa ministerio gratuito, a despeza da *burocracia* fica reduzida á de um cartorio.

Fazendo ella mesma seus negocios, *não furtará de si mesma*. Economisando e ajuntando antes de gastar, e

tendo bastante juizo para não ir gastando o seu futuro, *não terá divida publica, nem pagará os juros d'ella, nem as corretagens secretas.* Gastando do seu, o *não desperdicará em obras publicas inuteis.* Não tendo ao seu serviço *nem escriptores publicos, nem cortezaões, nem agentes de servilismo e de corrupção,* não terá de pagal-os nem cáro, nem barato. Emfim deixando á cargo de cada cidadão a despeza de correspondencia entre a sua consciencia e a Divindade, terá supprimido a verba—*Cultos.*

Todas estas economias sommadas, todas estas verbas deduzidas do orçamento, o reduzem á menos de metade, o que colloca o custo dos governos communaes reunidos, muito abaixo do custo de um só governo central.

14.—O povo não nasceu com a aptidão, nem mesmo com a inclinação para o governo. As suas exigencias de tomar parte activa na governança, não passam de velleidades, de suggestões excitadas por ambiciosos que aspiram ao poder e á governança. Promettem ao povo allivial-o da sua penosa condição e da sua miseria, e exigem do governo que lhes tenha por válido, para a sua entrada na governança, a procuração do voto popular com que contam, ou com que se apresentam.

Com effeito, na transição de uma forma de governo absoluta por outra popular, vós vedes acudir ás urnas eleitoraes o povo em massa ; mas, mais tarde, o seu indifferentismo habitual recupera o seu posto. Poucos votantes apparecem, ou appareceriam nas eleições primarias, a não serem as sollicitações dos interessados na luta eleitoral.

Na Inglaterra prohiba-se a distribuição gratuita da cerveja, do gin e dos bifés entre o povo soberano nos dias de eleição; no Brasil, deixem-se ficar em suas casas os interessados na eleição, e as ruas que conduzem ás urnas, ficarão desertas. Na Italia, onde o povo não tem engodo algum para votar, abstem-se. Com muito custo se chega á mandar ás urnas a metade dos votantes.

O povo é um preguiçoso que nada faz por si e para si, e que precisa sempre que outros cuidem d'elle; precisa de um tutor. O governo communal por comicios não lhe serviria.

—O seu indifferentismo em politica é uma verdade, mas a razão d'elle não é o pouco caso dos seus negocios, é a nullidade dos resultados da sua intervenção.

Para que irá elle ás urnas, se o resultado é nunca melhorar a sua condição, pagar cada vez mais impostos, elevar os grandes, e os pretenciosos da politica, e nunca ser attendida a sua opinião, nem lhe concederem um marco de pedra d'onde falle aos seus concidadãos?

Um homem nasce, vive e morre velho, n'um paiz regido pela representação nacional, sem poder uma só vez fazer ouvir a sua voz nos concilios da governança. Para obedecer á lei que se lhe dá, sem elle ser ouvido, não vale de certo a pena sahir de casa e ir á urna.

O seu indifferentismo em votação não é prova de indifferentismo em politica, é prova da sua servidão, e da sua exclusão da governança, que lhe promette a liberdade. Desde o momento em que for chamado a governar a sua parochia, a sua communa, elle mesmo, não terá preguiça nem indifferentismo, como não a tem para

reger seus negocios privados. Talvez acuda ao *forum* em casos unicamente de urgencia. Será isso um proveito. A sociedade deve ser regida por poucas leis; mas necessarias. A redundancia das leis nos mesmos paizes livres, deixa o povo na nudez de liberdade.

15.—Entim, perguntar-nos-hão se é possível a transição do estado actual da sociedade para esse nosso ideal da perfeição governativa, pois que de nada serviria traçar e prestar attenção á um plano de reforma, se elle não fosse exequivel.

—Nada mais simples do que esta transição gradual, e quasi insensivel da organização social existente para a nova.

Principie o poder central a abandonar ás municipalidades uma boa parte da sua tarefa, até ceder-lhe-a toda; e estas principiem á restituil-a ao povo, isto é, aos comicios, até lhes ter feito uma restituição completa, reduzindo-se a si á condição de meros cartorios das communas, e a reforma estará feita. Não é preciso mais do que restituir o confiscado, pelo mesmo caminho porque veio.

—Mas quem está de posse do poder, tem interesse em conserval-o. Nem o governo central cederá as suas attribuições ás municipalidades, nem estas aos comicios communaes. Como obrigar-os?

Pela pressão da opinião publica. Depende de nós e de vós. Que a humanidade medite o nosso plano; e se ella se convencer da sua excellencia, faça d'elle seu padrão comparativo para julgar todos os desmandos do poder. Então não dirá mais resignada, como agora diz:—

Que fazer, se apezar dos desmandos governativos, este governo é o melhor dos que se inventaram?—Lembrar-se-ha que ha outro melhor, lembral-o-ha aos governantes, e pedirá todos os dias reformas do que existe pelo que deve existir. Quem á vista das afflicções da victima do poder, não se lembrará de que ella póde ter um abrigo, uma defeza na instituição popular da communa, e não a proclame?

Se á cada oppressão do poder o povo lhe responder, não com um gemido resignado, mas com uma maldição, qual governo resistirá por muito tempo? A descentralisação do poder é uma necessidade que se vai sentindo, antes mesmo d'esta nossa propaganda. E' uma verdade na consciencia de todos, que tanto baterá ás portas do poder, que não terá remedio se não fazer-lhe, máo grado seu, hoje uma concessão, amanhã outra, até entregar-lhe tudo.

Ninguém resiste á força da opinião publica. Um governo, por mais despotico que seja, não póde ir caminho opposto ao d'ella: é por ella arrastado; e a força motriz da opinião publica, o seu vapor, é a razão. E nada mais possante do que ella para arrostar as instituições humanas. Corra-se uma vista retrospectiva sobre a historia. Veja-se o que eram as instituições humanas no seu começo, e o que são agora. Por quantas metamorphoses não passaram ellas! Quem operou estas evoluções? A força da razão. Estamos nós com ella, leitores? Se estamos, triumpharemos mais tarde com ella, ou ella triumphará com nosco.

Os poderes absolutos tanto conhecem a fundo a for-

ça da opinião publica, que todos os seus esforços convergem em assenhorearem-se d'ella, abafando a força da razão.

Falseam a verdade, calunniam a honestidade, amordaçam pensamento e palavra, comparam a imprensa, assalariam escriptores, para que a opinião publica esteja com elles, e a maior parte das vezes, conseguem seu intento.

A' não serem estas artes, o seu dominio não duraria uma geração. Não é por estas artes que o sacerdocio e o despotismo, entre todos os povos, tem-se erigido em dominadores da sociedade?

CAPITULO IV

A Monarchia constitucional e a Republica são o absolutismo desfarçado, que não o cede em despotismo á Monarchia absoluta, á Dictadura e á Aristocracia.—O governo do povo pelo povo, não existe.

Todo o poder central governativo, é absolutismo, seja qual for o numero das pessoas que o exercem, a duração de suas funcções e o appellido que se lhe der.

A Monarchia absoluta é o absolutismo confesso da realza.

A Dictadura é o absolutismo confesso de um dictador.

O governo aristocratico, ou a Aristocracia é o absolutismo confesso de alguns privilegiados.

Estas tres formas de governo estão por sua confissão fóra de discussão.

Resta-nos pois a Republica e a Monarchia constitu-

cional, ambos governos representativos, e por isso *populares*. Um, presidido por um chefe hereditario, e outro, por um chefe temporario.

Se por representação nacional se entende a representação da vontade ou da opinião dos delegados do povo, o governo não é mais popular, porque esta opinião e esta vontade são apenas individuaes, dos poucos notaveis que governam, ou que são consultados pelo governo. Não é governo democratico. E' a *Aristocracia*, ou governo de notaveis, como era a tyrannia da antiga republica de Veneza. Esta forma de governo é uma das formas do absolutismo, como já dissemos: e está fora de discussão.

A representação nacional forma um governo livre quando representa directamente a vontade popular. Pois bem, não hesitamos em dizer que:—*Não ha governo no mundo civilisado, que represente a vontade popular.*

Passando em revista o mecanismo do governo representativo, chegaríamos pelo caminho mais longo ao nosso fim: a nossa these sahiria mais comprida, e nos seria preciso depois conferil-a com os factos. Pondo em acção o systema representativo, descobrimos logo o seu absolutismo.

Supponhamos a *sede vacante* de um governo central: principiemos pela sua formação, e vamos ver, se n'ella toma parte a vontade nacional.

Um povo faz uma revolução e derriba um governo; mas quem nomea o successor são os chefes da revolução, ou aquelles que se apoderaram d'ella. A's vezes o poder tambem as faz: são os golpes d'Estado; mas então

é evidente que o povo, não tendo parte alguma n'ella, ainda menos a toma na formação do novo poder.

Os fundadores de um novo governo poderão dizer:—Somos os enviados do povo.—Vós, cidadão, que combastes pela revolução com as armas na mão, já fostes convidado a escolher vossos enviados, e já delegastes a vossa vontade á estes que se dizem serem os vossos?

Não: e nem os outros cidadãos como vós o foram. Ninguém o foi: apenas se formou um club de cidadãos, que disseram—nós somos o povo.

O poder governativo, não é pois uma nomeação do povo.

Diz-se, que á bem da ordem publica, não se deve discutir a legitimidade do poder de facto; todo o poder estaria em duvida, e não haveria governo possivel, haveria anarchia.

Deixai o poder de facto em seu lugar, e discuti a sua legitimidade: da discussão emergirá o vosso direito, e o modo o mais pacifico de o reivindicar. Entretanto um poder que se furta á discussão por não trazer titulos legaes da sua existencia, condemna-se a si proprio.

Mas este poder existe de facto: observemos como funciona.

A realza ou a presidencia da nação, tem uma vontade, e o povo tem outra. O governo, recentemente installado, filho, não de uma revolução popular; mas affiliado de um club que o proclamou, e que o povo aceitou sob fiança de seus padrinhos, não pôde ter ainda um partido que o sustente. Vos parece que a sua vontade será facilmente vencida pela vontade popular? Pois bem: o

contrario succederá! E' poder ; logo acha no meio da nação um partido, e grande : não tem se não escolher e pagar, ou prometter recompensas.

O prometter nada lhe custa, pagar tambem pouco lhe custa, visto que quem lhe fornece o dinheiro, é precisamente o seu adversario que lhe disputa a governança.

Tem o ministerio contra si? Demitte o ministerio, e nomeia um *condottiere* da politica para formar outro, e é servido em cinco minutos. Tem a camara dos deputados contra si? A dissolve, e appella para o povo : procede-se á novas eleições. O poder, partido politico no meio dos outros, já equilibra cada um d'elles : pois bem : deita na concha da balança o peso das suas ameaças, da sua espada, o cofre de seus favores, e suas intrigas, e a faz cahir do seu lado.

Mas tem a camara dos senadores ou dos pares contra si? Fazendo uma fornada de pares condescendentes, ou captivando pelos favores os senadores que tem á mão, já tem na camara a maioria.

Qual é o Senador ou o Par, que não tenha um parente, ou um affiliado á arranjar no exercito, na cleresia, na burocracia, ou como fornecedor? Os Catões agora são raros.

Antes do golpe d'estado de 2 de Dezembro, não havia na França partido imperial. Quem se lembraria então de que poderia em pleno seculo XIX reviver semelhante anachronismo? Mas a tropa matando o povo nos *boulevards* atterrorisou a França e mostrou-lhe que era perigoso oppor-se ao despota, que usava de taes razões.

Ao mesmo tempo a França estava espantada de uma ameaça de guerra social, que lhe atirava Proudhon, n'um cartaz com este letreiro: *La propriété c'est le vol*. Os medrosos das bayonetas se conformaram com a revolução do chefe do Estado, e os medrosos da guerra social refugiaram-se agradecidos sob as dobras do manto imperial. Antes o despotismo napoleónico, disseram, do que essa guerra. Accrescente-se á estes, os especuladores em politica. Assim quasi a França toda curvou-se adiante do sol nascente da tyrannia. A França e a humanidade devem á imprudencia de Proudhon meio seculo de demora, ou talvez mais ainda, no caminho da sua liberdade.

Quando o poder de um paiz constitucional não tivesse outros recursos, se não estes, para ser o absolutismo, lhe seriam mais que sufficientes.

Entretanto, nós vemos a França sob o jugo de ferro napoleónico, pretender os fóros de paiz livre, governado por uma representação nacional. Mentira!

Vemos a Prussia com a mesma pretensão, governada pelo chicote de Bismark, escoltado pelo despotismo militar. Ficção!

Vemos á Austria representar o mesmo papel, em quanto a vontade nacional de seus povos, bem alto proclamada, é serem desalados do carro triumphal da dynastia de Ausburgo, e abandonados a si. A Austria mudou apenas o nome ao seu governo.

Vemos á Inglaterra, a terra classica da liberdade, o paiz modelo da soberania popular, encarcerar os patrio-

tas irlandezes, que meditam a liberdade da sua patria' e dispor-se a metralhar os que a tentarem.

Vemos o governo italiano arrastar á força o seu povo na lama da humilhação, e fazel-o ajoelhar perante o poder supremo de Napoleão III. E esse povo que brame de indignação, elle o amansa com promessas (que nunca se cumprem), em quanto se rodea de bayonetas prestes a atacal-o á primeira resistencia, como fez em Aspromonte. E perguntai ao tal governo a quem trata elle assim? Vos responderá que não é povo italiano; mas meia duzia de discolos mazzinianos e garibaldinos, gente turbolenta e imprudente, prestes a precipitar a patria no abysmo da guerra e da anarchia. Foi entretanto esta meia duzia de anarchistas, que reunio a Italia com a sua imprudencia; e se o governo quer acalmar a nação indignada, precisa prometter-lhe o que os discolos exigem, muito embora lhe falte sempre. Eis como meia duzia de cortezãos se substitue á nação nobre e briosa, mercê um governo que se diz popular.

Vemos o governo da Belgica abdicar nas mãos de Napoleão a independencia e a honra do seu povo, aceitando contra a vontade nacional á famosa imposição do banimento dos refugiados politicos.

Vemos emfim, na grande Republica Norte-Americana, um Presidente contrabalançar elle só, a vontade nacional, que quer intervir nos negocios do Mexico, e o vemos depois de vencida a guerra civil do Sul, dispor, na qualidade de poder moderador, da vida e dos bens de perto de tres mil vencidos! Que liberdade ha, onde existe um poder tão arbitrario?

Eis aqui muitos governos representativos, em que o poder central leva á reboque a vontade nacional, que não o quer seguir por bem.

Mas em casos raros a nação tem uma vontade pronunciada: a maior parte das vezes não tem vontade. E uma vontade que não existe, não póde ser representada. E porque o cidadão terá uma vontade? Depois de a ter formulado, a quem irá elle leval-a? Ao governo? Ao primeiro deputado que encontrar? Haviam de rir-se na sua cára, da sua simplicidade! O poder deu-lhe o direito de a ter; mas não lhe deu os meios de a fazer valer.

Tambem, porque terá uma vontade em negocios que não são seus; ou que são apenas do seu visinho? Se fosse consultado sobre negocios seus, elle saberia mui bem o que havia de querer. Eis porque não tem uma vontade, a não ser em negocios que interessam a honra, a dignidade e a independencia de toda a nação, porque o cidadão tem tambem sua parte n'ellas, bem que não seja admittido a fallar.

Deve ser por isso desherdado da sua liberdade, e posto sob a tutela da realza e dos privilegiados que dizem represental-o?

Não: quando se tiver consultado directamente o povo todo em assumptos geraes, e os interessados nos seus assumptos parciaes, e que recolhidos fielmente os votos, se pozer em pratica o que a sua maioria determina, o governo popular, e a sua representação nacional, serão uma realidade. Então tambem não haverá negocio algum da nação que pereça á mingoa de quem trate d'elle como de cousa propria, unico modo de tratál-o bem.

O povo não tem vontade, e quando a tem, ella cede o lugar á vontade do governo. E á isto se chama governo popular, e representação nacional ?!

Se não é a realza ou a presidencia que faz prevalecer a sua vontade sobre a popular, ou que dirige o povo quando este não se importa com os negocios publicos, é o seu ministerio, ou as suas camaras. Não é o povo, que pede, nem que governa. E' sempre o poder.

Tomaram emprestado o seu nome para uma ficção, e disseram : o povo é quem se governa á si.

Em todo o caso está elle sempre sob o absolutismo da realza ou da *aristocracia*, que se intitula representação nacional.

Se o povo não tem liberdade e independencia, ainda menos os subalternos do poder. Entretanto manda os papalvos admirarem a sabedoria e a previdencia de quem creou esta trindade maravilhosa dos tres poderes, executivo, legislativo e judiciario, funcionando cada um d'elles na sua orbita, sem perigo de se darem um encontrão, tudo para a liberdade do genero humano !

Quereis ver a independencia dos poderes legislativo e judiciario ? Se a camara dos deputados quizer ter a velleidade da sua independencia, será dissolvida e substituida por outra que o governo saberá compor, em quanto se estiver ás ordens do governo, terá todos os favores que este lhe poder distribuir. Repartirá com elle os despojos da nação, pois esta é quem paga a corrupção que serve contra ella.

Quanto á independencia do poder judiciario, quem

mais se lembra d'ella principiando pelo proprio magistrado, unidade deste poder ?

Não vive elle do governo que lhe dá accesso na sua escala ascendente, e que lhe enche o caldeirão todos os dias ? Quem vive ás esmolas de um patrão, não é independente, á menos que se sujeite ás privações por amor do dever.

Ha, sim, nesta trindade, um poder independente : é o executivo : precisamente aquelle que deveria estar ás ordens do poder legislativo e judiciario

E o poder executivo, livre, independente e inatacavel pela mesma lei, não é mais do que o absolutismo.

A' vista d'isso vale a pena lembrar a responsabilidade ministerial, isto é a responsabilidade da omnipotencia politica ?

Qual é o ministro, a não ser este lerdo de Polignac, que se deixou cahir nas mãos dos revolucionarios vencedores dos tres dias de Julho, que soffresse por effeito da lei de responsabilidade ministerial ?

Não estão todos os dias riscando os artigos da Constituição, os ministros, os deputados geraes, os provinciaes, as mesmas autoridades subalternas, esses vagalumes do poder ?

Em que paiz *civilisado* d'este planeta um ministro não pôde ser um outro Bismark, ou não pôde um descendente do poder, ser uma boneca, caricatura de seu amo ?

Se o governo representativo, o unico que dava esperanza de deixar a soberania popular exercer o seu direito, é tambem o absolutismo disfarçado, onde se refugiará a soberania nacional ? Por ora em parte alguma ; mais

tarde talvez na communa, se a humanidade o quizer, e comprehender os seus interesses, a sua dignidade e a sua liberdade.

D'este systema governativo em acção o que resulta?

1.º — *Estar o povo sob o peso da servidão.* 2.º — *A corrupção, a fraude e a violencia governativa communicarem-se aos partidos e invadir a nação toda.* 3.º — *Ser o povo peior governado do que na tribu.* 4.º — *Custar o seu governo mais cáro do que os outros.* 5.º — *Ter milhares de interessados na sua conservação, e ser por isso mesmo quasi inabalavel.* 6.º — *Finalmente prender a sociedade n'uma rede de leis, que não são feitas para occorrer ás suas necessidades; mas ás necessidades e ás ambições dos partidos e dos individuos, muito embora a justiça seja nellas esquecida, e formem com o tempo um monturo de leis extravagantes.*

Se por acaso em muitos paizes dá boas provas de si, não são ellas devidas ao systema; mas á excellencia do chefe do estado, que uza com moderação e benignidade do seu poder absoluto.

O que se póde concluir de quanto havemos dito?

O governo representativo é o absolutismo multiplicado pelo numero dos que tomam parte no poder supremo.

Se alguma utilidade tem, lhe vem do arbitrio deste poder, que é commum aos mesmos governos absolutos, e lhe vem de um pouco de liberdade de imprensa, quando lhe a deixam.

CAPITULO V

Comparação entre um governo constitucional chamado livre; e o systema das communas.

Uma das constituições mais livres do mundo, e pouco conhecida, é a brasileira. Seus fundadores escolheram d'entre todas as instituições livres as melhores, e compuzeram o seu pacto fundamental. E' um governo modelo, uma perfeição, que se for reprovada, ficará reprovada com ella toda a forma de governo menos livre.

Seu Imperante é um dos melhores. Quem professa os nossos principios, não póde ser suspeito de lisongeiro á realza alguma.

Filho adoptivo do povo brasileiro, paga com gratidão a educação recebida, em dedicação ao seu povo, e á gloria nacional, cumprindo de boa vontade os seus deveres de imperante. Cohibe-se bem írquentemente de fazer o bem, porque a constituição lhe ordena a neutralidade, mas faz todo aquelle que ella lhe permite. Tem somente um defeito, que a educação lhe deu. E' religioso, e favorece o jesuitismo, convencido que n'elle está o melhoramento da sociedade.

No Brasil, como em todos os paizes constitucionaes, o poder é repartido entre a realza e os chamados delegados do povo. O Templo da politica está aberto á todas as ambições. Quem chegar a penetrar n'elle, achará o poder, a consideração, e tambem a riqueza, se tiver uma consciencia elastica. Por isso a politica é uma das profissões as mais concorridas.—E os talentos modestos e

probos que nada sollicitam?—Não apparecem, perdem-se para a sociedade.

Feliz lembrança foi esta da realza, em chamar em seu auxilio os *notaveis* do povo, a acalmar-lhe a velleidade *democratica*, repartindo com elles os proveitos e a governança! N'esta lembrança está todo um systema de corrupção.

Muitos são os concurrentes ao assalto do templo; os de fora desalojam os de dentro, que desalojados, por sua vez, o assaltam. Ambiciosos de cima, ambiciosos de baixo, eis o que são os partidos em politica.

Todos elles levantam o estandarte de um principio que cobre com a sua nobreza paixões que se teria pejo de confessar. Raras vezes, porém, o principio passa de um distico de bandeira ou de um cartaz.

Todavia esta opposição systematica dos partidos torna-se uma necessidade. Serve de fiscalisação aos actos do governo, que sem ella, poderia ser despotico á sua vontade, e sem receio da censura.

Mas para fazer uma opposição systematica, proveitosa ao partido, é preciso despir-se de toda a boa fé, inverter os factos que se julgam; calumniar os adversarios; enganar, falsear a opinião publica, e esta falsa fé, esta perversão da consciencia tornando-se usual, *corrompe* a sociedade toda. E todavia é uma necessidade de partido. Sem ella não se sustenta.

Os homens que escolhem a profissão da politica, não são todos os caracteres mais honestos, mais intelligentes e mais patrioticos.

Nem sempre a ambição da riqueza e do mando se

casa com a probidade, com a intelligencia e com o patriotismo. D'ahi vem cahir o governo muitas vezes nas mãos de homens menos proprios para dominar a sociedade.

Em quanto esta conserva-se no seu estado normal, a inepecia se disfarça sob a indolencia do expediente ordinario, a improbidade não acha que fazer, a intelligencia não tem sua prova, e o poder apenas ostenta uma fatuidade mais ridicula do que nociva ; mas se a nação se agita na guerra, ou em qualquer outra revolução extraordinaria, quando são precisos ao bem do estado pilotos experientes e resolutos, então os ineptos deixam naufragar a nação, em quanto os improbos as vezes de mãos dadas com os ineptos, se locupletam dos despojos do naufragio. Então como signal, veem-se os exercitos mal disciplinados, esfomeados, devorados pela immundicie dos tratantes, e pelas enfermidades, perderem o brio, e desertarem á falta de alento e de esperanza, e os que conservam-se no posto, morrerem obscura e ingloriamente sobre o chão humido de uma barraca. Vê-se, em mãos imperitas, um exercito desmembrar-se e desaparecer sob o seu proprio peso, sem dar batalha. Vê-se a necessidade publica em luta com o descredito, a administração em desordem, o povo pedir soccorro contra o desgoverno da não do estado, ao proprio absolutismo da realza, e este responder-lhe—*Non possumus*. Não é este um quadro que temos adiante dos olhos, na hora e no paiz em que escrevemos estas linhas ?

Ora o governo é creatura das camaras, e as camaras são o partido triumphante. A realza constitucional não

lhe póde negar a sua sancção; mas ainda que o ministério fosse escolhido pela realza, acharia logo uma maioria na camara. Todo o poder a acha, e n'este apoio tem elle os elementos de duração perpetua, apezar de pessimo.

A perpetuidade do poder é a prova do seu absolutismo. E assim constituido, perpetuamente duraria, sem as deserções dos descontentes, que vão engrossar o partido da opposição, ou formam um terceiro partido. E não é o desgoverno que faz os descontentes entre os homens da politica, são suas ambições não salisfeitas.

Por inepto ou corrupto que seja o partido do poder, sempre triumphá, ainda contra o voto popular: *elle força a eleição*. Eis como: o ministerio dimitte os presidentes das provincias, que, ou por sua honestidade, ou por pertercerem á outro partido, não tomariam parte nas eleições, ou lhe seriam hostis. Os novos nomeados demittem toda a autoridade amovivel que não é de sua confiança. As assembléas provinciaes alteram as divisões territoriaes dos municipios, de modo que as novas demarcações venham a render maior numero de votos ao partido.

Depois os chefes de partido que sahem a campo a arregimentar suas phalanges, sabem augmentar suas fileiras. Por meio do recrutamento, dos processos criminaes, dos vexames nos guardas nacionaes, fazem constar aos contrarios que devem dobrar a cerviz ao poder, e que com elle não podem contender com vantagem. Recompensam o zelo de seus subalternos, e dão-lhes carta branca para tentar tudo, com tanto que venção. Não se poupa

nem actividade, nem ameaça, nem corrupção. E se for preciso, remata-se a obra pela força.

As eleições dos paizes os mais livres, não são feitas por ventura por este modo, ou com outras artes equivalentes?

E por estes meios, como não se perpetuará o poder? Partido como os outros, tem a vantagem de jogar com o baralho todo, em quanto seus adversarios jogam com poucas cartas. Como não hade ganhar a partida? Depois da victoria vem a recompensa.

Ahí principia um *saque geral* dos despojos dos vencidos. Empregados publicos que viviam parca e honradamente do seu trabalho de virar a mô de uma repartição publica, são atirados á rua aos centos, e elles e suas familias entregues á miseria e a humilhação da necessidade. Todavia extranhos aos partidos, nunca tiveram outra senha se não aquella dada pelos seus superiores. Trocavam á propria vontade por uma obediencia passiva. Em recompensa de fieis serviços, na velhice, idade do descanço, tem a mendicidade e a fome. Estas desgraças todas reunidas n'uma só, que grande cataclysmo não são para uma nação?!

E porque tanta deshumanidade? Porque os vencedores estão tambem na rua a espera de sentar-se á mesa do poder. Estão tambem com fome. Em quanto uma turba come, outra jejua, e espera a sua vez.

E n'este jejum de espera, quantas miserias se encerram e se soffrem em silencio! A mendicidade decente que vive da esmola do poder é de todas a mais infeliz por ser além de pobre, escrava. Quem vive do obolo de todos

não é captivo de ninguém. Entretanto esta mendicidade é também uma profissão: rende esperança seis mezes do anno, e um magro sustento os outros seis mezes; mas é procurada porque dá consideração ao pedinte, e não lhe gasta as forças no trabalho.

Mas nem todos pedem dinheiro ao poder por sua parte de despojo. Os ricos pedem mais de que isso. Pedem *carta branca*, ou uma coroa real de papel dourado. Pedem a investidura do absolutismo da sua localidade, para manter a disciplina entre as phalanges electoraes. Com *carta branca* nomeiam juizes, officiaes da guarda nacional, empregados de policia, do correio, da collectoria, do magisterio, todos os empregos publicos. O governo firma todas as suas nomeações. Precisa d'elles para manter-se no poder, não tem remedio se não repartir fraternalmente a cumplicidade de seus actos, que são por exemplo, deixal-os perseguir com processos os adversarios politicos, denegar-lhes a justiça, tomar-lhes as terras, mandal-os para a cadeia, mandar assassinal-os á elles, ou á quem tem a ousadia de demandar o seu direito contra elles, recrutar aquelles que não se curvam ao seu poderio, ou que defendem sua mulher da cobiça libidinosa de um potentado eleitoral.

Se uma formula de processo se instaura para punir os delinquentes, os bachás tem o jury, e as autoridades de chapéo na mão ás suas ordens. Não são ellas nomeadas por esses pequenos reis de partido? E o despotismo transmite-se também por delegação. Um chefe de partido dá carta branca á seus subalternos e ramifica a sua tyrannia no povo todo.

—E porque o governo não pune, ou não manda punir tanta infamia?

—Elle depende destes bachás nas eleições; como desgostal-os? Levariam suas phalanges eleitoraes ao serviço da opposição. São *condottieri*, ao soldo de quem melhor os paga em moeda de arbitrio, e querem muito.

Assim o resultado é dar entrada na governança ao crime e á toda a violencia. Quantas eleições sahiram triumphantes com o apoio d'estes scelerados?!

Um dos effeitos d'este despotismo de retalho, é tambem suffocar nas pequenas localidades a acção da imprensa, que denunciaria á consciencia publica essas iniquidades.

Todavia ellas ás vezes escapam ao segredo para apparecerem á luz do dia, na imprensa collocada fora da acção dos bachás. E' por ella que se sabe o que se passa no paiz.

Não é raro apparecerem em expectaculo publico dilapidações dos dinheiros do erario; toda a nação as denuncia, todos as veem, menos o poder, que vira a cára para não ver. Como não crer que este poder tem parte nos furtos?

O que responde o poder á todas estas accusações? Nada; ou bem se defende recriminando seus adversarios: o que quer dizer que ambos, accusador e accusado, são réos confessos.

A nação espectadora destas justas de partido, embota a sua consciencia no expectaculo, e a desmoralisação introduzida pela politica, invade tambem a vida privada. *Está aberta uma grande escola de corrupção.* Em

todos os trabalhadores de partido, já não tinham professores? Por isso não causa estranheza: antes de se abrir a escola estava a arte já formada.

Não é em proveito da nação que se faz tudo isso. Não é o bem publico quem escolhe os governantes. E' a cabala politica, é a conveniencia dos partidos, principiando pela escolha dos ministros. Tem-se visto homens cobertos de deshonras, sem as menores habilitações, chamados aos mais altos eargos do Estado, em recompensa de serviços eleitoraes, bem pouco honrosos.

Quanto á prosperidade do paiz, é o que menos importa ao poder: o principal é a propria conservação no seu posto.

Nas discussões das assembléas, raras vezes se agitam estas grandes questões politico-sociaes, que honram a nação e a fazem feliz, dando-lhe liberdade, riqueza e moralidade; discussões para as quaes foram ellas creadas, e que são uma carta de credito das instiluições representativas. A maior parte das vezes discutem-se interesses de partido, e se trocam recriminições que affligem o animo dos expectadores, por verem em que se esgota o talento e a actividade, que eram chamados a fazer a prosperidade do paiz.

Esta é sacrificada sem o menor pudor, á face do povo na praça publica, em holocausto á rivalidade dos ambiciosos.

Se um membro da maioria de uma assembléa, propõe uma reforma util, é mui frequente ver-se uma maioria invejosa deital-a no olvido. Não consente que o partido contrario ganhe reputação cumprindo com o

seu dever. Nem o cumpre, nem o deixa cumprir. Quando uma opposição denuncia as faltas do poder, não é para corrigil-o, nem para fundar o reinado da justiça e da honestidade; é para disputar ao adversario a sua influencia, para impedir que seja benemerito e popular.

Onde a corrupção é geral, tambem o magistrado participa d'ella, e vende facilmente em almoeda a sua justiça. E sem justiça, a sociedade volta facilmente á anarchia selvagem d'onde a tirou a civilisação. Quando o cidadão offendido acha fechada a porta da justiça publica, recorre á sua justiça privada.

N'um governo constitucional ha varios poderes legislativos. No nosso não ha menos de quatro ou cinco. O primeiro é a assembléa geral, depois o governo com seus avisos, depois as assembléas provinciaes, depois as camaras municipaes com suas posturas, depois a policia com seus regulamentos, depois o despotismo de qualquer autoridade judiciaria ou policial. Não ha camara municipal que não queira erguer uma legislação completa *ad eternam rei memoriam*, do seu talento legislativo, em cada quatriennio.

Resultado desta espantosa fecundidade legislativa, é andar tudo semeado de leis, onde o cidadão, sem o saber, tropeça a cada passo n'uma prohibição, e n'uma multa, quando não escorrega na cadeia por ignorar o novo código.

Se cada lei é a suppressão de uma liberdade em proveito da commuidade, o povo o mais constitucional, é o mais opprimido de todos pela sua propria legislação.

Já vimos uma camara municipal mandar que todo o

funil fosse munido de um ralo, e outra camara punir de multa toda a mulher que publicamente mostrasse suas partes pudendas! Parece que n'esse municipio ia este acto tornando-se um costume!

Quem quizesse fazer uma edição ampliada das leis extravagantes, não tinha necessidade de recorrer á paizes estrangeiros para fazer grande colheita. O nosso é um grande viveiro.

Ha leis geraes, provinciaes, municipaes, e policiaes que revogam ou reformam codigo civil, codigo criminal, constituição, e que até se nullificam umas as outras.

Mettem o cidadão n'uma armadura de ferro de tantas leis, que nem pôde andar, nem respirar, e soltam-o dizendo:—sois livre: feliz de vós que não nascestes em paiz de despotismo! Parece um epigramma atirado aos governos chamados populares. O que é certo é que se destruissem os nove decimos das leis e dos legisladores, ainda ficarão leis e legisladores de mais.

O povo é como o pobre doente de quem falla o poeta latino: que á força de tomarem-lhe o pulso os estudantes do curso medico, ficou com febre que antes não tinha. A força de alisar-lhe a liberdade, o deixaram ficar sem nenhuma.

No meio de tudo isso, que fim levam as liberdades publicas? Quem se lembra mais da soberania do cidadão, fazendo elle mesmo a lei que tem de observar? Em quanto uns fizerem as leis para outros cumprirem, em quanto houverem legisladores e legislados, haverá servos e senhores.

O que predomina na governança representativa é a

rivalidade dos partidos, é o desgoverno, é uma rebelião armada de leis, contra toda a liberdade do cidadão.

Entretanto quanto custa á nação este máo governo ? Custa a riqueza, e até o necessario do cidadão.

Será isso uma prova que os politicos são máos ? Não : o defeito não é d'elles, é das instituições. Se houver uma instituição que der honra e riqueza ao ladrão, uma metade da nação viverá de roubar a outra metade. Isso prova, que as instituições vigentes não são feitas para os homens quaes elles são : é preciso adaptal-as á sua natureza.

Ora, n'uma communa a politica sendo a obra gratuita de todos, não seria mais uma especulação publica e lucrativa. Supprimindo-se todas as injustiças e as immoralidades exigidas pelo triumpho dos partidos, o governo não seria uma grande escola publica e official de immoralidade.

Vigiando a propria communa seus interesses, ninguém delapidaria suas rendas.

Não teria agentes eleitoraes a remunerar; crimes e injustiças a tolerar; denegação de justiça a distribuir; governos inhabeis ou corrompidos a supportar; não veria seus interesses pospostos á interesses pouco nobres de partido; não ficaria suffocada sob o despotismo de canhamações de leis inuteis ou absurdas, nem toleraria o dos agentes do governo; não entraria em guerra, ou uma vez aceita, a dirigiria com o concurso de todos os cidadãos convocados a darem seu parecer; teria sob a sua vigilancia a magistratura; não sendo ingrata com seus escripturarios, não deitaria nenhum d'elles á mendicida-

de em quanto cumprissem o seu dever; não gastaria dinheiro na compra de favoritos e aduladores follicularios, falseadores da opinião publica; nenhum ciume de partido paralytaria a factura de leis uteis; não teria escola aberta de corrupção; não obrigaria o cidadão a fazer-se justiça por si na falla de quem lh'a fizesse; não seria a governança o mastro ensebado em que todos os ambiciosos querem trepar, ou uma especulação pouco honrosa; não ficaria excluido ou esquecido individuo algum de tornar-se util á patria; seria então governada pela vontade de todos, e sobre os conselhos de todos; os mais habéis não ficariam no escondrijo; não haveria poder de poucos, e servidão do povo, e emfim não se pagaria tão cáro um máo governo.

Não exageramos. Não é isto por ventura o que vemos todos os dias?

A descrença popular na politica é a expressão do descontentamento do povo, que não tem fé nas suas instituições, e da convicção de que não podem prestar-lhe serviço algum.

Esse mal estar indifinivel que o tenta de deitar-se nos braços do despotismo da realza, da qual é foragido depois de tantos seculos de dores e de experiencias terriveis, revela que não sabe imaginar forma de governo além das existentes, que o possa tornar feliz.

Se o absolutismo moderado tem a vantagem da barateza, da simplicidade governativa, e da sua doçura, esta vantagem é devida ao governo de um bom principe; mas que não podendo viver eternamente, não póde dar garantias para o futuro.

Depois, a liberdade e a independencia individual e collectiva dos membros da communa, exigem que se governe a si propria, sob pena de perder a sua liberdade para sempre.

Na communa o Templo da governança (não digo do poder) estará aberto á todos; ninguém ficará de fóra; mas tambem ninguém mercadejará sobre a causa publica, ninguém fará d'ella uma especulação mercantil.

Alguem nos perguntará se o quadro por nós feito do systema constitucional em acção no Brasil, representa scenas isoladas. Sim; todavia ellas se vão generalizando cada vez mais á medida que a desmoralisação progride, e podem tornar-se á regra geral, pois que o embargo ao seu progresso é a moralidade publica que se vai extinguindo. Se este quadro é um tanto sombrio em comparação ao real, representa o que póde vir a ser, e o que já vai sendo.

III Não passaremos em revista os mais governos representativos: elles são o que são; mas se a moralidade da realza, do chefe da republica e dos povos, peiorar, poderá produzir maiores calamidades do que no Brasil. Ahí estão a Italia e a Prussia em plena revolta contra o poder central; ahí estão as republicas hispano-americanas em plena anarchia ha meio seculo. O defeito não é dos homens, é das instituições. E estes terremotos e cataclysmos politicos, não se vê como acabarão, em quanto o poder não for exercido directamente por aquelles de quem deve emanar, isto é pelo povo. E em forma nenhuma de governo será elle exequível, a não ser na de governo communal por comicios.

CAPITULO VI

O unico governo legitimo, livre e justo, é o democratico por comicios, isto é, o da communa.—Não lhe são applicaveis as condemnações justa ou injustamente lançadas sobre os outros governos chamados democraticos, com os quaes não tem outra communiidade que a do nome.—E' o unico que não opprime o povo, porque o povo não se opprime á si mesmo.—E' o unico que respeita o direito dos outros povos, e que não póde prescindir de respeitá-los, porque nisso está a razão da sua propria existencia.—Os principaes acontecimentos politicos contemporaneos julgados pela justiça e pelo criterio da communa.—Os grandes cataclysmos politicos que devastaram a humanidade não se teriam dado, se aquella justiça e aquelle criterio tivessem regido o mundo.

Concordamos com a sabedoria de um Napoleão III, de um Alexandre II, de um Guilherme da Prussia, e Companhia, que a sociedade deve ser governada com mão firme e segura : mas não queremos limitar o direito da governança á poucos privilegiados.

Queremos estendel-a á todo o genero humano, salvo se estes privilegiados nos apresentarem procuração da Providencia ou da Divindade, por onde conste serem seus enviados *providenciaes*, ou *soberanos por direito divino*, mandados á governal-o.

Em quanto esperamos estas provas, entendemos que deve reger o principio, que todos nascem com iguaes direitos, inclusive o de tomar parte na governança da com-

munidade á que pertencem. Mas como uma nação não póde vender-se, tambem não póde delegar o direito de ser governada, porque nelle está incluída a sua liberdade, e a sua propriedade. O governo por delegação é pois uma ficção que encobre o abuso da força.

Uma contra-prova d'esta verdade está n'isso. Uma delegação póde ser cassada de um instante para outro por quem a passou. Pois bem: o governo repelle á bayoneta e á metralha o povo que á força lhe cassa o poder que lhe delegou, e lhe diz:—Cassae-m'o pelos meios legaes.—E quaes são esses meios legaes?—E' a representação nacional escolhida pela eleição.—Isso é ajuntar o escarneo ao logro. N'esta farça de eleição nunca se representou a vontade nacional.

A minha vontade, assim como a dos outros meus concidadãos, nunca foi nem recolhida, nem conhecida. Entretanto figura-se que lá vai enfeixada e carregada pelos eleitores nos quaes eu tiver votado, se eu tiver sido votante: suppõe-se que estes entregaram seus feixes fielmente aos deputados do seu districto, que os entregaram á assembléa, a qual distillará, todas estas vontades recolhidas e por recolher, conhecidas e ignoradas, e fará d'ellas presente ao ministro como da quint'essencia da genuína vontade nacional. Livre depois ao ministro trocal-a pela sua, que é o que sempre acontece.

E vos mandam que com esta vossa vontade assim legalmente manifestada, revogueis a delegação que passastes ao governo! Já vos lembrastes de ter um dia delegado vossos poderes governativos á alguem para agora os revogar? Tereis suspeitado um dia que n'esses pudins

legislativos amassados pelo poder com farinha que se diz ser vontade nacional, entraria um pouco da vossa?

Vós que pertenceis á esses quatro quintos da nação, que por não possuir se não o seu trabalho, são excluidos de votar nas eleições, vós que tendes, como cidadão, todos os direitos de cidadão, menos o de exercel-os, como podeis derrubar um poder rodeado de bayonetas com a unica força da vossa vontade que ninguem aceita? Poder oppressor, que nunca delegastes, tendes o direito collectivo de o derrubar: e se o delegastes, tendes o direito collectivo de cassar a vossa delegação. Eis o direito da revolução em toda a sociedade existente: cessará este direito quando se fizer justiça, isso é no dia em que for recebida a vossa vontade, que contada com a vontade de todos, nos comicios populares, concorrerá á confecção das vossas instituições. Ainda uma vez por sempre o repetiremos: não ha governo legitimo por delegação: o unico legitimo é o popular por comicios. Tudo o mais é absolutismo.

Em quanto os homens teimarem em crear estas duas entidades: governo por uma parte, e governados por outra, o governo será sempre um despotismo. Governo e governados devem ser a mesma entidade: quem deve observar as leis é o unico que tem o direito de fazel-as. A não ser assim, haverá o dominio do homem sobre o homem.

Ainda mais: uma lei discutida entre todos os que d'ella precisam e que tem de pratical-a, será mais acertada do que aquella feita sobre informações de encomenda, e por quem não lhe diz respeito.

Nega-se o bom senso, a illustração e até a probidade ao povo, para que julgado incapaz por sentença, de governar-se a si, se lhe possa dar por tutor legal o proprio poder espoliador do seu direito. D'esta incapacidade seria culpado o proprio governo, que *devia e podia* dar á todos a mesma instrucção. Esta incapacidade do povo seria uma patente de incapacidade do seu governo. Mas é uma diffamação.

Um povo tem assás bom senso para governar-se a si. A mais estúpida tribu da Oceania e da Africa tem este bom senso, e vive em sociedade.

Tem-se diffamado a democracia para condemnal-a para sempre. Mas esta que chamam democracia condemnada, é nem mais nem menos do que o absolutismo mais ou menos napoleónico, com o nome emprestado de democracia.

A convenção nacional e o governo do terror em França, e o protectorado em Inglaterra, foram excessos, não do povo; mas da olygarchia que se apoderou do governo, e que, como poder, formou-se um partido, armou-se do terror, e obrigou a nação á acompanhal-o. Napoleão III não fez por ventura outro tanto? Nem as matanças em massa, nem as deportações, nem os encarceramentos omittio. Com o seu exercito, que interessou na conservação do poder imperial, não mantém a França n'um estado de sitio?

A democracia honesta e justa póde bem reconquistar a sua liberdade; mas a ordem na liberdade de todos é a divisa da sua bandeira. A violencia da paixão exaltada, ou a tyrannia dos que se agitam para conquistar o

poder em nome do povo que metralham, que guilhotinam, que desterram e que encarceram, não é a democracia. É a aristocracia de poucos, ou de um; da olygarchia ou da realza. Confundir a democracia com a mais hedionda aristocracia é calumnial-a. A differença entre as duas é essencial: ellas tem qualidades oppostas, e produzem effeitos oppostos. Em quanto a aristocracia concentra em si o poder, a democracia o restitue ao cidadão, e o espalha, a fim de que cada um use da sua quota-parte. Em quanto a aristocracia concentra a educação intellectual em si, pela ignorancia e pelo despotismo degrada o homem, porque na sua degradação acha uma condição de dominio, a democracia ergue o povo á altura da dignidade humana para que goze de independencia, de liberdade e de igualdade. Ella quer dar ao povo toda a educação do fidalgo que a aristocracia reserva á poucos privilegiados: quer dar-lhe-a, porque com ella lhe dá o sentimento da dignidade.

Do governo popular vem todo o bem, do governo absoluto vem todo o mal.

Todas as calamidades que a humanidade soffreo e soffre em sua organização social e politica, são effeitos do seu governo absoluto e central, e não se teriam dado, se o mundo fosse governado por comícios.

Principiando por supprimir-se estas duas grandes calamidades, as revoluções e a guerra, entraria a sociedade na sua paz normal, e inalteravel.

E com a communa não haveria nem uma, nem outra.

Se todos os povos se governassem pelo systema das communas, não se teriam dado as guerras dynasticas e de

sucessão. A communa não tem thronos a alugar, ou a dar, que ambiciosos se possam disputar.

Não se teriam dado guerras intestinas para a conquista do poder supremo. A communa não teria cadeira presidencial exposta á ser conquistada pelo ambicioso, mais forte ou mais sagaz.

Não se teria feito a guerra para conquista territorial. Para dividir o paiz em communas e deixal-as governar-se por si, não valia a pena conquistal-as; e conquistal-as para encorporal-as, era renunciar a sua forma de governo, deixar de ser communa para ser reino, era extinguir o principio que a rege.

Não teria havido guerras de religião, por não existir na communa poder theocratico a commandar a conquista das consciencias em proveito da propria crença ou da propria ambição.

Quem ordena as aggressões, e provoca a defeza nas quaes consiste a guerra?

E' sempre uma cabeça coroada, um chapéo armado, um boné phrygio, um poder, um ambicioso. Na communa onde não ha d'isso, não póde haver provocação á guerra.

Póde haver uma defeza legitima, ou uma represalia, se algum visinho irrequieto a provocar; mas este visinho aggressor não será organisado em communa, porque toda a communa é justa, porque toda a consciencia publica o é. Mas esta mesma aggressão por parte de uma nação não organizada em regimem communal, prova que para haver paz, é preciso que o genero humano seja rennido

em communas. Este visinho provocador não poderia ser outro se não um poder central absoluto.

Somente um chefe de nação pôde provocar uma guerra sob qualquer futil pretexto, com a intenção de engrandecer o seu reino. A ambição, esta molestia desconhecida aos governos verdadeiramente populares, é quem mette em acção com sua mão febril a violencia da guerra.

A historia é um grande emporio de exemplos d'esta proposição. Seria longa tarefa rever a historia humana, para dar á ambição todas as calamidades que lhe pertencem.

Nas principaes calamidades da nossa época, começando pelas revoluções e acabando pelas guerras, veremos em acção directa a ambição de um despota.

Se as nações d'Europa não estivessem presididas por despotas; mas fossem organisadas em communas, na plena posse da sua liberdade, não teriam-se dado as revoluções das quaes fomos testemunhas, umas d'ellas afogadas em sangue como as da Polonia, da Hungria, da Italia e da França, e outras, levantando-se victoriosas do meio de lagos de sangue, como algumas de Pariz e a de Milão, porque não teria havido nem oppressores nem opprimidos.

Não se teriam dado as guerras principaes da nossa época, que deram em resultado o triumpho da prepotencia: e um melhor criterio teria dirigido as emprezas justas: porque enfim uma reunião de milhares de homens cordatos pôde dar um parecer mais acertado que o de um, ou de poucos despotas.

Passemos rapidamente em revista os principaes acontecimentos da época.

1. ° — Guerra d'Argelia.

Pretexto.—Offensa feita ao Consul francez.

Fim latente.—Conquista da Argelia para maior gloria do reinado de Carlos X, ou de Luiz Philippe.

Resultado.—Conseguida a conquista.

Criterio da empresa.—Sem a ambição de Carlos X a França se teria limitado á obter do dey de Argel uma satisfação rasoavel da offensa, ou a teria tomado com uma represalia. Não se teria praticado essa grande violencia da submissão de um povo livre e independente, ao despotismo do chefe da França, ambição que tão cara custou e está custando á propria França, em vidas e em dinheiro, poisque até agora esta nação tem gasto centenaes de milhões e centenaes de mil vidas sem tirar proveito algum.

Ouvimos alguma vez dizer, que a Argelia era um escoadouro necessario do excesso da população da França. Se este paiz tem por escoadouro gratuito todo o nosso planeta, não precisava de conquistar a Argelia e de manter submissa a conquista com tanto gasto de vida e de dinheiro. Se diz tambem que foi para civilisar aquelle paiz meio barbaro, que foi feita a conquista. Se este serviço, não encommendado, é um principio de direito, será licito tambem á qualquer povo invadir o territorio de outro, mesmo o da França, para civilisal-o á sua guisa, por que enfim sobre civilisação cada povo tem seu modelo.

O que certo é, que foi empresa violenta e reprovavel, e ainda mais, traçada e conduzida sem senso com-

mum, ao menos á julgar-se dos resultados colhidos em 36 annos de dominio.

2. ° — Guerra da Criméa.

Pretexto.—Quem principiou esta guerra foi a Russia a pretexto de protecção ao clero grego da Turquia.

Fim latente.—A conquista d'este paiz para satisfação da ambição de Nicoláo I, e para gloria da sua dynastia.

Resultado.—Adiamento da conquista pela intervenção da França, da Inglaterra e do Piemonte.

Criterio da empresa.—Sem o despota no throno da Russia, teria sido respeitada a existencia da Turquia, nem nunca teria prevalecido o principio da intromissão de um soberano nos negocios internos de um povo independente.

Quanto á defeza da Turquia pelas potencias d'Europa, era o começo da defeza da independencia das proprias potencias europeas, que a Russia ameaçaria com uma força irresistivel, depois de ter conquistado a Turquia. A guerra contra a Russia foi um acto de justiça e de defeza natural das nações d'Europa toda, e na qual ellas deveriam ter tomado parte; e a teriam tomado se tivessem sido regidas por communas, ás quaes, assim como é extranha a ambição dos chefes d'estado, é tambem natural a propria defeza.

Tambem o criterio não presidio á tão nobre e custosa empresa, e por isso sabio fallhada. Deviam os allia-dos ter desembarcado em Odessa, ou nas suas vizinhanças, ter marchado sobre a Polonia Russa, tel-a armado, e ter feito a guerra á Russia com braços polacos, ter fui-

dado um reino assás importante de servir, como os Principados Danubianos, de antemural entre a ambição da Russia e a Turquia.

Os alliados teriam assim feito á guerra á Russia com pouco seu sacrificio, teriam libertado uma nação opprimida, teriam enfraquecido a sua oppressora, e teriam garantido quanto era possivel a Turquia e a Europa da invasão armada dos Tzares. Mas ir procurar o exercito russo por detraz dos muros de Sebastopol, n'uma península quasi cortada fóra do Imperio russo, para d'ahí invadil-o, foi loucura sem explicação. Os alliados, ainda que vencedores, ficariam fóra do territorio russo com a destruição do caminho artificial da frecha de Arabat sobre os pantanos do Mar Putrido, e não teriam conseguido cousa alguma.

3.º — Guerra d'Italia.

Pretexto.—Libertar a Italia desde os Alpes até ao Adriatico. (E porque Napoleão não a libertava toda? E porque não principiaria a libertar a sua propria terra, a França, da sua mesma oppressão?)

Fim latente.—Substituir na Italia o protectorado francez ao protectorado austriaco. Dividir a Península em quatro reinos, e distribuil-os assim: Piemonte, Lombardia e Venecia á Victor Manoel; Estados Pontificios ao Papa; Reino de Napoles á Murat; Ducados ou Emilia ao principe Napoleão, e Niza e Saboia á França. Assim a Italia ficaria sob o dominio da França pela soberania dos dous primos de Napoleão, e pelo protectorado sobre os dous principes italianos, e ficaria transformada n'uma dependen-

cia franceza, para maior gloria do reinado de Napoleão III.

Resultado.—Obtida a annexação de Niza e da Saboia ao Imperio francez, não cumprida a promessa da libertação da Italia desde os Alpes até ao Adriatico, porque o resultado seria a unidade italiana e a sua independencia em vez do seu desmembramento e da sua submissão ao protectorado francez. Mas se a paz da Villa-franca cortou a unificação do Norte da Italia, Garibaldi operou a reunião á clla do reino de Napoles, e fez falhar o plano do Imperador.

Este resultado fallhado, exasperou Napoleão, que não soube encobrir a sua intenção de dominio, nem reter o seu despeito, que manifesta pela oppressão do povo italiano em Roma, e pela pressão odiosa sobre a fraqueza do seu governo. Esta politica desasada tem tambem excitado a indignação do povo italiano, de sorte que a ambição do imperante francez, bem longe de lhe dar uma alliada poderosa na Italia, dá-lhe uma inimiga.

Criterio da empresa.—Pelo resultado bem se póde ver a falta deste criterio. Napoleão entrou na empresa sem conhecer o povo italiano, nem a sua resolução.

Pensou, que possuido de uma velleidade de independencia e de unidade, applaudiria á qualquer entusiasmo de encommenda que lhe enviasse. Mandou pois o principe Napoleão na Emilia, caminho do quadrilatero, para na passagem ser proclamado rei d'aquella provincia italiana. Mas o povo indignou-se com a proposta, e Napoleão fez a paz de Villa-franca, á fim de reter a unificação d'Italia em via de formação.

Napoleão não havia conhecido a resolução de um povo, que sem armas, em Milão ataca um exercito mandado a esmagal-o, e o derrota em cinco dias de luta desesperada ! Não havia suspeitado que era uma mina preparada para fazer voar toda a pressão, e chegou-lhe o rastilho com a sua descida na Italia. Tarde deitou agoa sobre o incendio com a paz de Villa-franca, e debalde apertou sobre o peito da Italia o seu pé com o exercito francez de Roma. Como em todas as suas empresas, vemos nesta, o abuzo da força e a deficiencia de criterio no plano e na sua execução.

Não obistou á formação da Italia, e em vez de uma alliada formou-se uma inimiga.

Uma confederação de communas francezas não se teria havido tão iniqua, nem tão nesciamente.

4. ° — Guerra da China, da Cochinchina, e do Mexico.

Pretextos. — Matança e perseguição dos Missionarios Catholicos, na China e Cochinchina, offensas a cidadãos francezes, prejuizos em seus interesses no Mexico.

Fim latente. — Predominio moral sobre os governos e os povos da China; conquista de Annam e do Mexico para a gloria dos governos interventores.

Resultado. — Conseguido na China e no Imperio de Annam, falhado ou duvidoso no Mexico.

Criterio. — Um governo organizado em communas respeitaria assás o direito de todos como principio da sua existencia politica, e como dever, para não se lembrar nem de preponderancia, nem de conquista. Estas guer-ras não se teriam dado sem o poder ambicioso que as decretou. Mas, como todo o acontecimento dirigido pelo

dedo de Napoleão III, custam á França sangue e dinheiro perdidos. Que proveito tirou a França d'estas expedições? Nenhum. O imperio de Annam dá prejuizo aos cofres e ao exercito francez, a China não deu interesse ao commercio francez: a indemnisação da guerra injusta póde ter dado á França algum lucro, mas esta indemnisação de uma aggressão injusta exigida com o revolver ao peito, parece-setanto com aquella que exige o salteador, que é mais um desdouro do que um proveito.

Quanto á conquista do Mexico, além de dar enorme prejuizo á França promette-lhe desdouro. Napoleão enganou-se na avaliação daquelle paiz, como se enganou na avaliação da Italia. Julgou que as minas do Sonora, exploradas pela industria Franceza, serião uma riqueza para a França, que sustentarião o exercito d'expedição, e que o povo Mexicano seria mais domavel do que é.

Então faria do Mexico quartel general do exercito de conquista das republicas hispano-americanas, e fundaria um Imperio Americano-francez, como a Inglaterra fundou na India um Imperio Indiatico-inglez. *Le Mexique est á nous*, exclamou elle ao receber a noticia da tomada de Puebla, e logo mandou engenheiros á examinar as minas mexicanas. Reconheceo-se que não podião dar lucro ao erario francez.

Com este desengano cessava a razão da conquista; precisava de se retirar honrosamente do paiz, e largar á um outro Cyreneo a cruz que lhe pesava sobre os hombros. Offereceu o Mexico á um principe irmão de um imperador que dispõe de grandes exercitos, e que podia defender o throno do irmão. Nós sabemos como este

socorro não se verificou, e como pesa ainda esta cruz sobre os hombros da França.

Tudo isso é uma longa serie de violencias, de imprevidencias e de erros que uma communa qualquer não teria commettido. Muitos homens em conselho não praticam asneiras d'essas.

Uma parte só deste plano de conquista foi e está sendo executado por mão de mestre: é a parte mais horrosa do quadro; é o papel do bandido, do salteador. E' a destruição da raça mexicana pelos vagabundos sempre renascentes de todas as nações, e pelos proprios negros da Nubia e da Abyssinia, caçados, escravizados e arrematados para esse fim, por encommenda de Napoleão ao vice-rei do Egypto. São legiões de salteadores sob a disciplina militar, que entram em casa alheia, que se apoderam d'ella e de seus moradores, que se sentam á sua mesa, e que todos os dias lhes dizem:—ou submetteivos, ou morrei todos.—E se promettem matar, melhor o cumprem.

E deste banditismo exercido por Napoleão contra uma nação inteira, são expectadoras impassiveis e imprevidentes as nações do mundo!

E não comprehendem, que o dia da destruição da nação mexicana pelos bandidos de todo o mundo, é a vespera do assalto á sua propria casa: porque estabelecida a legalidade do banditismo pela tolerancia de todos, ninguem poderia invocar á seu favor o seu direito e a sua inviolabilidade. E' a consagração do direito da força.

Napoleão não se atreveu, e não se atreverá á protestar contra a conquista dos Ducados pela Austria e

pela Prussia, pois ella não é mais do que a repetição da violencia exercida sobre o povo mexicano: não poderia condemnar as duas potencias, sem condemnar-se a si proprio. Transigirá antes para ter parte no despojo.

Parece que no mundo não ha mais justiça, nem caridade, nem dó. A humanidade inteira está de braços cruzados presenciando a hecatumbe de uma nação inteira por uma orda arregimentada de barbaros, vinda de longe. Ella observa as peripecias da carnificina sem pestanejar, e as transmite sem indignação aos pontos longinquos da terra em companhia dos preços do café.

Se esta carnificina de uma nação inteira, fosse a execução de uma sentença legal contra um criminoso, talvez a commovesse mais. Mas que grande criminosa será esta nação mexicana, que não mereça ser soccorrida contra os seus assassinos? Se a anarchia estava em sua casa, ella só era quem soffria, e ninguem tinha direito de se queixar de suas dores.

Mas não: a humanidade toda se indigna contra o assassino d'ella; mas estes rebanhos da humanidade podem por ventura soccorrer alguém? Elles devem querer com seus pastores e agir tangidos por elles, e seus pastores são impassiveis.

O Mexico tem por visinho um povo nobre, generoso, e que se diz livre. Este povo o vê estorcer-se nas agonias horriveis da luta, ouve os seus gemidos, seu grito de soccorro; comprehende que esta aggressão é o signal dado para a Europa arremessar-se sobre a America, e que succumbido o seu visinho, virá mais cedo ou mais tarde a sua invasão e a dos outros seus visinhos. Quer arrojar-se sobre o

assassino, defender a victima, e colligar-se com ella em defeza commum contra todos os salteadores do continente européo ; mas não o póde : quem lh'o veda ? O seu pastor, o presidente da sua republica ; Jonhson, o ex-alfaia-te, a quem parece seduzir as boas graças da realeza imperial franceza, e fazer esquecer o legado de Monroe.

Um povo é livre, com um pastor que o tange e que lhe retem os brios e a vontade ?! E digam que é livre ! Oh não ! a liberdade não existe sobre a terra.

Fallaremos nós da conquista dos Ducados ? para que ? Não é ella uma imitação da do Mexico ? O que é applicavel á este, o é tambem áquelle.

Oh ! se um poder absoluto não tivesse regido a historia nossa contemporanea, não lhe terião conspurcado as paginas tanta injustiça, tanta iniquidade, e tanta imbecilidade.

Se a humanidade tivesse tido a liberdade das communas, não teria deixado outra historia que a do progresso material e moral do genero humano, o unico honroso legitimo e justo.

Não haveria historia melhor para ella, visto que a historia é sempre a descripção da luta entre a violencia e o direito.

CAPTULO VII

As tres aristocrácias da sociedade.—A do poder com a realeza e sem ella.—O poder é causa do luxo : derribado o poder, o luxo o segue na queda.—A do saber, que a communa póde derribar pela educação da mocidade.—A da riqueza, se sumirá na queda das duas.

Ha tres aristocracias na sociedade, que submettem o

homem ao homem. São a aristocracia do *poder*, do *saber* e da *riqueza*.

A patria, como mãe de todos os seus filhos, deve-lhes igualdade de beneficios e de direitos, e portanto igualdade de *poder*, de *saber*, e de habilitações para adquirir a *riqueza*. Não deve ser mãe de poucos privilegiados, e madrasta do resto da sua prole. Não deve sujeitar os irmãos ao irmão ; d'aquelles fazer servos, e d'este, senhor.

A inferioridade é uma pena, tanto mais injusta, quanto ella vai punir aquelle que ainda não nasceu, e que nem se quer, ao nascer, traz consigo o peccado original de uma raça inferior.

Se a humanidade não vivesse comprimida pela força, o irmão desherdado se revoltaria contra o irmão privilegiado, seu senhor. Todavia, o estado de guerra latente, intencional, existe entre a força d'este e o direito d'aquelle, e não haverá paz sobre a terra em quanto não houver igualdade.

O que são todas estas commoções parciaes dos povos, que obrigam o poder á metralhal-os, ou a fazer-lhe concessões, se não uma reacção das castas submissas contra as privilegiadas, as ameaças de uma guerra social da igualdade contra o privilegio ?

Todo o poder, é aristocracia. Na dictadura, na republica, na monarchia constitucional, ha aristocracia, mas em forma nenhuma de governo o poder é tão escandalosamente aristocratico como na realza.

O primeiro aristocrata é o rei.—Quem é o rei ? Homem como qualquer outro mortal, intitula-se o enviado de Deos, ou o escolhido do povo, para governar a huma-

nidade mentecapta ou menor, feita seu rebanho. Sua mulher não é mulher; não pare filhos, pare principes, Messias, verbos encarnados para a bem-aventurança futura da nação. Ao seu nascer, ao seu anniversario, o regozijo publico é de rigor. Nasceu um senhor para o paiz, este tem obrigação de tripudiar de alegria: tem segura a sua submissão, a sua servidão por mais uma geração. Que fortuna! Que contentamento!

Mas um rei se enfasiaria de viver só. Procura companheiros de sua feição entre a turba dos que vem fazer acto de submissão á todo o poder que se levanta no horizonte. Elles são homens como os mais; mas avizinham e servem a realeza, essa abelha-mestra do cortiço humano: deve participar da sua natureza. Esta faz d'elles zangões: uns são feitos duques, outros marquezes, outros condes, outros barões. São os interpretes entre ella e o povo, porque a realeza se aviltaria com o contacto do povo. Beijam-lhe a mão, prostram-se a seus pés a invocar um raio da sua graça, e ficam grandes na presença do genero humano, elle, seus filhos, e os filhos dos seus filhos.

Servem o rei, fazem-lhe companhia na caçada, no passeio, nos sarãos, ao almoço, ao jantar, nas orgias, e até no leito.

Mas a realeza tem de governar o Estado. Trabalho enfadonho: uma turba se apresenta curvada e humilde, e se offerece a governar por ella: são ministros, governadores, presidentes; é o ministerio e suas dependencias.

Despachada esta, ha outra turba, que sollicita tambem o contacto da divindade que sanctifica; contenta-se

de estar ao pé d'ella por qualquer titulo, ainda que seja o de lacaios. E a realleza manda-lhe vestir uma libré de veador, de guarda-roupa, de estribeiro, de camarista: são lacaios...da realleza...e um lacaios de tal amo, é superior á um cidadão, que se despresaria de vestir uma libré.

Mas o que são todas as fardas bordadas de uma côrte, se não outras tantas librés do poder, que no feitio trazem o nome do emprego de quem as veste?

Apezar destas distribuições, ha ainda muitos que pedem. Que dar-lhes mais? A realleza distribue-lhes suas veronicas, seus premios d'escola, para dependurar ao peçoço, ou nas casas do paletó; e eil-os feitos cavalleiros, officiaes, commendadores, grão-cruzes; todas celebridades desconhecidas, todos homens grandes por ordem do rei.

E toda esta gente fica sendo de uma casta superior ao povo. E' a floresta de parasitas que rodêa a arvore gigante da realleza, que se arrasta ao pé d'ella, que trepa, que se levanta, que se abaixa, que toma todas as posições precisas para haver d'ella a seiva do povo da qual se alimenta: é o poder, a insolencia e o orgulho.

A esta turba diz a realleza satisfeita:—Espalhai-vos pelo reino, dominae esse rebanho humano chamado povo. Sois fracções da minha autoridade e do meu poderio. Os homens se arrastarão á vossos pés, como vós vos arrastastes aos meus.

Não diremos que uma boa parte d'estes homens recamados, lentejoulados, bordados, agaloados, emplumados não tenham seu merito. Notamos somente, que o

queiram receber da realza antes que tiral-o de si proprios. Um grande homem não precisa de trazer ao pescoço um attestado real da sua grandeza, nem um termometro real do seu merito dependurado a uma casa de sua farda. O seu nome encerra o seu merito.

Por dignidade sua propria não deve nem hobrear, nem confundir-se com o homem que a privança da realza illustra. Por sua dignidade deve ser assás modesto para não trazer seu merito emplumado no chapéo, e recamado na casaca, para chamar a allenção publica.

Por sua dignidade não deve aceitar a inferioridade que lhe impõe outro cortezão mais deslumbrante do que elle, de bordados, e cujo peito, e cuja pessoa são uma vidraça de premios em cruces e pedrarias, dados pelo poder.

De que lhe serve a *honraria* que lhe dá o poder, se elle o declara ao mesmo tempo inferior em *honraria* a outros mais seus favorecidos?

Quando um servo agaloado da realza, encontra um collega avaliado no dobro d'elle, á vista dos attestados authenticos que traz ao peito, não se sente humiliado, não se sente taxado mui baixo? Não é humiliação ser taxado a metade, o terço ou o quarto de outro homem! Mas quem aceita a avaliação para valer mais do que os outros, deve tambem acceita-la para valer menos do que alguns.

A côrte é pois escola de baixeza, e de orgulho ao mesmo tempo. Ensina a curvar-se adiante de superiores, e a fazer curvar o povo, que se quer que seja inferior. Ide sollicitar a audiencia de um ministro, de um alto funcionario, ou de qualquer laçao do poder. Impossivel de fallar á

taõ alta divindade; e quando por favor especial fordes recebido, tereis supportado a humiliação sem resultado. Esta pretenciosidade do poder não é somente comvosco. Se faz sentir aos proprios socios que julgaõ não estar á sua altura.

Assim se um deputado interpella o ministro sobre negocios internacionaes, lhe responde mui seccamente, que não dá satisfacção, porque sobre elles ha negociações pendentes. Pois não é sobre estas que o deputado quer explicações? O ministro é o agente do governo popular representado pelas camaras: á quem pois dará satisfações, se não á este governo popular seu amo?—Lhe responderá o ministro:—mais tarde, agora não.—E porque não agora, se esta é a vontade do amo, e se mais tarde estará compromettida a nação, sem poder recuar?—Mas como os deputados costumão levar em conta esta resposta como boa moeda, tem-se tornado ella um modo prompto de despedir esse deputado importuno.

Ora que faria uma companhia de accionistas de um banco, se recebesse semelhante resposta de um agente seu, que estivesse tratando dos negocios da companhia com outro banco? E' provavel que o despediria *ipso facto*. Mas como um ministro nunca foi, nem é um agente popular, não é despedido pelos representantes do povo.

A justiça é a agoa da fonte da civilização: ninguem a recebe por favor; toca-lhe de direito. Pois bem: tereis de pedil-a com supplicas, se a quizerdes. Pedi-a por direito, e provavelmente o juiz vol-o negará. Deveis ser *supplicante*, e o juiz responderá: o *supplicante* fará isto e aquil-

lo. Aceita o vosso posto de supplicante, a vossa humilhação.

Outra. Um presidente de provincia tem de se dirigir á vós, ou de responder-vos. Manda-vos uma *Portaria*, em que a fatuidade da linguagem e, a altivez, se disputam a insolencia.

Precisaes de uma repartição publica? Ide submisso a supplicar o vosso direito cem vezes, e afinal preferis renunciar a vossa pretensão á cançar-vos, e á humilhar-vos ainda por um tempo indeterminado.

Ha uma festa publica, ou privada, uma revista, um jantar, um baile, uma procissão: está marcada á hora certa. O poder deixará um exercito exposto ao sol ardente, os amphitriões, e os festeiros á espera, horas e horas, para fazer pesar sobre elles a sua superioridade.

Ide sentar-vos n'um lugar destinado aos privilegiados, se o ousaes: vós, fracção da soberania nacional, n'uma monarchia constitucional, julgais ter o direito de sentar-vos e de tomar lugar onde bem vos apraz, no meio dos chapéos armados e emplumados, das fardas bordadas, das librés agaloadas da creadagem da realeza? Pois não! Sereis enxotado como um cão, ou como um louco, e vos arrastarão para a cadeia si ousardes defender o vosso direito.

Supponde agora que uma titular e uma pobre mulher do povo se apresentem em juizo para servir de testemunhas n'um processo: vereis o juiz levantar-se, tratar com toda a deferencia e respeito a titular, offerecer-lhe o melhor assento, e o melhor lugar, dar-lhe o titulo de excellencia, e á pobre mulher descalça nem offerecerá um escabelo, e

a chamará de mulher. Na França será o mesmo: uma será *madame la marquise*, e outra será *la femme Dubois*. *La femme*, entendeis? *A mulher*: a mulher do homem, não terá outro distinctivo que o seu sexo, distinctivo que faz corar o seu pudor.

Toda esta allivez, e esta insolencia é emanação do poder, e particularmente da côrte. Negai á vista d'isso que a côrte é uma reunião de fatuos, enfatuados por ordem superior, e de fatuidade official.

Diz-se que *todos os cidadãos são iguaes perante a lei*. Mentira! Escarneo! Diga-o o ministro perante quem tremem milhares de subordinados, cuja sorte tem elle fechada em sua mão. Diga-o um simples chefe de repartição, um pedante que é *grande* homem porque teve um protector na côrte, ou no poder, se aceita por seus iguaes os seus escripturarios; diga-o juiz *supplicado*, se algum dia nos seus despachos *supplicou* o requerente; diga-o a côrte se jámais teve em conta de seu igual o povo, e se algum dia o admittio ás suas festas e á sua privança.

Toma-se por instituição a desigualdade, e a escala das jerarchias sociaes, e se diz que os homens são iguaes perante a lei?! Ainda não se passou o nivel da igualdade sobre as cabeças humanas para se dizer tal cousa. N'esta proposição houve erro de redacção. Quiz-se dizer que *dous contendores, não privilegiados, eram iguaes perante o codigo*.

Vede como os privilegiados em tudo ostentam a sua aristocracia. E o que é essa ostentação se não um desatino, uma provocação continua á humildade do povo?

Pois bem, sabeis quem são elles? Se a soberania

popular é uma realidade, a aristocracia da burocracia é a servente do povo que a paga, e a aristocracia da nobreza é officio de histrião da realza, ou é descendencia d'estes histriões. O que ambas estas aristocracias podem ter de mais nobre, é precisamente o que qualquer homem do povo tem : é ser membro da soberania popular.

Ajuntai todos estes figurões n'uma grande festa de còrte, e sob os molambos dourados de cada individuo procurai o homem, nú d'alma e do corpo, como Adão no Paraizo; o que achareis? O homem, nem melhor, nem peor do que o proletario que trabalha quatorze horas por dia para trazer a fronte alta, e a sua consciencia desafogada. Para que pois estes trajes de baile de mascara?

O que é pois esta festa do poder com todas as suas pompas e galas, se não um baile mascarado em plena praça, dançado com toda a seriedade grotesca de comicos? Não representam elles um papel, do qual elles mesmos riem-se na sua consciencia?

Quando um grande titular, estragado d'alma e do corpo chegar á ultima etape da sua vida, em companhia de um pobre proletario que a gastou honradamente no seu trabalho, deve ficar na duvida, qual dos dous vale mais: e hade dizer com sigo: ambos honrados, ambos trabalhamos para nós, para a sociedade, e pelo dever: somos iguaes; mas não: eu coberto dos oureos da vaidade, tratei sempre como raça inferior este homem e os seus: elle envolto na sua modestia, soffreu resignado a humilhação do desdem. Eu impuz com o meu charlatanismo á muita gente, elle á ninguem: passou sempre por

inferior ao seu valôr, vale mais do que eu, e mais justa e modestamente.

Que differença pois ha entre a ostentação de um grande titular em gala da côrte, e um grande titular em gala do circo equestre? Ambos recolhem-se aos seus bastidores, e a sós com a sua consciencia, ambos dizem: *representei o meu papel.*

O salão da realza ostenta mais do que o salão da aristocracia popular, por isso tambem tem mais ridiculo do que esta. Talvez seja necessario para ser côrte; mas é preciso convir que esta é um anachronismo nos nossos tempos como os arautos e batedores que n'ella figuram.

Mas se o poder não passasse de uma ostentação apparatusa, de uma exhibição de um Olympo grego, em que os grandes da terra fossem os histriões, e o povo espectador de graça, não haveria razão de revoltar-se contra elle.

Mas não é um divertimento innocente, este systema de castas, ou de jerarchias sociaes. Faz da sociedade uma grande caldeira de *Pedro Botelho*, um verdadeiro inferno de Dante, onde os circulos superiores opprimem os inferiores, os escravizam e vivem d'elles. Inferno onde toda a casta tem superiores que a opprimem, e inferiores que ella opprime em desforra, e onde todos trabalham com affan e sem descanso, até gastar a vida para subir aos circulos superiores.

A inferioridade é uma pena injusta, que magôa de dia e de noite; é um pesadêlo da vida, da qual não se sente allivio se não quando se sobe um degrão na escada social. Eis porque todo o afan da vida do homem está em

subir. Quando subio um degráo, é feliz: descança; depois quer subir outro. Porque o collocaram em baixo? Não tinha elle o direito de estar ao par de todos? Por que essa escada de jerarchias? Os cidadãos não são todos irmãos, filhos da nação?

O proletario, é feliz no dia de domingo, (uma vez por semana) de poder vestir uma casaca que o torna semelhante a um burguez! O pobre! ignora até que tem o direito de ser o igual do rei!

Um dos distinctivos do poder é o luxo. O poder é rico. Quem não é conhecido, é respeitado pelo que representa: se é rico, representa o poder: quanto mais rico, mais poderoso. Eis a origem do luxo. O luxo é uma revolta permanente da inferioridade social contra a superioridade official que a opprime. E' por elle que as castas condemnadas á inferioridade reivindicam, ao menos na apparencia, o seu posto na sociedade, do qual as instituições sociaes as lançaram. Se ha calamidade na sociedade, é precisamente o luxo. Vêde que de privações impõe, que de degradação, que de faltas, que de misérias, que de crimes por causa d'elle! E' preciso arremedar o poder, se não se quer ficar esmagado sob o desprezo publico. O luxo é o opio que estraga a vida de quem o toma em allivio da pena do desprezo.

O homem que parece pobre, é sempre suspeito: suspeito de ladrão pela força da miseria, de bebado, de máo sujeito, elle que não ganha para andar aceiado e ostentar tambem o poder. E quem quer ser suspeito, e esquivado de todos come um pesteadó? Peior do que isso: como um ladrão. Antes ser ladrão definitivamente, e bem suc-

cedido, do que suspeito. O ladrão acciado passa por homem respeitavel e de bem. Todos o tratam bem. O luxo é pai dos crimes.

Uma mulher pobre é desprezada: traja tão mal! hade ser alguma prostituta pela força da necessidade: quem quer lhe dirige graças que a fazem tanto mais corár, quanto mais honesta for. Antes vender em segredo um poucachinho de virtude, e comprar um vestido de seda, de que andar desprezada e mal trajada, com a virtude toda bem guardada.

Se o poder vestisse burel, e vivesse em palhoças como o indio, acabaria o luxo. Mas o poder quer distinguir-se, quer deitar um desafio invencivel á plebe. Esta recolhe o desafio e lhe responde por uma insurreiçãa geral de roupa domingeira. E quanto lhe custa ella?

Quem é pois o culpado desta fatal praga da sociedade, que a devora, que a intisica, que lhe mantem a febre perpetua da rivalidade? E' o poder. Derribe-se o poder, e arrastará comsigo o luxo.

Na communa, onde todos são poder, ou onde não ha poder, de que serviria o luxo? De nada: serviria como nas pequenas localidades, onde cada um é conhecido, sua fortuna sabida, quer ande vestido de brocado ou de algodão, e não precisa que a sua casaca conte quanto elle vale.

Nas Republicas ha tambem luxo, bem que menos do que nas Monarchias. Ao menos falta n'ellas a representação apparatusa da côrte. Ha luxo porque ha poder. Em toda a parte este quer distinguir-se do povo pela sua imponente exterioridade. Arremeda a realenza.

Fatal instituição esta, do poder, que fundou sobre a terra o inferno de Dante. Se a allegoria do cofre de Pandora tem sua explicação no mundo, elle representa o poder.

De certo não se inventou o poder para beneficio da sociedade.

—E quem a governará sem o poder?

—Ninguem : ella se governará á si.

—Sois injusto, me direis : entre esses grandes do poder, poucos haverá que o validismo tenha elevado : quasi todos subiram pelo seu merito.

—Seja por um momento : quantos são elles ? Cem ? Mil ? Dous mil ? Pois bem : procurai entre o povo, e achareis cem vezes outro tanto do que elles, e que tem tanta valia como elles. E porque não foram tambem escolhidos para servir no poder ? E' porque não se precisa de tantos ?

Ao menos na communa precisa-se de todos. N'ella todos são poder, e por isso que não ha preteridos e privilegiados, não haverá nem poder, nem luxo. Não haverá, nem a grande injustiça de uma condemnação geral á pena da inferioridade, nem a grande calamidade do luxo em resgate desta pena.

A instituição das jerarchias é uma pena que se perpetua de geração em geração, e que perpetua, e mantém a desigualdade entre os homens, como o peccado original do christianismo.

Não ha soberania popular sem igualdade entre os homens. Esta soberania existe em theoria : mas resolve-se em fumo na sua transição para a pratica.

Em quanto houver poder no mundo, em quanto a sorte de um homem estiver pendente da vontade de outro homem, em quanto um homem se descobrir adiante de outro, não haverá nem soberania individual, nem collectiva.

—Se podeis supprimir a aristocracia do *poder*, dir-nos-hão, não podereis supprimir a do *saber*. A desigualdade entre os homens é uma condemnação que trazem com si ao nascer, como um peccado original.

—Engano! Quando a communa tiver distribuido por igual, o pão da educação entre seus filhos, terá feito delles outros tantos aristocratas da intelligencia, os terá igualado, e terá extinguido a aristocracia do saber.

—E como conseguirá ella isto?

—Apoderando-se da educação da mocidade, e portanto da instrucção publica, como parte que é da educação. A communa substituirá a sollicitude do jesuitismo nesta educação. A educará no sentimento da sua liberdade, e não na servidão das castas sacerdotal e do poder. E' dever da communa impedir a mutilação da intelligencia e da consciencia do futuro cidadão, que se faz pela educação, e defender-lhe uma e outra da força e da astucia.

—Mas como estabelecer a igualdade do saber em varias medidas de intelligencia?

—Na intelligencia como em todas as cousas humanas, ha compensação. E' eximio n'uma arte mecanica aquelle cuja mente não póde ser um archivo de historia: excede na mathematica aquelle que não tem éstro pela poesia. Eis as compensações que igualam os homens no saber depois de cultivados pela instrucção.

Mas quando houvessem desigualdades inevitaveis, seriam ellas a culpa da natureza, e não das instituições: estas terião cumprido o seu dever, esforçando-se de fazel-as desapparecer. Mas não, se diz:—Como a natureza creou a desigualdade, as instituições fação ainda peor do que a natureza: multipliquem-a pela educação, e pela instituição das jerarchias.—Que diríamos nós de quem assentasse um páo sobre a cabeça de um moribundo, porque a natureza ia privar-o da vida?

—Mas se todos forem sabios, quem exercerá as artes mecanicas?

—Os mesmos sabios. Na igualdade do saber dos artezãos estará a igualdade do valor das artes. E' o artezão que ennobrece a arte, e não a arte que ennobrece o artezão. Se para ser-se sapateiro fosse preciso um diploma de engenheiro, se para ser-se carnicheiro se devesse apresentar um diploma de medico, o officio de sapateiro e de carnicheiro, seriam das profissões mais nobres do mundo.

E' preciso que na communa o saber de um cidadão valha o de outro, bem que não seja na mesma moeda. Isso é facillimo; trataremos d'isso fallando da instrucção publica.

Igualados os homens no saber, desarmados todos elles do poder, estarão supprimidas estas duas aristocracias. Restará a da *riqueza*.

Pois bem: quereis ver se ella é aristocracia?

Figurai-vos uma sociedade humana, em que todos os cidadãos fossem iguaes pelo saber: figurai-vos, por exemplo, uma cidade de bachareis em letras, cada qual com o

seu officio, de que tira a sua abundante e frugal subsistencia, governando-se a si proprios, e portanto não tendo acima de si poder algum, e collocai no meio d'ella um homem muito rico, que figura fará nella ?

Será um homem muito rico, e nada mais. Poderoso não, porque não ha nella poder a comprar nem a vender. Sabio não, porque o dinheiro não compra a sapiencia. Oppressor por qualquer uma d'estas duas aristocracias não será. Será oppressor com o seu dinheiro? Como? se ninguem tem poder a vender-lhe nem por aiacado, nem a retalho. Se houverem mendigos se avisinharão d'elle como moscas ao mel, e nada mais. Mas haverá mendicidade n'um paiz, onde supprimido o luxo e todas as necessidades ficticias que elle encerra, for a subsistencia reduzida ao mais necessario e frugal ?

A aristocracia da riqueza é pois o reflexo das duas, e nas trevas destas, some-se ella tambem.

Ainda assim duvidamos, que n'uma sociedade, onde a herança deve ser supprimida, onde os capitaes mortos e accumulados acharão emprego limitado, convenha á um homem trabalhar para accumular mais do que lhe é preciso para seu gasto neste mundo, e dar origem á uma casta de gente rica.

Dissemos que a aristocracia do dinheiro é o reflexo das duas. Certamente. Com a riqueza se compra a educação intellectual, e o poder. Mas onde aquella se distribue gratuitamente, e onde não ha deste á venda, não pode haver nem uma, nem outra; nenhuma aristocracia pode medrar.

Se os Medicis em Florença, somente pela sua rique-

za, chegaram a tomar as redeas do governo, é porque a aristocracia do poder já existia : não fizeram mais do que tirar-o da mão dos Albizzi, familia aristocratica á qual se substituíram.

Temos fallado do luxo, e precisamos fallar da moda, que com elle se quer confundir.

A moda é filha da arte de agradar e não filha do luxo. O *tatouage* dos indios e dos negros é moda, não é luxo, porque nada custa, e bem que em muito apreço na tribu, não é ostentação de poder ou de superioridade.

No meio de uma frugalidade spartana pode haver a moda sem perda da liberdade. E' apenas um appendice á arte de agradar e de amar.

E' argumento bom para a lyra de Ovidio, mas não da alçada da politica.

CAPITULO VIII

O poder theocratico é incompativel com a liberdade humana.

Aquelle que chegar a convencer os homens que é enviado de Deos, e que falla de parte d'Elle, será o seu senhor, fará d'elles, se quizer, outros tantos escravos.

Convencer, sem provas, o homem de razão desenvolvida é impossivel ; mas convencer a criança cuja razão encarregada do exame das crenças ainda dormita, é facilissimo. A razão que dormita é substituida então pela autoridade do instituidor, e a criança aceita qualquer conto por verdadeiro, como o adulto o aceita depois de maduro exame. A crença na meninice se imprime ainda de

uma maneira mais indelevel na sua consciencia, do que na idade da razão. Rejeitar uma crença depois de verificar a sua falsidade, é facil ao homem; mas rejeitar aquella impressa pelo instituidor na meninice, é quasi impossivel.

Qual é o conto fantastico, ainda que seja de Hoffmann, ou das Mil e uma noites, que acceito pelo menino sob garantia do seu instituidor, possa riscal-o da sua consciencia completamente?

Nos nossos dias ninguem mais impõe a crença das bruxas, das almas do outro mundo, dos nigromantes, e das suas relações criminosas com o diabo e contra Deos.

Contam-se historias de bruxas para atemorizar os meninos; e as impressões do conto, ficam. Chegado á idade da razão, rectifica elle a sua crença, se chegou a acreditar n'ellas; mas ao atravessar de noite no escuro um cemiterio, ou á qualquer ruido que ouça de noite n'uma casa com má reputação de assombrada, estremece e se lhe arrepiam as carnes. A razão diz-lhe:—não tenhas medo, não ha bruxas, nem almas;—mas as impressões da meninice lhe dizem:—as ha.—São uma evocação das recordações de outr'ora. A crença da meninice não morre nunca: responde toda a vez que é evocada.

Responde ao velho que na sua virilidade cuidava tel-a extincta; responde ao enfermo que sente desfallecer-lhe as forças e precisa da força physica e moral de todos, até mesmo da força da crença.

Os que apontam este phenomeno psychico como uma voz de Deos, e como uma prova da divindade da religião, se esquecem que elle é commum aos crentes de todas as

religiões. Ou não tem valor algum, ou todas ellas são divinas, e por este phenomeno falla Deos ao sectario de qualquer religião.

Tempo houve, e não anda muito longe no passado, em que as historias dos espiritos, das bruxas, dos feiticeiros e dos nigromantes, historias que agora se contam ás crianças para metter-lhes medo, eram artigos de fé. Recolhidas com veneração, e transportadas para o codigo criminal, formaram por si só um sub-codigo, que enviou á fogueira milhares de innocentes, condemnados todos sobre *provas authenticas*, e muitos d'elles, *confessos do seu crime de nigromancia*. A crença e o fanatismo religioso cegam a propria justiça.

Entretanto contaí agora essas historias de bruxas ao povo do nosso tempo, e hade ter pena da vossa ignorancia, quando não escarneça della.

Contaí essas historias, ou a lenda christã aos selvagens d'África, da Oceania ou da America, e se não se riem da vossa credulidade, hão de vos escutar calados; mas não vos acreditarão. O dr. Livingston e os missionarios catholicos do Brasil e da China tem perdido o seu tempo e os seus esforços em ensinar aos seus catechumenos a sua religião. Mas se os pais não acreditam, os filhos acreditam. Foi por este modo, educando as crianças, que os jesuitas do Paraguay introduziram entre os selvagens guaranys o catholicismo.

Essa estampa que fica na consciencia do menino, é o que se chama *Fé*: é uma crença que não precisa da recommendação da razão para ser aceita como uma verdade: basta-lhe a autõridade e a garantia de quem a ensina.

Essa impressão, servindo a uma religião, fica estampada na consciencia: não precisa de prova, e vai sendo transmittida de geração em geração, de paes á filhos, pelos proprios paes, sob a palavra e com o auxilio dos sacerdotes, que dizem: *sinite parvulos venire ad me*. Dizem que esta crença é mais necessaria do que a vida, por que é a vida eterna.

A qualidade da religião pouco importa então. Com effeito este catholico tão satisfeito da sua religião e do seu Deos, por lhe ter feito a graça especial de o ter criado e educado na fé catholica, tendo nascido nas margens do Tibre ou do Sena, agradeceria igualmente Brahama pela mesma graça e com a mesma ardente convicção, se tivesse nascido nas margens do Ganges. A verdadeira religião é aquella em que o homem acredita.

Mas catholico, ou brahamine, vem sempre a ser servo do sacerdote, uma vez que é crente. Dedicai este homem ao sacerdocio, e tereis n'elle um excellente padre catholico, ou um excellente brahmane, excellente até ao fanatismo, e capaz de transmittil-o aos seus adeptos.

Não discutiremos qual seja a verdadeira religião; mas observaremos os effeitos de todas ellas sobre a liberdade humana.

Figurae-vos um sacerdote acreditado junto de vós como enviado de Deos e fallando-vos de parte Delle. Terá sobre vós o mesmo poder que teria Deos. Não ha loucura que não façais por sua ordem.

Todos os sacerdotes tem este poderio sobre a consciencia dos seus crentes; mas elles conhecem praticamente que não se faz um crente se não na tenra idade. Todos el-

les por tanto se apoderão da educação da mocidade com todo o empenho, e s'a disputão. Todos elles dizem: *sinite parvulos venire ad me.*

Deixai que as crianças venhão ter comigo. Uns pedem ao governo a sua protecção para a cathechese da meninice, e o governo manda que se lhe entregue a meninice para receber a instrucção religiosa: outros querem para si o privilegio exclusivo do seu ensino; outros formão associações de ensino mais ou menos gratuito. Todos se disputão á porfia a educação della.

E com o auxilio de todos estes meios de acção conseguem com effeito formar uma geração de crentes. Não ha individuo que escape á propaganda, e que não entregue á ella seus proprios filhos, pensando que assim é necessario para sua felicidade nesta vida, e na outra vida estrellada.

Mas a verdade da religião é estranha a tudo isso, porque todos os sacerdotes fazem o mesmo, todos elles se julgão os ministros do Deos verdadeiro e unico, e transmittem aos adeptos esta mesma crença—Se o crente, n'um quarto de hora de reflexão duvida da sua lenda religiosa; se um filho do Ganges duvidar que *Indra* apparece no céo de manhã todo vestido de ouro, sobre um carro de ouro, puchado por cavallo amarellos, precedido de cavalleiros celestes, e pelos *Maruts*, se um crente do propheta duvidar que o Anjo Gabriel lhe ditasse o Coran; se um christão duvidar que Adão fosse feito de barro, visto que era de carne e osso como seus descendentes, acodem o brahamane, o ulema e o padre, e dizem cada um ao seu crente:—A religião se cré e não se raciocina: é

prohibido analysar suas verdades. A razão é uma luz enganadora, um pharol que conduz ao naufragio, a sciencia é inimiga da fé : sê menos sabio e mais crente. Fecha os olhos, deixa-te guiar nas trevas por mim, que sou o enviado de Deos; a razão é incompetente para servir-te de guia. Abjural-a como uma heresia, se não serás condemnado.

E que responder ao enviado de Deos? Poucos tem o bom senso de lhe responder:—Como tu, ha outros enviados de Deos nas outras relegiões que dizem isso mesmo: em quanto não for elucidado, quem de vós é o verdadeiro enviado, o meu melhor guia será provisoriamente a razão que condemnas.

Eis a religião submettendo o homem, apagar-lhe a razão, e ordenar-lhe a ignorancia a fim de dominal-o melhor.

De que serve acabar com as aristocracias do poder, do saber, e da riqueza, se se deixa subsistir a aristocracia theocratica, que escraviza mais do que qualquer outra?

Quer-se que o padre seja um bom conselheiro do crente: todos os sacerdotes de qualquer Deos, o são; mas o privam da sua liberdade, fazem d'elle seu escravo. Não poderá o homem ter outro conselheiro sem estes defeitos?

Todas as religiões conhecidas contentam-se em manter a crença dos seus adeptos e em concorrer para o seu aperfeiçoamento moral; mas o catholicismo aspira evidentemente ao throno universal da terra, a ser o rei dos

reis, supplantando a propria realleza, o proprio poder temporal.

O clero catholico forma uma associação terrivel, cujos chefes estão em Roma no convento *del Gesù*, associação em conspiração permanente contra a liberdade humana.

Aberto pela confissão o segredo do coração de todos os crentes, estes chefes governam-os á vontade, e apoderam-se da educação dos principes, e de todos aquelles que por seu nascimento podem ter influencia nos negocios publicos; se não os podem educar, mandam agentes ganhar suas boas graças, ainda que seja favorecendo-lhes ou lisongeando-lhes os vicios; compram os que não podem haver por si se não por compra; dominam pela consciencia os ricos a fim de herdarem seus haveres que pagam com promessa de restituição em gloria eterna. Dominam os homens do poder dos quaes hão de precisar em proveito da ordem. Dominam a mulher casada, e por ella governam o interior da casa do homem, que não os admittiria n'ella. Suas congregações religiosas formam uma vasta rede que abrange o catholicismo todo, que se mistura com toda a população leiga, que vem a ser interessada na causa por espirito de classe, entretanto que não se poderia bem separar o que pertence á sacristia e o que está fóra d'ella. Os mesmos administradores do poder estão envolvidos nesta rede. Como subtrahir-se á sua influencia? O poder absoluto quiz submeter a sociedade, e invocou o auxilio do clero; este o ajudou a submettel-a; mas depois ficará sendo senhor absoluto, e desbancará o proprio poder que o invocou.

Vede o que era o clero na França em 89. Perseguido, anniquilado, foragido. Vede o que é agora; rodeado de prestigio e de orgulho, dá ordens ao proprio poder, e o ameaça, se não lhe obedece.

Entregaram-lhe a educação da geração presente, e esta geração está do seu partido; como pode a realeza contrariar a opinião publica? Assim o vemos na França não só ser o clero o distribuidor dos empregos civis e militares, como dominar por toda a parte, mais do que o Imperador, que sujeita-se á sua vontade. Quem quizer um empenho junto do ministro, do Imperador ou da Imperatriz, procure a protecção de um purpurado. Chega-se á elle pelo confessor, e chega-se á este pela hypocrisia. E quando tiver obtido o seu intento, terá de estar ás ordens do poder theocratico que o elevou, feito seu instrumento, a sacrificar-lhe honra e dever, se quizer conservar-se no seu posto. Por sua parte a theocracia terá um agente de mais.

E' natural que um poder secreto tão forte pela sua organização, e tão temivel pelo seu poder e pelo mysterio em que se envolve, tenha sua côrte composta dos crentes, dos ambiciosos e dos timoratos, que é quasi o paiz todo, e que disponha de grandes riquezas adquiridas pelo seu proprio poder. Com effeito, immensas são as que possuem as corporações religiosas na França sob nomes privados de seus membros, emquanto que os dous terços da população são seus adeptos! O clero chegou á um poderio á que nunca chegou a propria maçonaria. Se a lei der uma ordem, e um purpurado uma contra-ordem, o executor, empregado publico, governado ou protegido do

confessor ou de um purpurado, posta apenas em salvo a sua responsabilidade com qualquer pretexto, executará as ordens deste, e não a lei. Como não hade a lei cahir mais tarde ou mais cedo, perseguida pela impopularidade, que lhe dá a propaganda clerical? Não é sómente com a espada d'el-rei e do inquisidor que se matam os hereges, não é só por ordem d'el-rei e do inquisidor que se levantam fogueiras, é por ordem do povo, quando elle forma uma grande confraria com o clero e com a inquisição; é por ordem do povo educado pelo sacerdocio.

N'um Cantão catholico da Suissa um pintor de salas embriagado, fallou com menos respeito de Jesus Christo. Foi preso, condemnado ao açoite, á reclusão n'um convento por dous annos, depois á assistir em separado aos officios divinos de manhã e de tarde e á perda dos direitos civis. Bem vedes que nesse cantão existe a inquisição, menos a fogueira.

Quem fez essa lei inquisitorial?—Os jesuitas?—Não: o conselho cantonal: foi o povo, isto é, os discipulos dos jesuitas, porque os jesuitas educaram o povo.

Vede na França d'agora: as praticas de conventos, e de confrarias estão na moda. E' moda ostentar devoção, jesuitismo e pertencer á alguma confraria. Toda a França é agora carola.

A Hespanha sob Philippe II pouco faltou que entregasse o proprio poder temporal ao inquisidor. Este imaginou de militarisar o paiz, de armal-o, e de ser seu general em chefe. Instituo uma irmandade chamada de Nossa Senhora da Espada Branca, destinada a defender a fé, sob suas ordens. Todo aquelle que não quizesse acabar mo-

queado na fogueira inquisitorial (e quem o querería?) deveria alistar-se.

Quarenta das mais nobres familias da Hespanha (a alta nobreza toda) estava inscripta, e supplicava o rei a subscrever ao pedido do inquisidor. Por carola que fosse o rei, comprehendeu sempre que esta assignatura era a abdicção da realza em mão do inquisidor, e que valia mais a Hespanha em ser, do que um reino celeste em promessa, e recusou. Bastava-lhe que nos autos da fé o cardeal inquisidor mandasse collocar o seu throno mais alto do que o do rei.

Que proveito tirava disso o nobreza? Muito: ganhava uma carta de recommendação para o céo, e servia á Deos. A' um povo assim educado, o sacerdocio manda como despota. Cada cidadão, não é mais cidadão, é um servo da theocracia. Para elle a liberdade é impiedade: não a quer.

Concordamos que depois da liberdade absoluta do homem, a instituição que melhor o pode satisfazer é a theocracia. A loucura satisfeita pode ser um estado excellente abaixo da saude. Mas o que farieis vós áquelle que tivesse por profissão lucrativa e considerada de fazer de cada cidadão um louco, figurando-se rei, e satisfeilo com a sua realza? Lhe permitirieis tão util industria?

Se as instituições sociaes e politicas devem defender de todo o attentado a liberdade do homem, a theocracia deve ser perseguida como a mais funesta das industrias.

Entretanto o que vemos nós? O poder politico a chama em seu soccorro, lhe dá o lugar de honra, a toma

debaixo da sua protecção, nomeia o seu Deos, *Deos official* com todas as honras devidas á tão elevado cargo, adopta como affiliada a sua religião, e a nomeia *Religião do Estado*. Ordena a verdade deste Deos e desta religião, e ás vezes de dous Deoses e de duas religiões, se no estado ha duas religiões!

Mas em quanto o poder d'esse Estado escolhe o Deos dos christãos e a religião catholica por verdadeiros, o Estado visinho escolhe o Deos de Mafoma e o islamismo. Qual dos dous poderes merece fé? Em quanto não for isso elucidado, não seria melhor sobrestar á toda a nomeação? Sobrestar a entrega da meninice ao sacerdocio que com a sua educação lhe mutila a liberdade da escolha?

A educação religiosa da meninice é uma verdadeira mutilação da sua razão, que o priva da faculdade de julgar imparcialmente a religião que se lhe inoculou, de escolher outra, e que o torna mais ou menos fanatico por ella.

Este grande crime, perpetrado em cumplicidade entre o poder temporal e entre o sacerdotal, que razão tem de ser? Um interesse commum: a servidão do genero humano aòs dous poderes supremos do Estado: temporal e espirital.

Diz-se que a religião é necessaria. Cremos que não: mais adiante trataremos d'esta questão. Mas se o for, limite-se o sacerdocio ao aperfeiçoamento do moral do homem, e não intente reduzil-o á escravidão.

A tyrania civil e a theocratica, associadas hoje em reduzir a humanidade á escravidão, se disputarão ama-

nã a posse da preza. A serem postas ambas ao bando da humanidade, não se lhes fazia injustiça.

Quereis ver traduzidos os seus planos em realidade? Figurai-vos o Tzar da Russia, senhor de metade do mundo, e o Papa senhor da outra metade, brigando por suplantarem-se reciprocamente.

Eis o throno e o altar depois de ter escravizado a humanidade.

Se este tempo ainda não chegou, é porque a razão humana está em revolta perpetua ora contra um, ora contra outro poder, e lhes disputa o progresso.

Tambem a realeza impede o progresso da theocracia quando lhe parece que se adianta de mais em influencia. Então solta sobre ella a liberdade do ensino, a liberdade da imprensa, e nomeia *impios, discolos, inimigos da religião* como Renan para a instrucção publica.

Por sua parte o sacerdocio responde á guerra. Lhe responde armando a Polonia contra o poder russo, armando o banditismo contra o poder italiano, e entre-tendo uma conspiração permanente dos fieis por meio de seus agentes, bispos, arcebispos e cardeaes, que exercem sua propaganda no pulpito e no confessionario.

Eis os arrufos entre os dous poderes, que retardam nos paizes catholicos o triumpho absoluto da theocracia sobre o povo, e sobre a realeza.

Unidos no interesse commum de sujeitar o povo, separam-se para se disputar o seu dominio.

Por isso é certo que a independencia do poder temporal está sempre em perigo onde domina o catholicismo. O papa tem mais afeição ao poder temporal do que ao

espiritual, visto que arrisca este por qualquer poucachinho d'aquelle.

A theocracia é um systema de governo a imitação do russo : os açoites, as violencias, e tudo quanto avilta o homem é meio de acção legitimo e sanctificado. Ao menos tal era o seu governo no Paraguay, tal é em Roma, tal é em Zaleh na Syria onde governa exclusivamente.

Diremos d'elle o que se deve dizer de todo o governo absoluto. Os que o querem assim o tenham, á condição que obedeçam e deixem os outros mandar. Os apóstolos de um principio devem ser precisamente escolhidos para soffrer as suas consequencias. A' elles toca a honra do martyrio, se martyrio ha. Mas si se revoltarem contra a violencia, e se recusarem a soffrer as consequencias do principio, tomaremos nota desta sua resistencia, e com elles concordaremos que a revolta contra todo o absolutismo, é um direito imprescriptivel e sagrado.

CAPITULO IX.

Causas do progresso da sociedade.—Causas do estado estacionario da tribu do selvagem e de algumas sociedades. —Todos os homens tem a mesma aptidão para o progresso ; mas não tem a mesma necessidade.—O progresso é o signal da fraqueza physica de uma raça.—O poder é causa do progresso material.—O faz servir aos seus commodos e á sua ambição, e a criação e conservação de necessidades ficticias.—A civilisação não é o progresso.—O poder se oppõe ao desenvolvimento della.—Destituído o poder, a civilisação irá tam-

bem em progresso : o progresso material desandar  em regresso diminuindo as necessidades ficticias do homem e dando-lhe mais descanso.

O homem civilizado faz ao selvagem a caridade de conduzi-lo pela mão no caminho da chamada civiliza o. Estes ensaios tem sido sempre frustrados. No Brasil o governo não tem poupado o trabalho da cathechese. Missionarios tem penetrado nas florestas, tem chamado ao redor de si estes filhos errantes, e tem conseguido aldeal-os; mas quando se julgam que, no limiar da civiliza o, v o penetrar na sociedade, um dia, sem razão nem pretexto, dispersam-se, e voltam   vida errante do mato.

Uma manhã antes de se despedirem da aldeia almoçaram bem : e qual caça pensarieis que teriam almoçado? Aquella que tinham   mão. O missionario e o director, bem moquiados. Que interesse os chamava tão   pressa   floresta que os não deixava ir em busca de outro almoço? A saudade dessa liberdade que a sociedade ignora. Os indios do Brasil são taes quaes eram antes da descoberta, e os do resto do continente americano não estão mais civilizados do que d'antes. Uma modifica o mais exterior do que interna tem-se operado nelles pelo contacto da civiliza o europ ea. Boa ou m a, a sua natureza   sempre a mesma. O indio do Perú e do Mexico, o Comanche e o Apache, os indios, do Amazonas e de seus affluentes, que habitam o povoado, conservam-se isolados no meio da civiliza o. São hospedes nella. Estão em companhia de confiança sómente no meio dos seus, no campo ou na floresta. Sempre são mais caça do mato do que

bichos de casa. Ficarão aldeados um pouco de tempo em quanto lhe derdes de comer. Assim mesmo não terão para vós nem um sorriso, nem uma amizade. E quando soar a hora do trabalho, se retirarão para a floresta. Deixam-se baptizar quantas vezes se queira por gozar de um dia de festa, e dos presentes que se lhes dão. Mas se os prendeis á vossa civilisação, vos fugirão. O descanso e a liberdade são o seu supremo bem.

O indio trabalha somente para remediar as necessidades primordiales da vida.

Eu já vi uma india acocorada na porta da sua cabana comendo uma gallinha crúa. Perguntei-lhe porque não a assava. Oh! nho-nhô, respondeu-me ella, isso é fazer a vida custosa. Não me ri; mas me lembrei que se na sociedade civilisada cada um tivesse de fazer a propria cosinha, não poucos comeriam gallinha crúa.

Os negros d'Africa não acham no mundo paiz tão magnifico como o seu. Um pouco de milho, de inhame, de mandioca, algum porco, alguma gallinha, parece-lhes a abundancia da terra de Chanaan. Transportados para o Brasil no meio da verdadeira abundancia, só se recordam da riqueza da patria.

Transportai para os theatros da civilisação europea e para o clima d'Inglaterra, o Esquimó, o Samoyedo, e em geral os habitantes das regiões polares, que vos parece soffrerem sempre pela dureza do frio. Quando tiverem visto sem interesse as maravilhas da vossa mecanica, quando tiverem admirado vossos usos e vossos costumes, vos pedirão um favor, unico; que os transporteis onde os tomastes; para a sua terra fria e desolada. E' feliz na

sua toca, por baixo da terra como os animaes hibernantes, sem outra claridade e outro lume do que uma lamparina de azeite, comendo gordura de foca, e peixe crú e secco, ainda que meio podre, tendo por prevenção fechâdo a entrada com porta de tripa de peixe. E' o seu palacio, que não trocaria por outro qualquer nosso.

O homem civilisado tem dó de seus irmãos selvagens, em quanto estes tem tambem dó d'elle. Qual realmente merecerá este dó? O selvagem ou o civilisado?

Eu tenho noticia de européos que vivem, ou que viam entre tribus de inçdios, e que acham ou achavam a sua vida adoptiva muito preferivel á sua primitiva.

Quando o homem civilisado pega pela mão o selvagem para conduzil-o á civilisação, contai de certo que lhe foge no caminho.

E quem conduziu por este caminho o avô deste civilisado? Não são elles todos irmãos contemporaneos sobre o planeta? Porque um seguio o progresso, e outro ficou?

Olhai para a côr da sua pelle, e tereis n'ella uma explicação. O homem branco é o albino da sua raça: é o doentio; precisa de resguardar-se das intemperies: o seu pigmento pouco o preserva; é transparente: deixa passar a luz solar: sua pelle é fina, não conserva o calor, e o calor solar forte vai queimar-lhe as carnes.

Vede a pelle do negro selvagem: não é somente preta, é aspera quasi como a casca de um arbusto: o seu epiderme cahe em escamas. O homem côr de cobre tambem é quasi assim; o amarello já é mais chegado ao bran-

co, sua pelle é mais macia. E reparai: o progresso segue a gradação da alvura da pelle.

O negro é o menos civilizado de todos, se é que se pode chamar civilização a procura das commodidades da vida. Não precisa d'ellas. E' tambem de todos o mais preguiçoso. Se o deixarem em plena liberdade, volta para o mato; se a Africa estiver perto d'elle, bem que nascido na America, volta para a terra de seus avoengos.

O negro escravo no Brasil, que serve de domestico de um senhor aceiado, aceia-se por obrigação. Dai-lhe a liberdade; se não for possuido da ostentação de figurar no meio dos brancos, de deleixo em deleixo cahirá n'um abandono tal da sua pessoa, que não reconhecereis mais nelle o individuo de outr'ora.

A lã de seus cabellos estará crescida e enroscada; seus vestidos serão em molambos, sua pelle estará secca, soltará escamas ao coçar-se. O descuido na sua alimentação andarà de parellas com o da sua pessoa. Qualquer comida frugal lhe servirá, apetecerà as bebidas espirituosas, e facilmente se entregará á embriaguez. A sua morada fede á casa de bichos. A sua pessoa tende a voltar ao seu estado primitivo.

A sua natureza o impelle á ella. Assim faz o indio côr de cobre, quando está entregue aos seus instinctos. Vede o indio do Perú e do Mexico envolvidos na civilização europea: vivem na sua cabana de folhas a vida primitiva quanto lhe é permitlido viver-a.

Eis porque a raça branca sahio do estado chamado selvagem para ir em busca das commodidades da vida: a sua pelle a guiou. Mudai a côr da pelle ao Africano e

ao indio Americano, e correrão por si no caminho da civilização.

A raça amarella como a chinesa e a raça japoneza já attingiram quasi a civilização européa, como a côr da sua pelle attingio quasi a alvura da raça caucasica. Mas todas estas raças já alcançaram a meta do seu progresso. A sua organização está satisfeita. O negro e o indio americano estão muito á seu gosto, um no seu campo arido e ardente, e outro na sua floresta. Porque hão de sahir della para acompanhar um progresso de que não precisam?

O indio peruano tem perna fina e peito amplo. Serve de guia a pé ao cavalleiro montado n'uma boa mula: acompanha admiravelmente o animal. Quando desaparece, e que o cavalleiro pensa que ficou atraz de cançado, o encontra adiante de si, n'uma quebrada do caminho á sua espera. O cavalleiro chega ao fim da jornada estrompado, moido de cansaço; mas o indio, se no pouso acha uma festa, dança como se tivesse passado o dia deitado. O cavalleiro precisa de alimentação succulenta para restaurar as forças, isto é de uma boa ceia. O indio veio mascando um pouco de côca no caminho, bebeu um trago de *refino*, (agua-ardente forte) ou de *pulque* (vinho de aloe), e pode passar sem mais alimento: mas se houver um pouco de *tasajo* (carne secca em tiras) e *tortillas* (bolos de milho assados debaixo da cinza), comerá com sobriedade, e amanhã ao alvorecer estará prompto para outra jornada.

Quando tiver de voltar só, isto é livre do cavalleiro, desandarã em cinco dias o caminho que andou em dez.

Não valia a pena dar-se ao trabalho para inventar o vapor para elle. Está tão bem servido de meios de transporte pela natureza!

Valeria a pena esmerar-se em inventar acepipes, se para elle não têm melhor gosto do que o *tasajo* moqueado ao lume, ou um pedaço de jacaré assado n'um espeto de páo? Seria isso fazer a vida custoza, como dizia a india que comia a gallinha crúa.

Tempo houve em que o homem branco vivia como o indio em tribus nomades errantes, vestido de pelles de carneiro ou do lobo, fedendo a sebo. Era o germano do cabello louro ou ruivo, dos olhos azues, provavelmente menos alvo do que agora, porque a sua pelle era mais exposta do que agora ás intemperies.

Mas ao mesmo tempo a civilisação grega e romana estavam na sua decrepitude. O germano da mesma côr que o romano era inda o selvagem do tempo. Porque não acompanhou elle de par em par o progresso do latino? Teria elle menos intelligencia do que este? Certamente que não. O mesmo negro d'Africa, o mesmo indio da America tem tanto desenvolvimento intellectual como o homem branco.

Esta intelligencia applicada ao seu genero de vida dá-lhe superioridade incontestavel sobre este. Abandonai um europeu na floresta americana, e morrerá de fome, ou devorado pelas feras, em quanto o indio se achará na sua casa, ao pé da sua dispensa, e tão seguro, protegido pela sua vigilancia e pela sua preza, como o é o civilisado protegido pelas paredes da sua casa.

Se o indio não tem estradas de ferro, nem navega-

ção a vapor, é porque nunca cuidou no superfluo que lhe custa trabalho, não por falta de capacidade intellectual.

Ha pois um *quid* mais do que a côr da pelle a influir no progresso, visto que o germano era barbaro quando já o latino era civilisado. Vamos ver o que é este *quid*.

Em quanto n'uma tribu todo o homem serve-se á si mesmo, não produz se não o necessario: o superfluo custa-lhe o trabalho: custa-lhe cáro; não vale a pena.

Mas quando o homem pode descançar, e mandar outro trabalhar por si, é insaciavel na exigencia, e aproveita tudo quanto pode satisfazer suas necessidades, seus caprichos, sua vaidade, sua ostentação. A's necessidades verdadeiras ajunta as ficticias, e desafia na ostentação da grandeza, quem não o pode acompanhar.

Quem é este homem? Será preciso nomeal-o? Não; mas nomeiemol-o sempre. E' o poder.

O poder vive do trabalho alheio, não tem que cuidar se não em gozar. Os seus sequazes porque o acompanham? Para aproveitar a mesma vida. Elles dizem que o que gastam o ganham tambem com o seu trabalho. Mentira! Pretexto! Elles mesmos o taxam, e vede se o taxam pelo seu valor.

Proponde-lhes que cedam o seu lugar á quem o occupar por menos, não hão de querer. Quereis ver como o poder taxa uma penada de um rei?

Napoleão III tem um milhão de francos por mez. Creio que o seu trabalho é bem mais suave do que aquelle de um official de ferreiro que puxa a lima, e malha o ferro vermelho. Pois bem, este official, muito bem pago a 5 francos por dia, terá de trabalhar, sem um dia de des-

canço, 547 annos e 345 dias para ganhar o que ganha o chefe do poder n'um mez! E digam que o poder ganha o seu salario!

Sem o poder ficam supprimidas as necessidades ficticias que formam o luxo: ficam as necessidades simplificadas ao puro necessario, como na tribu, onde não ha poder. Estes barbaros que fediam a sebo, e que a sociedade romana enervada, e elleminada já ia imitando, por que ião pela força subindo ao poder, estes barbaros não adiantavão-se no progresso, porque eram tribu: não tinham um poder a fazer de Sardanapalo, e cortezães á imital-o.

O progresso não era chamado á trabalhar na obra do homem rustico; dormitava. Mas desde que se constituiu em poder, lá na sua Allemanha, desde que a tribu se unio á outras, que todas se constituiram em nação, a Allemanha está sendo atormentada da febre do progresso, como todos os povos civilisados.

O progresso a faria feliz? Quando era ella mais feliz? Quando tribu, ou nação? E' o que seria difficil dizer-se com acerto. Mas o que se pode dizer com certeza, é que acabando-se com as necessidades ficticias creadas pelo poder, ficará simplificada a lide da vida humana. Para se passar apenas com o necessario, não é preciso trabalhar muito; e viver com pouco trabalho é gozar a vida.

Na Suissa a população não poderia viver sem a sua frugalidade. Se o cidadão suiso tivesse de satisfazer as necessidades ficticias, (e mais imperiosas do que as reaes) creadas pelo poder, se tivesse de sustentar uma realeza e uma côrte, morreria á fome.

Mas como na Suissa quasi não ha poder, ou o seu poder é mui barato, ella é feliz na sua frugalidade. Quem de nós não se lembra tantas vezes de invejar a tribu do indio, ou a vida pastoril do idyllio, ou a vida frugal do camponez, somente para renunciar ás necessiões ficticias que lhe absorvem o que é destinado para as necessiões reaes?

Supprimi o poder, e tomareis posse da frugalidade da vida. Trabalhareis seis ou oito horas nas 24 em vez de 14 horas, como agora. Vos restará mais tempo ao menos para a vossa educação intellectual, que significa tambem a educação moral.

Temos usado indifferentemente das palavras—progresso e civilisação como de palavras synonymas, assim como são aceitas geralmente.

E' preciso fazer uma distincção. O progresso é o desenvolvimento das sciencias, das artes uteis e das bellas artes. Concordamos que a nossa raça progredio, e cremos que progredirá em quanto houver poder á exigir, e em quanto o espirito humano poder corresponder ás suas exigencias.

Quanto á civilisação, bem pouco adiantou.

O que constitue a barbaria da tribu selvagem? E' a guerra, e esta barbaria foi adoptada pelas nossas instituições, e se poz á disposição della o progresso para tornal-a mais exterminadora. Temos multiplicado a barbaria com este aperfeiçoamento e havemos progredido na civilisação?! Não: temos retrocedido. A guerra do selvagem é menos exterminadora do que a nossa.

O indio nem sempre mata o prisioneiro, em quanto que o civilisado o mata muitas vezes. Bazaine não mandava fuzilar as guerrilhas mexicanas pelo crime de quererem um governo mexicano, e espurgar o seu paiz dos inimigos invasores?

A Hespanha europea não fuzilou seus prisioneiros, não os matou sob o martyrio? Não é ainda hoje em dia a terra dos fuzilamentos? A destruidora de Valparaiso inerme?

O civilisado regularisa a guerra, diz-se. Muito bem: mas mata mais gente com as suas diabolicas invenções do que não regularisandol-a. Que ganha a humanidade na troca? Perde. A primeira regularisação da guerra deve ser a sua suppressão.

Diz-se que a sociedade civilisada cura de seus enfermos, e trata dos que não podem tratar de si.

E o indio não faz isso mesmo?

A civilisação com suas leis garante a vida e a propriedade.

E o selvagem faz o mesmo sem leis, deixando ao homem entretanto a sua plena liberdade, de que as leis superfluas confiscam os quatro quintos.

Diz-se que a civilisação dá todas as commodidades da vida.

Melhor faz o selvagem que tempera o homem na dureza, de não precisar destes refinamentos.

Que vantagem pois resta á sociedade civilisada sobre a selvagem? A guerra mais exterminadora, e o direito da força bruta exercido por conta do poder, que não é tolerado na tribu.

Em quanto houver guerra, a palavra civilisação será uma jaclancia, ou um sarcasmo.

A guerra é a vergonha da humanidade: é a antithese da civilisação.

—E quem faz a guerra?

—O poder. Abolido elle, e substituido pelos comicios, se dará o primeiro passo no caminho da civilisação. Mas o que é a civilisação? E' uma cousa incompativel com o poder.

E' o dominio da justiça sobre a sociedade, dominio que exclue o dominio do absolutismo que é o poder.

CAPITULO X

A guerra.—E' a negação da civilisação.—Em quanto houver poder, haverá guerra.

Em quanto as contendias entre os homens se decidirem pela força bruta, não se pode dizer que a civilisação governa a sociedade. Se n'ella reina ordem, na tribu tambem domina...e domina sem centenaes de volumes de leis.

A ordem por si só não constitue a civilisação. A guerra indica sempre um direito ultrajado ou do aggressor ou do agredido: é a auzencia da civilisação. Uma aggressão como a dos Ducados allemães, como a do Mexico, como a de Valparaiso, são um protesto contra a barbaria dos aggressores, assim como *uma insurreição popular, que é sempre uma contra-revolução de uma revolução lenta ou violenta feita pelo poder*, indica a ausencia de civilisação do poder oppressor. Se o povo soberano man-

da, não faz injustiças aos seus vizinhos: se elle manda, não faz revoluções para conquistar o mando que já tem.

Não haverá civilisação entre um povo, em quanto elle nos ficar livre de oppressores, e não se desarmar depois perante a magestade do direito, seu unico soberano legitimo. Se a força e a violencia indicam civilisação, ninguem mais civilisado do que o salteador e o bandido. Porque olhaes com desprezo para uma quadrilha? Porque é pequena? Reuni muitas d'ellas, organisai-as, como as tropas estrangeiras no Mexico, como em Annam, como na França mesma, e tereis um exercito, uma gloria nacional. Gloria nacional cuja unidade é o bandido feito a força, e armado as ordens de um chefe? Tem-se dado, e se dá muito apreço a um grande homem de guerra, ainda que executor das ordens de um prepotente aggressor. Para mim é o homem mais digno de lastima. Se fez voluntariamente eunuco, sacrificou a consciencia para se pôr ao serviço da violencia. Arrancou de si, consciencia, justiça e vontade para matar no mais breve tempo possivel o maior numero possivel de homens, sem ter outro porque do que a vontade de seu senhor. E reduzio á preceitos e á arte o seu systema de matança. E' um grande algoz, não as ordens da justiça; mas da violencia.

Um rei, um governo, diz á um general: ide em tal parte, matai, exterminai, e elle pode somente responder: —lá vou cumprir vossas ordens.—Não pode discutir a justiça da execução.

E porque entrega assim alma, corpo, consciencia, criterio e vontade? Por um salario, por um chapéo armado, por uma libré agaloada, pelas homenagens dos pa-

palvos que o poder embruteceu ao ponto de admirar a força bruta e de curvar-se adiante d'ella. Este executor de grandes hecatombes humanas não poderia empregar melhor seu prestimo n'um officio honesto, do que ser algoz ?

O trabalhador ao menos não é escravo da injustiça: guarda a independencia da propria consciencia. Um carrasco é sempre carrasco, ainda que vestido de um bonito nome, e de uma libré dourada.

A organização militar cria interesses, e a guerra, esta execução em grande de innocentes, esta somma de assassinatos, torna-se a necessidade de uma classe.

O exercito é impaciente pela guerra: o exercito belga ambiciona muito a submissão do seu paiz á França, porque Napoleão III faz sempre a guerra. Isto é, faz trabalhar o exercito no seu officio de matar ou de ser morto.

E o que é uma batalha? Uma caçada de homens soldados, como de porcos do mato: e estes soldados que são mortos, não deixam na desolação um pai, uma mãe, uma irmã, uma familia? Uma campanha, ainda que gloriosa, não semeia a desolação e o luto pela população toda ?

O exercito francez adora Napoleão III porque o manda á guerra; manda-o por esse mundo a matar gente. O exercito está prompto a matar seu mesmo povo. Talvez seja preciso embriagal-o para leval-o á tanto; mas já não foi embriagado no dia 2 de Dezembro para assassinar o povo sobre os *Boulevarts* de Pariz ?

Desgraçada instituição esta, que cria o interesse da

carnificina dos povos, que manda matar milhares de homens soldados para os caprichos muitas vezes de dous homens reis. Imprevidente foi o homem que a creou, porque não poderia agora dissolver o exercito sem demolir um viveiro de interesses, e sem perigo de que se revolte!

Matar, e matar sempre é um officio: despedi os obreiros, e tereis peor do que uma crise algodoeira. Creada uma casta, creada está com ella o instincto da sua conservação e do seu crescimento. E o emprego de um exercito é a ruina do seu paiz, e a destruição do paiz visinho. E a sua dissolução seria talvez a guerra social. Arruine-se pois o paiz, devaste-se o paiz visinho, e viva o exercito! O soldado paga em valentia e em obediencia o soldo que recebe. Renuncia a sua convicção, á sua consciencia, aos seus principios, ao entrar no exercito: a disciplina lhe os veda. Deve ser uma maquina, que unida a milhares de outras maquinas, devem matar em massa os que se lhe apontam.

O exercito tem lá uma honra especial para seu uso: é matar sem recuar e ganhando espaço adiante de si. A sua honra não é a justiça e o direito: estes lhes são vedados. Educarão-o assim, como obter outro resultado? Educá-lo nos principios da justiça e do direito antes que entre para o exercito, e mostrar-lhe que na sua união está a força contra a injustiça. Se todos os soldados se revoltassem contra seus chefes, e se obstinassem a não quererem a guerra, quem os poderia obrigar?

Todos os dias estes homens simplorios e conscienciosos chamados philosophos soltam lamentações sobre

o cadaver de um malfetor enforcado, e clamam contra a pena de morte.

Oh vós, Jeremias, que choráes sobre as ruínas d'essa Jerusalem da nossa sociedade, vinde comigo a ver um campo de batalha juncado de cadaveres. Contai-os: vereis que sommam milheiros São elles criminosos? Não: são todos innocentes: pois bem, antes de regar de lagrimas piedosas a cabeça de um assassino, e de clamar compaixão para seus poucos companheiros, regai de vossas lagrimas esses cadaveres de innocentes, clamai cōtra estas hecatombes de homens de bem, denunciái á execração publica os sanguinarios que as ordenaram.

Supponde que o vosso criminoso seja innocente, acrescentai-o aos outros innocentes. Não dareis uma lagrima de mais. Tanto valem mil cadaveres como mil e um.

Quando á força de clamar, liverdes obtido graça para a humanidade, e a abolição da pena de morte, quantas vidas tereis salvado? Bem poucas. Supprimi primeiro a guerra, depois tereis direito de pedir tambem pelo condemnado da justiça. Quando obtiverdes a revogação do assassinato por atacado, podereis pedir a revogação do assassinato em retalho.

A consciencia humana não cessa de protestar contra a barbaria e a crueldade da guerra. Para fazel-a calar, se quiz humanisal-a. Humanisar uma matança! Ha um unico modo de humanisal-a; é não matar. Tudo o que não for isso, se parece com a philantropia hypocrita da justiça, que serve de iguarias e de bons vinhos o paciente

que vai partir para a força. Toda a humanidade que não for a supressão da guerra, é um escarneo.

Não ha se não uma guerra licita: a da defeza. Supprimi a illicita da aggressão, e tereis supprimido tambem a da defeza.

—Mas como supprimir a guerra, se ella é a sentença em ultima instancia do pleito entre duas nações contendoras?

—E onde está o tribunal de primeira e de segunda instancia das nações? Assim como não se consente que dous homens decidam o seu direito á facadas; mas se obrigam a reccorrer aos tribunaes, institua-se um ou mais tribunaes de nações para decidir a contenda entre duas nações. Confederem-se para esse fim todas ou muitas nações do mundo para a propria defeza contra a aggressão d'aquellas que não tomaram parte na confederação, e para opprimirem a primeira nação confederada que tentar um armamento. *Uma pelo direito de todas, e todas pelo direito de uma*: eis qual deve ser o brasão da confederação.

Em quanto as nações não se forem convencendo que a supressão da guerra e de um exercito é o primeiro acto de civilisação, em quanto todas ellas o não adoptarem, devem certamente estar promptas para repellir qualquer aggressão. Um exercito permanente é a ruina de uma nação, todavia, pode-se estar prompto á guerra sem manter um exercito permanente: mas o que é preciso, é que o povo seja soldado.

Para isso ensine-se nas escolas primarias e secundarias o exercicio militar, e algum pouco a arte da guerra.

Chegada a hora, o exercito só terá que receber armas e estará prompto. Uma nação, ou uma confederação de communas assim organisada, prompta cada communa a fornecer seu contingente para repellir uma aggressão, deve ser por força respeitada.

Não tem probabilidade de successo quem for atacar uma nação que é uma grande colonia militar. Por isso é respeitada a Suissa e a Confederação germanica.

Que os officiaes sejam nomeados pelo mesmo exercito. O instincto das multidões não se engana na escolha: ou si se enganar, pode reparar o erro com uma demissão. A tribu faz isso mesmo. N'um exercito pode haver excellentes generaes sob o capote do soldado. Como conhecê-los? E' dar-lhes problemas estrategicos a resolver, e um jury a decidir de sua capacidade. Assim as communas estariam sempre servidas de bom exercito e dos melhores officiaes que lhes fosse possivel descobrir.

Tudo isso é muito rasoavel, e nem a idéa de um tribunal de nações, nem a outra idéa da instrucção militar dos adolescentes, serão novas; mas o que é certo, é que ellas são indispensaveis.

Mas ha uma potencia que se oppõe á estas reformas reconhecidas tão necessarias á primeira intuição. Será preciso lembral-a? E' o poder, e sempre o poder.

Tem que vigiar seu rebanho humano sempre preste a amotinar-se. Quanto mais tyrannico for o poder, mais tem que receiar.

E'lhe pois preciso um exercito permanente para sua defeza; mas o povo não deve ser soldado. Se o fosse, poderia bater o exercito do rei. E tendo-se um exercito

pode ser aproveitado para a conquista. Tendo-se o exercito, pouco resta a fazer-se. Resta augmental-o um pouco, e mettel-o em marcha. A mesma consciencia que opprime o seu povo tem licença de conquistar tambem o povo visinho, e todos os povos: tem o direito em suspenso; pode quanta prepotencia quizer.

Assim a nação fraca está sempre exposta á prepotencia do forte. Para dar uma satisfação á opinião publica os prepotentes d'Europa fingiram uma justiça defensora das nações fracas, e intitularam-a equilibrio europeu ou direito publico europeu. Como se elles fossem os acrobatas mantenedores do equilibrio do mundo, ou como se o direito emanasse da sua vontade. De lobos fizeram-se protectores do rebanho, e já devoraram a Polonia a Hungria, o Caucaso, os Ducados do Elba, amanhã devorarão a Belgica e a Turquia; e não tendo no seu campo rebanho sufficiente, sahem a devorar a Argelia, a Cochinchina, o Mexico, a provocar a China e o Japão. Até a pthysica Hespanha que de esfalfada na luta, deixou-se tomar seu estandarte pelos negrinhos de S. Domingos, vem conspir á face ao Chile e ao Perú, bombardeia cidades inermes, em quanto foge ao combate e não aceita um desafio á armas iguaes. Tudo isso não custa coragem nem sangue.

Se o poder quer acabar com a calamidade da guerra, e conservar o verdadeiro equilibrio, basta que todos desarmem. Mas desarmar o exercito, é o mesmo que por-se á discrição do povo. Não convém ao poder que quer ser seu oppressor. Rodeado de um exercito para a de-

feza, o pode ser para a conquista tambem. Eis porque nunca cessará a guerra em quanto houver poder.

CAPITULO XI.

A instrucção publica.—Convem que seja dirigida pela communa.—A actual deve ser substituida por outra racional, porque qual ella é não prehenche o seu fim.—A instrucção deve ir acompanhando o desenvolvimento da curiosidade do adolescente.—Não se deve admittir ás escolas o menino menor de 8 annos.—A instrucção primaria deve ser obrigatoria.—A secundaria ad libitum.—Devem ter por professores os tratados populares.—Deve haver aulas de todos os ramos de sciencias, artes uteis e bellas artes para escolha e auxilio das profissões.—O estudo deve tornar-se um costume na sociedade, destinado á tomar o lugar dos vicios.

A instrucção publica não é somente a cultura da intelligencia, é uma acção morigeradora da sociedade. E' sabido que a criminalidade diminue na proporção do numero das escolas. Quando ella não estirpasse a aristocracia do saber, seria assim mesmo eminentemente util. A sociedade depende da instrucção publica tanto quanto a religião depende da propagação da fé. Uma instituição que rege os destinos da sociedade não pode ser entregue unicamente aos cuidados privados. Eis porque ella deve ser á custa e sob a inspecção da communa, isto é de todos os cidadãos.

O homem na plenitude de sua razão deve ser livre; mas o menino e o adolescente cuja razão ainda não é

completa, precisam de um supplemento d'ella: este supplemento de razão que a inteiraa, constitue a tutela, e esta deve-lhe-a dar a sociedade.

A instrucção publica deve portanto ser obrigatoria. Não se deve deixar ao menino ou ao adolescente a liberdade de ser ignorante, e de ser inferior aos outros homens intellectual e moralmente.

Que se apezar d'isso alguém se recusar de aproveitar a instrucção, mais tarde se queixará somente de si, pela sua inferioridade na sociedade. Aquelle que precisa que outro lhe faça suas contas, ou lhe escreva e leia a sua correspondencia, deve ser perpetuamente menor. E' um homem de intelligencia incompleta, que para seu complemento precisa da intelligencia de outro.

Muitos se tem occupado das reformas da instrucção publica; sobre sua organisação estuda-se continuamente, e de tempos a tempos é decretada uma reforma: mas o proveito scientifico e litterario da mocidade é sempre o mesmo, sempre imperfeitissimo. Não ha ninguem que acabado seu curso d'estudos não reconheça a necessidade de reestudar, e de reformar a sua educação, reforma que nunca acaba, e que comprehende o que se estudou nas escolas sem se entender, ou que se havia esquecido. Este factó singular ainda não tem sido comprehendido pelos architectos dos estudos escolares! Entretanto quanto custa uma educação escolar, afóra a universitaria? Um capital não pequeno, 8 ou 10 annos d'estudos, e a renuncia de uma profissão que deveria fornecer a subsistencia ao estudante.

Em quanto isso acontece, se apresentam todos for-

mados em sciencias e letras, a fazer corar de vergonha os taes architectos d'estudos, homens que nunca transitaram pelas escolas, ou que apenas visitaram as escolas primarias, e que em quanto estudavam viviam de uma profissão qualquer.

Assim o dr. Livingston, nunca deixando a profissão de tecelão, de que vivia desde criança, nos retalhos de tempo que aproveitava, estudou theologia, sciencias naturaes, mathematicas e medicina, e tornou-se um dos mais sabios viajantes do nosso tempo.

Nos Estados-Unidos achamos viveiros de homens celebres assim formados sem passar pelas escolas. Franklin, o celebre physico, foi compositor de typographia, Jacob Boeme, o philosopho, Hans Sachs, o poeta, Thomaz Godfrey, o astronomico, e Lee, o grande general, foram sapateiros. Bowditch, o grande mestre de nautica, o grande traductor e corrector da *Mecanica Celeste* de Laplace que fez dizer á este grande geometra que era quem o tinha comprehendido, foi grumete. Bertram, o botanico, Ebner Mason o astronomico, Lincoln e Johnson, os estadistas, formaram-se a si mesmos. Que caminhos desconhecidos percorreram para chegar ao templo da sciencia? Traçar estes caminhos, abril-os e aplanal-os, eis o que ainda não se fez, e que nós tentamos fazer.

O homem é todo curiosidade desde o sahir do escuro do nada á luz do mundo, até voltar ao nada. Satisfazer a propria curiosidade é aprender.

A curiosidade é insaciavel, por isso o homem abandonado á ella, estuda toda a vida. Quereis cural-o da

sua curiosidade, tirar-lhe por sempre o apetite do saber?

Obrigai-o á aprender o que a curiosidade não lhe pede, obrigai-o á digerir o alimento que repugna á sua intelligencia. Sabeis vós quem prende á ignorancia a nossa sociedade? E' o curso d'estudos, é esta cabeça de Medusa que se lhes mette adiante para petrificar-lhe intelligencia e curiosidade de saber.

Diremos que o homem a quem não se tornou detestavel o estudo lê toda a vida, porque a sêde do saber é sempre renascente. E' uma verdade. O homem tem que estudar toda a vida. Reunir pois todo o scibile humano, e pretender fazer-lhe-o digerir no curto espaço da sua adolescencia é um absurdo. Estraga-lhe a intelligencia, torna-lhe nauseabundo o estudo, e incapaz por toda a vida de digerir o saber. Assim nós vemos moços, que feitos seus exames, fazem divorcio com os livros, e querem supportar antes a curiosidade do saber, e a ignorancia, do que recorrer ás fontes detestaveis dos livros. O moço que sahe das escolas com seus certificados, diz tomando um folego:—Sou livre, recuperei a liberdade de ser ignorante á minha vontade.—E como homens como este, não serão vencidos no campo da sciencia por um Lincoln e por um Johnson, que sedentos sempre do estudo, porque ninguem lh'o tornou detestavel, achando nelle um deleite continuo, tem-se saciado de saber durante annos e annos no seu gabinete?

Corresponder á uma curiosidade de saber por meio de resposta que a satisfaça, eis o estudo.

Mas é preciso que a curiosidade o peça: sem ella o pedir, uma resposta qualquer, nem interessa, nem fica na

memoria. A intelligencia se revolta contra o estudo importuno que a não interessa, e lambem contra o orario que lhe offerece fora de horas um estudo mesmo de sua predilecção. E' preciso satisfazer a curiosidade quando ella o pede: sem isso ella não presta attenção. O homem lê; mas não esluda, porque o espirito vaga sobre outras cousas. E como se hade aprender a sciencia de que a mente não se occupa, ou se occupa forçada? O que repugna não se digere: não nutre, dá indigestão.

Acompanhar na criança o desenvolvimento da curiosidade com o fim de a satisfazer, eis em que deve consistir o curso d'estudos, para ser proficuo.

O primeiro curso da criança está no instincto trefego de ver tudo, de bolir em tudo, de quebrar tudo. Sahio do escuro do nada á luz da vida, quer ver como tudo é feito, que som, que consistencia, que gosto tem, como corre pelo chão, pelo ar, e sobre a agoa.

Esta curiosidade inquieta que se expoba nas crianças, é um instincto que se deve satisfazer, porque é a instrucção da sua idade. Sendo excitada ainda pelos brinquedos, que parecendo animados por um movimento, escondem em si o mecanismo, que ella quebra, loma na sua observação e no seu estudo, uma lição pratica de mechanica. Pedindo outros brinquedos, pede mais lições. Não é só quem vende o brinquedo que ganha; a criança ganha novo ensino. N'este ensino a sua mestra é a natureza: deixal-a fazer: quebre brinquedos, atire pedras no ar, no chão, sobre a agoa, sem molestar ninguem; pule, corra; ponha o dedo sobre a chama, queime polvora, sem se queimar muito; quebre o vidro da vidraça, sem se cortar

muito ; deixe-o fazer até ficar satisfeito e farto. Então terá conhecido superficialmente o mundo exterior, tomado conhecimento da consistencia dos corpos, do seu calor, da sua resistencia, do seu som, do seu peso das respectivas distancias ; terá aprendido muito, ou certamente muito mais do que aquillo que geralmente se pensa. Ao mesmo tempo terá ganho em agilidade e robustez.

Até aos 8 annos a criança não pôde ser applicada á estudos de reflexão. O cerebro do homem não toma a sua forma definitiva antes desta idade, e um organ incompleto não dá todo o trabalho que é destinado a dar. Tambem antes della qualquer estudo progride tão lentamente, que não vale a pena aborrecel-o com elle. Poucos mezes d'estudo em idade mais adiantada, recuperam o que poderia ler aprendido em um ou dous annos da sua meninice.

Quando muito, pode-se-lhe ensinar alguma cousa de material, e que não requer reflexão. Aos 8 annos pode aprender á ler e escrever, desenho linear, e mathematicas. Mathematicas! direis vós? Sim, mathematicas. E' o estudo de mais facil comprehensão para as crianças, sabendo explicar-lhe-as. Quem comprehende que um mais un fazem dous, e que de dous tirando-se um, resta um, pode aprender mathematicas.

E o que são os calculos se não sommar e diminuir por varias formas? E' uma operação que se pode acompanhar com os olhos da intelligencia, quando seja explicada como convém. E' certo por isso que todas as crianças tem muita aptidão ao calculo ; mas como é preciso que o acompanhem da respectiva demonstração, se exer-

citarão com isso a enunciar claramente o seu pensamento.

Fallei do desenho linear: não basta saber escrever para fazer-se comprehender: ha formas physicas que a linguagem não traduz, e que somente o desenho pode traduzir: e como isso acontece bem frequentemente na vida, todo o adolescente deve aprender ao menos o desenho linear. E' outra arte que não precisa de raciocinio atilado, e que para o menino é um recreio, que ás vezes elle se procura espontaneamente.

A' toda a idade corresponde quasi invariavelmente em todos os homens o gosto por um estudo; satisfazer este gosto á hora em que a intelligencia o pede, é estudar, e accumular o mais rapidamente possivel a maior somma de conhecimentos.

Traçar o desenvolvimento deste gosto, e offerecer-lhe a competente satisfação em sciencia, é traçar um curso racional d'estudos, que é o que até agora não se tem feito.

Bem que toda a vida a curiosidade humana esteja activa, e que tenha estudos com que se possa entreter, como a maior curiosidade se desenvolve na mocidade, esta idade é precisamente a primavera do ensino. Deve-se nesta estação semear e cultivar a intelligencia de preferencia sobre outra qualquer idade.

O menino depois de aprender a ler, escrever e contar, (instrucção primaria) quando principia a observar por si, dezeja levantar o véo das leis que regem o mundo physico. E' a continuação da curiosidade da criança. E' tempo então de dar-lhe noções de physica e de chimica experimental, e de historia natural dos tres reinos. Des-

tes estudos é naturalmente levado ao da geographia physica, ao da metereologia, da uranographia, da astronomia. São todos estudos de recreio que elle deseja. Farto do estudo do mundo presente, procura o estudo do mundo das eras remotas; quer saber o que era o nosso globo antigamente: procura a geologia e a paleontologia, a geographia physica, comparada com a moderna. Satisfeita esta curiosidade acerca do mundo physico, bate á porta do mundo moral, e quer visitar-lhe tambem o museo: quer conhecer os povos espalhados sobre a superficie do nosso planeta, sua historia moderna, pois sua origem, sua historia antiga, suas tradições, seus usos e costumes modernos, quer comparal-os com os antigos: estuda ethnographia, a filiação das raças e a procura no estudo das suas linguas, nos seus traços physiologicos e anatomicos, e nas historias antigas.

Alguns haverá que farão suas excursões de *touriste* no campo das linguas primitivas, e procurarão nessas mummies ressequidas da linguistica os traços physionomicos das linguas modernas.

Assim d'etape em etape o homem faz o giro do saber humano quando não é repellido por um programma d'estudos inexequivel. Esta viagem nunca acaba, dura toda a vida; porisso é absurdo querel-a encerrar no curto espaço da primavera da existencia humana. Encerrei o vosso programma neste espaço, e principiai o ensino por onde elle deveria acabar. O jovem se esforçará; mas pouco ou nada aprenderá, porque não comprehenderá, e não se comprehende bem o que não interessa.

—Mas se o estudo dura toda a vida, o homem de verá ser discípulo toda a vida?

—Dos livros sim, das escolas, não.

—Qual será então o curso d'estudos a traçar-se?

—Simplesmente o ensino primario, a *baixa grammatica*, e uma profissão util pela qual elle possa viver. Todavia é util que hajam aulas de toda a sciencia, de toda a arte e de todo o officio, de toda a arte bella, de toda a lingua, de todo o saber, pois que de cada um delles pode fazer-se uma profissão.

—E os mais conhecimentos humanos?

—Sejam ensinados nas horas entre o trabalho e o somno. A occupação intellectual, como um recreio, sirva de descanso do trabalho physico.

—Quem será o mestre á horas tão incertas e desusadas?

—O livro popular, o jornal, o folhetim, bem claros, bem explicados, sob forma agradável, e por lições curtas, que não careçam d'esforços de intelligencia para serem comprehendidos.

—E a escola qual será? Pois sem escola onde se examine o progresso, onde se recompense, onde se estimule a mocidade a estudar, o proveito será tardio e duvidoso.

—A escola deve consistir n'uma reunião, duas vezes por semana, desta mocidade repartida em classes, onde cada jovem explique uma lição escolhida por elle entre os varios compendios populares, e que segundo sua numeração devem servir de guia dos estudos nas diversas classes. Acabado este exercicio, principie-se outro.

A discussão academica sobre os varios assumptos dos estudos, na qual tomará parte quem quizer. Esta discussão desenvolverá a intelligencia e a eloquencia, e revelará o progresso de cada estudante.

A divisão das classes será feita por idades, salvo accesso ás classes superiores d'aquellas que um júry de todos os seus companheiros declarar merecedor d'este adiantamento.

Esse systema d'estudos reúne em si a barateza, o nenhum esforço da intelligencia, a compatibilidade com qualquer profissão, mesmo mecanica, a conservação de espirito de fraternidade entre os jovens, a liberdade illimitada de que o homem deve gozar toda a vida, começando na adolescencia; a abstenção de toda a humiliação por castigo, que avilta e que mata ao seu nascer a dignidade do homem, dará o amor ao estudo, e com elle o progresso rapido no caminho da sciencia.

O horario das escolas é o refeitório da intelligencia, e as materias d'ensino são as iguarias. Obrigai um jovem a comer sem fome, e comidas que lhe repugnam, e a sua nutrição será imperfeita e dará em resultado um ser doentio. A molestia da intelligencia é a ignorancia chronica, irremediavel, que observamos nos quatro quintos da população que se chama plebe.

Com esse systema, quem não quizer, não estudará. Mas haverá jovem despido da curiosidade de conhecer esse planeta, e essa natureza que o rodeia? Se ha alguem, é porque já experimentou quão cáro lhe custa o saber, e quantas dores o esperam nas aulas regidas pelos methodos actuaes d'ensino.

Mas se o houver, não será com a ferula na mão que se lhe despertará a curiosidade. E se ficar ignorante, na inferioridade da sociedade, terá de se queixar de si, e somente de si.

—Mas nos dirão: como aprender sem mestre sem ensino oral?

—Qual dos discursos será melhor explicado e mais intelligivel? O improvisado e que foge com o som, ou aquelle escripto, corrigido, limado, e que fica perpetuamente sobre o papel para ser consultado á toda a hora?

—Se é a sina do homem nunca acabar de estudar, terá de ir toda a vida ás suas classes.

—A idade marca o fim das classes. O periodo em que se encerram, e o exercicio que nellas tem lugar, são mais que sufficientes para fazer do estudo livre e espontaneo um costume arraigado, uma instrucção continua por si. O homem já não precisa nem do estimulo das distincções, nem da direcção, nem vigilancia de mestres sobre o seu progresso. A instrucção publica terá cumprido todo o seu dever. Faça elle o resto, que está emancipado.

O systema d'ensino tal qual elle é não prehenche evidentemente o seu fim. A instrucção é ás vezes impossivel com elle. O que revela esta impossibilidade, é a necessidade de mandar decorar as lições para ostentar a presença da idéa que não existe na mente do discipulo, como ella não existe na mente do papagaio que falla. Que sabedoria leva fóra do collegio o estudante que fez suas classes decorando? A sciencia do papagaio e da pêga.

Quem já estudou decorando, não se lembrará de que nada aprendeu? A experiencia propria aproveitará á todos no mundo, menos aos ordenadores dos estudos?

Uma vez assisti ao exame de geographia n'um collegio, e ouvi decorar uma lição sobre o Reino Unido. Acabada ella, perguntei aos discipulos qual era a capital da Escossia, e nenhum m'o soube dizer: todavia na lição decorada, todos tinham dito que era Edimburgo. A maior parte dos discipulos são papagaios *à longue haleine*, mais dizeiros do que os do mato domesticados, e nada mais. A palavra não é a idéa. A memoria de palavras é necessaria para aprender-se a taboada, e até certo ponto uma lingua; mas nunca ella dá uma idéa. E em que consiste o saber se não nas idéas?

E' uso nas escolas de ensino secundario ensinar-se o grego e o latim: tempo houve em que era de obrigação até o hebraico para todo o homem culto. Até as mulheres o aprendiam. Era no tempo em que o saber consistia nas discussões da theologia escolastica.

Era o cabedal de saber com que a religião apresentava a humanidade. Eu nunca pôde descobrir a utilidade das linguas mortas no decurso da vida mesma do sabio, a menos que não faça dellas uma profissão, a de archeologo da linguistica. Se diz que o latim serve para aperfeiçoar o estudo da lingua vulgar patria: é como quem dissesse que a alchimia e a astrologia, como paes da chimica, são necessarias para o estudo desta sciencia. Será uma moderna degeneração da lingua mãe? Então o mesmo direito que tem o grego e o latim ao nosso estudo, o tem tambem as linguas suas mães e avoengas, as

linguas *Vedica, Sanscrita, Pracrita, Pali, Hindoui, Zend, Pahalvi, Parsi* e muitas outras suas parentes mais ou menos remotas. Ou estudal-a todas, ou nenhuma.

Tem-se tirado do grego um dictionario inteiro de palavras technicas, o que obriga o homem culto a estudar essa lingua, isto é a dar-se á um estudo que podia applicar á cousas mais uteis, si se tivesse tirado esta tecnologia da propria lingua vulgar. Esta invenção, de que fazem alarde os sabios é uma verdadeira praga.

Cremos que o estudo das linguas mortas, em quanto já estão traduzidas todas as suas obras nas linguas modernas, é mais um obstaculo semeado no caminho para reter a multidão que corre aos estudos universitarios. E' um remedio peor do que o mal ao qual é applicado. Quereis ver acabar a concurrencia? Deixai-a franca. Quando os medicos, os advogados, os engenheiros excederem de muito o *consumo*, parará por si a producção por falta de demanda.

—Mas porque todos acodem aos estudos universitarios? Para ganhar o direito á uma *posição social*, isto é para serem aristocratas. Acabem com as distincções sociaes; nivellando o saber por meio da instrucção, nivellem a honra das profissões, e ninguem ambicionará uma formatura, que não llie dará mais consideração do que daria a qualquer official de carpinteiro o seu officio.

Entretanto nos admira que os sabios architectos dos estudos não tenham tido melhor lembrança para fazer parar essa concurrencia, do que cançar os concurrentes esgotando-lhes a paciencia, a intelligencia e a bolsa, e

acabar por dar entrada aos que supportaram essas provas. Que ganha a mocidade em sciencia durante esses longos annos de provas d'estudos de latim e de grego, de altas mathematicas para o medico, e de sciencias philosophicas para o engenheiro? E' tempo perdido.

—E as linguas vivas, além da lingua patria, não se deverão estudar?

—As estudará quem quizer fazer dellas uma profissão, ou o auxiliar de uma profissão. O litterato que as estudasse para seu uso, mataria a profissão de traductor. Não tem mais razão de aprender uma lingua estrangeira do que a tem de aprender a sapateiro para fazer seu calçado para dispensar este operario. Se ninguem soubesse linguas estrangeiras, muitos viveriam do officio de traductor, e o consumidor de livros nada perderia com isso, porque tanto lhe custa um livro escripto no idioma original, como n'uma lingua estrangeira. Mas quando se tivesse de estudar uma (e muitos precisam d'estudal-a, como sejam os viajadores do commercio, os escripturarios das casas commerciaes e os traductores), não se deveria estudar começando pela alta grammatica. Estudar uma lingua, é ouvir cousas bem ditas e repetil-as. E' assim que a natureza ensina ao menino a lingua patria. E' preciso usar do methodo approved por esta grande mestra. A alta grammatica aperfeiçoará depois o estudo.

—Em que consiste pois o vosso curso d'estudos? Na suppressão de todo o curso, menos o primario, e na liberdade de nada estudar.

—Não: na liberdade de ludo estudar á tempo e á hora o que a intelligencia pede, e de deixar-se disso

aquelle que não tem vocação para o estudo, ou tem incapacidade intellectual. Este nada aproveitará seja qual for o systema ao qual se sujeite.—Ha vicios dos quaes o homem não pode emancipar-se. Eu quero que o unico seu vicio seja o estudo, e que supplante todos os outros que tentarem apoderar-se d'elle, isto é, que supplante o jogo, o charuto, o vinho.—Como vós vos haveis para fazer pegar um destes vicios á um vosso educando? O obrigareis á fumar a certas horas certa quantidade de charutos, quando não os quer, á beber certa porção de vinho, quando o aborrece, á jogar ao xadrez quando tivesse vontade de passear? Certamente que não: lhe deixariéis a sua escolha tempo, jogo e charutos. Deixai-lhe tambem que contracte o vicio do estudo, dando-lhe a escolha do tempo, do livro, e da hora para estudar, e tornando-lhe-o bello e agradável, e interessai-o pela emulação. A emulação é o dinheiro do jogo-estudo. Dai-lhe somente a aptidão previa pelos estudos primarios. Assim contrahirá esse vicio, e ninguem lhe o extinguirá jamais, porque se tornará alimento indispensavel da sua intelligencia. Mas se lhe o tornaes enjoado desde o seu começo, nunca mais o adoptará. Dado o vicio do estudo uma vez, elle tomará o lugar dos outros todos, que embrutecem o homem.

Vede entretanto, se o vosso programma d'estudos tem alguma cousa de analogo.

Principiaes por obrigar o adolescente a estudar o que não lhe interessa, ou que não comprehende: continuaes a obrigar-o a aprender o que não lhe servirá de utilidade, e acabaes por tornar-lhe quasi impraticavel o ca-

minho que conduz aos estudos superiores universitarios, os unicos que recreiam, e entre estes vós mesmo fazeis a escolha, não d'aquelle da sua vocação; mas da vossa, ou bem segundo o seu interesse. Em todos estes abusos de autoridade, em todos estes preceitos que impondes á sua intelligencia, esta não é consultada uma só vez, e que-reis que ella não acabe por detestar a violencia e o seu objecto?

Eis porque ou não se aprende nas escolas, ou se esquece o que se aprende. Torna-se ás vezes a estudar quando a necessidade ou a razão nos reconcilia com os estudos.

Os estudos taes quaes elles são actualmente organisados, não dão o saber; dão a fatuidade, e a preten-siosidade do saber, que o mundo se incumbe de matar mais tarde com o ridiculo.

O melhor mestre, o mais paciente, que espera a von-tade do seu discipulo, que não se zanga se este o repelle, que se amolda á todos os seus caprichos, que é sempre claro, conciso, e agradavel, que sempre responde ao que se lhe pergunta, que não exige paga, e que acompanha o seu pupillo em toda a parte, é o livro. O livro vale mil vezes mais do que a escola. E' elle que em pouco tempo, e como que milagrosamente faz de homens rudes, sabios de primeira ordem.

Dissemos que a instrucção publica devia ser dirigida pela communa. E' o que convem, mas será tambem o direito? Se o pai quizer prover á instrucção do filho, não terá a preferencia sobre a communa? O filho é mem-

bro da familia em quanto della precisa; mas é membro da communa desprendendo-se da familia.

O pai deve-lhe os cuidados da paternidade, a communa deve-lhe a cultura intellectual e moral como á membro que tem de ser da sua communhão. Pertence pois á ella a sua instrucção.

—E a educação moral que parte tomará no vosso curso d'estudos, me perguntareis vós.

—A moral não é cousa que a meninice, nem a adolescencia comprehendam, porque é a philosophia pratica da vida em que ellas estão dando apenas os primeiros passos. Quereis que sigam o caminho da moral? Abri-o com os costumes e com o exemplo, encaminhai para ella a sociedade toda, e o moço a acompanhará. O estudo da moral está nos costumes e no exemplo.

—E a educação religiosa?

—Della trataremos em artigos especiaes.

CAPITULO XII

A imprensa.—Deve ser gratuita e de propriedade da communa, sem exclusão todavia da imprensa de propriedade privada.—E' a tribuna dos povos livres, e deve ser o parlamento da communa.—Crimes de imprensa: quaes sejam.

Um povo que se governa a si, precisa de discutir os negocios da republica. Cada cidadão deve ter o direito de propor leis, de mostrar sua utilidade, de sustental-a, e a communa inteira o de discutir a sua proposta.

Um povo que exerce sua soberania é uma assembléa

em sessão permanente, que presente á todas as necessidades da communitade, não espera, para provel-as, o dia da reunião das camaras: e cada cidadão espera, e falla da sua casa. Precisa pois de uma tribuna, desimpedida e livre á toda a hora, gratuita, porque não deve comprar a dinheiro um direito que já tem como cidadão, o direito de formar a opinião publica, e de ouvil-a.

O cidadão deverá julgar como jurado em suprema instancia causas criminaes e civis, que devem ser discutidas antes da reunião do jury e formar sua opinião sobre ellas, á fim de poder dar uma sentença justa e conscienciosa. Deve ouvir os interessados fallarem da tribuna. E' -lhe pois preciso uma tribuna para dirigir a opinião publica, e para ser dirigido por ella.

Qual será esta tribuna se não a imprensa, ou o jornal?

A communa deve pois ter jornal gratuito e publico ás ordens de cada cidadão, que por elle poderá fazer propostas, sustental-as, ouvir as contra-propostas, as emendas, e as contrariedades, até que formada a opinião publica, se possam reunir os comicios a votarem.

Uma imprensa que vendesse a sua publicidade a tanto por palavra, daria o direito da governança somente ao rico, e esbulharia d'elle o pobre. Uma imprensa privada, sujeitaria a soberania do cidadão ás eventualidades de interesses particulares. Uma imprensa ás ordens do governo seria um agente do despotismo. Em fim reconhecer a soberania nacional e não lhe dar uma imprensa para exercel-a, é confiscar-lhe na pratica o que em theoria não se lhe nega.

—A imprensa publica excluirá a imprensa de propriedade privada? Não de certo: a communa que deve dar o exemplo do respeito á todos os direitos, não deve querer para si o direito do monopolio. Além de que as empresas privadas estão sempre na vanguarda do progresso.

—A liberdade da imprensa será illimitada?

—Certamente; mas os abusos que podem ter consequencias funestas, não se podem chamar liberdade. A liberdade em todas as cousas é apenas o exercicio do direito. E não ha instituição que possa ser mais funesta do que a imprensa, sahindo do direito para offender a terceiro, ou para falsear a opinião publica. Por isso não se deve consentir nem a calumnia, nem a injuria, nem a mentira.

Ha uma cousa sagrada, um sanctuario cuja devassa é uma profanação: é a vida privada, esse pudor da familia para cuja defeza foram inventadas casas, portas e janellas nas cidades, foi levantada a cabana na tribu, e a tenda no deserto.

Uma mentira pode falsear a opinião publica, e levar-a a injustiça de cobrir de desprezo quem merece respeito, ou de offender em represalia quem nunca provocou, ou pode levar a republica a tomar uma resolução funesta aos seus interesses.

Uma injuria ou uma calumnia são delictos, porque são uma provocação, e uma diffamação.

E provocação mais ultrajante é deitar no meio da praça a vida privada, e peor ainda cuspir-a com a diffamação.

Finalmente ha uma outra especie de abuso contra que convém prevenir-se. Os leitores de um jornal são os juizes das questões que se pleiteiam nelle. Admittir o contra, e não o pró, ou vice-versa, é fazer soffrer á uma causa uma sentença injusta.

Não se deve ser fautor de injustiças, por isso em todo o pleito agitado pela imprensa privada, deve esta admitir gratuitamente a resposta a seus artigos: ou não encontre questão contra terceiro, ou aceite as consequencias.

Dizemos *gratuitamente*, porque se a resposta é em defeza individual, o direito de defender-se, deve ser gratuito, e se é de principios, o de dirigir a opinião publica é um exercicio da soberania nacional, que deve ser livre á todos em toda a parte onde se tratar della.

A impressão deve ser gratuita para os individuos que discutem, salvo a indemnisação da despeza de impressão pela communa, pois esta é quem deve fazer as despezas para o exercicio desses direitos do cidadão, e ninguem deve gastar do seu em proveito da governança.

Alguem pensará que a discussão publica pela imprensa de qualquer problema administrativo alagará em impressos a communa. Que fosse; não seria por ventura o direito de cada um o de pregar a propria opinião? Impedir esse direito, seria confiscar a soberania popular. Quanto á vós, consentireis que vos suffocassem na garganta a palavra, ou que vos fizessem pagar em dinheiro uma idéa, que depois atirassem ao monturo?

Mas uma questão tem por contendores não os cidadãos; mas os principios, e os principios são poucos. Cada principio teria seu advogado sob cuja bandeira se

recolheriam os que o professassem. Não seriam pois muitos cidadãos a fallar, seriam poucas opiniões a pleitear o seu direito.

O povo quanto mais livre, menos usa da sua liberdade. E' preguiçoso, indolente : é na sua preguiça e na sua indolencia que o absolutismo tem collocado o seu throno, e tem feito d'elle um legado á seus descendentes.

A liberdade da imprensa e da discussão é o pesadelo dos governos, bem que seja apenas um esboço imperfecto da liberdade que deve dominar na communa.

Quando este mesmo esboço não é apagado por uma penalidade despotica e severa, como na França e na Hespanha, é comprado e corrompido, ou bem contrariado systematicamente em seus esforços, como no Brasil e na Italia. As folhas que pela sua importancia dirigem a opinião publica, são compradas pelo poder ou por um partido, e negam-se á publicação de opiniões independentes ; mas se por acaso ha alguma independente, o governo capricha em fazer o contrario do que ella aconselha, e que é precisamente o que a razão mandaria. Um governo deve figurar sempre como a primeira intelligencia da nação, deve tirar de si o seu prestigio, bem que com a sua imbecilidade deite a perder a causa publica. E' preciso pois fazer calar a imprensa cordata, que pode desconceitual-o perante a nação : deve pois tirar-lhe a velleidade de fallar, fazendo precisamente o contrario do que ella aconselha. E a isto se chama governar segundo a vontade da opinião publica, em virtude da liberdade da imprensa ! Em quanto no absolutismo o vosso con-

selho é som que o vento leva, na communa será pesado, aquilatado, e recebido pelo que vale.

CAPITULO XIII

O livre arbitrio.—O universo é um encadeamento de causas e effeitos necessarios, e entre estes effeitos se contam as acções humanas.—O livre arbitrio seria uma infracção desta lei, e por isso é impossivel.—Sem livre arbitrio não ha criminalidade, e sem ella a punição é injustiça.—Na penalidade criminal se deve attender somente á necessidade da segurança da sociedade, e não á vingança, nem á punição, nem ao exemplo.

Vai hoje um homem espiar seus crimes no patibulo. D'entre os actos da justiça humana é este o mais rigoroso e cruel.

Acto de justiça?! Pezemos a sua culpabilidade antes de o classificar.

Este criminoso nasceu na possilga da sociedade, de uma pobre mulher que a sorte atirou na lama dos vicios, e que alugava seu corpo para viver. Não podia dar-lhe educação; mas como fosse mãe, e não quizesse apartar-se d'elle, o deteu na possilga onde havia nascido. Sua educação foi feita por gatunos, suas escolas foram os dramas dos malfeitores e dos reprobos. Nascido com instinctos ferozes e perversos, a sua educação os desenvolveu, e acabou fazendo d'elle um completo malvado. A sua primeira profissão foi o latrocínio, e d'ahi por necessidade de officio, soccorreu-se do assassinato que o conduziu ao patibulo.

Pois que a sociedade usa da ultima severidade para com este desgraçado, tem o dever de pesar escrupulosamente na balança o seu crime.

Quando este homem veio ao mundo, não teve a liberdade de escolher a sua cabeça, nem o seu coração: trouxe os que a sua sina lhe entregou. Se nasceu máo, não foi culpa sua. Se o metteram na lama, no meio das fezes da sociedade, a culpa não foi ainda sua, foi do poder que repartindo a sociedade em castas, quiz que houvesse uma infima casta, aquella em que elle nasceu, verdadeira sentina de vicios, viveiro de scelerados.

Se a vontade de um homem é a consequencia necessaria da sua posição e da sua indole, elle não teve a culpa das suas más acções. Se por nada é responsavel, de nada é culpado.

—Mas não poderia elle ser outro nas circumstancias em que nasceu, e em que se criou?

—E' sempre util verifical-o.

Façamol-o nascer segunda vez com a mesmo indole, colloquemol-o nas mesmas, mesmissimas circumstancias, sujeito ás mesmas, mesmissimas tentações que da primeira vez, o que será a segunda sua existencia, se não uma edição stereotypada da primeira? Nem pode haver duvida, uma vez que não houve uma só influencia estranha e nova que a fizesse variar. Se assim não fosse, se daria um effeito sem causa.

Façamol-o nascer terceira, vigesima, centesima, millesima, millionesima vez nas mesmas condições, sem causa que as faça variar: a sua vida se repetirá, vinte, cem, mil, um milhão de vezes sem variar.

Este homem veio pois ao mundo a cumprir a fatalidade do seu destino; não é culpado, pois a sua vida não podia ser outra que aquella que foi. Mas não fallemos mais d'elle : procuremos um homem virtuoso por excellencia; nascido com a melhor indole que homem pode receber da natureza, nascido na casta a mais privilegiada do poder, á quem estava reservada a melhor educação possível, cujas etapas todas da vida foram triumphos de virtudes e de nobres acções, que merito teria este homem?

Se a vontade é consequencia necessaria da indole e das circumstancias, este homem não tinha merito.

Se renascesse um milhão de vezes nas mesmas circumstancias, não seria a sua vida estereotypada um milhão de vezes sobre a primeira?

E qual será o homem virtuoso ou reprobado de quem não se possa dizer outro tanto?

E não se deverá dizer outro tanto do mesmo mundo, do mesmo universo? E porque não? Se elle viesse a ser creado um milhão de vezes nas mesmas circumstancias, que duvida haveria de que se repetiria sempre o mesmo primeiro exemplar?

Qual é a consequencia logica desta verdade? Que o universo e todos os seres que nelle se contém, são uma concatenação de causas e effeitos necessarios, inevitaveis, *comprehendidas as acções humanas*: o livre arbitrio seria uma infracção desta lei. E como não está em poder do homem o infringil-a, não existe livre arbitrio.

Todos os seres animados ou inanimados estão cumprindo o seu destino. Não ha pois livre arbitrio.

—Não ha livre arbitrio!?!—me dizia uma vez um meu

companheiro d'estudos de philosophia. Eu te provo o contrario já e já. Tu ves que eu estava de chapéo na cabeça para ir passear, e teria sahido comtigo, a não ser esta questão do livre arbitrio; para provar-te que eu o lenho, e que tu tambem o deves ter, escolho outra resolução, e fico a conversar comtigo; e quando nós nos tivermos separado hoje, ficarás convencido que escolhi entre os dous alvitres, e que podia ter escolhido o alvitre que deixei. Portanto tenho livre arbitrio, porque tive livre escolha.

—O teu argumento vem precisamente provar a minha proposição, isto é a impossibilidade do livre arbitrio. Ias passear; uma causa que não estava debaixo do teu dominio te deteve. Esta causa foi o meu encontro, e a necessidade de me provares o livre arbitrio. Obedecestes á ella. Onde está o teu livre arbitrio?

—Podia não obedecer, e sahir comtigo.

—E porque lhe obedecestes? Porque foi comtigo mais imperiosa do que a causa contraria. Entre ás duas exigencias obedecestes áquella que era mais imperiosa, porque provava a tua these. Eis o que sempre acontece nas acções humanas. Entre duas ou mais exigencias que nos mandam ao mesmo tempo, obedecemos á mais imperiosa. Se são igualmente imperiosas, ficamos na perplexidade ou na inacção. Entregaríamos a escolha á sorte, se uma razão não escolhesse por nós o nosso partido. Na tua indiferença de sahir ou de ficar, ficaste para provar-me o livre arbitrio. Se teu pai te esperasse com o pé no estribo da carruagem para se despedir de ti, terias differido a questão do livre arbitrio á ou-

tro dia. Eis uma causa mais forte que te teria obrigado a agir differentemente do que agiste. Nós agimos impellidos por força maior. Esta causa, esta força maior é a *rasão de agir*. A *ratio operandi*, a razão de agir é a mola que toca o automato homem (e os animaes tambem), e quando elle pensa que poderia ter agido de outra forma, engana-se ; porque lhe faltava a causa determinante.

A força maior nem sempre é o dever: é a paixão. E que culpa tem o homem de que a paixão seja mais forte do que o dever? As suas acções são effeitos necessarios de causas necessarias concatenadas e presas á primeira formação do universo.

O que tem de acontecer está está escripto. Eis por que se um milhão de vezes se creasse o universo nas mesmas, mesmissimas circumstancias da primeira sua existencia, outras tantas vezes o homem repetiria o que já fez.

Se elle tivesse livre arbitrio, se pudesse agir no mundo creado segunda vez, de uma maneira diversa, o mundo seria diverso do que foi, e teriam variado para o homem as suas rasões de acção, e já não se acharia nas circumstancias passadas. *Mas o homem pode ter livre arbitrio somente agindo sem causa, o que é impossivel, porque não pode haver effeito sem causa.* E se o homem não tem livre arbitrio, não tem a responsabilidade dos seus actos; nem é culpado, nem virtuoso.

—Então se o que tem de acontecer está escripto, convém cruzar os braços e deixar o mundo correr, deixar que cumpra o seu destino ?

—O seu destino é precisamente o que está acontecendo. Crença geral no livre arbitrio, no merito e na

culpabilidade, affan do homem para dirigir-se e para dirigir o mundo. Sabeis o que está escripto? E' o que acontece.

Cumpra-se o seu destino, que tudo quanto correu, corre e correrá, não pôde, não pode e não poderá deixar de acontecer.

O homem que vai á força, veio a cumprir o seu destino sem ser culpado: o homem recompensado pelas suas eminentes virtudes, veio tambem cumprir um destino glorioso sem o merecer.

Não é somente o homem a percorrer o seu destino no universo, é o universo todo, como estrella que caminha e caminhará eternamente na sua orbita immutavel no céo.

Este universo com todo o seu conteúdo, comprehendido o homem, é uma filiação de causas e effeitos tão fora do seu alcance, como é fora do seu alcance o mudar a orbita de uma estrella.

Chamai um grande criminoso; interrogai-o sobre o seu crime, e na sua rasão de agir achareis uma desculpa, que provará que a culpada é a sua má indole, e a necessidade á qual obedeceu. Ora, tanto uma como outra não dependiam d'elle. A cobra não se fêz cobra a si mesma, não distilla o veneno por sua vontade, e não ataca se não por necessidade da sua conservação.

O tigre não se fez a si um estomago incapaz de digerir outro alimento que não seja carne. A punição do culpado, e a destruição das feras são outra necessidade.

O homem que viveu no crime, e que feneceu no patibulo, foi um dos milhões de seres que cumprio sua infinitesima parte de tarefa deste grande tudo chamado

universo: tanto a tarefa deste immenso ser de que é parte, como a sua tarefa infinitesimal estavam traçados desde o primeiro instante da eternidade. Se alguém é culpado, é a causa primitiva, a *causa rerum*.

Tregoa pois á maldição sobre o criminoso e á punição da justiça. Elle não é culpado do que estava escripto. E' um desgraçado digno de lastima, mandado ao mundo a cumprir um máo fado. A sua criminalidade desvanece; resta á sociedade o direito de se livrar d'elle como de uma fera, *fazendo-lhe o menor mal possivel*.

Flor, infusorio, formiga, quadrupede ou homem, é operario desta grande obra em andamento chamado—Universo.—O que sahir feito, será o predestinado. Cumpra pois cada um o seu destino; mas pelo que for cumprindo, ninguem é culpado, e' ninguem tambem é merecedor.

E preciso que fique demonstrada esta verdade, para a confecção de um codigo criminal sobre os principios da justiça.

CAPITULO XIV

O direito penal.—A sociedade não tem o direito de punir, nem de vingar, nem de corrigir o réo, nem de sacrificar-o ao exemplo.—Tem o direito da sua defesa e da sua conservação contra o criminoso.—A pena de morte é um assassinato.—A pena maior que a sociedade pode impor, não como pena, mas como defesa propria, é o desterro.—A commutação desta pena por outra, como seja a reclusão, é um acto de clemencia do poder moderador, que o réo pode recusar.

Se o homem pertence á si mesmo, donde vem á so-

cidade o direito de apoderar-se d'elle para o punir? A sociedade não pode ter outros direitos do que os que lhe transmite o cidadão, seu cliente, e como individuo nenhum tem direito sobre a pessoa de outro, não podia tel-o transmittido á sociedade. O crime não faz do homem uma cousa. A propriedade de si mesmo deve ser tão respeitada ao menos como outra qualquer propriedade. E como ninguem pôde dispor de um homem, e como para o punir é preciso desapropriar-o de si mesmo para entregal-o á justiça, a sociedade não tem o direito de o punir.

Mas supposto ainda que o individuo viesse a ser propriedade da sociedade, ella não teria o direito de o punir, porque não havendo livre arbitrio no mundo, ha desgraçados e não criminosos.

Não teria o direito da vingança, porque a offendida não é ella; mas o individuo: e quando fosse ella a offendida, ou fosse procuradora do offendido, onde não ha crime, a vingança á inadmissivel.

Não teria o direito de corrigil-o, porque a correccão é o resultado, é um acto de dominio sobre o corrigido, dominio que ella não tem. E se a correccão é um beneficio, não se pode beneficiar ninguem contra a sua vontade.

Não teria o direito de sacrificar o réo ao exemplo da sociedade, porque não é elle bode expiatorio para ser sacrificado para utilidade da humanidade.

A sociedade tem a mesma responsabilidade do individuo, assim como tem o mesmo direito, e não é por representar a somma de seus constituintes, que vem a ter

direitos que estes individualmente não têm, ou que pode subtrahir-se á responsabilidade moral de seus actos.

Que direito tem pois a sociedade sobre um réo? O que lhe dá a necessidade da propria segurança, isto é o direito de afastal-o de si; o direito de desterro em lugar onde não possa ser perigoso nem á ella, nem á outros. Toda a punição que não seja esta, é violencia, abuso de força. Para desterral-o não é preciso, nem matal-o, nem privar-o da liberdade; e como todas as fracções da familia humana devem-se entre si reciprocidade de bons procedimentos, não deve um povo enviar á outro o refugo da sua população criminosa.

Ha muito mundo deshabitado onde se mandem os criminosos a formarem uma colonia, onde possam praticamente reconhecer a necessidade do respeito ao direito dos outros, e onde se devorem reciprocamente como lobos si não se quizerem respeitar.

Destes principios resultam applicações praticas necessarias de serem conhecidas. Se a sociedade não tem o direito de punir, *a pena de morte é um assassinato perpetrado pela justiça, em nome da sociedade que tal direito não tem.* Assim como o primeiro direito do individuo é a conservação da propria vida, o da sociedade é o da sua conservação.

Eliminado de si o criminoso, não tem mais satisfação a pedir.

Este poderá pedir á ella a mercê de não ser deportado, e de ser admittido á dar prova de si para ser reintegrado novamente no seu gremio. Mas neste caso exerce ella o direito de agraciar, e não de punir: de agraciar

depois de ter-se convencido de que o réo pode ser corrigido.

Mas deste principio decorre tambem esta consequencia :

Que todo o réo tem direito á que a sua pena seja commutada em deportação, e que uma pena nunca exceda em severidade a da deportação.

Que ganha a sociedade com a correcção do réo, isto é com a sua nova educação n'uma prisão? Por ventura precisa d'elle corrigido e reformado? Precisa de sustental-o, de reeducal-o? Não, que passará muito bem sem elle, uma vez que o tiver deportado. *A penalidade pois deve ser uma prova impetrada pelo réo, para conservarse na sociedade, e não uma pena imposta por esta. Ninguém tem o direito de punir.*

A prisão é uma casa de correcção, que o réo procura espontaneamente porque a prefere á extradicação, e da qual só poderá sahir, ou para a deportação, ou para a sociedade depois de corrigido.

Corrigir é fazer soffrer, é offerecer em escolha ou o soffrimento ou o cumprimento do dever. *Toda a condemnação deve ser uma pena; toda a prisão uma casa de soffrimentos. Mas o homem deve soffrer sem ser aviltado, e toda a punição corporal avilta.* O homem que no soffrimento chamado castigo perde a sua dignidade, está inhabilitado para a honra: se o crime o não perdeu, o perdeu a pena avillante.

Uma casa de correcção é uma casa de reeducação. E' reeducado aquelle que a sociedade não educa, ou que não educou bem. Se nella o réo passa por uma

expição, não expia somente a sua falta, expia a da sociedade que não curou delle.

Antes de tomar conta á um réo de seus crimes, tomai conta ao poder do desprezo em que o abandonou quando devia educal-o.

A duração da pena deve ser em razão inversa da sua intensidade. Uma casa de correcção onde todos vivam alegre e satisfeitos não corrige. E' uma simples reclusão mui apropriada aos incorrigiveis que nunca devem voltar ao gremio da sociedade pelo mal que causam, e que devem viver debaixo de vigilancia e de tutela perpetua, e na impossibilidade de fazer o mal.

Muito se tem discutido sobre o systema das prisões, e parece que nada mais ha que ensaiar, e nem disparates a allegar.

Disse-se que eram uma escola de perversidade onde o homem ainda o menos máo, acabava por ser pervertido pelos máos.

Separaram-se os presos em classes, e nem por isso, postos em liberdade, deixaram o caminho do crime. Impediu-se toda a comunicação entre elles obrigando-os ao silencio: o resultado foi o mesmo; disse-se que se fallavam com um volver d'olhos, com um gesto, e achou-se que neste volver d'olhos, neste gesto se transmittia a perversidade.

Se fecharam em prisão cellular, n'um isolamento completo, com o trabalho em commum. Ainda o resultado não era completo; neste trabalho em commum o mal da perversidade pegava ainda. Ainda piscavam-se o olho, e isto corrompia. Isolaram-se de dia e de noite,

obteve-se emfim melhor resultado. Os que não morriam loucos, ou á falta de movimento, sahiam assaz idiotas e assaz atterrados do supplicio soffrido para não serem mais nocivos.

Passaram-se as experiencias sob as vistas de muitos philanthropos, e parece que nenhum soube interrogal-as.

Havia pois nas prisões criminosos corrompidos, grandes *mestr'escolas* que infeccionavam uma prisão toda com a sua maldade. Onde tinham elles ido buscar o seu poço de corrupção? Tinham-no em si mesmos.

Se a corrupção nasce no coração do homem, porque os outros réos não a tirariam de si? porque a receberiam delles?

A' força de isolal-os para preserval-os da corrupção foram-lhes inflingindo uma pena até ahi desconhecida, o isolamento que é para o homem, animal sociavel, a aniquilação das suas forças phisicas e moraes, a morte lenta da intelligencia e do corpo.

E a correcção foi proporcional ao soffrimento. Que soffrimento não é o isolamento? Notou-se com satisfação, e como indicio de regeneração, que o preso da prisão cellular toma amor aos seus carcereiros, aos capellães, ao director, aos empregados do estabelecimento, e a todos os homens emfim, e até ás aranhas e aos ratos da sua cella. Não consideram que isso prova apenas que o homem como ente sociavel precisa de companhia, e que a procura em qualquer ser vivo : o isolamento é o vacuo do espirito tão atterrador como o vacuo do nada. Procura qualquer companhia para não estar só neste vacuo.

O isolamento para elle é a morte.

Quando é restituído á liberdade, se espanta do que soffreu nesse isolamento, e este espanto é a unica sensação que o desperta do seu idiotismo.

Quanto ás praticas religiosas ás quaes o obrigam, nada influem sobre a sua moralidade. E' insensível á ellas na presença do soffrimento. Reza o que lhe ordenam, e o mostram dizendo:—vede como é religioso!

A que se reduz pois a grande invenção das penitenciarías? A fazer soffrer o réo mais do, que com qualquer outra correcção; a fazel-o soffrer de pèna moral e intellectual que o embrutece mais do que a pèna physica.

Se o tivessem corrigido sem o fazer soffrer, os inventores desta regeneração teriam direito ao premio. Foram crueis na pèna. Se não o melhoraram, mutilaram-lhe a faculdade de fazer o mal. Antes o tivessem conservado preso toda a vida, dando-lhe trabalho, bom trato e sociedade. Que mal teria resultado de tel-o privado pela vigilancia e pela reclusão da possibilidade de fazer o mal, sem o fazer soffrer, sem tornal-o idiota?

Uma vez que um réo não quer separar-se da sociedade, o remedio é corrigil-o. Para o incorrigivel deve haver a prisão perpetua sem soffrimento: quem está sob tutela forçada não faz mal: e ninguem ganha com o soffrimento d'elle. Para aquelle que pode ser corrigido, o remedio é o soffrimento.

As leis medem a pèna do réo na proporção mathematica do delicto. Quem disse ao legislador quantos annos, quantos mezes, quantos dias de soffrimento são precisos para corrigir um réo? Elle não o sabe, e entretanto marca a duração de uma pèna!

Aquelle réo será corrigido com poucos mezes de prisão, em quanto outro do mesmo delicto o será em outros tantos annos. A applicar-se-lhes as penas dos codigos, um terá pena insufficiente, e outro pena de mais.

Quem pode dizer se o réo está ou não corrigido, é quem o dirige. Para não perder o effeito da pena, não se deve habitual-o á ella, e por isso não deve ser ella de longa duração. Aquella marcada pelos codigos é arbitraria e hypotetica, e em geral excessiva.

A' vista das reincidencias os legisladores dizem: a pena foi curta, com mais alguns annos de prisão não teria reincidido. Augmente-se o praso da pena. E nem suspeitam que fossem effeitos da quebra deste freio, a honra, que se o delicto não quebrou, a prisão quebrou, e effeito da sagacidade apurada na meditação do carcere para escapar ás pesquizas da justiça.

A necessidade de diminuir a penalidade em certos casos é tão sentida, que para exercer esta funcção se inventou um *poder moderador*, ou arbitrario, que se confiou ao supremo magistrado do Estado. A intenção foi boa, mas a emenda foi peor do que o soneto. Armando de arbitrio um homem, e em tornandol-o senhor da vida e da fortuna daquelles que a lei condemnou, fez destes peor do que seus escravos. Assim nós vimos nos Estados-Unidos, acabada a guerra com os separatistas, o Presidente Johnson dispor arbitrariamente da sorte de mais de tres mil sublevados. Usou do poder com moderação, não podia fazer melhor uso do seu arbitrio do que fez; mas n'um paiz onde se diz que todo o cidadão é soberano tambem, vimos todos estes cidadãos *soberanos* curvarem-se adi-

ante de um, e viverem e recuperarem a sua liberdade, não pelo seu direito de viver e de serem livres: mas pela clemencia desse homem. Não se pode insultar mais as instituições livres, e aviltar mais os vencidos do que com esta clemencia de um despota.

Entendemos que não se pode estabelecer uma penalidade certa e anticipada segundo a natureza do crime, porque aquelle que commetteu um assassinato poderá ficar corrigido com uma pena menor do que aquella decretada por um furto simples. Entendemos que não é possível dizer-se de ante-mão ao cidadão que vai commetter um crime quanta pena lhe custará. Apenas se lhe poderá dizer que lhe custará a pena necessaria para a sua correcção. Entendemos portanto que *a duração das penas não pode ter por regra fixa a gravidade dos crimes, e que deve ser arbitraria segundo as provas de emenda que der o condemnado.* E' pois preciso um poder moderador; mas este poder não deve estar na mão de um homem; deve estar na mão da communa representada pelos comi-cios. Quem deve a sua vida e a sua liberdade á communa, não a deve a ninguem, ou a deve ao seu direito. Quem é agraciado por todos os seus concidadãos reunidos, não é humilhado por nenhum delles. *O poder moderador deve estar na communa.*

O ex-condemnado das nossas sociedades é sempre tido como um malvado. Será bom homem; mas ninguem o conhece se não pelo seu crime; por isso é fugido e des-honrado por sempre. A menos que não deixe patria, nome e passado para ir em terras longinquoas a ser julgado pela sua vida nova, a honra que perdeu não o retem

mais do crime. Está habilitado para commetter quantos queira, uma vez que tome suas precauções para escapar ás garras da justiça.

Esta deshonra é a causa principal das reincidencias, e a justiça é quem lhe a dá. E' preciso mandar o ex-condemnado em outro paiz, com nome supposto para que possa rehabilitar-se.

Mas na communa, onde um réo é um membro desvairado da familia communal, onde é conhecido de todos, onde a maior parte das vezes homem de boa indole, ou nunca tão máo, como a sociedade figura ser todo o condemnado, na communa que o absolve, e que o declara corrigido, rehabilitado está.

No desterro tambem rehabilitado está, porque não tem de corar na presença de outros seus iguaes, e tambem tem o incentivo á sua correcção no pundonor de provar que os desterrados tambem podem viver em sociedade regular como homens de bem. Os desterrados de Botany-Bay confundiam-se tanto com os colonos que niuguem distinguia uns dos outros.

Fica entendido que a pena correccional deve ser apenas a sufficiente para corrigir o réo, e que a reclusão perpetua, não tendo por fim se não a segregação, não deve ser uma pena, mas uma tutela vigilante sobre o réo julgado incorregivel, para que não seja nocivo nem aos seus companheiros, nem á sociedade da qual foi segregado.

Eis em que deve consistir a penalidade, que não degrada, que não avilta, que respeita a dignidade humana, e a mais proveitosa ao réo e á sociedade.

Se a justiça encarregada de velar pela segurança da

sociedade deve afastar della quem a pode perturbar, ou corrigir quem a perturbou, mais nobre encargo tem ella em prevenir os delictos. E' justiça preventiva de que vamos tratar.

CAPITULO XV

Os preservativos dos crimes são: 1.º a educação pelo exemplo e pela moral: 2.º a infallibilidade da pena: 3.º a policia popular.—Nem o rigor da pena, nem a religião não os impedem.

Prevenir a perpetração dos crimes é um dever da sociedade: precede a necessidade de punil-os. O primeiro preservativo está nos costumes. A criança ao apparecer á luz do dia acha bom tudo quanto encontra estabelecido. Aceita pois usos, costumes, e religião até. Sejam a probidade e os bons costumes a sua religião, e andará dous terços no caminho do dever. Quando adquire o uso da razão, se tiver tendencia para o vicio, ameaça-o com a deshonra, com a pena da inferioridade social, á qual anda annexo o desprezo publico, e o contereis no dever.

Quando vedes um homem que luta toda a sua vida sem descanso para erguer-se acima da sua classe, sabeis o que mais o affiige nesta lide? A sua inferioridade. E' o pesadelo do homem civilisado, é uma pena sem igual, é uma pena moral, bem preferível á privação da liberdade por seus effeitos, e cuja ameaça é um codigo. E quem na sociedade não está ameaçado della? Quem não tem sobre a cabeça suspensa esta espada de Damocles? O temor do desprezo publico, é o sentimento que dá a honra,

e serve de educação. Mas para que o homem o tenha é preciso lh'o infundir com a cultura. E educam-se porventura todas as castas sociaes? Ha desgraçados que infelizmente nascem no desprezo publico, e aos quaes a honra é vedada. São os que se chamão infima plebe, condemnada ao aviltamento desde o seu nascer, já deshonorada no ventre materno. Elles não tem honra á perder, não tem inferioridade á evitar: criminosos ou virtuosos, são sempre desprezados pela sua condição.

A educação não os ergue, não os habilita, não lhes dá dignidade, porque não têm meios para se educar. A educação não é para elles.

Este preservativo dos crimes falta-lhes. Mas quando se tornarem criminosos, e que a sociedade lhes tomar contas, elles terão o direito de tomal-as por sua vez á sociedade, e de perguntar-lhe: que educação nos deste? Nos privastes de honra e dignidade ao nascer: como querieis que as conservassemos?

A honra se ensina ao menino pelo exemplo, e se explica pela educação. E' mais facil e mais util enxertar este sentimento no coração do jovem, do que a fé: este sentimento deve substitui-la. O sentimento da honra é aquelle que mantem o dever na sociedade.

Quando o homem educado tem adiante de si o crime que o convida, recua espavorido ao lembrar-se que a sociedade o observa de dia e de noite, com seu olho invisivel, como o olhar de Deus, e que no seu silencio lhe diz:—cahe, deixa-te seduzir, e eu te lançarei ao desprezo.—Eis porque a criminalidade é quasi nenhuma entre os homens

instruidos e educados. O estudo moralisa porque enxerta n'alma o sentimento da honra e da dignidade.

—Outro preservativo dos crimes é a infallibilidade da pena. Se todo o réo tivesse a certeza de que o seu crime fosse punido, ainda que moderadamente, não o perpetraria.

O commette sempre na quasi certeza ou na esperança de escapar á pena, ou pela fuga, ou apagando seus vestígios. Para haver infallibilidade de pena, é preciso que seja descoberto qualquer crime. Para isso é preciso uma boa policia: e não ha boa policia sem a vigilancia de todos. Mas a policia official, que perseguindo a liberdade como um crime, ou por necessidade de officio exercendo a propotencia, torna-se detestada de todos, que auxilio pode esperar de quem a teme e a despreza?

Na França um terço da população está occupada a denunciar as aspirações de liberdade dos outros dous terços. Quasi em toda a parte a policia official é o sicario armado ás ordens do poder politico, ou da prepotencia que se torna um costume, e que por costume persegue. Quasi em toda a parte ella representa uma filiação tenebrosa superstite á destruição da inquisição clerical ou politica. Não pode reconciliar-se a benevolencia e a cooperação dos homens honestos. E' o genio do mal, que os afugenta.

O seu nome faz estremecer tanto como o do salteador que ella anda caçando. E' um nome maldito pelo anathema. Purificar-se ella pelas boas obras não lhe é mais possivel: ninguem a acredita emquanto conservar esse nome.

—Na Italia já lhe o mudaram, chamão-a *Questura*.

Para não ser odiosa, para rehabilitar-se, para não ser prepotente e sicaria, deve ser a vigilancia de todos, exercida e apregoada a descoberto aos quatro cantos da praça. Essa não surprehenderá o criminoso em flagrante; mas com isso prevenirá o crime. A policia do poder impede a policia popular: servindo este ou a prepotencia, serve pouco a segurança publica.

A policia official quer dar-se importancia: é jactanciosa: conta poucas victorias, e occulta suas derrotas. Que-reis ver quantas são estas? São em proporção dos crimes. E como crimes não faltão, a policia é insufficiente. Qual é o criminoso tão acautelado que poderia escapar á policia popular, isto é á vigilancia de todos? Qual é o selvagem que escapa á policia da tribu? Reuna-se a communa toda em associação de segurança publica, e terá policia preventiva.

Poderá um réo fugir de uma communa á outra; mas o telegrapho anda mais depressa do que elle. E não houvesse telegrapho, como em outro tempo não havia, não seria por sahir da communa que o criminoso escaparia. A communa é uma parochia de uma cidade, nada mais. Por fugir um criminoso de uma parochia á outra, não se mette em segurança.

A intensidade da pena não previne os crimes. Ninguém os commette se não com a quasi certeza de escapar á ella, e por isso o numero dos crimes é proporcional á esta probabilidade, e não têm proporção com a intensidade da pena.

A pena de morte não impede a deserção quando a posição de um exercito a favorece, nem a insurreição popular, quando se tem a probabilidade de que a nação toda se insurja e triumphe.

A experiencia até provou que onde a pena de morte é mui frequente os delictos que a provocam o são tambem.

—E' opinião corrente que a religião previne os crimes. Se os sacerdotes são os conselheiros do bem, se são os instituidores que educão a mocidade no bom exemplo, exercem um officio emprestado. Não é preciso ser sacerdote para o exercer.

Depois, a religião não é sempre a pregoeira da moral, e ainda menos das virtudes civís que devem ser inculcadas na mocidade. O officio de bom conselheiro dará credito á religião: mas não é á religião.

O ministro de Deos é uma entidade, e o instituidor e o conselheiro do homem é outra entidade distincta. E nem sempre os seus misteres são compativeis um com outro.

Todavia como é crença geral (como muitas outras que se aceitão sem exame) que a moral religiosa ensinada pelo sacerdote, além de ser á mais perfeita de todas, é indispensavel na sociedade, e sendo este um erro, entraremos nesta questão á bandeira solta.

Quando se vê o sacerdocio vir de Roma tão somente para apoderar-se da educação scientifica, litteraria, moral e religiosa da mocidade, se está disposto a agradecer estes apostolos da civilisação, e pensa-se que sobejando obreiros de civilisação no seu paiz, vêm empregarem-se em proveito da nossa humanidade.

Mas quando se vê a profunda ignorancia e estupidez do povo que abandonão nos Estados Pontificios, onde apenas tres pessoas sobre cem sabem ler e escrever, e onde a criminalidade é proporcional ao saber, tem-se o direito de desconfiar de tanta sollicitude.

—Porque não cathechisam os seus antes de sahirem á cathechisar os estranhos? Os seus?! Estão cathechizados; são ignorantes; mas crentes, é quanto basta.

Que vem pois ensinar á nossa mocidade esses enviados da Curia romana? elles que deixaram os seus na ignorancia? Vem passar a crença de envolta com a apparencia do saber. Se dissessem que vêm ensinar a crença, ninguém os quereria.

Tem-se dito e repete-se como um dogma que não admite replica, que a religião, ainda que fosse um mytho, seria uma necessidade para conter no dever e povo rustico.—E o civilizado?—Oh! esse não precisa della.—E porque consentis que haja povo rustico? Porque o não civilisaes todo? Deverá pois haver duas crenças: uma para o rustico, e outra para o sabie!

A crença é precisa, não para conter o povo no dever; mas para contel-o na obediencia da casta sacerdotal e do poder.

Para avaliar a influencia da religião sobre o homem, estudemos aquelles homens que não tiveram outra educação se não a fé, isto a crença, o temor em Deos, e a submissão ao sacerdote.

O Beđuíno é um bom crente: reza e faz suas abluições religiosamente tres vezes por dia, jejua todos os 30 dias do Ramadan, e mata e rouba qualquer infiel, qual-

quer cão de christão, com a satisfação de quem cumpre um dever grato á *Allah*. Verdade é, que isso o não impede de fazer outro tanto á um seu irmão em crença, fosse elle um Derviche. Se isso é peccado, elle se entenderá depois com Deos. Deos é tão bom! ..

O peão mexicano tem um rival em amor: de emboscada, ou em duello leal o mata. Não é o direito de cada um desembaraçar-se daquelle que se lhe atravessa adiante no caminho de seus amores? Na cidade não será assim; mas no deserto assim é. No deserto o costume é a sua lei, a paixão é a sua justiça. Morto o rival, a paz está feita: o amarra sobre um cavallo, e o leva á 10 ou á 12 legoas de distancia, com risco de cahir n'alguma escolta. Perguntai-lhe onde o leva, e porque o leva. Vos responderá que o leva á enterrar no cemiterio, em terra sagrada, porque um christão não se enterra como um cão em qualquer lugar.

Chegado ao cemiterio, esvasia em mão do padre a *guayaca* dos duros que ella contém, e recommenda-lhe que sejam convertidos fielmente em missas pela alma do finado. E cumprido este dever, volta com a consciencia satisfeita de quem fez uma justiça, que coroou com uma obra pia: volta satisfeito á seus amores, e embriagado nelles, nem mais volve o seu pensamento ao passado. Eis um christão *irréprochable*.

Se ha peccado no homicídio, a misericordia de Deos é infinita, nem é preciso toda para se perdoar o peccadinho de enviar para a celeste bemaventurança um christão uma hora antes da marcada. Depois não estão ahí as missas em resgate do peccado? Quanto ás leis da honra

de lá da cidade, e ás penas do código, são umas importunas de que não vale a pena occupar-se, uma vez que Deus se dê por satisfeito. O verdadeiro juiz é o confessor. Outro qualquer é intruso. Cumpre-se a' penitencia, faz-se acto de contrição; que mais é preciso?

Eis um bom christão, e scelerado ainda melhor. De certo não é o conselho do confessor que o faz assassino; mas o é apesar do conselho.

Contava-me uma vez um padre que andou muitos annos nas campinas do Sul e do Estado Oriental, que no meio d'esses Beduinos dos Pampas chamados Gaúchos, era sempre respeitado logo que sabiam que era padre.

Viajando elle um dia, vio despontar ao longe no horizonte uma nuvemzinha de pó. Elle logo comprehendeu o que era. A nuvemzinha foi-se engrandecendo, e tornando-se menos espessa, até que tendo chegado mais perto, deixou ver dous cavalleiros que vinham sobre elle á todo o galope.

Sem se encommodar com esta apparição, foi elle seguindo tranquillamente seu caminho, e quando já estavam sobre elle, descobrio-se para enxugar o suor do rosto, e mostrou, como sem querer, a corôa. Esta exposição foi um talismão, que os fez estacar de repente como se ficassem encantados. E depois de terem fallado um com outro baixinho, atravessaram-se-lhe adiante, e o fizeram apear.

—Que me quereis? perguntou-lhes o padre.

—Que nos confesseis, reverendo, disseram elles.

Elle os confessou, os absolveu, e depois lhes recom-

mendou que mudassem de vida, porque sem isso de nada lhes serviria a confissão.

—Serve-nos de muito, reverendo, uma vez que nos absolveis. Liquidamos uma conta depois da qual tem-se mais animo de abrir conta nova, se for preciso. Nunca é bom dever muito, mesmo á Deos: e saldar as contas de vez em quando, é sempre dever de todo o homem honrado.

Quem como nós está arriscado de um momento á outro á *fazer viagem* por um tiro, por um couce, ou por uma *rodada*, deve sempre andar com Deos com suas contas em regra mais do que com qualquer outro. Aqui tendes reverendo, pelo vosso trabalho, (deram-lhe quatro patações) e Deos vos guarde.

Eis aqui dous bons christãos, a quem faltava, apenas para serem homens de bem, não furtar no jogo e não matar. Com isso provariam que a religião preserva o homem do delicto.

O salteador calabrez escolhe alguma Nossa Senhora da sua devoção para que a proteja em suas empresas, e lhe dá sociedade nos lucros. Quando está satisfeito della, a surprehende agradavelmente com algum presente extraordinario para mostrar-lhe que não é ingrato. Que lhe mande bons freguezes, e que o livre dos carabineiros. é quanto basta. Quando elle morrer, será Nossa Senhora uma boa advogada junto á Deos. Um peccador previdente sempre deve conservar junto de Deos um bom advogado. A Mãe pode tudo sobre seu Filho; por isso esse peccador não podia escolher madrinha e advogada melhor do que a sua *Madonna*.

O Tartuffo da sociedade, o tratante que espolia a viuva e o orphão, que logra aquelle que nelle confia, o intrigante e o calumniador em segredo e sem responsabilidade, vai á missa todos os dias, se confessa todas as semanas, e bate nos peitos de joelho e com a fronte no chão. Esta devoção não é hypocrisia. E' necessidade. Seus peccados são muitos, e se maiores commetter mais penitencia deve fazer. Assim pensa o crente. Mas como tambem paga aos Santos o dizimo do que furta, resgata assim com obras pias o seu peccado. E se no ajuste de contas com Deos, lhe ficar á dever algum saldo, será tão pouca cousa, que qualquer poucachinho da misericordia infinita bastará para o pagar.

Eis aqui o Beduino, o Peão Mexicano, o Gaúcho do Pampa, o Bandido Calabrez, e o Tartuffo da sociedade civilisada, excellentes crentes, e scelerados ao mesmo tempo, sob a salva-guarda da religião, com a qual se entendem e transigem por intermedio do sacerdote. Dar bom conselho é officio de instituidor de meninos, e de amigo. Tirai do sacerdocio esta parte, que é uma appendice emprestada do seu officio, e o que ficará? Ficarão o padre só ás voltas com a ameaça de Deos. Ameaça terrivel é verdade; mas que não surtindo effeito no arrependido, pela infinita misericordia de Deos, não lhe dá cuidado. E se o sacerdote disser que não ha perdão, que não ha misericordia, a ameaça fará precisamente o effeito contrario ao desejado, porque dirá o peccador:—Perdido por cem, perdido por mil. Tenho liberdade de fazer o que bem me parece, desde que pertenco ao diabo.

Entregai pois o crente ao sacerdote, e se não tiver outro temor que o da justiça divina, se não tiver o da justiça humana e da deshonra, tereis um scelerado tão incorregivel como um beberão antigo.

Dizemos que o sacerdote como conselheiro do bem é um intruso em officio alheio. Se por uma parte aconselha a caridade (e ha caridade publica sem ser á requisição do sacerdote) aconselha tambem a intolerancia religiosa, os exterminios da noite de S. Bartholomeo; as dragonadas, as guerras de religião, os assassinatos á um Ravallac e á um Jacques Clement, e os recentes assassinatos de Barletta. Quanto ao mais, estes actos de loucura feroz são de todos os fanaticos de qualquer religião. E para elles, justiça humana, opinião publica, principios de honra, são desvarios de incredulos: tolerancia religiosa, é uma cumplicidade disfarçada entre hereges para dar cabo da religião. O direito a respeito de crença, sem o qual a propria vida do sacerdote não estaria segura, são impiedades que devem ser exterminadas com a heresia. O unico dever são os excessos que o fanatismo religioso ordena. O verdadeiro juiz e conselheiro é o sacerdote; a honra, a opinião publica são intrusas nos negocios da consciencia. A vista disso é claro que o conselho do sacerdote não pode ser util ao crente, em quanto não se desprender da religião para conformar-se com a moral universal, que é a religião do descrido. A religiãc só por si, forma o Beduino, o Vaqueiro Mexicano, o Gaúcho do Pampa, o Bandido calabrez e o Tartuffo da sociedade civilisada. Muitas vezes aconselha o mal, e se o não aconselha, o perdoa.

Queremos que o sacerdote se faça apóstolo da moral universal, queremos que não furte o filho do judeu á seu pae para fazel-o christão, que não furte a herança á seus successores legitimos, descontandol-a com o moribundo com lettras pagaveis á vista no paraizo, queremos que não esconda a moça em conventos em proveito de uma especulação religiosa, enfim que não sacrifique o direito individual e o collectivo da sociedade em proveito e para engrandecimento da sua instituição, e da sua casta.

Se a educação sacerdotal anda sempre acompanhada destes conselhos, que frequentemente se traduzem em realidade, como lhe daremos a preferencia sobre a leiga? Como diremos que a religião é uma necessidade para a educação do povo?

O sacerdocio tomou o privilegio exclusivo do ensino da moral; mas a moral não é a religião, e nós temos visto que as duas nem sempre andão de accordo. A moral reprova a delação e nós vimos a inquisição sustentar-se por ella, e ordenar ao crente a traição e a denuncia do pai, do irmão, do amigo e do bemfeitor. A moral ensina a tolerancia religiosa, e os crentes das diversas religiões se exterminarião reciprocamente se os deixassem fazer.

A moral está escripta na consciencia de todos, em quanto que a religião é uma revelação. O atheo tem moral e não tem religião. O sacerdocio reunindo ao ensino da religião o da moral, cobrio a religião do respeito devido á esta, ganhou em autoridade. Com effeito a religião é tida por veneravel pela moral que ella apregoa, e que não é bem della. A lenda religiosa só por si não te-

ria tanto prestigio para avassalar a humanidade á casta sacerdotal. Foi por se confundirem religião e moral, que se attribuiu áquella o aperfeiçoamento moral do homem produsido por esta. Separae uma da outra, e podeis ter scelerados bem religiosos, como descrentes bem moralisados. E na sociedade civilisada e morigerada, estes formigão. Si não se dão á conhecer, é porque não querem brigas com intolerantes, interessados na sustentação da sua profissão, ainda que de boa fé.

A razão não tiraria partido disputando com a fé.

—Seria a religião que tornaria máos os scelerados da Arabia, do Mexico, do Pampa, dos Abruzzi, ou da Europa catholica?—Não: assim como não fez bons os chamados *atheos, impios, descrentes e companhia*.

A moral principia a ter influencia sobre o menino um pouco tarde; mas o exemplo do bom procedimento elle o aproveita desde que entra no uso da razão. A moral não faz mais do que explical-a, como a grammatica explica a lingua, que o menino aprendeo da mai.

Assim, se o exemplo e a moral universal não ameliorarem o homem, a religião o não ameliorará, nem prevenirá os crimes.

CAPITULO XVI

O direito de successão não existe.—Deve ser supprimido em proveito da Communa, respeitando todavia o direito de propriedade do homem em quanto vivo.

Os que não têm esperança de possuir, nem de herdar, é provavel que nunca fossem chamados á fazer

leis, e menos ainda aquellas que regulão a successão. Estes homens em todos os tempos forão os desherdados de todo o direito e de todo o poder.

Estas leis não contestadas pelo povo, que aceita sempre sem exame o que lhe vem das altas regiões do poder ou do saber, recebidas como a execução de um direito pelos ricos a quem assegura o uso da sua propriedade ainda além do tumulo, e consagradas pelo uso secular, têm formado um direito ficticio, seguindo seus effeitos ao par do direito real e verdadeiro.

Se o pobre hoje reconhecendo nestas leis uma fraude em seu damno, se lembrar de atacal-as no asylo das classes privilegiadas com as armas da discussão, alevantará contra si um vespeiro de inimigos poderosos que o repellirão como um bandido que hastea o pendão da guerra social.

Não somos nós nenhum tresloucado que se compra em deitar o terror no meio da sociedade, levantando na praça uma bandeira encarnada com este distico ameaçador escripto em lettras negras: *La propriété c'est le vol*. A propriedade é um roubo.

Prestariamos um serviço assignalado ao despotismo, como já o prestou o inventor desta sentença, obrigando a sociedade á refugiar-se sob a protecção do manto imperial de um despota.

Além disso, respeitadores da verdadeira soberania popular, deixamos-lhe até a liberdade de ser injusta com sigo mesma, se isso for seu beneplacito.

Tentaremos porém de desmascarar uma injustiça que sempre trouxe a mascara do direito, afim de que se saiba

o que ella realmente é sob essa mascara, e o valor que merecem seus protestos na formação das leis relativas á successão.

—O homem morto não pode possuir, nem querer.—A morte o priva do que possuía, assim como a chegada no mundo do recém-nascido, ou a sua entrada na vida pode lhe dar posse.—A posse e a vontade suppoem a vida.—A morte priva o homem do que possuía, e lhe mata a vontade.—Um morto nada possui e nada quer, não pode exercer direito civil, e nem mesmo o de paternidade.

Como pode, depois de morto, distribuir a propriedade que foi sua, impor condições para a sua distribuição, mandar que depois de fruida por um herdeiro, passe á mão de outro, que venha a pertencer á perpetuidade a um terceiro, e que reparta seu usufructo com um quarto? Este é o exercicio de um direito civil, que suppõe a immortalidade em quem o exerce, e não a morte. Como pode um morto exercer direitos civis á perpetuidade?

Que importa que elle desse suas ordens de successão (testasse) em quanto vivo, se a distribuição deve ser feita quando a propriedade já não lhe pertencerá?

Morrer um homem, e ficar superslites a sua vontade e o seu direito de propriedade, e seus direitos civis, esvoaçando nos ares á dar destino á seus bens, será poesia, será uma hypothese; mas direito não é. Vontade e direito expiraram com a sua vida. Mas se vivem ainda, se o finado ainda vive nelles, aceitem-se as consequencias.

Um morto, como se vivo fosse, poderá guardar a propriedade de seus bens, mandal-os administrar por sua

conta, e conserval-os á perpetuidade, ou cedel-os á outros que não os seus successores naturaes, como se o morto vivente fosse. Tudo isto se pode determinar n'um testamento, e prolongar a determinação á perpetuidade. E' um exercicio de direito de propriedade posthuma. Quem possui pode guardar a sua propriedade, ou dál-a á quem quizer.

Achaes isso absurdo? Então o finado não possui, e quem não possui não pode dispor de propriedade alguma. Então absurda tambem é a consequencia, que é o testamento que manda dispor della. O direito de successão exclue o de propriedade do testador. Portanto um testamento é um instrumento nullo.

Bens de defunto ficam ao abandono; são do evento. Pertencem á communa. São um imposto sobre os que possuem e que de nada precisam. E' o imposto o mais justo o mais equitativo que pode haver.—E quem são os que possuem e que de nada precisam? Os defuntos. Antes de se recolher este imposto, nenhum outro seria legitimo. Taxem-se os defuntos primeiro, e os vivos depois. A sociedade deve ser mãe de todos, e não mãe de uns e madrasta de outros. Deve pois educar os filhos dos pobres como os filhos dos ricos; e como tratar igualmente á todos elles, se não criar com o dinheiro do rico os filhos do pobre? Estes são tambem os successores da geração que vai finando. *Assim a successão deve servir á communa para educar a sua mocidade.*

Tal é a utilidade das consequencias desta reforma, que se ella não fosse um direito, poderia classificar-se uma necessidade.

O celibatario que tivesse accumulado quanto bastasse para assegurar-se uma velhice commoda, largaria a pá do trabalho para outro necessitado.

Os paes atolados na riqueza, não deixariam seus filhos na pobreza a mendigar-lhe submissamente uma esmola, até chegar o dia da despedida do mundo, que os separasse da sua burra de ferro, e dos filhos.

Distribuiriam seus bens em vida, entre esses filhos, deixando n'uma companhia de seguro quanto bastasse para uma commoda subsistencia pelo resto de seus dias.

Os filhos não esperariam (bem que silenciosa e respeitosa) a sua morte para viverem vida folgada. A avareza dos veihos paes força os filhos á esperarem a sua retirada deste mundo com uma tal ou qual satisfação que não dezejariam ter.

Os ricos que tivessem compromissos de gratidão a pagar, não esperariam de o fazer com um testamento.

Com estas artes privariam a communa da sua herança; paciencia: mas ao menos fariam bom uso em vida da sua riqueza. Com os descuidados se enriqueceria a communa pelo volver dos annos. E que mal haveria, que feita ella mão morta, viesse a absorver quasi toda a fortuna privada? Que mal haveria que a communa viesse a ser propriedade da communa em vez de vir a sel-o do sacerdocio?

Se essa nossa doutrina revolve dos seus alicerces legislação, usos e costumes existentes, dará ao menos estabilidade aos que funda na justiça que é immutavel.

CAPITULO XVII

O Codigo civil.—O Codigo commercial.—O Credito.—O Jury em materia criminal e civil.

Um codigo civil, como uma constituição, pode reduzir-se á um folheto de poucas paginas.

Sem elle passavam os antigos Assyrios, Babylonios, Egypcios, Judeos, Gregos e Romanos; sem elle passam os povos d'Oriente e da Asia, as tribus d'Africa e d'America, e nós o temos em volumes interminaveis.

Com que se encheram elles?—Com o direito.—Donde se extrahio este direito?—Da consciencia humana.

Que necessidade havia pois de trasladar-se este material inesgotavel da sua mina onde estava guardado, para esses armazens chamados codigos? Que vantagem houve nessa remoção?

—Houve a vantagem de se ter o direito á mão para se prover á todas as contingencias possiveis nas transacções sociaes.—Todavia parece que nem todas estas contingencias estão previstas. Vejo dous tribunaes darem sentenças oppostas n'um pleito. Certamente se dá isso porque este pleito não tem seu representante no codigo.

A lei diz aos juizes:—Aqui tendes o meu livro: todas as contingencias das transacções civeis estão previstas, escolhei: fora d'elle não ha mais nada a procurar: o armazem da consciencia, onde na sua infancia os povos não escolher suas decisões, está fechado: a consciencia é muito arbitraria: dava decisões ás vezes lesivas á um dos contendores, em proveito do outro. Temos dirigido a consciencia. Aqui neste codigo, tudo é marcado por ta-

rifa; cada um já sabe d'antemão o que deve fazer, e o que lhe custa não fazer o que aqui está escripto.—

A lei promette isso tudo, e depois falta: ha casos que não tem analogos, e a mina da consciencia está fechada: é preciso applicar-lhe os não analogos. Um tribunal escolhe um delles, outro tribunal escolhe outro. Eis ahi duas sentenças injustas. Se as consciencias fossem convocadas á decidir a questão, dariam uma sentença só. Estariam de accordo, porque a consciencia é uma só em todos.

Estas duas decisões provam uma cousa; que ambas são injustas, e que entre ellas ha uma lacuna que deveria ser occupada pela sentença justa. Assim em virtude do codigo, o juiz não pode prescindir de praticar uma injustiça, que o oraculo da consciencia no seu julgamento não proferiria.

Se os grandes codigos determinam ás vezes injustiças irremediaveis, porque fazel-os? Porque impedir que a consciencia dê livremente a sua sentença nos casos mais complicados e nos menos obvios? Porque pôr no codigo mais do que os principios geraes do direito, e as suas applicações mais usuaes? Deixai a consciencia julgar nos mais casos, e não haverá duplicata de julgamento.

Por isso a fim de que um codigo civil seja justo, é preciso que seja simples, de poucas paginas, providenciando o ordinario de todos os dias, e deixando á consciencia todos os casos os mais complicados. Antes o arbitrio della que é livre, do que a decisão dos tribunaes presa á dous artigos, ambos inapplicaveis ao caso vertente.

A contradicção que resulta da sentença de dous tri-

bunaes, representa, como dissemos, uma lacuna sensível entre dous artigos do código. E se attendermos a que as contingencias possíveis são tão innumeradas como as combinações possíveis das letras do alphabeto, veremos que não é possível um código perfeito, e que por pretencioso que seja, sempre terá mais lacunas do que casos providenciados. Poderia ser perfeito, somente sendo infinito, ou quasi infinito. Para ser perfeito deveria transfundir-se nelle a consciencia humana. Nesse caso deixe-se esta em seu lugar: sendo preciso, abram-se as portas do seu oraculo, e *haja mais consciencia e menos código.*

Nos códigos tambem ha muitas questões que não deveriam nunca ter tido entrada, como são uma boa parte das questões commerciaes, que podem proteger-se por si mesmas com um pouco de providencia. Se assim se procedesse, ficariam simplificadas as transacções entre individuo e individuo, e não se precisaria de leis que as regulassem, e que lhes dessem as garantias que seus autores principiam por desprezar. Basta que a lei dê protecção á propriedade quando não se pode proteger por si.

Por exemplo:—Um homem tem um capital morto que não lhe produz, e quer fazel-o produzir. O apresenta nesta mesa de jogo chamado commercio, e o empresta: a quem?—A um jogador do commercio, e sujeita seu capital aos azares do seu jogo. Ora no jogo ha ganhar e perder: se perde, invoca a lei contra o jogador.—Quem arrisca não tem direito de queixar-se se perde.—Mas dirá elle:—O jogador foi ladrão; diz que perdeu, e furtou.—Se foi ladrão *matriculado*, hade ter preparado uma *quebra*

casual: não ha mercador que a não possa preparar muito de ante-mão. E se a necessidade o fez ladrão no fim da sua má fortuna, do seu máo jogo, elle é mais innocente do que o primeiro. Se um pouco de negligencia na sua escripturação a tornou duvidosa, bem que innocente, será julgado culpado. A quem pois vai ferir a lei? Ou o innocente, ou o menos culpado.

—E porque?—Porque o capitalista despresou as mais comesinhas precauções para guardar a sua propriedade; porque tendo arriscado no jogo, perdeu.

—Mas como deverá elle assegurar o seu capital?

—Não o fiando á ninguem.

—Então é inutilisal-o; é impedir o commercio, e os lucros que d'elle resultam; é varrer o credito das transacções commerciaes.

—E que necessidade ha de credito quando existe o capital? Que necessidade ha de um cidadão sem dinheiro jogar o dinheiro alheio, quando o dono do dinheiro o pode jogar elle mesmo?

Aquelle que se senta á mesa de jogo com as algibeiras vazias, toma o lugar e o dinheiro emprestado d'aquelle que tem o bolso cheio de sequins, e que fica de fora por falta de lugar. Se perde, lá se vai o alheio: se ganha, nada lhe custou. Eis um homem feliz, que só pode ganhar e nunca perder. Pode fazer com vantagem concorrência á quantos têm que perder.

Ha outros, cujo sequim vale tres e quatro vezes o sequim do visinho. São os bancos, que com o valer de um garantem dous e tres. Benzem o seu dinheiro na gaveta onde fica, e o tiram multiplicado em papel estampado.

Toda essa gente com o seu credito faz guerra de concurrencia ao capital, até obrigar-o á capitular: depois que capitulou, lhe faz o favor de acolhel-o na sua gaveta, e dá-lhe a esmola de um pequeno valor. Em boa mão fica elle depois da sua capitulação: quantas vezes deixa de voltar ás mãos de seu dono!

Se ninguém fiasse, o ouro teria um valor subido, e ficaria o campo livre á seu dono para aproveitar-lhe o valor. Não haveriam processos por bancarota, nem protestos de letras, porque não as haveria, nem haveria nenhuma contenda por causa de liquidação de contas. Não haveria estas crises commerciaes periodicas, grandes liquidações do credito, das quaes pagam os prejuizos os que tem o ouro, e que o emprestaram aos que o não tinham. Quem não tem que perder entra em concurrencia com quem tem, e nem ganha e nem deixa que este ganhe. O capitalista não é ordinariamente empresario; mas pode, sem emprestar o seu dinheiro, associar-se um empresario. Se no desmoronamento de um grande capital o empresario sem fundos tiver salvado alguma cousa para si, terá feito um negocio excellente ou sempre melhor do que aquelle que entrou no commercio com dinheiro. O culpado das grandes crises commerciaes é o codigo, que permittindo e dando protecção ao credito, torna-se cúlice do logro dos tratantes. Quereis ver acabar com as crises commerciaes, e com ellès a bancarota? Em vez de fazer leis protectoras do credito, fazei a unica declaração seguinte:—*Devedor nenhum poderá ser costringido a pagar o que deve.* Então cada capitalista protegerá o seu capital, não o fiando a ninguém. Não fallamos aqui

das commanditas como devedoras, porque nas suas empresas os accionistas entram como especuladores e capitalistas. Supprimido o credito, e limitado o commercio entre poucos capitalistas, ficará assentado em bases solidas, e dará maiores lucros, sem que o publico pague mais caro o que compra. Porque, quem paga as quebras dos tratantes? O publico no alto preço das fazendas. Sem caloteiros, as fazendas barateiarão, porque o vendedor não as sobrecarregaria com a porcentagem de prejuizos que costumam dar-lhe.—*Acudir cada um com o seu dinheiro á todas as especulações lucrativas, eis em que deve consistir o commercio, e para isso não se precisa de codigos commerciaes, nem de credito.*

Quanto ao mais, empréstimos sobre penhores, empréstimos aos Estados, receber dinheiro de uma parte para entregal-a á outra, nada disso é commercio; não é se não translação de propriedade. São contractos ordinarios de que deve occupar-se a legislação civil em geral.

O credito é uma invenção que tem por fim enriquecer os que nada possuem, arriscando o que é dos outros, e fazer-lhes concorrência com damno proprio e alheio: é uma insidia armada ao capital, é um jogo entre dous, em que o capital sahe de uma só algibeira.—E' evidente que a probabilidade de lucro está só da parte de quem entra só com a sua industria.—E' o jogo illicito por excellencia. Quem não tem que perder, não deve arriscar o alheio.

—Alguem nos dirá que queremos matar o commercio.

—Não; pelo contrario: queremos fundal-o sobre ba-

ses seguras, e restituir ao ouro o valor que o credito lhe tirou.

Sem a abolição do credito, estas liquidações geraes por bancarota que se succedem á cada decennio, continuarão sempre.

Ha sómente um freguez seguro em cuja mão pode-se entregar sem risco qualquer valor. E' a communa. Ella vive eternamente, eternamente produz, e eternamente paga. Herdeira de quasi todos, será a mão morta que absorverá pouco á pouco todos os valores. E que mal haverá em que a communa venha a ser propriedade da communa?

Quanto ao commercio, não cria valores, e por isso não os criam nem o credito, nem o ouro. Elle apenas favorece as permutações, ou as vendas, e esses não são titulos para que a legislação lhes deva a protecção de um codigo especial. Muitas vezes convem renunciar aos beneficios de uma legislação, para não soffrer a coarctação da liberdade que é inherente á ella: uma lei é um remedio, que desenvolve uma molestia para curar uma maior; mas se elle desenvolver uma equivalente ou maior daquella que é chamado a curar, deve-se renunciar á elle. Deixae que a natureza cure, ainda mais que os males do commercio e da sociedade não são dos que matam. Quanto menos leis, melhor; o indio passa sem ellas, e não sente a sua necessidade.

Proteja cada um a sua propriedade contra a astucia; basta que a lei lhe a proteja contra a violencia.

—Se prohibirá pois o credito?

—Não: tambem seria a coarctação de uma liberda-

de: da liberdade do jogo do commercio: da liberdade de cada um arriscar com 99 por cento de probabilidade de perder. A' ninguém deve ser prohibido deitar fora o que tem. A lei não lhe deve protecção neste máo negocio, nem perseguir os que d'elle se aproveitam. Supprimido o codigo commercial, simplificado o codigo civil, e mesmo o criminal, se tornarão frequentes os problemas que não tem resolução nesses codigos, e portanto os julgamentos arbitraes.

—Quem será o juiz arbitral em taes julgamentos?

—Um tribunal de suprema instancia, o unico que pode ter arbitrio, a communa, tendo por jurados os comicios.

—Mas o povo não é jurisconsulto.

—O povo illustrado é o melhor dos jurisconsultos, porque julga de consciencia. E o povo da communa o será. Na antiguidade, na tribu de hoje quaes eram, e quaes são os juizes?—O povo. Para julgar questões desta natureza, eis o que deve ter um juiz jurado: consciencia recta, bom criterio, e perfeito conhecimento do facto que vai julgar. Um povo tem sempre a primeira e a segunda dessas qualidades. Quanto a terceira deve surgir da discussão ampla pela imprensa pró e contra até esgotar-se a discussão. Sem a tribuna da imprensa, franca á todos os cidadãos que devem discutir antes de levar uma opinião nos comicios, não ha liberdade, nem justiça, nem governo popular.

O direito é doutrina que todos entendem sem estudos profissionaes previos. Mas se esses estudos são precisos, os advogados do pró e do contra ensinarão o povo

discutindo como no jury criminal, e formarão opinião publica que se tornará tão competente como o melhor juriconsulto. Em todo o caso um erro de consciencias honestas será menos frequente, menos funesto e mais legitimo do que a corrupção de um juiz.

Cada cidadão não tem um codigo na sua consciencia? Em o consultando á cada necessidade, acertará melhor, depois de ampla discussão, do que os compiladores dos grandes codigos julgando sobre casos ficticies.

CAPITULO XVIII

A liberdade.— Nasce com o homem, é sua guia: ella o preserva da anarchia.— Anarchista é o poder que lhe a confisca para substituir-se á ella.— A liberdade é planta que pode viver somente na tribu e na communa.— Na liberdade vive a igualdade.— O domestico deve ser o igual do amo.— A mulher não deve sujeição ao homem.— Somente a criança a deve ao tutor em quanto se desenvolve nella a rasão.

Os selvagens d'America, d'Africa, e d'Australia, os mais degradados da raça humana, nascem, vivem e morrem, sempre usando da sua liberdade, e entretanto diz-se que o homem civilisado, este que desde o primeiro dia da creação deixou seu irmão nos bosques para correr na vereda do progresso, não está ainda preparado para usar della. Diz-se que a liberdade dá-lhe a anarchia!

A anarchia não vem do uso da liberdade, vem da confiscação della ao povo; como da guerra de aggressão vem a guerra de defesa. O Botocudo d'America, o

Gallas d'Africa, o Papou da Oceania, esses selvagens mais ferozes e embrutecidos do mundo, usam amplamente da liberdade para manter a ordem na tribu.

Mas se a civilisação exige a suppressão da liberdade, renuncie o homem ao seu beneficio, volte ao estado selvagem, que a chamada civilisação não vale a liberdade que custa. Civilisação sem liberdade é mar sem agoa: não é civilisação, é progresso material, progresso nas artes, nas sciencias e nas letras. Ella é o triumpho do direito sobre a força bruta, é a liberdade de todos em acção, sem que o despotismo de um venha a embaraçar a liberdade de outro.

Um despota pode justificar o seu despotismo com esses disparates em falta de melhor argumento; mas que dizer do povo que o applaude, que proclama com elle a propria degradação, que repete com elle:—não estamos ainda promptos para gosar da nossa liberdade. Viva a mão de ferro que nos opprime?

Este povo perdeu a consciencia da propria dignidade, precisa de ser regenerado para figurar decentemente na humanidade.

O indio da tribu está na posse de toda a soberania de si mesmo. Ao pé d'elle está o seu lar, a sua tribu, que elle mesmo protege e defende de accordo com os seus irmãos. Ao redor d'elle, até onde o horisonte emenda com a abobada celeste, não ha quem o domine. Respira com ufania o sentimento do *Eu* livre, independente e soberano. Se alguém lhe dissesse que um caçador, que um Nemroth se avisinha por vereda occulta á submettel-o,

iria ao encontro d'elle como vai ao encontro do tigre, e o mataria, ou morreria sob o fuzil do caçador.

E o homem civilisado nasce na sociedade como canario de gaiola. Ao seu nascer nem tem a consciencia da propria escravidão, e recebe como mercê, como generosidade do poder qualquer pouco de liberdade: esta é um quinto elemento de que elle não tem idéa, e agradece á quem lhe concede um pouco, pelo bem que lhe faz. Mas o instincto reclama o seu direito, sem nem elle suspeitar que exista um direito. Dae-lhe um pouco de liberdade, pede mais, dai-lhe mais, ainda vos pede. Como satisfazel-o? Dai-lh'a toda, que é a sua propriedade.

Então cessará de pedir, e de revoltar-se para havel-a; não será mais o anarchista, será o guarda fiel do seu direito, e do direito da tribu. Assim não sendo, quem é o anarchista?—Elle, ou quem o escravisa? O civilisado que foi respirar na tribu e na floresta o elemento liberdade, que nunca havia conhecido na gaiola onde nascera, satisfeito da sua nova existencia, recusa-se de jamais voltar na gaiola. Não é de admirar que se deixe ficar; admiraria se voltasse.

Na sociedade não se pode dar um passo sem receio de tropeçar n'uma prohibição: já nem se sabe mais o que é licito e o que defeso, já se perdeu até a consciencia do bem e do mal. O bem e o mal são um canhamação de leis que se ignoram.

Na liberdade da natureza, tudo lhe é licito, menos o que é prejudicial ao visinho, e que tambem não se queiria para si. Na communa o homem não teria por prohi-

bido se não aquillo que elle mesmo se prohibio a si em proveito della.

Na liberdade da natureza o homem não conhece nem superior, nem inferior. O homem que encontra, se não é inimigo, é irmão. Não tem que perguntar ou advinhar na feição d'elle á que casta pertence, se á do poder, alto ou baixo; se á da nobreza alta, ou baixa; se á da pobreza, alta ou baixa, ou se é algum scelerado disfarçado. Não tem que compor o semblante e a palavra á cathegoria, do seu interlocutor, com risco de passar por uma decepção, tratando um pobre como um rico, um servo como um senhor. Na liberdade da tribu ou da communa todos podem tratar-se em *tu* como Cesar e Pompeo. Tanto na tribu como na communa o homem não é humilhado pela superioridade do poder; guarda pois intacta a sua dignidade, e a dignidade está na sua frente: dissereis ao ver o indio que nasceu para rei. Não tem idéa de homem superior á elle: trataria em *tu* o proprio rei, ainda em o conhecendo: ninguem é mais alto collocado do que elle na soberania de si mesmo.

Nada possui se não a herança de seus avós: espaço e liberdade, e olhará com desdem para as vossas riquezas e para vossas sociedades effeminadas.

O cidadão da communa deve ser assim mesmo: não possuirá se não o seu trabalho, a sua industria; mas com ella não invejará a riqueza de ninguem, porque o seu braço bastará para lhe dar o sustento e a independencia.

Ha gentes que nós estamos tão acostumados á tratar como nossos inferiores, que difficilmente lhe dariamos assento ao nosso banquete da igualdade.

E' o domestico, a mulher e a criança.

Ora, o domestico creado na igualdade do saber na communa, que vem fazer em nossa casa? Que parte toma em nosso trabalho?—Cuida do nosso serviço domestico, do qual nós não podemos cuidar por falta de tempo que nos absorve o nosso officio. Em que será elle inferior á nós? Em nada, porque todo o genero de trabalho com que licitamente se ganha a vida, é igualmente honrado. Portanto o domestico é nosso igual.

Respeito á mulher, emquanto ella for a propriedade do homem, emquanto for *subjecta viro*, não será livre nem sua igual, ainda que o homem a colloque no altar. Mas em nome do direito e da civilisação ella deve ser tão livre e independente como o homem. Muitos philosophos querendo libertal-a, entenderam subtrahil-a á dependencia do homem dando-lhe uma profissão da qual podesse tirar a sua subsistencia. Imaginarão de fazer della advogada, medica, tabelliôa, guarda livros, e não sei o que mais. Estragaram-a fazendo della um homem, e não ficou sendo nem homem, nem mulher. Subtrahirão-a ao dominio de um marido para submettel-a ao dominio de todos, á profanação da praça, do fôro, do escriptorio, do archivo, da taberna. Deixassem-a livre de si, e não a entregassem a um homem, feita sua companheira official á perpetuidade. A mulher pertence tambem a si mesma. Se ha dominio licito de um ente sobre outro no mundo, deve ser o dominio da mulher sobre o homem. E' lei da natureza. Vós a fazeis vossa escrava, e ella vos domina á vós e á vossa força: vós sois o captivo della, vós, vossos teres, vossa vontade, tudo. Mas ella, despota

de vós, vos faz feliz : só não vos fará, se for vossa escrava pela lei do matrimonio. Então vos fará feliz sómente á medida que tiverdes a habilidade de fazer-lhe esquecer seu cativo, á medida que deixar de ser vossa mulher para ser vossa amante. Ella vos fará feliz se deixardes que seja o que a natureza a fez, a andorinha de amor, aninhando-se sob o vosso tecto quando ella quizer, e conservando a liberdade de soltar o vôo para outra região, uma vez passada a estação dos amores. Cativa contra a lei da natureza, ella é a inferior a do homem: restitui-lhe a liberdade, ella é sua superiora, mais do que sua igual.

Respeito á criança, não se lacha de certo ao nivel do homem, porque em quanto a sua razão não estiver completamente desenvolvida é um ente não de todo racional. Impossibilitado de prover á si, deve zelar sobre elle o amor dos progenitores, ou em falta deste, o cuidado da communa. Este cuidado deve ir diminuindo á medida que a razão se desenvolve, e que toma o seu lugar. E' preciso que o menino fique gradualmente homem, e aprenda á sel-o. Quando a sua razão lhe vae servindo de guia, deve o instituidor deixar de guial-o pela força: apenas o dirigirá pelo conselho. Ha homens que são crianças toda a vida porque os pais nunca consentiram que fossem homens. São estes que sahiram da tutela paterna para se casarem, ou em idade quasi madura entregues ao mundo.

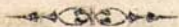
Cahem sob a tutela da mulher ou do amigo pelo longo habito e costume em que estão de obedecer e de deixar os outros pensarem por si. E' preciso acostumar cedo a criança a pensar, a querer e a prover á si mesma.

Em quanto estiver sob a direcção de um instituidor, será o canario de gaiola, inhabilitado á soltar o vôo no espaço. Nesta condição nem pode adquirir o sentimento da liberdade e da independencia que são a nobreza do homem.

Ainda mais miseravel e abjecto ficará, se pela educação o aviltarem com castigos corporaes. O homem nasceo para a liberdade, e deve ser educado nella. Quem não sabe governar uma criança pela palavra e pelo castigo moral, está inhabilitado para instituidor. Quem usa da violencia com a criança, ensina-lhe a violencia. Ensina-lhe a desrespeitar os outros, assim como desrespeitaram elle.

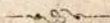
A sociedade educa mais do que o instituidor. O menino de 12 ou 14 annos traquejado nella, será homem mais depressa do que o collegial de 20 annos. Ora se a sociedade educa melhor do que os pais e os tutores, mais depressa se lhe entregar o moço, melhor para este. Terá ganho tempo sobre a sua virilidade, e gosado antes do tempo da sua liberdade e da sua independencia.

Liberdade pois para todos: egualdade entre todos. Liberdade e egualdade entre o amo e o domestico, entre o homem e a mulher, entre o homem e o jovem que dá os primeiros passos no mundo. Amo, domestico, mulher, creança, todos os entes humanos não são senhores de si? Se qualquer um delles fosse submisso ao outro, a raça humana deixaria de ser livre.



SEGUNDA PARTE

COSTUMES.



DUAS PALAVRAS DE INTRODUÇÃO.

Nem todas as verdades se dizem.

Não ha pensador ou philosopho, que não esconda no fundo da sua consciencia algumas verdades por elle descobertas no exame dos costumes e da religião.

—Porque as esconde elle como uma má acção?

—Porque os mais prudentes lhe repetem:—*Nem todas as verdades se dizem*; e porque vê serem apedrejados pela injuria, cuspidas pela calumnia, perseguidos pelo clamor da sachristia e pela populaça fanatisada, os que têm a imprevidencia de deixal-as entrever.

A mentira domina a sociedade. Falsa deosa do paganism, coberta de europeis, é levada em triumpho, arrasta apoz de si a procissão das gerações viventes, vê ajoelharem-

se por conveniencia na sua passagem os mesmos campeões da sua rival, a verdade, e do alto do seu triumpho lançalhes o desafio.

E' certamente muito audaz, e bem nescios, ou corrompidos são os que servem á sua impostura.

Não queremos ser desse numero para não partilhar com ella a sua cumplicidade. Nunca professaremos a maxima:—*Nem todas as verdades se dizem.*

Qual será a verdade que não seja feita para o homem? Ou haverá privilegiados admittidos aos seus segredos, como aos mysterios do Egypto, e turbas estupidas repellidas para a ignorancia? Haverá duas crenças: uma para os privilegiados da intelligencia e do poder, outra para a vil plebe? E porque haverá vil plebe? Por que não serão os homens todos privilegiados da intelligencia? E para fruir da verdade será preciso ser privilegiado? A tribu selvagem respira largamente o ar puro da verdade a fartar-se, e nunca suspeitou que fosse preciso para isso um privilegio. Nunca disse: *Nem todas as verdades se dizem.*

Quereis desfazer-vos da verdade, assassinal-a? Impossivel: ella é incorporea, e immortal.

A fechareis n'um carcere? Ella é toda a luz, escapará pelas frestas.

A estrangulareis para que não falle? O seu pensamento saltará no cerebro do homem, invisivelmente, sem ter sahido da sua boca sob forma de palayra.

Queimareis seus escriptos? As letras ficarão reluzindo como fogo depois que o papel tiver sido reduzido á cinza. E conspirará permanentemente contra a mentira.

Quereis a paz? Deixai que a verdade governe as instituições religiosas e os costumes, como deve governar as politicas e sociaes, e bani a mentira como indigna da sociedade e de governos honestos.

A luta entre as duas rivaes é a guerra entre os principios sociaes, entre os costumes, entre as religiões, luta que representa todas as revoluções. E quereis que a guerra espalhe a paz ao redor de si? A historia vos refuta.

A querer que a guerra acabe, bani uma das duas rivaes. Qual das duas escolhestes para banir? A verdade. *Nem todas as verdades se dizem*, apregoaes vós. Sempre a conservastes banida, e a guerra tem continuado.

E nós queremos que a verdade triumphe. Não se trata de um capricho, trata-se da paz do mundo: com a verdade trata-se de fazer triumphar a justiça e a liberdade.

Pouco importam estas personagens ao poder que não precisa dellas; mas dellas precisa a humanidade inteira que não é poder. Ella precisa que a verdade governe o mundo para que com ella governem a justiça e o direito.

A sentença: *Nem todas as verdades se dizem*, deve ser substituida por est'outra: *Todas as verdades devem echoar como o trovão dos céos para que todos as conheçam: devem ser as conselheiras da vida, o vade mecum da humanidade.*

Por honra da humanidade e para tranquillidade da sociedade deve ser proscripta a mentira de toda a instituição.

A verdade deve ser proclamada alto e bom som, á toda a hora no gabinete, na praça publica, adiante da donzella e do velho que gastou sua vida no meio das peripecias do mundo. Os ouvidos que não forem acostumados á ella, que se temperem á força de ouvil-a, até que lhes seja indifferente. As novas gerações devem acostumar-se á ouvi-la desde a infancia. Então ella não será um escandalo. Devem acostumar-se á viver no ambiente da realidade que a natureza lhes preparou, e neste ambiente não deve haver segredos para privilegiados. A natureza nada fez que deva ser prohibido. O escandalo vem da prohibição do que é licito, proclamado pela sentença:—Nem todas as verdades se dizem.

CAPITULO XIX

A decencia.—O pudor.—A moralidade dos costumes, e a libertinagem.

A decencia é um artefacto da educação, e não uma qualidade innata do homem. Ha povos que não a conhecem. Se fosse innata, como a consciencia do bem e do mal, dominaria a humanidade toda por meio de seus costumes. Se ella domina a Europa *civilisada*, muitos povos do mundo não estão sujeitos ao seu dominio.

A pudicicia é a perfeição da decencia: mas nem uma, nem outra não representam a innocencia. Deixam antes entrever a malicia.

Uma menina ingleza, perfeitamente educada, é o typo do pudor. Tal a fez a educação. Se fallardes perante ella de camisas ou de calças, de pernas ou de coxas, ficará vermelha de vergonha como um camarão, e se

retirará para não ouvir vossa conversa indecente. Se ella tiver uma erysipela n'uma perna, não penseis que o diga ao seu medico: dirá que está doente do pé: se elle quizer saber a verdade, terá de a perguntar á mãe, ou á aia, ou á outra qualquer pessoa da intimidade della.

Esta menina veste as pernas do seu piano com calções. Perna núa, ainda que de piano, desperta ideias horrorosas de lubricidade.

Para esta Miss não existem no corpo humano se não pés, mãos, braços e cabeça: quando muito tolerará que haja um pescoço. Tudo o mais é incorporeo, sem forma palpavel nem visivel, e portanto não tem camisa, nem calça, nem fato que deva lembrar taes indecencias.

Se liverdes de contar na sua presença que uma se nhora está grávida, o que lembraria um ventre, direis que se acha em estado interessante, ou de esperança. Interesse e esperança não tem nada com a barriga; não a podem assustar. Fará que não vos entende; e se não vos pedirá explicação, tambem não se retirará da vossa presença.

Sabeis o que são *coprolithos*? São escrementos fossilisados de animaes ante-diluvianos. Interessam o naturalista, porque na sua forma se vê a forma do intestino que lhes servio de molde, e nos seus fragmentos não digeridos, os alimentos de que se nutria o animal. Achaeis nestas pedras alguma cousa de indecente? Não de certo. Pois para o pudor de uma ingleza é muito indecente. Miss Maria Anning, á quem a geologia deve muitas descobertas feitas nos arrabaldes de Lyme-Regis sua cidade natal, tinha na sua collecção um *coprolitho* enorme de

Ichthyosauro. Era a perola do pequeno museu de Lyme-Regis. Mas o pudor inglez prohibia á proprietaria de mostral-o. Depois de ter feito o giro da collecção, entrava-se no salão. Miss Anning retirava-se, e um criado trazia sobre uma salva, coberto de uma toalha mui alva, a peça prohibida, que punha sobre uma mesa. Não se levantava a toalha se não depois de retiradas todas as senhoras. Dir-se-hia, que homens estavam para entrar n'um banho.

Quem n'um objecto d'estudos, como um coprolitho, descobre uma indecencia, anda a cata das indecencias em todos os mais objectos, o que não é occupação muito decente. E não hade viver mui satisfeito, rodeados como nós estamos da animalidade alheia e da nossa mesma.

A' este typo de pudor vou oppor outro tirado de um paiz lambem altamente civilisado.

Uma menina japoneza, donzella como essa menina ingleza que emprega o seu tempo em vestir as pernas do seu piano (e crede-me que em toda a parte ha donzellas), offegante de calor por um longo passeio dado nas ruas de Yeddo sob um sol ardente, passando por uma praça onde ha um repucho d'agua cristallina, despe-se sem cerimonia como quem está sozinha, e deita-se n'agua á refrescar-se, sem dar fé de quem passa. Verdade é que tambem os transeuntes pagam-lhe a indiferença com indiferença, e não fazem mais caso della do que fariam de um ganço, de um pato, ou de qualquer outro palmipede.

No Japão onde a nudez não é indecencia, quasi que não ha indecencia. O mesmo acontece entre ás tribus

africanas, americanas e oceanicas. Para esses povos todo o corpo é cara.

La passando pelas ruas de Yeddo a embaixada ingleza em caminho para o palacio do Taicum, quando correram para a rua em tropeis os banhadores das casas vizinhas de banho, homens e mulheres á ver de perto a embaixada. Todos elles estavam cobertos apenas da sua innocencia.

O Japonez não entende que a natureza tenha feito cousa indecente, e não sabe explicar-se o porque as mulheres europeas andem com cara, mãos, braços e pescço á mostra, e escondam com tanto cuidado o resto, que é tão indifferente como aquellas partes.

O Dr. Livingston recebeu uma vez debaixo de uma arvore a visita de uma rainha negra, mocetona bem feita, bella desta belleza da estatuaria antiga, e que vinha trajada unicamente da sua formosura. Trajo este que perturbou um pouco a austeridade do santo missionario. A Côte desta rainha não lhe cedia em simplicidade de trajo.

Vi indias na tribu dos Puris no mesmo trajo da rainha negra, todas enfeitadas de braceletes e de collares de vidrilhos e de dentes e de unhas de bichos, com ademanos distinctos, tão senhoras de si, e tão soberbas, como marquezas ou duquezas vestidas de ricos brocados n'um baile de Côte. Nunca se julgariam vestidas indecentemente.

Ora, entre a Miss ingleza, que sente arripiarse-lhe as fibras ao simples nome de uma calça, e a japoneza que como uma criança, nem suspeita a innocencia da sua nu-

dez, para quem todo o corpo é cara, a quem daries, leitor, a palma da innocencia? Eu a daria áquella que não sabe haver indecencias no mundo.

O pudor é um cosmetico da alma da mulher, e um producto da arte. Serve a perfumar-lhe a alma como os cosmeticos servem a perfumar-lhe o corpo. Mas ambos são um artificio que serve a excitar o desejo adormecido, ou desperto do homem. E' um artificio de loureira, que de certo não deve ser recommendado pelos austeros moralistas. Nós que não somos moralistas, que não temos a pretensão de governar as cousas do instincto, não o condemnamos. E' a mostarda da concupiscencia: quem a quizer a aceite da mão da mulher.

As graças escondidas pelo pudor têm um valor subido que lhes dá a imaginação. Já não são mais carnaes, são espirituaes, ethereas, poeticas, romanlicas, acendem um amor que a poesia é ainda impotente a descrever. Se estivessem á mostra, valeriam tanto como valem na tribu. Quanto valem lá ellas? Valem tanto como um quarto de anta para quem tem fome.

O *veto* sobre ellas accende o desejo, que passa a delirio: para conseguil-as o homem vende a sua liberdade á perpetuidade á mulher. E' o melhor agente do casamento na nossa sociedade. E' o prato de lentilhas de Esaú, que se paga, não com o direito de primogenitura; mas com a propria liberdade.

A nudez habitual serve melhor a castidade do que o pudor. E os moralistas se benzem á vista della.

Entre os indios da America e os negros da Africa, não se conhece este amor louco de poesia e de romance,

descripto por Chateaubriand, e outros, que nunca visitaram a tribu. Ninguém na tribu daria todo o que possui, por pouco que fosse, para obter favores que pode ter de graça, e de que talvez ficará enjoado amanhã.

Se o socego da libidine acompanha os bons costumes, é preciso satisfazê-la. E o pudor com e seu *veto* o excita. Serve á entreter perpetuamente a libidine. A satisfação della é o melhor conselheiro conhecido dos bons costumes. E' ella quem faz do velho um modelo de moralidade.

O pudor excitando a concupiscencia, e offercendo em satisfação a mulher desejada sob condição de perpetuidade de servidão do homem á mulher, e da mulher ao homem, é o melhor medianeiro conhecido deste logro reciproco chamado casamento. A mulher sob o pudor esconde a impudicicia. A guarda pará vendê-la por atacado ao homem á quem diz:—“Aqui me tendes: sou vossa á condição que o serei por toda a vida.” A mulher que faz esta proposição ao homem será por ventura mais pudica do que aquella que disser:—“Aqui me tendes: sou vossa em quanto ambos o quizermos?”

As subditas da rainha Pomaré, que não tendo a nossa civilização, não tinham tambem o refinamento da pudicicia, e não faziam mysterio de seus faceis amores, como cousas licitas que eram, ao chegar na baía um navio europeu, deitavam-se á nado para tomal-o de abordagem, ás vezes antes que desse fundo. Offerciam-se como refresco á tripulação sequiosa. Não achavão nisso cousa censuravel.—E como achal-o n'um recreio que não faz mal á ninguém?

A creada de um missionario protestante estava se enfeitando para ir á um desses assaltos, quando a ama, mulher do missionario, senhora muito honesta, e grávida de 6 mezes, lhe exprobou a sua impudicicia.—“ E sois vós, senhora (respondeo a creada olhando para o ventre da ama), que me quereis prohibir os meus gostos? Vós que estaes farta? „—

Os habitantes das ilhas, de Owahii depois da entrada dos missionarios, tem sido tão dizimados pelas molestias, que a sua raça se acha quasi extincta. Não a extinguiu de certo a impudicicia e a *libertinagem* (pois este é o apellido que se dá ao amor livre, sem previa licença *superior*), pois sempre gozaram delle. A extinguiu a *civilisação* com a sua syphilis, com a sua aguardente, com seus costumes.

A indecencia, a impudicicia e a libertinagem são o contrabando do amor. Quereis extinguir o contrabando? Deitae abaixo a vossa aduana, restabelecei a liberdade do commercio. Os culpados do contrabando sois vós, intitulados moralistas; os primeiros libertinos sois vós que excilae a concupiscencia que dorme, para especulardes com ella: a primeira das indecencias é a vossa fiscalisação sobre as cousas do sexo, a vossa licença e o vosso *veto*. Deixae á humanidade a innocencia da tribu.

A tribu não conhece nem impudicicia, nem libertinagem, porque não tem repartição fiscal onde mediante um tributo, se converta em decencia e em honestidade a indecencia. Na tribu a liberdade do mor tem o perfume da innocencia, porque ninguem suspeita que possa ser cousa vedada, ou que haja mal nella.

E' preciso restituir á humanidade a sua innocencia natural do amor e dos costumes.—Como? Apregoando o que ora se chama *libertinagem* no homem, e *impudicicia* na mulher?—Não; basta deixar ir os costumes ao reboque do instincto, sem os prender ao passado pelas leis. A natureza não deu por instincto a decencia, e por isso não sabe o que é *libertinagem*.

Quereis ver o que succede indo ao reboque do instincto? Visitai os Estados-Unidos, e vede a moça americana, a prima da pudica Miss ingleza que não tem corpo. Esta moça logo que chega á idade da razão, é senhora de si, é livre como um estudante, ou como o ar. Sahe á hora que quer do dia ou da noite; leva a chave do seu aposento, volta quando quer, acompanhada de quem bem lhe apraz, e ninguem lhe toma contas. Ella conhece os perigos do mundo, sabe tudo, não mostra ignorar cousa alguma, e é melhor protegida pela sua desenvoltura, do que sua prima da Inglaterra pela sua pudicicia. Procura um marido: escolhe o homem que lhe agrada, e faz ella só os gastos do namoro, porque o Yankee anda muito atarefado na caçada do dollar para ter tempo de namorar. Deixa-se apenas pescar ao anzol da esperta moça.

Ora, qual é o resultado de tão oppostas educações como a da pudica Miss ingleza, a da desenvolta Miss americana, a da mais desenvolta filha de Owahii, e da innocente filha de *Zippon*? E' o mesmo para todas: é aquelle que decretou a natureza: todas ellas cumprem igualmente o seu destino no mundo: embellezam a vida do homem, e fazem filhos. Bem valia a pena dar tanta

belleza de pudor á filha d'Albion que tem de perdela n'uma noite de noivado, para ir confundir-se com todas as mulheres, mesmo as selvagens, n'um destino commum.

Não mettaes mão nas obras de instincto, porque as estragareis. Ellas são perfectas, não precisam de correção.

Quanto ao valor do acto, excitar a concupiscencia por meio do pudor, é obra de libertinagem. Reduzir á servidão reciproca um homem e uma mulher por meio da concupiscencia excitada, e sanctificar esta servidão com o nome de sacramento, é tyrannia, immoralidade, logro e sacrilegio.

—Alguem nos perguntará se queremos supprimir a pudicicia do meio da sociedade.

—Responderemos que não: queremos somente expurgal-a do que ella tem de ridiculo na sua exageração, de insidioso como meio, de attentatorio á liberdade humana como fim, de hypocrita e de sacrilega como da parte de quem vem recommendada.

A pudicicia é a poesia do amor, é a civilização da paixão, é a embriaguez da sensualidade; deve ser cousa nossa, de nós os *libertinos*. Aos moralistas que ordenam o celibato, ou o casamento em ultimo recurso, pertence a distribuição do amor material, animal, sem alma, do amor frio, morto, privado de toda a sensualidade, que seria um peccado. A Roma dissoluta de Nero, com seus amores materiaes, brutaes, publicos, impudicos, não nos pertence: pertencem á quem faz do amor um escandalo consagrado, e uma exageração do acto conjugal proclamado ao som da trompa.

Queremos a pudicicia, porque queremos o segredo tambem nos amores ; queremos a pudicicia, porque divina o amor, o purifica de toda a sua animalidade ; queremos em fim a pudicicia, assaz pura para não servir de prato de lentilhas de Esaú, nem de armadilha de loureira para captivar um homem á uma mulher por toda a vida.

Não concluiremos este capitulo sem mencionar uma outra qualidade de decencia : ella nos provará que a decencia é um capricho convencional e variavel no seu objecto segundo os costumes.

Os Wahabitas não tem por indecencia nem os actos sensuaes, nem as cousas que tenham relação com elles. A sua indecencia não é o sexo ; é o cachimbo ; os seus condemnados não são os libertinos, são os fumadores, *os que bebem a cousa vergonhosa.*

Tudo quanto se pode imaginar de vergonhoso e de indecente, não é nada em comparação ao uso do tabaco. Mr. Palgrave perguntou a um santo Wahabita qual era o maior dos peccados.

—“ O maior dos peccados, respondeu elle, depois do polytheismo, é o uso do tabaco. „

—“ Mas o assassinato, o furto, o adulterio, o falso testemunho, a calumnia ? „

—“ Oh! respondeu o arabe: tudo isso é nada. Deos é misericordioso: esses são peccadinhos, o unico peccado mortal pelo qual não ha misericordia no céo, é o do cachimbo. „

Quanto a mim estou na duvida se nós tenhamos razão, ou se elle a tenha. O cachimbo e o charuto são cousas contra a natureza mais do que a nudez. To-

dos nós nascemos nós; mas ninguem nasce de cachimbo na boca.

CAPITULO XX.

O celibato.—E' uma instituição em opposição ao preceito de Deos.—E' a suppressão de uma funcção natural, suppressão que é um soffrimento que a ninguem aproveita.—Seus effeitos.—Deve ser abolido.

O sacerdocio de todas as religiões, á força de dominar as consciencias de seus crentes pela ameaça dos castigos terriveis de Deos, fez acreditar que Deos é um ente cruel, que só se satisfaz com os soffrimentos da humanidade, e até com holocaustos de sangue de victimas. Esta é a origem dos sacrificios cruentos e incruentos, e entre estes ultimos figura o celibato.

E' innegavel que o celibato é um sacrificio como a fome, como a sêde, como todo o impedimento á satisfação das funcções naturaes.

Por isso, ainda que a tradição biblica, que é o fundamento do christianismo, nos conte que Deos ordenou ao homem e á mulher de crescer e de multiplicar, o catholicismo fez do contrario uma virtude.

—*Crescite et multiplicamini*—disse Deos: e o papa diz:—Para seguir o caminho da perfeição deve-se guardar a castidade absoluta. Para ser bom catholico (e quem não terá obrigação de o ser?), deve-se pôr em segurança a castidade.—E como?—Fechando-se em casas de orações ou conventos, e renunciando á propagação da especie. O estado de liberdade e de matrimonio seria pois um

abuso, visto que a perfeição deve ser obrigatoria para todos. A humanidade deve separar-se em duas turmas: uma de homens, e outra de mulheres, e cada turma deve fechar-se em seu claustro á entreter-se em obras pias, e apagar com o cilicio e com a disciplina o fogo da concupiscencia.

Não é esta a perfeição? Dispensar d'ella a humanidade, é dispensal-a do dever.

Mas se o papa manda que o homem e a mulher guardem a castidade, em quanto Deos manda que multipliquem a especie, a quem deveremos obedecer? A' Deos, ou ao papa? Se á Deos devem-se abrir as portas dos conventos, e deixar que todos sahiam á cumprir o preceito do *crescite et multiplicamini*. Se ao papa, é encerrar n'elles o catholicismo todo.

Nesta incerteza o Concilio de Trento intervem, e amigo da Curia romana como é, declara que o celibato, sendo uma perfeição, deve ser imposto á gente da igreja; mas tambem não querendo desgostar a Deos indo de encontro ao seu preceito, e querendo antes dar-lhe uma satisfação por tel-o infringido com a instituição dos claustros, ergue o matrimonio á santidade de *sacramento*. Assim diz:—é bom casar-se; é cousa santa o matrimonio; mas é melhor não casar-se: o celibato e a castidade são tambem cousas santas.—Como entender isto?

Parece que quando sancionava esta contradicção estaria ausente da sala ainda que temporariamente, o Espirito Santo.

Seja como for, visto que Deos é bom, e que se contenta com tudo, visto que aceita como válido tanto o sal-

vo-conducto do matrimonio, como o do celibato, á nós pertence a escolha de um dos dous estados.

Bem que a vida de casado tenha suas tribulações, nella não ha tantas nem tão duras como nos claustros; não ha a abnegação da propria vontade em mão dos superiores, não ha cilícios, jejuns e todas essas pequenas torturas que agradam á um Deos que se compraz dos sofrimentos (bem que improficuos), da creatura humana.

No lar domestico não ha intrigas de gente desoccupada, e concentrada em si mesma; não ha rancores, nem odios monasticos, nem tédio de um pensamento unico, o de Deos, que embruteça a intelligencia, como toda a idéa fixa e unica, e que conduza á loucura.

Não ha prisão perpetua, nem combate sem treguas entre a concupiscencia que reclama os seus direitos, e o voto de castidade que lhe os disputa. Se com o salvo conducto do casamento se vai tambem para o céo, porque escolher o do celibato e do claustro que custa tão caro? Não consta que elle dê direito a melhor lugar nas espheras do Paraiso, nem que leve a ellas mais depressa. Antes, os sacerdotes nos dizem que no inferno ha frades, freiras e até papas. A' contas feitas é uma loucura soffrer para chegar em concurrencia com aquelles que se regalaram na vida.

Por isso, homem ou mulher que faz voto de castidade, e que se entaipa na prisão de um claustro, ou não tem a liberdade da escolha do seu estado, ou não está em seu juizo. O ascetismo, ou o abuso da autoridade do seu director espiritual lhe o transtornou.

Todavia se perguntaes á estes desgraçados reclusos,

se soffrem pela castidade e pela privação da liberdade, vos responderão todos, que não: a acredital-os nasceram sem sexo, ou sem estímulo, e para a prisão perpetua. A ser assim, tambem este genero de vida deixa de ser obra meritoria, pois não é um sacrificio, é a satisfação de uma inclinação.

Mas examinemos a questão phisiologicamente como merece.

Os seres organicos têm sexos com uma vitalidade propria para exercerem suas funcções. Entorpecida no ocio, ou esgota-se a vitalidade em vicios contra a natureza, ou se deita sobre outros orgãos, (ordinariamente sobre o systema nervoso) que perturbam em suas funcções. Daqui o hysterismo das freiras e das solteironas.

A mulher, da puberdade em diante, é um reservatorio de amor. Se não pode applical-o á um homem, o applica á uma mulher, que chega á amar como um esposo. O diga o segredo dos conventos.

Ou bem o applica á um Santo com figura humana, e bem que sem malicia, e por simples effeito do instincto, escolhe de preferencia áquelle que é representado nú. O digam as cartas de Santa Theresa, que são um longo delirio de amor por Jesus Christo, unico ser com figura humana que ella se permittia de amar. A' um amante se escreveria tambem o que ella escrevia.

Jesus Christo é o amor de todas as Santas. Raro é o Santo vestido que ellas escolhem para a sua devoção. Esta escolha é effeito de um secreto instincto, ignorado por ellas mesmas.

Algumas dentre ellas, (e são as mais santas) têm visões e sonhos em que Jesus Christo sé lhes apresenta como um amante nocturno. Estão sujeitas á um verdadeiro delirio amoroso chamado *exiasis e apparições*.

—Dir-se-ha que Jesus Christo é o predilecto por ser o maior dos Santos. Mas o Padre Eterno e o Espirito Santo valem tanto como Elle, entretanto quem se lembra Delles?

Onde estão os altares dedicados ao Padre Eterno? Quem tem por ahi por patrono e por Santo da sua devoção o Espirito Santo?

Se elles são ás vezes lembrados, o são como accessorios de Jesus Christo glorioso e triumphante nos quadros da S S. Trindade. O resplandecente de toda a belleza, o querido das freiras e das beatas, o Deos do quadro é Elle.

Entretanto estas mulheres que se dizem indifferentes ás cousas do sexo, atormentadas pela concupiscencia, se applicam a disciplina e o cilicio, se deitam na sepultura aberta que as espera, e que lhes está preparada, maceram-se com o jejum, pensam só na morte, na vida eterna e no inferno que espera as que tem dezejos lubricos. Derivativos, distracções, tormentos inefficazes. Não se intercepta com elles uma função organica, não se suppre ella por meio de causticos. A carne tenta sempre até receber o seu tributo de libidine satisfeita.

Amor vacante procura um amante. O organismo não se satisfaz com o ascetismo: tem fncções á prehencher, secreções inconmmodas accumuladas á esgotar, e atormenta o individuo até que o satisfaça.

Se os frades não soffrem tanto como as freiras, é porque elles não estão encarcerados como ellas, e tem distracções que estas não têm. Mas o aphorismo tão conhecido da escola de Salerno:—*Camphora per nares castrat odore mares*, foi feito para elles, e nos diz quanto elles tambem soffrem pela castidade.

Quereis ver as precauções que os celibatarios do sacerdocio são obrigados á tomar para não excitar a concupiscencia? Vestem com camisas as estatuas nuas, estes primores de arte da estatuaria antiga. Se não tivessem recebido da tradição Jesus Christo nú, haviam tambem de cobri-lo com camisa e calças. E como julgam que os leigos estão tambem na sua mesma disposição, prohibem nas estampas anatomicas a reproducção das partes sexuaes da mulher, e não consentem que os estudantes de medicina frequentem as enfermarias de partos para aprenderem obstetricia. Nem se quer se lembram, que se estes estudos não são indifferentes aos castos como elles, o são aos que não fizeram vctos de castidade.

Não uniremos nossas censuras aos que clamam contra o clero pelos desmandos contra a castidade. Quem banqueteia, não deve maltratar o faminto que aproveita ás escondidas a migalha da mesa. Antes, achamos digna de admiração a vontade que resiste ás tentações com tanto sacrificio, e que os escandalos sejam uma rara excepção á regra. Pode-se admirar a força de um principio, de uma convicção e de um dever sobre o homem.

Quem não se imaginará os perigos á que está exposto um celibatario n'um confessionario, repellindo os assaltos da concupiscencia, e resistindo-lhe impassivel, em

quanto revolve os segredos intimos de uma mulher moça, bella e cheia de amor em disponibilidade, e de dezejos que só esperam uma centelha para se accenderem?

A união dos sexos é uma necessidade physica innata para todas as raças, e a sua satisfação é uma compensação das penas que a vida lhes dá. A sua suppressão é pois um castigo de toda a vida.

Se existisse um Deos máo que se comprazesse de soffrimentos inuteis, o celibato teria na religião uma razão de ser. Mas a ser verdade o preceito *crescite et multiplicamini*, o celibato seria a transgressão a um preceito divino.

Que ganha pois a creatura com elle? Nada: perde, e sem compensação alguma, ou ganha os vicios contra a natureza.

Comprehendemos bem que este soffrimento seja uma parcella dada por conta do que devemos de nossos peccados, a qual tem de ser acreditada no céo em nossa conta corrente; mas como uma pena não deve ser o resgate de uma falta, mas um meio preventivo della, e como no ajuste de contas, que parece effectuar-se depois da morte, não ha mais perigo de reincidencia, o debito da pena é uma parcella que o criterio não aceita. Si se quer considerar a pena como uma vingança, é emprestar-se á Deos uma moral que Elle não pode ter.

Elle que prohibe aos offendidos a vingança, não pode usar della sem desmentir a sua moral. Além de que seria injusto, porque um peccador que segue a sua inclinação peccando, não tem intenção de offender a Deos, e se

este se dá por offendido, é porque quer. Se a intenção de offender a Deos faz o peccado, o homem não pecca.

O Wahabita é mais rasoavel do que o catholico. O sacrificio que elle faz do tabaco é sacrificio tambem; mas é saudavel, em quanto que a abstenção do uso do sexo é sempre prejudicial.

Não nos perderemos neste labyrintho de incoherencias e de subtilezas asceticas, nem semearmos n'areia a nossa rasão refutando-as.

Diremos em resumo: Os conventos são penitencia-rias de innocentes, onde o sacerdocio envia os que seduz pelo ascetismo. Um governo esclarecido e moral, nem deveria consentir a seducção, nem adoptar como instituição estas penitenciaras.

Os celibatarios do sacerdocio são os sentenciados externos sob o regimem da mesma penitenciaras, seduzidos e seductores ao mesmo tempo.

Deve ser livre á cada um e á muitos reunidos, fechar-se n'uma prisão perpetua, ou viverem na castidade á seu beneplacito; mas é do dever de um governo impedir a illusão pela educação: é seu dever não emprestar o seu apoio aos que illudem, e prestal-o áquelles que se quizerem libertar do constrangimento do convento e dos votos. Devem fechar os conventos, e permittir o consorcio de todos os religiosos e religiosas.

Fazer cessar soffrimentos physicos e moraes de quem padece, enxugar as lagrimas de quem soffre sem necessidade, e estancar a impura fonte dos vicios contra natureza, é dever do homem: não será o dever tambem do poder?

CAPITULO XXI

O casamento como instituição.—E' a licença de exercer uma função natural, que o homem já tem da natureza.—Não corresponde ás necessidades dos sexos.—Da reconquista do direito natural confiscado, e do seu uso sem licença previa, se faz peccado, ou crime.—A sua confiscação faz a desgraça do genero humano.—A cerimonia do casamento é um escandalo, porque é o representante de um acto reputado indecente.—O casamento civil é meio escandalo somente.—Necessidade de varrer da sociedade estes escandalos, e de restituir ao homem o seu direito natural.

Todos os direitos foram sequestrados ao homem sob pretexto que poderia abusar delles; uns nunca mais se lhes restituem, e se monopolisa por alto preço a restituição de outros, como se fossem mercadoria confiscada na alfandega. Tantas confiscações nos tornaram mais escravos do que se nós nos tivéssemos conservado na tribu, sem por isso sermos melhor regidos. Todas ellas tiveram um pretexto—o bem da humanidade.—Mas a confiscação da liberdade de uma função natural, qual a da propagação da especie, que pretexto poderia achar? Verdade é, que é a unica confiscada entre as funções naturaes; mas a sua prohibição collocada sob a vigilancia das leis e dos costumes, não tem uma rasão de ser. Se ella nos é restituída a nosso rogo, o é com taes condições, que a serem observadas, constituem uma prohibição, ou pouco menos.

Quem tem o direito de se pôr entre um homem e

uma mulher que se querem, e de impedir que se unam, ou de vender-lhes este direito que elles já tem da natureza? E' este um abuso inqualificavel: entretanto ninguem se revolta contra elle, porque o achou estabelecido ao nascer como um costume, assim como achou costume ter-se em conta de cousa prohibida a união dos sexos que é uma função natural.

Qual seria o fim destes costumes?—A decencia?—Não, que não ha nada mais indecente do que o casamento como instituição publica.

Que pudicicia haveria no casamento que se effectuava no templo de Cythera na Grecia onde os paes levavam suas filhas á fazerem o sacrificio da sua virgindade nos braços dos mais bellos e robustos moços, e onde as mais valentes eram levadas em triumpho?

Que pudicicia ha no casamento dos mussulmanos, onde no meio do festim que segue as bodas, a camisa da noiva serve de bandeira?

Que pudicicia haverá no casamento dos arabes do deserto, onde os amigos e os parentes dos noivos rodeiam a tenda, e á um grito da noiva soltam uma descarga de fuzilaria?

—Estes são costumes de barbaros, nos dirão, e de pagãos, que não tem sido moralizados pelo christianismo.

—Pois vamos aos costumes aceitos ou tolerados pelo christianismo.

Em pleno christianismo feudatarios havia, que tomavam para si a primeira noite do noivado do seu vasallo.

Havia principes n'Allemanha, que antes de casarem

definitivamente, experimentavam a noiva. Se era de seu gosto, ficavam-se com ella, se não, a reenviavam. Diz um historiador que Frederico III imperador d'Allemanha provou por este modo D. Leonor de Portugal, que veio a ser sua mulher, tendo participado á Côrte d'Hespanha o *agrado da prova*. Este costume ainda está em uso em algumas partes d'Allemanha, onde é conhecido pelo nome de *nacht probe*, ou prova nocturna.

—Nos dirão que abusos não são regras, e que o casamento catholico é o mais moral de todos os casamentos conhecidos.

—Pois bem: examinemos o casamento catholico. O catholicismo que principia por fazer delle um *sacramento*, tem por uma das primeiras virtudes a castidade e o celibato. O opposto de uma virtude parece dever ser um vicio, ou um peccado. Pois este peccado está sanctificado: é um sacramento! E' custoso a entender-se. Mas n'isso não ha indecencia, nos dirão; ha apenas contradicção. Vamos á decencia.

Principia um pae a entregar sua filha á um homem para que se sirva della como de sua mulher. Apregoa-se no Sanctuario de Deos que um homem e uma mulher querem entregar-se ao trabalho da propagação da especie. São os banhos. Depois vão publicamente em grande cerimonia receber a patente para o livre exercicio desta funcção natural. E' a benção nupcial. O resto se passa em casa, é verdade; não se passa no templo; mas os preparativos são uma variante dos que se praticavam no templo de Cythera.

Antes e depois da consummação do acto são expostos

á vista dos convidados, exposição que recorda idéas que não têm nada de decente. Tal é a indecencia dellas que é preciso estar em guarda para na conversação não es-
corregar alguma allusão menos decente.

Finalmente em signal de que os noivos tomaram posse um do outro, participam aos amigos que estão casados, isto é que d'aquella época em diante o marido é o varão perpetuo de sua mulher, e esta é a sua concubina official, á perpetuidade tambem.

Ide fazer-lhes uma visita, e vos mostrarão o *thalamo nupcial*, o altar de Cythera, onde se consummaram os *amores benzidos*, e onde os dous repousam ao pé um do outro para melhor commodo destes amores. Em tudo isto ha decencia?

O casamento será ao menos instituido para impedir esta união contra a natureza chamada incesto? As opiniões dos povos variam sobre esse ponto, e as religiões andam com ellas.

Em Sparta não era prohibido o casamento entre irmão e irmã.

No Egypto, se o primogenito do rei era mulher, succedia-lhe no throno, á condição que casasse com o irmão.

Na tribu dos *Neladgirs* no Indostão a mulher casa-se com todos os irmãos.

Entre alguns povos da Asia segue-se o costume de Sparta.

Não fallaremos do *Tchingaris*, ou *ciganos*, que dormem e procream todos d'envolta pae, mãe, filhos e filhas,

grandes e pequenos, sem nem suspeitar que haja nisso indecencia, ou que alguém tenha direito de intervir.

—Nos dirão que todos estes costumes incestuosos são condemnados como peccado pelo christianismo.—Nem todos, responderemos: ha incesto em 2.º gráo, que se permite mediante pagamento de certa quantia. Ella remove o gráo de parentesco. Muda a natureza do acto, ou é licença de peccar.

E o proprio casamento o que é se não um peccado mortal transformado n'um quarto d'hora em *sacramento* mediante certa quantia, e certas obrigações que se contrahem?

—Essa instituição, será por ventura necessaria para regular a funcção natural da propagação da especie?

—Mas ha alguém que precise de que lhe regulem esta funcção? Sem o sacramento andaria ella torta? Mas examinemos se ella prehenche bem o seu mister.

Abandonai um homem ao seu appetite carnal, este que o leva a funcção conjugal. Abandonai tambem uma mulher, ao mesmo instincto; abandonai todos os homens e todas as mulheres no meio do rebanho da humanidade; o que farão? O que fazem os animaes no rebanho. Achai isso feio, degradante? Ide tomar contas á natureza que tambem deu a animalidade ao homem, e não as tomeis á elle, que não pode despir-se desta animalidade. Feito á imagem e semelhança de Deos, e dos animaes tambem, não é responsavel nem merecedor por estas duas naturas.

E o que farão homens e mulheres abandonados a si mesmos sem regra escripta que governe a sua união?

O que faziam antes de haver esta regra, e o que fazem onde ella não existe. Hoje terão amores e progenie com uns, amanhã com outros.

—Porque não se separam elles em casaes, e não se unem por toda a vida?

—Porque não poderiam satisfazer o appetite sempre renascente de novos amores, e outras exigencias da natureza. O casamento, para prehencher o seu fim, deveria dar ao homem uma segunda mulher, ou mais mulheres á sua escolha durante a gravidez da primeira, por que nessa época o matrimonio com ella é um acto contra a natureza, e um perigo para a mãe e para o feto. Uma boa parte dos abortos têm esta causa. E se o homem devesse privar-se da mulher durante essa época, o casamento não attingiria o seu fim durante a metade da vida do homem. O casamento tambem não deve ser um estorvo: e toda a condição imposta á um acto que pode passar sem ella, estorvo é. Deveria emfim não ser um escandalo, e escandalo é o annuncio ao publico de um acto reputado indecente.

O ceremonial que reunisse todas estas condições, seria precisamente a ausencia de todo o ceremonial, seria a entrega á natureza de um acto que lhe pertence, e que só ella deve governar. Com effeito ella não precisa que ninguem metta mão no que ella faz, e este é um desses actos, que suja a mão que se intrometter nelle.

Nunca homem, nem mulher sentio a necessidade da intervenção de terceiro, nem no acto, nem nas suas consequencias.

Seria pois custoso dizer-se o que vem fazer a cere-

monia do casamento, a não servir de estorvo e de escandalo.

Um homem e uma mulher devem-se escolher com plena liberdade que é o seu direito, e com todo o segredo que é a sua decencia. E a cerimonia tolhe-lhes a liberdade, e divulga o segredo. Lede o direito, e tolhe a decencia.

A natureza precisa da variedade dos amores. Os moralistas querem a unidade á perpetuidade. A mulher e o marido já não se dezejam mais, tem outros appetites novos; os moralistas lhes dizem: satisfazei vossos appetites no seio um do outro, matai a sede com a comida. Renunciai aos 999 appetites que tiverdes durante a vossa vida, e satisfazei um só:—E porque?

Se a isso se chama moralidade, essa prohibição terá um bello nome; mas é uma insensatez. Eu a chamaria immoralidade, porque é immoralidade metter mão nas cousas do sexo para governal-as.

Eis como os moralistas servem, ou como acompanham com seu ceremonial as necessidades da propagação da especie. Quereis ver em execução esta lei do casamento com que foi brindada a humanidade?

Figurai-vos um casal d'esposos. O amor que os unio é o primeiro da sua vida.—São felizes em quanto dura a lua de mel. Mas logo se desenvolve entre elles a incompatibilidade de genio. Se fossem livres, se separariam, e tudo estaria remediado; mas não o são. Tem de arrastar a vida ambos encorrentados á mesma calcota do casamento. Só podem reassumir a sua liberdade pela morte um do outro. Debalde elles pedem aos moralistas

que os unio, que lhes restituam essa liberdade. Respondem-lhes como o carcereiro aos galés.—Soffrei presos á mesma calceta até morrer.—Quem não conhece a vida desgraçada de um casal que sempre vive brigando?

E' um verdadeiro inferno em vida. O divorcio onde é permitido, o verdadeiro divorcio, restitue-lhes a liberdade; mas para que confiscar-lhe-a para lhe a restituir depois?

Mas supponhamos que viveis bem com vossa mulher, sois bello, moço, farto das caricias della, bem que jôvem e graciosa, porque é lei da natureza que appetite satisfeito á medida que se renova, cessa por fim de ser appetite. A natureza o substitue por outros novos.

Se alguém é culpado, é ella não vós, que não creastes na voss'alma a faculdade d'engendrar novos amores.

Novas bellezas, lindas borboletas de amor, adejam em torno de vós, e vos desafiam: accendem em vós este desejo, que já sentistes uma vez por vossa mulher, e vos convidam, precisamente como ella vos convidou, a satisfazel-o. Querem tambem a sua parte do vosso amor. Apoz dellas virão outras a quererem tambem. E' lei da natureza. Mas as leis sociaes, os usos e os costumes vos inutilisam para todas. A natureza vos dá amor e desejos, e essas leis e costumes vos mandam que as desafoqueis no seio de vossa mulher, que não vol-os pode satisfazer.

E' evidente que vos atormentarão em quanto o tempo os não tiver gasto, e depois passarão; mas á estes succederão outros, depois outros, e passareis a vossa vida dezejando sempre, e não fruindo pelo *veto* de quem to-

mou conta de vossas liberdades. Sereis impedido de fruir da vida, de sentar-vos ao banquete que a natureza vos preparou, e que é a recompensa do trabalho de viver.

—Mas quem sabe se este sacrificio será outra tanta felicidade acrescentada á existencia de vossa esposa? Ao menos não seria perdido.

—Oh! não: ella soffre como vós. Ao redor della tambem adejam cherubins de amor, lisongeiros, ternos, apaixonados, que a convidam para o mais intimo da confidencia: e são tão bellos! Mas o dever está adiante della severo, ameaçador, com a deshonna n'uma mão, o escandalo n'outra, seguido dos alguazis, e do marido seu senhor.

Ella estremece, e fecha o seu nascente amor no fundo do coração, para abafal-o, á fim de que ninguem o adivinhe: soffre em segredo, porque amor criminoso não acha confidente que se compadeça delle. Os moralistas que têm tomado á sua conta o dirigir a concupiscencia e a opinião publica, ordenaram á sociedade que lançasse a deshonna sobre quem gozasse das liberdades do sexo sem previa licença delles, e obtiveram das leis apoio e autoridade.

Mas que mal haveria, se vós, vossa mulher, vossa filha, vossas irmãs e todas as mulheres, e todos os homens fossem livres, e gozassem de toda a sua liberdade natural? Que satisfizessem os desejos que a natureza lhes deu? Quem lhes disse que o contrario é um dever?

—Seria a satisfação de todos; a vida teria encantos que convidaria á viver.

—Porque então se confiscou ao homem e á mulher a

sua felicidade, e se lhes deixou somente as amarguras da vida ?

—O culpado foi o homem mesmo. No seu despotismo apoiado pela força, quiz ser dono da mulher que amava, dono exclusivo por toda a vida, porque pensou que a amaria toda a vida. Illusão de criança! A natureza faz joguete dos juramentos de amor.

O amor vive uma manhã, como a rosa; mas outro botão desta roseira irá substituir a rosa que elle desfolhou. Elle deu á rosa a duração da vida do homem, e quiz dar-lhe tambem em compensação o seu amor de toda a vida. Eil-os empenhados ambos por juramento a não se separarem nunca. Os moralistas metteram-se de permeio, e impedem que o contracto entre o homem e a mulher se desfaça. Invocam o dever. Ha dever contra as leis da natureza? E ha dever na privação de um gosto que não offende o gosto, nem o direito de ninguem? Invocam a moral. Mas o que é moralidade? E' a lei feita por elles, em opposição ás leis da natureza? Com que autoridade a fizeram? Porque as leis da natureza se deverão adaptar aos usos e aos costumes feitos por elles?

O homem quiz retribuir á mulher a sua fidelidade, obrigando-se a guardar outra tanta. Imprevidente! Querendo por ciume escravisar a mulher, escravisou-se tambem a si proprio; mas não tanto que não se tomasse a folga de um pouco de liberdade. Inventou a polygamia. O egoista! porque não a concedeu tambem a mulher, que tinha os mesmos appetites que elle? Ao contrario a poz em dieta, em quanto elle reservou-se o direito de banque-

tear. O despota! Suas mulheres têm a metade, um terço, um quarto de homem cada uma, e elle tem cinco e seis mulheres.

Eis como compensou-se da liberdade á qual renunciou imprudentemente, e como compensa a mulher que tambem renunciou á sua por amor d'elle!

—E a polygamia o fez mais feliz por ventura do que a monogamia?—Não. Na sua vida virá á dezejar successivamente mil mulheres. Se destas alcançar cinco ou seis, terá satisfeito seus dezejões?—Não. Pois antes guardar a sua liberdade toda inteira, do que renunciar á ella por tão pouco.

Quaes serão os casados que não soffram por incompatibilidade de genio, ou por abnegação de dezejões? Nenhum: ou se ha algum, é excepção á regra. Qual é pois o resultado do casamento? A infelicidade do genero humano.

Oh! vós, que inventando o casamento matastes o amor, fechastes o paraizo, o jardim perfumado, a sala do banquete da vida, assignastes pedantescamente á cada flor a sua barboleta, e prohibistes a liberdade de as barboletas esvoaçarem de flor em flor; e ás flores de lhes abrir o calix, e deixar-lhes lamber o mel da felicidade, a alegria, o conforto da existencia, que fizestes? Deitastes ao mar a felicidade, e deixastes ao homem somente a amargura. Já não vale mais a pena viver. A felicidade da vida estará no trabalho que tem de apaziguar a fome, e cobrir o corpo do frio e da nudez? Oh! debaixo da terra, no descanso do sepulcro não se soffre nem frio, nem fome, nem nudez.

Antes descansar lá, do que penar aqui sob o trabalho.

Sem a alegria do amor não vale a pena viver. Oh! vós que a confiscastes, fostes crueis com o genero humano, e com vós mesmos, sem proveito para ninguem.

Consolai os que fizestes infelizes aconselhando-lhes que se amem reciprocamente. Ainda escarneceis das vossas victimas com o vosso conselho.

Ninguem ama, ou deixa de amar á vontade. Entra o amor n'alma como a sede e a fome no corpo. E dizeis aos que não tem fome nem sede, que as tenham?! O amor é uma fome e uma sede que depois de satisfeitos se apagam, e dizei-lhes que continuem a apetecer?!

Apaga-se o amor, e fica a amisade, que como Byron diz, é o amor sem azas. Amor sem azas, é amor que já viveu o seu tempo: deixa o lugar á outro com azas: sahido um amor entra outro. A natureza dá esta successão de amores: ella é quem ordena a variedade, que a dá, e que dá a faculdade de a sentir e de apreciar-a. Exigir que se tenha amor perpetuo á um ser só, é exigir que se tenha fome de uma iguaria só. E' impossivel.

Achaes que nesta variedade o homem e a mulher se affogariam na embriaguez do prazer? E que vos importaria que tragassem de uma vez o nectar da vida, ainda que morressem logo depois como a barboleta que acabou a sua hora de amores? Guardae a temperança para vós, se é do vosso gosto, e deixae aos outros a liberdade de morrerem embriagados á sua vontade.

Já vos constou que a barboleta que morreu fosse infeliz? Uma hora de festim não vale mais do que uma vida inteira de trabalhos? Se dessemos esta por aquella, fariamos bom negocio.

—Direis que não ha prohibição absoluta do *concupiscito*.

—Como a não ha, se o punis ao menos com o desprezo da sociedade, que tivestes o cuidado de educar nos principios oppostos aos da natureza !?

Quereis ver a consequencia delles? Confiscastes direitos, e a cada confiscação fizestes corresponder um crime no codigo criminal. Um é adulterio, outro é seducção, outro é bigamia etc. etc. Passai em revista a estatistica criminal, e vede quantos crimes annualmente estão inscriptos como infracção das regras do sexo. Todos elles são obra vossa. Sem vossas leis prohibitivas e restrictivas dos actos do sexo, não existiriam.

Bem: todos estes crimes ficarão riscados do codigo, se restituirdes o que confiscastes ao genero humano. Sem as leis do casamento, estas paginas immundas da criminalidade erotica, não existiriam. Existem por vergonha da humanidade, e não existiriam, se não tivessem privado o homem e a mulher da liberdade do seu coração e do seu corpo.

—Se diz tambem que o casamento foi instituido para assegurar á prole os cuidados da paternidade e da maternidade, e á mulher o seu porvir. Por ventura o casamento impede aos pais de enjeitarem seus filhos, ou de darem á outros em vida o que possuem, querendo?

Se a familia vive sob o lecto paterno, é pelas leis da natureza, não é pela do casamento.

Trataremos deste argumento quando fallarmos da familia e da mulher.

Examinemos agora o casamento natural, ou *concupinato* na sua decencia. O libertino que no segredo de seus amores mudasse de noiva uma vez por semana, não chegaria a fazer em toda a sua vida o escandalo de um só casamento. Guardado o segredo por elle, guardado por dignidade propria por aquelles que o tivessem surpreendido, a sua vida seria irreprehensivel de decencia. Que importaria que em segredo prehenchesse esta função natural como exerce outras proprias da animalidade? Por exercer estas em segredo, alguém é indecente? Ficarão ellas escandalosas por se lhes acrescentar mais umas?

Figurae-vos entretanto na sociedade um casal de esposos. Pergunta um estranho ao homem: quem é aquella senhora? Lhe responde elle: é minha mulher; ou pergunta á esta: quem é aquelle homem; e lhe responde: é meu marido. Quereis declaração mais cheia de indecencia do que esta? Esta resposta encerra est'outra: é a minha concubina legal, e eu sou o seu varão. Uma mulher deve corar quando disser:—este homem é meu marido.

Na mesma sociedade ha dous amantes: homem e mulher. Seus amores são os mesmos que os do casal; mas isso é o segredo entre elles. Se alguém o suspeita, cala-se em nome da decencia e da dignidade propria. Ninguem espreita pelo buraco da fechadura os mysterios de uma alcova.

Perguntae á um delles pelo outro, e ambos vos darão a mesma resposta: é uma pessoa de minha amisade. Ha nesta resposta uma decencia, uma dignidade, um res-

peito de si e dos outros, que faz um contraste singular com a confissão publica das volupias que encerram os nomes de esposos.

Onde está pois a decencia do casamento e do seu ceremonial? Nem tem a decencia das uniões illegitimas, que é o segredo. E' uma indecencia, uma impudicia official, apregoada ao som de trompas para maior escandalo, que proclama a prostituição legal da mulher.

Se esta funcção é uma indecencia necessaria, como outras funcções naturaes, pratique-se em segredo como ellas. Os culpados da indecencia não são os que a satisfazem, são os que a arrastam para a rua, e fazem della uma festa publica.

Sabeis vós porque toda a cerimonia do casamento é um escandalo, e porque não pode deixar de o ser? E' porque é apothese de uma funcção reputada impudica segundo as ideias que temos do pudor. Ainda cobrindo-se o acto com a santidade de um *sacramento*, não se torna decente. Ao contrario a indecencia tizna o proprio sacramento. Vós, que não sois moralista, terieis vós a coragem de assistir a esta indecencia? Não de certo. E como os moralistas pretendem convertel-a em sacramento?

—Que fazer pois para supprimir o que a cerimonia do casamento tem de impudico?

—Supprimil-a tambem: ella tira a sua indecencia do proprio acto: em quanto ella fôr a sua representante, será indecencia tambem.

—Ficará pois unicamente o casamento civil?

—Elle não é tão escandaloso como o sacramento; é

um meio escandalo, uma meia indecencia porque é menos apparatuso do que aquelle; mas que necessidade ha de um homem e de uma mulher irem firmar perante uma autoridade seus desejos e suas intenções menos honestos?

—Mas isso seria a suppressão do casamento, di-reis vós.

—Certamente: e que necessidade ha desta indecencia, deste escandalo? A propagação da especie não precisa d'elle para povoar da nossa raça a superficie do nosso planeta. E precisasse, que nos importaria que a terra ficasse deserta com o volver dos seculos? Que nos importaria que esses grandes formigueiros humanos chamados povos, cessassem de se reproduzir como cessaram de se reproduzir o Plesiosauro e o Ichtyosauro? Antes não nascer, do que viver coacto sob a tyrannia de usos, costumes, leis, ou castas privilegiadas.

A não se viver livre, ou a se viver com as funcções naturaes hypothecadas, não vale apenas viver.

—Deve-se supprimir o casamento?

—Vivam nelle e com elle vida longa e feliz os que o quizerem. Estão no seu direito, e não seriam livres se alguem lhes impedisse o seu gosto; mas deixem aos outros tambem a sua liberdade, a mais racional de todas.

Calem-se pois as leis que a tolhem, e os costumes que a condemnam. Se a propaganda de uma casta privilegiada a quizer embargar, use a humanidade da sua liberdade plena. Quando a maioria da sociedade se tiver decidido pela liberdade, leis, usos e costumes em contrario estarão supprimidos.

A instituição do casamento civil, é um terço de caminho andado neste progresso.

CAPITULO XXII

A mulher.—Deve ser livre como o homem.—Comparação entre a esposa e a mulher livre (libertina).—Qual das duas professa vida mais decente.—Porvir de ambas.

A mulher é o complemento do homem como organ de geração, complemento da sua vida domestica, complemento como criadora da prole, complemento em fim como confidente do seu coração.

Todo o destino, afora este, que se lhe der, é contra a natureza. Mas para que ella se conserve mulher, physiologica e moralmente, e prehencha o seu fim, é preciso que seja livre, como o homem, como o ar: é preciso que não seja besta de carga como entre muitos selvagens; instrumento de luxuria como no harem; deosa no theatro da vida como nos salões d'aristocracia; machina de costura ou de trabalho como no pobre alvergue do proletario; nem nunca deve ser a propriedade do homem.

Podeis vós conceber como uma mulher possa ser livre, estando ao serviço perpetuo de um homem? Para ser livre deve ter como o homem a liberdade de servir á quem quizer, e de ser servida por quem ella quizer. Tambem é preciso que dependa somente de si, e que viva da sua profissão.—Qual é a profissão da mulher?—E' ser mulher do homem.—E' a profissão que lhe escolheu a natureza. As outras são artefactos enxertados na sua existencia que a *desmulherisam* sem *virilisa-la*.

Alguem de vós já observou que na governança, no exercito, nas escolas superiores, nas artes e nas sciencias, não se dá entrada ás mulheres?

—Porque?—Ninguem o perguntou ainda á sua consciencia.—E' por instincto. Todos sentem, que se a admittissem, a estragariam.

Alguem já notou que a mulher que sabe grego e latin; que joga de florete ou de pistola, que é litterata de cartaz, que é astronoma, botanica, medica ou politica, causa admiração; mas não inspira amor? E' porque todas estas prendas a *virilism* sem *desmulherisal-a*. Homem nenhum ama um ente hybridó.

A sua profissão é amar e agradar ao homem, tomar a seu cargo o que pode fazer a felicidade d'elle, e criar a prole commua. Eis porque não é admittida na governança, no exercito, nas escolas universitarias. Estaria fora da sua profissão, falsearia o seu destino.

A mulher vive do homem. E é justo que assim seja, porque vive por elle. A esposa vive do esposo, a mulher livre (*libertina*) vive do amante.

—O que é a esposa?

—E' a *libertina* do seu homem, e de mais ninguem. Passada a lua de mel, está gasta tambem para elle; e vive inutilisada para os que no decurso da sua vida poderia fazer felizes, se seguisse o instincto que lhe deu a natureza. A mulher faz a felicidade do homem em quanto é sua amante. E ella é amante um dia só na vida, quando poderia sel-a cem vezes. A lei e o costume a inutilisaram no mundo.

Havia na Inglaterra uma linda Miss, rica, indepen-

dente, mui bem prendada, e que podia ser uma segunda Ninon de Lenclos; mas que se conservava uma linda estatua sem alma. Tinha nascido na India, e tinha este abandono das mulheres do seu paiz natal. Os seus salões eram abertos á flor da nobreza ingleza; mas nenhum dos cavalheiros gentís que os frequentavam lhe merecia uma destas distincções que o coração faz preceder ao amor. Mas um dia os observadores maliciosos, notaram que a linda estatua se animava. Um homem a electrivava com a sua presença. Mas bem que bello, moço e gentil, não podia casar com ella. Era bispo, e bispo catholico. Chamava-se Talleyrand. Amor de mulher livre (*libertina*) rompe os obstaculos que a querem reter: usos, costumes, tudo cede adiante da violencia da paixão. A bella indiatica quiz ser sua amante, e o foi.

Talleyrand era n'aquelle tempo embaixador de Napoleão em Londres: e Napoleão era Consul vitalicio. Chamou o seu ministro á Pariz para entregar-lhe a pasta dos estrangeiros, e como queria certa moralidade (á moda daquelle tempo, e do nosso tambem), e queria que principiasse pelos altos funcionarios, um dia lhe disse:

—“ Cidadão ministro, é preciso que caseis com Miss.... ”

—“ Cidadão consul, como posso casar se sou bispo? ”

—“ Deixai correr o negocio por minha conta, e vos casarei. ”

Dito e feito: o consul escreveu á Roma; o bispo foi desbispado, absolvido dos votos, secularizado, e casado em 15 dias.

O papa traz estas licenças na manga. No dia do

seu noivado dizia elle aos seus amigos:—Agora Miss.... é minha mulher. Quem escolherei eu por amante?—

A esposa deixa de ser amante para ser amiga, por que não pode deixar de saciar de si o homem, e a saciedade traz a indifferença, e ás vezes a repugnancia pelo que se appetiteu.

Direis que queremos que o concubinato substitua o casamento.

—E o que é o casamento?—O concubinato legal. Valerá mais do que o concubinato sem patente?

Uma mulher que aluga seus encantos a tanto por dia á quem bem lhe apraz, em segredo, sem escandalo, é prostituta, e aquella que os aluga por toda a vida á um homem só, ao som de trompa, e que confessa suas relações sexuaes com elle publicamente, não o é?! é a casta esposa! Se hoje a prostituta se alugar ao seu *homem* por contracto vitalicio como esta, ficará sendo tambem a casta esposa?! A deshonra da *libertina* está pois unicamente na injuria de que a cobrem os moralistas que a querem governar.

A differença entre uma e outra é pois de duração de locação de serviços, e de salario! Estará n'isso a virtude e a moralidade?!

A esposa não se locupleta do esposo, é verdade, por que este mesmo tem o cuidado de prover á ella durante a vida, e de deixal-a ao abrigo da necessidade se for o primeiro a morrer, e se tiver bens. E a *libertina* tem que prover ao seu porvir á custa de seus amantes. Mas não vivem ambas do homem?

Se a *libertina* é *mulher de marmore*, está no seu di-

reito. Outros conquistam o homem por contracto vitalicio de casamento, ella saqueia uma parte da conquista das rivaes. E' direito da guerra. Mas a libertina tem um coração como a esposa, e raras vezes se lembra de ser mulher de marmore.

Quereis ver a libertina entregue aos seus instinctos o que faz? Vede-a na Turquia. Ha lá mulheres livres que vivem do homem sem serem concubinas officiaes do harem. Silphides graciosas, procuram um amante—Quem lhe o escolhe? O interesse?—Não: o amor. Se o amante tem, aceitam: se não tem, dão. O amor para ellas é tudo, o interesse não lhes merece muito apreço. Amam ardentemente, e quem ama não pede dinheiro.

Os interesses nada são para quem ama, e todavia deveriam ser alguma cousa para uma rosa que tem adiante de si uma curta primavera, donde lilar a sua seiva, para viver até o fim do inverno. Mas já vistes moça libertina cuidar do porvir? E dizem que vende agrados fingidos!

E os vendesse, que dá a casta esposa ao fiel esposo depois da lua de mel?—O que tem. O seu corpo e a sua amisade. O amor não, bem que proteste sentil-o. O casamento o extinguiu com a lua de mel. Não dá pois agrados fingidos em falta de outros melhores? Se são fingidas ambas, o são por necessidade; e poderão não ser fingidas emquanto dependerem do homem? A solteira honesta finge amar um *partido* que lhe convêm; finge amar depois de casada para conservar a paz e a harmonia domestica. O homem finge amar a rica herdeira por causa do dote. A libertina que tem muitos á

escolher, talvez esteja menos do que as outras na necessidade de fingir.

—Como poderá o homem precaver-se contra tantos fingimentos que o assaltão de todos os lados?

—Muito bellamente: não se casando, não terá uma esposa obrigada a fingir. Sabendo conquistar o amor da mulher, terá della amor, e não fingimento.

—Mas o concubinato não será um escandalo?

—Elle o é sómente a proporção que se vae desenhando sob a fórma de casamento. Quereis convencer-vos? Acompanhae-me a ver a sua metamorphose.

A mulher solteira que vive em sua casa, e que recebe em segredo um amante á horas mortas, não causa escandalo. Guarda toda a decencia; mas será suspeita de libertinagem, se viver como a casada na companhia de um homem, bem que o possa ser em outra qualidade que não a de amante. Será ainda mais suspeita, haverá principio d'escandalo, se nesta casa apparecer prole, como na de um casal. O escandalo subirá de importancia, se ella confessar publicamente seus amores... como a casada. Bem vedes que mais se vae parecendo com esta, mais escandalo derrama. Pois bem: perguntae aos moralistas, directores do uso dos sexos, o que se deve fazer para remediar o escandalo. Vos dirão: casar-se: isto é consummar o escandalo pela sua confissão publica. O maior dos escandalos é pois o casamento, e o menor, é o concubinato em segredo. Não ha duvida que a liberdade dos sexos é a que conduz á decencia.

—Mas a mulher libertina poderá assegurar-se o seu

porvir, como a casada, tanto que passada a idade dos amores não fique entregue á miseria?

—Ha duas necessidades neste mundo que absorvem as economias do homem. O luxò e a mulher. O luxo como parte que é da honra, é a mais exigente das duas. E' honra ostentar como o poder: isso nos eleva ás altas regiões da sociedade, e acima da inferioridade detestada.

Mas na communa onde não ha poder, não haverá necessidade de imital-o. O que o homem destinava ao luxo, o dará á mulher. Será ella a sua primeira necessidade. Vestido de pannos grosseiros, a cobrirá de brilhantes, ou ao menos não vestirá uma casaca nova, em quanto ella andar com um vestido desbotado. Não seria desdouro empobrecer-se pela mulher que se amasse, em quanto o seria, mostrando-se mais pobre do que o poder. A homenagem á mulher é cavalherismo, eleva o homem, e não o prostra. Sabeis o que o humilia? Arremedar com os europeis da pobreza a libré agolada do poder. O homem pode ser o vencido, ás ordens da mulher, porque será sempre o vencedor; mas não pode, sem desdouro, mostrar-se o vencido de outro homem, fosse este homem o rei.

Se ella tiver tido um pouco de providencia estará independente; mas se precisar de amparo, terá filhos e ex-amantes. Filhos moços, aos quaes o nome de mãe sôa mais caro que o de amante. Amantes aposentados, que valerão na generosidade mais do que os moços. Porque ha duas cousas no homem que nunca envelhecem. O co-

15 de maio
para deitar
o estylo
na ca

ração, e o amor pela mulher que amou um dia. Com estes amparos ella não ficará entregue á mendicidade.

—Entretanto, como fica a casta esposa feita matrona?—O seu esposo já é um patriarca.—Sabeis o que é um patriarca?—Foi um homem de bem e rasoavel; mas a velhice e o habito do mando na familia o tornaram um despota. A força de soffrel-o, a matrona chegou a de-sejar de morrer, ou de vel-o morto. Ah! a libertina ao menos não precisará na sua velhice de criar taes esperanças para ser livre.

CAPITULO XXIII

A prole.—Deve ser criada e educada pela communa em nome da egualdade da intelligencia e da civilisação.—O direito paterno ou patriarchal e o principio d'autoridade, são as duas pessoas, que com o direito divino, formão a trindade do absolutismo.—A criação artificial da prole.

Quando o homem e a mulher tiverem procreado *more ferarum*, isto é sem escandalo, que direitos, e que deveres existirão entre elles e a prole, e vice-versa? Que relações haverá entre elles que possam merecer a protecção da lei?

Estas relações não estão ainda bem definidas, por que se a autoridade palerna reclama para si todo o poder, o direito de cidadão, ou do homem não tem muita disposição á entregar-se como vencido.

O homem traz com sigo ao nascer o direito de ser livre. Não usa d'elle em quanto não o conhece, em quan-

to a sua rasão em embrião não o pode reger, e em quanto suas forças não o deixam ainda cuidar de si. E' um enfermo que deve ser recolhido pela caridade publica.—E quem é a caridade publica?—A Communa, ou o Estado.—A' estes corre pois o dever da educação do futuro membro da communidade, do futuro cidadão.

Mas o pae e a mãe, ou um dos dous, reclamão o exercicio deste dever em nome da natureza ou do amor da progenitura. O Estado ou a Communa poderiam ceder-lhes esta tutela, se esta condescendencia não viesse prejudicar a uniformidade da educação tão necessaria para formar cidadãos destinados á egualdade social e politica, e se os pais tivessem uma razão para regeitar a educação gratuita e publica, e substituir-lhes a sua privada. Se esta é a melhor das duas, os pais proponhão a reforma da publica; se é igual, ou inferior a esta, não ha rasão para esta ser regeitada. Quanto ao mais, a educação deve ter a preferencia sobre o amor da prole; e a intelligencia da communa, escolha das melhores intelligencias individuaes, é sempre mais atilada do que a de qualquer cidadão. A communa é o governo de todos, não é o poder que apenas representa a força, e cujas instituições estão sempre em atraso das instituições privadas.

O homem que vivesse no deserto, e que abandonasse ao deserto a sua prole, seria culpado. A natureza assim como deu o leite á mãe para amamentar o filho, deu o amor aos pais para zelarem d'elle: mas na sociedade onde a civilisação inventou melhor alimento do que o leite, e melhores instituidores do que o amor da progenitura, abandonal-os aos pais, seria tanta culpa como abandonal-

os ao deserto. Este abandono só pode ter por desculpa o amor dos pais para a sua progenitura, amor tão respeitavel como sentimento natural que é, que não duvidamos em dizer que deve ser attendido quanto o consente a necessidade da educação.

Entretanto sem attender á estes principios; mas partindo de outros, a nossa sociedade se encarrega da educação dos enjeitados. Entende, e com razão, que ninguém é obrigado a ter amor á prole quando a natureza lhe o deixou faltar; que não deve dar-lhe educação, não tendo meios de o fazer; nem que uma mãe deva sujeitar-se á deshonra voluntaria, proclamando suas faltas, reconhecendo os filhos que procreou sem ter tirado patente previa para isso.

Mas se é licito á todos entregar seus filhos ao Estado para que os crie e os eduque, este deve estar prompto sempre para educação de toda a sua nova geração.

Utopia, despeza enorme, impossivel, se dirá como se diz sempre de toda a proposta de uma nova instituição em opposição ao que está aceito. Examinemos se é utopia.

N'um Estado, (não diremos n'uma Communa) suprimi o exercito permanente, recolhei as heranças, e em tributos recolhei o equivalente do que os pais de familia gastariam com a educação de seus filhos, e tereis com que educal-os. Tereis de sobra, isso é evidente, nem tanto vos será preciso: onde está pois a utopia?

A vida *libertina* do homem e da mulher deve pôr á cargô da Communa a geração nova quasi toda, tanto mais se fizer parte da decencia o segredo dos amores conjugaes.

A Communa a tome á seu cargo, não sómente pela necessidade de recolher a criança abandonada, como pela necessidade da sua educação uniforme com a dos outros.

—Se os pais devem aos filhos todo o amor que lhes transfundio a natureza, que lhes devem em troca os filhos?

—O mesmo amor de que a natureza os dotou.

—Não lhes deverão gratidão?

—De que? De os ter procreado? Se a intenção com que é feito o beneficio lhe dá o valor, não lhe devem nenhuma. Ninguém gera filhos para os favorecer. E' preciso ser justo em contas de dar e haver, ainda entre pais e filhos. E' costume carregar-se a estes mais do que devem.

Dever-lhes-hão obediencia?—Mas o que é a obediencia?—E' o sacrificio da propria vontade á favor da vontade soberana de outro individuo. Se as relações entre pais e filhos são de reciproco amor, fica excluida a vontade soberana, que é incompativel com elle. Amor por amor: tanto devem os filhos ceder á vontade dos pais, como estes á vontade delles. Se as vontades forem desencontradas, cada um fará bem em seguir a propria. Não carrega cada um com a responsabilidade de seus actos? Não ha pois necessidade de obediencia.

Mas se a vontade soberana de um pai deve ser realisada, não pode coexistir com o amor dos filhos. Não amamos quem nos opprime, o tememos.

O educando deve ceder á vontade do instituidor em quanto não comprehender a razão desta vontade, como o enfermo deve ceder á vontade do medico em quanto

não se poder curar a si. Mas se os pais não são instituidores, nem pretexto têm para exercer sua soberania em menoscabo do amor que os filhos lhes tributam. O jovem educado no collegio conserva mais o amor aos pais do que aos instituidores que o educam, porque o que tem de odioso, a superioridade e o mando, recae sobre os instituidores. O dever destes é muito difficil: guiar uma criança pela razão quando pouco a comprehende, e o instincto a leva por outro caminho; guial-a sem a violencia, que seria um abuso de força, e uma profanação da dignidade humana, é tarefa difficil, que mal se pode reduzir á regras, e em que a pericia do instituidor é tudo; mas em que arrisca perder o amor de seus educandos.

Mas ainda que esta tarefa tocasse aos pais, quaes seriam suas relações com os filhos? As do amor com que a natureza os ligou; mas diminuido nestes pela tyrannia do mando paterno, bem que tyrannia branda. Estas relações serão portanto muito amor de parte dos pais; um pouco menos de parte dos filhos, e dependencia destes em quanto não podessem prover a si mesmos.

Em tudo isto onde estaria o direito paterno sobre a progenie, e o patriarcado, senhor absoluto da familia?

Quando o *rei* e o *patriarca* escreveram o seu direito em nome de Deos, que outorgaram como código, o rei ao povo, o patriarca á familia, invocaram uma ficção de missão divina para legalisar a escravidão de seus dependentes. O patriarca constituiu-se em rei da familia, e o soberano em rei dos patriarcas: ambos tornaram-se espoliadores da liberdade humana: o patriarca espoliador da familia, o rei, espoliador da nação.

Fique-se sabendo uma vez por sempre, que: *A liberdade humana é incompativel com o principio da autoridade, seja ella qual for, autoridade politica ou paterna: o homem não deve ser sujeito ao homem: se o for, será escravo: só pode ser sujeito á lei feita por elle mesmo. Então e só então será livre, porque ninguém é escravo de si mesmo.*

Em quanto a criança não tem uso de razão, deve ter por supplemento a razão do instituidor. Mas á medida que ella se fôr desenvolvendo, este fará calar a sua razão e a sua vontade para deixar dominar as do pupillo. Mais depressa este se exercitar no uso dellas, mais depressa se fará homem. Quando o moço, ou o adolescente pode viver de seus recursos, deve ser livre de si, não precisa que ninguém lhe dê licença de desprender-se da tutela. Não está elle bem educado? Quem o é, antes de receber a educação pratica do mundo? Entregae-o á elle, e em pouco tempo ficará educado no meio d'elle. Pouco importa a idade que elle tiver. Um é educado aos 12 annos, no meio do mundo, em quanto outro não o é aos 24 n'um collegio. Quem pode marcar a idade em que se é apto a ser emancipado? A necessidade emancipa; é expor á ella o menor.

O officio de instituidor exercido pelos pais afrouxa o amor que os une aos filhos. Uma das vantagens da educação da mocidade pela communa, será de conservar intacto o amor entre a paternidade e a prole, tomando sobre si o que a paternidade tem de odioso.

Uma das objecções que se podem fazer a este systema de educação, é o modo pratico de crear todos os fi-

lhos que as maes deverião amamentar, e que abandonariam apenas nascidos.

A natureza deu á mãi do mammifero o leite para que o podesse criar. E' um alimento só, invariavel, que nem sempre lhe convêm. Era natural que a arte fosse em soccorro della, e aperfeiçoasse a obra da natureza.

Quem descobrio a arte de criar pintos artificialmente, porque não acharia primeiro a de criar artificialmente os seus semelhantes ?

—Parece-vos impossivel criar artificialmente meninos ?

—Pois é mui possivel, e até facillimo. A especulação privada adiantou-se sobre a sciencia, ou aproveitou os principios dispersos della, e os poz em pratica para tirar ganancia. A especulação privada é muito sagáz ! O que outros fizerão por especulação, a communa o faça por utilidade publica.

Onde ha hospicio de engeitados vae uma ama de leite tirar uma criança, e a leva para casa. Dahi procura nas casas particulares mais outras duas, tres, cinco, seis e as leva tambem para a casa.

Pensaes vos que as amamenta todas com o seu leite ? Nenhuma: conserva apenas o leite para amostra. Amamenta-as com o *biberon*, com a mamadeira. Lhes dá o peito apenas de vez em quando para que não o percão da lembrança: se recusassem o peito na presença dos pais, ficaria denunciada a especulação.

Pensaes vós que estas crianças criam-se rachiticas, anniquiladas, mortas á fome ?

Pelo contrario: são todas gordas e nedias, sadías e

bem parecidas. Assim, a ama cria tantas quantas póde conservar limpas e tratadas.

O seu trabalho vem assim a ser recompensado.

O que lhes dá por alimento?

Leite de cabra, de ovelha, de vacca destemperado com agoa, e adoçado com um longe de assucar.

Não é certamente o leite que a natureza lhes destinou; mas essa mãi previdente não podia no seio da mulher preparar para a criança varios alimentos.

E todavia a criança precisa de varios alimentos para gozar de saude. O leite só, dá-lhe essa lienteria que mata uma boa parte dellas. A ama de leite que sabe do seu officio, a cura dando-lhe caldo de vacca com pó de arroz adocicado com um poucachinho de assucar. Na mamadeira a criança bebe tudo o que se lhe dá, uma vez que não tenha máo sabor.

Tempo houve em que eu pensava como os mais medicos, isto é que a natureza previdente tinha feito o leite da mãi para a sua criança, e que tinha dado á esta um estomago proprio para o digerir com exclusão de outros alimentos.

Um dia vi n'uma choupana de pobres pescadores darem banana cozida á uma criança nascida na vespera. A mãi, mulher magra, mal nutrida, mas rodeada de filhos de todos os tamanhos, não tinha quasi leite: sustentava a recém-nascida á banana: o leite era como o café da criança sobre o seu jantar. Eu prognostiquei a sua morte se continuassem á alimentar-a assim: mostrarão-me toda essa criançada trefega, criada assim mesmo. Era uma grande lição fecunda em resultados, que eu não tinha

achado nos livros: a achava no alvergue do pescador. Em toda a parte o homem que observa encontra lições proveitosas. Desde então desconfiei da infallibilidade e dos recursos da providencia da natureza. Tenho mandado acostumar as crianças a usar da mamadeira, tanto para descanso da mãe, como para facilidade da administração dos medicamentos, que misturo no leite artificial ou natural. Tenho observado, por exemplo, que uma supressão de suor nestes fracos organismos, produz a tão frequente lienteria, que ás vezes toma o character de verdadeira colerina. A parte excrementicia e acida que devia sahir por suor, é eliminada pela mucosa intestinal, *este derme das cavidades organicas*.

Ora, a secreção intestinal deve ser alcalina para emulsionar o leite. A secreção acida accidental do suor vae neutralisar os alcalis intestinaes, e multiplica os acidos a expensas do leite. A digestão pois, por falta de alcalis, vem a ser interrompida, e os acidos que irritão a mucosa, activam a secreção que se effectua á custa do soro do do sangue. Quando isto succede rapidamente, ha uma verdadeira colerina, que prosta a criança em poucas horas.

Se a molestia, passando a chronica, se prolonga, vêm-se todos os effeitos da acção continuada e lenta dos acidos sobre a mucosa intestinal, e sobre o figado. Ulceração intestinal, degeneresencia das glandulas mesentericas e do figado. E' molestia mui commua nas crianças, que se attribue ordinariamente á dentição, ou ás lombrigas, bem que impropriamente. E' devida á acidez da secreção intestinal, e não á dentição! As lombrigas são effeito da mesma acidez.

Ninguem soffre de diarrhea ao sahir dos dentes do sizo ; e eu já vi uma criança em quem a dentição começou aos sete annos, e que entretanto tinha soffrido de lienteria, como as mais crianças, na sua tenra idade.

Ora, nada mais simples do que curar-se este desarranjo intestinal : basta administrar-lhe alguns alcalis. O Dr. Trousseau bem o ensinou, e o *pulvis infantum* tão usado, opera pelo alcali, que é a magnesia. Todavia é custoso fazer tomar remedio á uma criancinha, e na luta com ella se entorna quasi todo: não toma quasi nada.

Mas si se conseguir misturar-l-o na mamadeira com o alimento, sem que o presenta, a difficuldade está vencida. Neste caso a primeira indicação é substituir o leite por outro alimento que não azede tão facilmente. Há muitos: são todos os que não são leite.

Tal é entre outros o caldo com farinha de trigo em consistencia de leite grosso: depois addiciona-se nelle qualquer alcali; potassa, soda, magnesia; mas o que mais achei que se presta, é esse carbonato calcareo animalisado, chamado olhos de caranguejos, *oculi cancerorum*.

Assaz tenue para ficar em suspensão na papa alimentar, e para ser atacado pelos acidos intestinaes, sem gosto especial, passa desapercibido aos pequenos doentes. Os russos dão-lhes carne crua em massa: cura tambem; mas póde ter ovos de entozoarios, e desenvolver nelles alguns parasitas, o que não convem.

Citei este exemplo como um caso pratico da utilidade da amamentação artificial na cura das molestias das crianças. Muito teria que dizer sobre este argumento; mas devo reentrar na minha these, e ser conciso.

Resumirei pois o que tenho á dizer.

Póde-se amamentar artificialmente, e criar os meninos sem ama de leite. Acostumados á mamadeira, basta ás vezes mudar de alimento para cural-as de certas molestias ; e quando precisem de medicamentos, tendo-se o cuidado de escolher os pouco sapidos, se pódem misturar com os mesmos alimentos.

Finalmente a amamentação artificial tem sobre a natural a grande superioridade de não communicar á criança a syphilis secundaria, ou mesmo primaria, nem as boubas que por ventura tiver a ama, e se a criança nasceu com estes *humores*, não os communicará á ella, como bem frequentemente acontece.

Vencida vantajosamente a difficuldade da amamentação artificial da prole, o resto da sua criação e educação não tem mais difficuldades a superar.

A communa pois póde tomar sobre si a tarefa inteira da maternidade das gerações que o amor *libertino* lhe for dando.

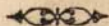
Teremos a sociedade sem esta agglomeração de pessoas sob um só tecto, chamada *familia*. Não choraremos de saudades della, como não chora de saudade dos filhos que não os tem. Quem duvida que a suppressão della não seja um progresso, como o é a instrucção publica em substituição da instrucção privada no seio da familia?

Haverá pais e mãis e filhos á se amarem e á se respeitarem reciprocamente, perfeitamente independentes uns dos outros. Esta independencia, bem longe de dissolver os laços do parentesco, os estreitaria. O filho que

não é pesado ao pai, o pai que não opprime o filho com o seu despotismo patriarcal; mas que respeita nelle o direito como em qualquer outro cidadão, não têm causas de discordia ou de magoa que os separem.

—Ficará despedida da legislaçãoa familia?

--Da lei sim; mas do amor natural não. Onde a paternidade, a maternidade e a prole não têm nem direitos nem deveres, a lei nada tem com elles, nem elles com a lei.



TERCEIRA PARTE

O UNIVERSO E O ESPIRITISMO QUE O HABITA (1).

CAPITULO XXIV

O universo é infinito.—Existe e existirá com a eternidade.—Deos e o universo, ambos infinitos, ou um delles infinito e outro limitado, são um absurdo mathematico.—O universo não foi feito para o homem, nem este é o rei da criação.—O destino do universo é ignorado.—As revelações não esclarecem o mysterio.—O Genesis e a Geologia não estão de accordo como se diz.—A unidade da raça humana.—A criação não parece acabada.—A raça humana, como as mais raças existentes se extinguirão, e talvez outras lhes succedam.—A geração espontanea é uma verdade adquirida á sciencia.—E' propriedade da materia, quer Deos exista, quer não.—Deos: seu pró e seu contra.—A providencia é uma prova negativa de Deos.—Deos não pode ser qual os prophetas o descrevem.—Seria a photographia de um homem máo.—Tudo é mysterio.—Impossibilidade de forçar as trevas do mysterio.

Se affundo a vista pelo infinito espaço celeste, o vejo

(1) Entendemos por espiritismo, não este novo charlatanismo que pretende ao foro de arte de evocar os espiritos, e que poderá constituir mais tarde uma nova religião, ou um «feticchismo da raça branca,» se a sorte lhe mandar uma boa phalange de credulos e de nescios.

Entendemos por espiritismo os espiritos, que se diz povoarem o espaço infinito ; taes são Deos e a alma.

semeado de um formigueiro d'estrellas. Ellas são outros tantos mundos em comparação dos quaes nosso planeta é um mundo microscopico. Observado de qualquer estrella fixa, não seria visivel, tão pequeno é elle. Basta dizer, que o sol é um milhão e quatro centas mil vezes maior do que elle. E se o sol visto de uma estrella, figura como outra estrella, a terra, tão minima em proporção d'elle, nem seria visivel, assim como nos não são visiveis os planetas das estrellas fixas.

Quando interrogo a profundeza do infinito que nos cerca, queria ter a meu lado um padre, ou um ulema para perguntar-lhes de que lado encontrarei o paraizo, o purgatorio, o inferno e o sirat do christianismo e do islamismo, a que distancia estão de nós, e que tempo leva uma alma para lá chegar.

Quero ver onde termina este formigueiro, e armo a minha vista de uma luneta astronomica. Com effeito descubro muito além; mas é a continuação do mesmo formigueiro d'estrellas. Essas nuvemzinhas esbranquiçadas que me pareciam uma substancia etherea e gazosa, se desdobram em myriadas d'estrellas, ou de mundos.

Quem sabe se além estará a fronteira entre o universo e o vacuo infinito? Procuremos. Armo-me de um grande telescopio, e descubro além, muito além, myriadas de milhões de legoas; mas o formigueiro d'estrellas ainda mais longe vai.

Já não ha telescopio que alcance a raia do creado. Que me resta a fazer? Recolher-me em mim mesmo, e ir além com o facho da razão, onde o telescopio não chega.

Haverá com effeito uma fronteira, uma linha mathematica que separe o firmamento do vacuo infinito?—Quem m'o diz que ella existe?—A crença de que o universo é limitado, e não é infinito.—Mas a crença não prova. E se ninguem ainda vio essa raia, essa fronteira, como se pode asseverar que existe? *Até prova em contrario, o universo é infinito.*

Mas seja elle finito ou limitado, exclue sempre a presença de Deos. *Um infinito é o finito sem limite: nem o universo infinito pode ter Deos por limite, nem Deos pode ter por limite o universo: ou um ou outro: não ha lugar para os dous; ou se ha lugar, nem um nem outro é infinito. Dous infinitos, ou um infinito e uma fracção, são absurdos mathematicos.*

Mas dizem que Deos não sendo materia, se subtrahê ás commensurações da materia.

Haverá no universo alguma cousa que não seja materia? Se Deos sente, tem systema nervoso que recolhe as sensações: se pensa, e se tem vontade, tem um systema nervoso que elabora pensamento e vontade. E como a morada das sensações, do pensamento e da vontade é o corpo, Deos tem um corpo a semelhança do corpo do homem.

Os deistas fazem d'elle um homem sem corpo, e dão-lhes a resultante, a elaboração das funcções do systema nervoso, e querem que esta resultante seja infinita. Como podem gerarem-se sem corpo os attributos do corpo, e tomarem o espaço infinito, elles que não tem corpo?

Quem não tem systema nervoso, não pensa, não sente e não quer. Elle é quem fabrica pensamento e vanta-

de, e recebe as impressões. Podem-se prehencher estas funcções sem elle? Venham as provas. Até prova em contrario, Deos será um ente material como o homem.

—Passemos á outro assumpto.

—Quem fez este universo?

—Deos.—E quem fez Deos?—E' increado, existe *ab eterno*.—Onde foi elle buscar a materia para fazer o mundo?—Em si mesmo.—Se elle existia com o universo em si, o universo é eterno tambem.—Com o universo eterno e as propriedades que a materia tem, não se precisava de Deos para reger o universo. No universo tinhamos um só mysterio. No universo e em Deos temos dous mysterios. Eis como se pretende ter esclarecido o mysterio do universo. Se deixou nas mesmas trevas, e se lhe addicionou mais outro. Se a materia existe *ab eterno* com suas propriedades physicas, Deos é uma superfluidade. Porque se foi invental-a?

E como a materia é indestructivel, existirá *in eterno*. Eis o que está provado até prova em contrario: *Eternidade do universo sem Deos, ou Deos e universo um ente só*. A quererem um Deos, elevem o universo á esta dignidade. Se não querem, próvem a existencia de outro Deos, que não seja o universo. Por ora está provada a existencia da materia. A de Deos está somente sob a palavra dos sacerdotes das diversas religiões, que admittem o seu Deos, e negam o dos outros.

—Outro problema.

—Quem nos dirá para quem foi feito este firmamento, e de que servem estas estrellas separadas umas das

outras pela immensidade do espaço, que não as deixa ajudarem-se, nem conhecerem-se reciprocamente?

Podem elles servir á este atomo da criação chamado homem, que apenas os presente para ficar extasiado; mas que nunca poderá fazer-lhes uma visita, nem tomar conhecimento delles? Entretanto se diz que é o *Rei da criação!* E não conhece o seu reino, nem este á elle!

—E este rei em que lugar de honra foi posto? N'uma estrellinha minima, esquecida, que nem conta entre myriadas d'estrellas fixas. *O rei da criação foi collocado n'um dos mais infimos lugares della!* Oh! não: o universo não foi creado para elle: não se cream maravilhas para quem as deve ignorar. O destino do universo (se é que tem um destino) é ignorado pelo homem. A sua mente, o seu pensamento se perdem na immensidade do *seu reino* que elle não pode conhecer, bem que se intitule seu rei, feito a imagem e semelhança de Deos. Pobre larva do planeta, arrastando-se no pó, orgulhoso ao mesmo tempo da sua *realeza*, espera que a revelação lhe diga que papel representa na criação que nunca conhecerá.

Se ha momento na vida do homem em que este dezeja uma revelação, é quando está na contemplação do grandioso expectaculo do universo.

E entretanto não ha cosmogonia que lhe revele o segredo. Mas depois de Cuvier tem-se repetido que o Genesis era tão confirmado pela sciencia geologica moderna, que eram uma e mesma cousa. Uma portava testemunho da verdade da outra. Uma de parte da sciencia, outra de parte de Deos. Por amor da verdade de que

somos defensores, não devemos deixar passar em silencio esta fama immerecida.

O homem é o animal que tem mais do que os outros preguiça de pensar. Aceita tudo na fé d'autoridade para esquivar-se ao trabalho da analyse pela intelligencia.

O christianismo tem traduzido o Genesis, e o acha tão claro! E os sabios a repetirem que parece, em se lendo, que se está lendo Cuvier! Mas quando colhem Moysés em flagrante ignorancia das leis physicas do mundo, dizem que devia fallar a linguagem da ignorancia, fallando com ignorantes. E como nesta linguagem acham elles a sciencia? Moysés fallava a sciencia do seu tempo, que é a ignorancia do nosso.

Mas voltemos ao Genesis. Ou a nossa intelligencia está abaixo da mais modesta, ou o Genesis não é nem claro, nem concorde com a sciencia.

E o demenstramos.

Diz o Genesis :

“ *No principio* creou Deos o céu e a terra.... „

Esta primeira parte da creação não conta por um dia. Porque?

“ Disse tambem Deos : Faça-se o firmamento no meio das agoas.... E chamou Deos o Firmamento Céu. „
(2.^o dia.)

Se Deos creou *no principio* o Céu (que era o Firmamento) como foi creal-o outra vez no segundo dia?

Continúa o Genesis.

“ A Terra era vã e vasia. „

O que é Terra vã e vasia?

“ As trevas cobriam a face do abysmo. „

Que abysmo era esse, e o que é face de abysmo ?

“ E o espirito de Deos era levado sobre as agoas.... e Deos disse tambem, separe-se umas agoas das outras agoas....e dividiu as agoas que estavam por baixo do Firmamento das que estavam por cima do Firmamento. „

“ Disse tambem Deos : as agoas que estão debaixo do Céu ajuntem-se n'um mesmo lugar. „

Se as agoas já estavam divididas por baixo do Firmamento e por cima do Firmamento, não se podiam ter dividido novamente. E uma vez que estavam divididas, já estavam ajuntadas cada uma no seu lugar.

Sobre quaes agoas era levado o Espirito de Deos? Sobre as de cima ou sobre as debaixo ?

E que agoas ha por cima e por baixo do firmamento? Se as de baixo são os mares da terra, as de cima que agoas são ? Como se chamam ? Onde assentam ellas ? Onde acaba o firmamento, e onde começam ellas ?

Entendeis onde estão ?

Eu não. Pensaria Moysés que as agoas da chuva moravam por cima do firmamento ?!

Mas continuemos :

“ As trevas cobriam a face do abysmo. E Deos disse : faça-se a luz, e foi feita a luz... e dividio a luz das trevas, e chamou a luz dia e as trevas noite „ (1.º dia.)

“ Disse tambem Deos: façam-se uns luzeiros no firmamento do Ceo, que dividam o dia e a noite, para que luzam no firmamento do Ceo, e allumiem a terra. Fez Deos pois dous grandes luzeiros, um maior que presidisse ao dia, outro mais pequeno que presidisse á noite, e

creou tambem as estrellas, e pol-as no Firmamento do Ceo para luzirem sobre a terra, e presidirem ao dia e á noite, e dividirem a luz das trevas. „ (4.º dia.)

Ora a luz das trevas já estava dividida desde o 1.º dia. Já estava creado o firmamento, e com elle o sol e a lua, pois que havia dia e noite.

Pois bem: Deos tornou á fazer no 4.º dia o firmamento e os dous grandes luzeiros que tinham de presidir ao dia e á noite. Quem pode entender isso?

Haverá quem o explique? Eu não.

E o que entendo do Genesis, o vejo reprovado pela sciencia.

“ No dia 3.º a terra produzio a herba verde que faz semente, e arvores fructiferas que dão fructo. “

Ora se no 4.º dia Deos, fazendo os luzeiros que dividem o dia e a noite, fez o Sol, vegetaram pois a herba e as arvores, esse longo periodo de seculos do terceiro dia, independentes do Sol. Ora a sciencia nos diz que o Sol é indispensavel para a vegetação superior deervas e arvores, quando não fosse o calor que elle distribue.

Esta vegetação primitiva seria a que constitue agora os terrenos carboniferos. Segundo o Genesis, teria precedido de dous dias (quem sabe quantos seculos?) a criação dos seres aquaticos, pois que estes foram creados no 5.º dia. Segundo o livro da natureza, a criação das florestas seria posterior de um dia á dos peixes: os terrenos carboniferos são superiores aos silurianos, que são os que contêm os restos fosseis dos primeiros habitantes dos mares.

E bem se comprehende como assim devesse ser. A

terra n'aquelle periodo estava coberta pelas agoas, e continha molluscos, trilobites, anelides, todas organisações mui simples; mas não haveria lugar para as florestas; apenas o haveria para alguns fucos aquaticos, que não são arvores fructiferas, nem hervas que dão semente.

O Genesis diz:

“ Disse tambem Deos: produzam as agoas reptis de alma vivente, e aves que võem sobre a terra, debaixo do Firmamento do Ceo. Criou pois Deos os grandes peixes e todos os animaes que tem vida e movimento, os quaes foram produzidos pelas agoas, cada um segundo as suas especies, e todas as aves segundo o seu genero. “
(5.º dia)

“ Disse tambem Deos: produza a terra animaes viventes segundo o seu genero: animaes domesticos, reptis e bestas da terra, cada um segundo seu genero. „ (6.º dia.)

As aves pois foram criadas juntamente com os peixes, no 5.º dia; e no 6.º foram criados os mais animaes todos da terra.

Pois bem: a sciencia nos diz, que as aves são contemporaneas dos quadrupedes, e não dos peixes: não se achão no periodo da creação dos peixes, isto é nos terrenos siluriano inferior, nem superior, nem nos immediatos superiores. A primeira ave fossil (a *archacopeterix lithographica*) se acha no terreno oolitico superior em companhia do mamifero didelpho *sphalacotherium*. Mas a maior parte das aves, que alias são nossas conhecidas, appareceram quasi no ultimo periodo da creação, no periodo terciario

pliocene em companhia dos quadrupedes nossos conhecidos tambem, boi, anta, elephante etc.

Continua o Genesis :

“ Façamos o homem á nossa imagem e semelhança, o qual presida aos peixes do mar, ás aves do Ceo ás bestas, e á todos os reptis da terra... e domine em toda a terra... e disse... dominae sobre os peixes do mar, e sobre todos os animaes que se movem sobre a terra. „

“ Disse tambem Deos : Eis-ahi; vos dei eu todas as hervas e todas as arvores para vos servirem de sustento á vos, e para que tenhaes que comer. „

“ Tendo depois o Senhor formado da terra todos os animaes terrestres, e todas as aves do Ceo, elle os trouxe a Adão para este ver como os havia de chamar. Porque todo o nome que Adão poz de alma vivente, esse é o seu nome. E chamou Adão pelos seus proprios nomes á todos os animaes, e á todas as aves do Ceo, e á todas as bestas da terra. „

Assim, segundo o Genesis, as plantas e os animaes foram feitos para uso do homem, e todos estes lhe foram apresentados, para que a cada um delles, impozesse um nome.

Entretanto a sciencia desmente em tudo o Genesis.

A maior parte das plantas e dos animaes viveram na terra longa serie de gerações até se extinguirem; sem nunca terem visto o homem, nem este ter conhecido a elles.

De que utilidade lhe foram essas magnificas florestas de *sigillarias*, de *stigmarias*, de *calamites*, de *lepidodendron*, de *lomatophlogos*, que cançadas de esperar por cen-

tenas de seculos a vinda do rei homem para quem foram creadas, voltaram ao seio da terra, deixando por lembrança a sua effigie estampada no livro das estratificações geologicas? De que utilidade lhe foi uma infinidade de molluscos, de crustaceos, e de peixes, que viveram desde o periodo siluriano até o oolitico? E de que utilidade lhe foram os mammiferos gigantescos do periodo terciario, taes como o *Paleotherium*, o *Anaplotherium*, o *Xyphodon*, o *Dinotherium*, o *Pithecus*, o *Lophodion*, e muitos outros, cujas raças destinadas ao seu banquete, (segundo a Biblia) acabaram o seu tempo antes de elle apresentar-se no festim do mundo? Nas immensas ossadas fosseis que a natureza ajuntou nas cavernas, como restos deste banquete, debalde se procuraria um vestigio do amphitrião. Onde estava o grande comedor de carne, o dono destes rebanhos, cujas ossadas ahi estão despolpadas? Onde estava aquelle, que ao dizer da Biblia, os foi passando em revista, e dando a cada um seu nome? Ainda não tinha apparecido na scena do mundo. Dormia a bom dormir no seio da eternidade á espera do seu porvir. Quando appareceu, achou seus nomes escriptos com suas ossadas sepultadas nas cavernas.

E a Biblia diz, que elle os baptizou, e que foram criados para elle!

Não: não foram criados para elle; mas para se devorarem reciprocamente.

Diz ainda o Genesis, que Deos descansou no 7.º dia das fadigas da creação. E como ainda continua a descansar, estamos nos no 7.º dia, que segundo Moyses, já teria 6 mil annos.

Quereis ver agora o que nos diz esse museu do globo, cujas estantes, ou camadas geologicas contêm as osadas dos seres que viveram, registradas segundo suas epocas seculares?

Elle diz, que desde o periodo siluriano em que a terra principiou a ser habitada por molluscos, até o periodo quaternario em que appareceo o homem, ha dezanove periodos, que é provavel que durassem cada um delles dezenas de mil annos á vista da lentidão com que a terra procede em suas metamorphoses. Deos teria descansado dezanove vezes, em vez de uma, se é verdade que apparecia sobre a terra a fazer uma fornada de seres, e se recolhia a descansar até chegar a hora de fazer outra, pois que a casca terrestre conta 19 camadas distinctas contendo cada uma novos seres.

Segundo o Genesis a creação está concluida, e a terra o está tambem. Mas ella continua em suas metamorphoses, como no tempo da sua creação. As agoas se retiram da sua superficie e deixam em secco o fundo do mar. Debaixo das nossas vistas o Baltico e o Archipelago Jonio estão se enchendo pelo deposito calcareo, e pelos trabalhos incessantes da madrepora. Dentro de pouco (nestes 20 mil annos talvez) estarão em secco. A terra esfria sempre, e com o seu esfriamento completo cessará de ser habitavel.

Sem agoa e sem calor não ha ser organico que possa viver. A Africa já sente escassez d'agoa. Por ora a camada solidificada em que pisamos tem apenas uma grossura que se pode comparar á de uma folha de papel grudada sobre uma laranja. E' a 120 parte do raio da ter-

ra; mas a sua superficie gelará, ainda que continue accesa a sua fornalha central. Então todos os animaes existentes desaparecerão do mundo, tão certo como agora vivem, e com elles morrerá a raça humana tambem, porque a terra ficará inhabitavel, como o são a lua, Neptuno, Saturno, e outros planetas que enlretanto cumprem silenciosa e mysteriosamente seu giro ao redor do sol, sem que saibamos com que fim. Será para descreverem silenciosamente suas orbitas que foram creados?

Mas antes que a terra chegue á esse termo, terá que passar por mais metamorphoses, como até aqui passou.

Assim como ha terras que se levantam, e outras que afundam, ha animaes que desaparecem, destruidos por outros, ou que perecem por falta de alimento. Ha bichos que já não se acham no mato, e que só se encontram no alvergue do homem, que os tomou sob sua protecção: ha outros que não tardam á desaparecer como a *giraffa*, o *castor*, e o *auroch*, porque o lar do homem os não abrigou: sim, o homem tambem tem de extinguir-se, apezar do seu orgulho, como os *trilobites* do periodo siluriano, como os grandes *reptis* do lias, como o *mastadonte* da epoca terciaria e quaternaria. e como o *megatherium*. E quem sabe, se apoz delle virá ainda outra raça mais perfeita do que a nossa, que classifique nossos esqueletos nos museos sob o nome de *homo primigenius*, como nos havemos baptisado esqueletos com o nome de *Elephas primigenius*, e de *bos primigenius*? Quem sabe se um dia seremos tambem uma raridade fossil? Já não o é a queixada humana achada em 1863 nas minas de Moulin-Luignon? Seremos nos apenas um degráo da escala ascendente dos seres?

—Em quanto houver materia organica e clima compativel com a vida, haverá creações sempre novas no nosso planeta.

Abandonae a si mesmo qualquer pouco de materia organica inerte, e della pullulará a vida sob a forma de milhões de seres microscopicos. Se os meios de producção e de desenvolvimento forem milhões de vezes mais potentes do que são, os seres que formarão, serão milhões de vezes maiores. Assim em vez de serem infusorios, serão *mastodontes* e *plesiosauros*, ou *homo sapiens*.

A morte dos seres organicos é a transição de uma vida para milhões de seres microscopicos, ou é a transição destes para uma outra infinitamente maior. Esta transição é parte da evolução incessante da materia desde toda a eternidade. Mas a vida organica nem sempre existio no nosso planeta, assim como cessará de existir um dia. Não existia quando o calor do globo a não consentia; se extinguirá quando não for consentida pelo frio dos espaços celestes.

Parece que a mais racional das Cosmogonias é aquella que admite um Deos creador; mas a creação é continua; se effeitua debaixo das nossas vistas, e nos não vemos a mão do Creador: vemos, sim, a evolução da materia em virtude de suas leis physicas, e nada mais.

Os seres organicos vegetaes ou animaes têm em si mesmos uma faculdade *reproductiva*, que todos conhecem: pois bem: esta faculdade reproductiva é a continuacão da faculdade *productiva*, ou *creadora*.

O que é o crescimento de um individuo, senão uma formação de cellulas novas, que se addiciam ás exis-

tentes, e que vão substituir as caducas; cellulas alias formadas sem intervenção da mão do Creador; cellulas formadas por geração espontanea, em virtude de leis physicas? Ora se uma cellula se forma espontaneamente, pode-se formar um aggregado dellas que constituam o ovo de um ser, ou de um animal de organização mui simples: um vibrião, por exemplo. Do vibrião ao homem, do simples ao complicado não ha outro trabalho mais do que multiplicação de cellulas. A razão nos diz que ha geração espontanea, e que Mr. *Pastouret* com suas retortas, não fez mais do que alterar profundamente a materia organica nellas contida, e tornal-a impropria a se organizar: pois que é certo organizar-se espontaneamente toda a materia organica abandonada a si mesma.

Se foi impossivel desenvolver-se a vida nas retortas de Mr. *Pastouret*, ella se desenvolveu bem recentemente nas retortas dos Snrs. *Oehl* e *Cantoni*, tão bem preservadas como as delle, de qualquer introducção de ovo de infusorio. Wyman e Pouchet chegaram ao mesmo resultado depois das famosas experiencias de *Pastouret*. Mas em apoio da geração espontanea ha outras provas, indirectas.

Não encontraes muitas vezes um dente, um osso, um embrulho de cabellos nos ovarios de uma mulher, ou em qualquer parte interna do corpo humano? Em outros tempo se explicava este phenomeno dizendo-se que essas partes eterogeneas do corpo humano erão uns restos de um feto abortado no seu desenvolvimento, que havia sido envolvido por outro feto que amadureceo, e que lhe servio de matriz adventicia.

Porem as observações microscopicas recentes tem demonstrado, que provêm do desenvolvimento de uma cellula mãe, formada accidentalmente nos nossos tecidos, que lhe servem de matriz, e que a fecundação não tem parte alguma na sua formação.

Se espontaneamente se forma uma cellula mãe, que no seu desenvolvimento produz um cabello, um osso, ou um dente, fora do seu lugar, ou mesmo em seu lugar, porque não se poderá formar espontaneamente outra, que com o seu desenvolvimento dê origem, no meio de uma matriz adventicia qualquer, á um ovo de um novo animal? A formação espontanea de um só cabello em lugar que não lhe compete, traz com sigo a prova da grande lei de geração espontanea, não só de qualquer infusorio, como de qualquer ente de organização mais complicada, á custa da materia organica abandonada á si mesma, sem que para isso intervenha a mão do Creador a formar o primitivo modelo cellula por cellula, tecido por tecido.

Esta intervenção da mão de Deos na criação dos seres segundo o Genesis, poderá ser uma verdade; mas se o fosse, entraria Deos em concurrencia com a materia organica. Se Elle existe, é provavel que tenha transmittido á materia a faculdade creadora para não ver-se obrigado á uma criação por qualquer cryptogama, ou por qualquer infusorio. E se não existe, a materia tira essa propriedade de si mesma. A criação dos seres pela mão de Deos poderá ser uma verdade; mas como elles se podem formar espontaneamente precisa de prova.

De tudo isto se vê, que a sciencia já não é tão imparcial no estudo dos phenomenos da natureza como de-

veria, e que tende sempre a servir mais a Cosmogonia judaica e a Theogonia christãa do que a verdade.

E' effeito da educação recebida pelos seus interpretes. Entram no estudo com idéas previas, e querem fazer servir a sciencia á sustentação destas idéas.

Ha, por exemplo, varias especies de macacos, e de cachorros cujas raças se encruzam. Ninguem se lembrou de propor o problema se o cachorrinho chamado King-Charles seria ou não descendente do cão de fila, nem de imaginar o modo de filiação da raça de um para a de outro, porque fica entendido, que quem fez o molde de um, podia ter feito tambem o molde de outro.

Mas porque se cançam em querer provar que o homem negro é filho do homem branco, e em demonstrar a transição de um para outro atravez dos climas e dos seculos, antes que dizer como dos cachorros, que quem fez o molde de um fez o do outro tambem? E' porque estes sabios estão ensinados desde pequenos a crer que a lenda biblica é a verdade das verdades. Se tivessem nascido na India, haviam de empregar a sua intelligencia ethnographica em medir a dose de *Paramatma* (alma do mundo) que cada raça recebeu, e a assignar-lhe o degráo na escala que a avizinha de *Brahama* na proporção desta alma.

Assim tambem têm por certo que existe um Deos supremo, que se occupa de governar o mundo, e em tudo elles descobrem a sua intervenção que chamam *Providencia*. Não ha accidente fortuito em que não descubram a mão de Deos. O descobrem na ordem e na desordem, na justiça e na injustiça, no pró e no contra; e se é evi-

dente a sua ausencia, promettem a sua intervenção reparadora na vida futura. E como defunto nunca se queixa, estão certos de não serem desmentidos.

Parece que uma intelligencia suprema, com effeito, preside a muitos phenomenos da vida do mundo e dos seres. O animal destinado a comer carnes, nasceu fornecido de dentes agudos, de força de mandibulas, e de unhas embainhadas que servem a dilacerar-as. O animal destinado á dormir debaixo do gêlo um inverno inteiro, é forrado de duplo pello, e munido da gordura que lhe entretém a vida respiratoria.

Sem a associação do amor e do appetite carnal, ninguém se daria ao trabalho da propagação da especie, unicamente pela razão de não deixal-a fenecer. Mas ao pé de tanta *providencia* ha tanta *improvidencia* que se é tentado a crer, que o que parece effeito de uma intelligencia vigilante, não é mais do que o resultado das propriedades physicas da materia, que nós ainda não podemos bem conhecer.

Todavia a providencia é o *corrige* de uma *errata*.—Ha andorinhas para expurgar o ar dos mosquitos.—Mas porque se fizeram os mosquitos?—Ha carnivoros para desbastar a excessiva abundancia de animaes.—Mas por que são elles em tanta abundancia?—Ha herbivoros para dar gasto ás plantas que cobririam a terra.—Mas porque haver tanta superfluidade de vegetação?—Morrem homens e animaes para deixar o lugar á outros que os tem de succeder.—Mas precisa-se de novos?—Porque condemnar a morrer os que existem?—Porque são velhos?—Mas porque se consente que envelheçam? E o mun-

do é já tão cheio da raça humana que seria preciso ella desbastar-se ?

Ha tanta injustiça sobre a terra, que perigaria o credito da justiça de Deos, se não se tivessem lembrado de fundar na outra vida um banco, onde em moeda de felicidade eterna se pagasse o saldo d'aquelles que tivessem excedido em soffrimento a sua partida de debito. Se o Ente Supremo deita sobre o mundo á injustiça, a oppressão, todos os vicios humanos, e as molestias, para que remedial-os depois ? Antes não fazer o mal, do que cural-o; antes não errar, do que corrigir depois.

E quem é o autor das *erratas* ?—Deos.—E quem é o autor dos *corrige*s ?—Deos.—Faria as cousas tortas, e as indireitaria para se entreter em exercicio ?

Um Deos que erra, e que corrige o erro, é semelhante de mais ao homem para ser Deos.

Porque encheu a terra de molestias, de mortes, de soffrimentos, de injustiças ?

Dizem que Deos creou o homem á sua imagem e semelhança. Eu diria ao contrario que o homem creou Deos á imagem e semelhança sua, e até escolheu por modelo um homem máo. Deos seria a causa de todas as injustiças e tribulações que affligem a humanidade, e que deviam ter sido previstas por Elle desde o primeiro dia da eternidade. Um homem, um simples homem seria bom, porque nem lhe custaria nada, nem teria razão para ser máo: para que ser máo como Deos? Encheria o infinito de felicidade, e de seres para gozal-a. Faria assim o maior bem possivel. Não é isso dever de todos? Só não será dever Daquelle que nos ordena este preceito? Porque

Deos não fez o bem que poderia ter feito um homem qualquer ?

Diz-se que quiz que o homem ganhasse a sua felicidade.—Que mal teria havido se lhe a tivesse dado de graça? Deos naturalmente é feliz: tem ao menos a felicidade a seu dispor, e se não o fôr, é porque não quererá sel-o. Quanto Lhe custou esta felicidade? Como a ganhou Elle? A teve de graça: e porque não a distribuiria tambem de graça ao homem? Ninguem Lhe a deu sob condição. Porque hade dal-a sob condição? E quem merece premio ou castigo, se não Elle que é a causa de tudo, e que sabe tudo o que ha de acontecer? Esse Deos de que fallam, é feito pelo homem: este o fez tão semelhante a si, quelhe deu até a vaidade, que se compraz da lisonja e da adulação. O que é adorar a Deos, se não lisonjal-o, adulal-o, e agradal-o no interesse de tornal-o propicio e bemfazejo? Haverá um Deos que queira ser adorado ?

Um Deos que não fosse feito pelo homem, tiraria a creatura do nada, Lhe daria máos instinctos, má cabeça, o collocaria em condições de ser máo, para ter um pretexto de tornal-o infeliz por toda a eternidade? De que seria culpado este homem antes de nascer, que merecesse tão infinito soffrimento ?

Se existe Deos, de certo não é este inventado pelo homem. Seja como for, o infinito d'espaco e de tempo; o universo, o nosso planeta, a organização dos seres, a rasão, a vida, a harmonia physica do mundo, a mesma desharmónia que revela a acção do acaso ao pé da acção da providencia, a *causa rerum*, tudo é mysterio e treva.

Povos, tribus, individuos, todos veem o mysterio, e pedem uma luz para o sondar.

A' esta evocação respondem os prophetas das religiões, e os feiticeiros do feiticismo, e trazem uma luz, uma *revelação*. Cada um delles se intitula o verdadeiro enviado de Deos, e excommunga os outros. Cada um delles mostra nas trevas sua phantasmagoria de cosmogonia, de theogonia, e de mythologia sagrada, arrematada pela moral; mas nenhum delles apresenta o passaporte outorgado pela Divindade. A qual delles crer? As revelações, assim como os prophetas se repellem reciprocamente. E parece que nem aquellas, nem estes têm senso commum. Todavia cada povo acceita propheta e revelação que lhe dão, e contenta-se com elles.

Quanto á nós qual revelação e qual propheta aceitaremos? Aquelles que o areopago dos prophetas disser serem os autenticos. Não podemos ser mais accommodados, nem mais imparciaes.

As revelações das religiões que existiram, e as das dominantes, não illuminaram mysterio algum; mas seus prophetas collocaram-se ao lado do homem, e o subordinaram á sua casta em nome de Deos. A revelação, que nada revelou, servio-lhes de introdução.

Nós por nossa parte preferiremos as trevas á phantasmagoria dessas revelações, e a nossa liberdade ao jugo sacerdotal. Talvez sejam felizes aquelles que dizem á sua consciencia--crê, e fica socegada--e que são obedeidos por ella. Em quanto nós não tivermos esta ventura, ficaremos na duvida, confessaremos a nossa ignorancia, e guardaremos a nossa liberdade.

CAPITULO XXV

A organização dos seres é uma das metamorphoses da materia, que se operam continua e eternamente.—Todos elles tem por destino: 1.º a propria conservação, 2.º o seu desenvolvimento, 3.º a perpetuação da sua especie.—Todos os seres organicos, planta, animal ou homem, são dotados de razão na proporção da sua necessidade e da sua organização.—Ha sete sentidos conhecidos nos seres organicos; mas talvez haja outros a nós desconhecidos.—O que se chama instincto, é acto de razão.—A razão dos animaes em acção.—Todo o ser organico, planta, animal ou homem considerando-se á si na esphera da sua racionalidade, deve julgar-se o unico rei da criação.—Não ha rei de criação, ou cada ser organico é um rei.

O animal começa a sua existencia por uma cellula organica. Quer ella se multiplique por scisão, como pretende Virchow, ou por organização do blastema em que está mergulhada, como querem Robin e Clémenceau, ella se multiplica, e se desenvolve sempre assimilando novos elementos organicos, e se metamorphosea tomando a forma de animal mui simples, depois de mais complicado, enfim subindo na escala dos seres, até tomar a de vertebrado, ou de animal superior.

Mas desde que a cellula primitiva absorve, ou assimila, é possuida da vida, tem movimento circulatorio proprio; pouco á pouco torna-se sensivel, e então se manifesta nella o movimento voluntario tambem. O ser então tem a consciencia do *Eu*. O seu crescimento é a vida

em acção, e a subida na escala dos seres. Se principiou o seu desenvolvimento como infusorio, passa a ter forma de peixe; mais tarde será mamífero.

Chegado a certo desenvolvimento, entra no mundo, e principia a sua vida externa: nasce. A sua evolução porém não fica estacionaria, mesmo depois de nascido: continuam as suas metamorphoses. Não pode haver duvida sobre isso: basta conferir a organização da criança com a do velho, e se achará entre ellas grande differença na mesma structura anatomica. No começo da existencia, e principalmente na vida fetal, a metamorphose é mais rapida do que na idade avançada. Chegado á transição da vida para a morte, a metamorphose torna-se lenta. Superada esta transição, começada a dissolução do organismo, e com ella a creação de novos seres, torna a accelerar-se. Assim, de metamorphose em metamorphose a materia organica faz sempre parte de novos seres. E' uma roda de transformações que nunca pára.

Não é somente o animal o sujeito á lei da metamorphose, é o vegetal tambem, é a mesma flor: conferi a semente com a arvore, e vede se ha mais semelhança entre os dous. Quem preside á esta metamorphose é a vida; seria a *anima mundi*, se houvesse alguma cousa que não fosse materia.

Todos os seres organicos trabalham durante a vida para chegar á tres resultados.

1. ° — Conservação da especie.
2. ° — Sua propagação.
3. ° — Seu desenvolvimento.

Bem que seus actos ás vezes pareçam desviar-se destes fins, bem considerados, á elles concorrem.

Se elles vieram ao mundo a prehencher uma missão, não é outra se não esta: desenvolverem-se para chegar a propagar, e para legarem sua vida ás gerações posteras.

Materia e vida é quanto lhes basta para chegar a esses resultados.

Mas o homem diz: eu tenho alem da materia e da vida uma razão que me dirige na minha conservação e na propagação da minha especie: os outros viventes tem o automatismo chamado instincto, com a consciencia do *eu*: são os animaes: outros vivem por leis phisicas sem nem ter esta consciencia: são as plantas.

Pois bem: se os outros seres organicos chegam sem a razão ao mesmo resultado a que chega o homem com ella, elles estão melhor aquinhoados e favorecidos do que este: a sua organização, que não precisa de razão, é mais perfeita do que a do homem. São superiores á elle.

—Mas estamos bem certos, que estes seres organicos tão favorecidos pelo instincto, não têm uma razão como nós que os dirige tambem?

Eu vejo as plantas da floresta virgem subirem em busca da luz e do calor do sol, e conchegarem-se tanto, de não deixar penetrar na floresta um só raio de luz. E' meio dia ardente fora della, e nella é noite escura. Nem uma só restia de luz penetra: as folhas fecharam a descida da luz para o terreno. Estão contemplando o Sol.

Vejo a planta passar suas raizes por baixo de um muro, para absorver melhor seiva do que aquella que lhe dá o seu terreno. Vejo outras enroscarem-se ás arvores

e deitarem-lhe na casca suas radículas para extrahirem a seiva. São as trepadeiras parasitas. Vejo a sensitiva abai-xar-se e fechar-se para fugir o contacto de quem a toca. Vejo a *dionea muscipula* estrangular a mosca em flagrante, que lhe ia lamber o mel, e não largal-a se não depois de morta. Vejo flores fecharem o seu calix ao aproximar-se da tempestade. Vejo os amores das plantas identicos aos dos seres animados.

Todos estes actos não são por ventura actos de razão? Se ellas não dão outros signaes de vida intellectual, será por falta de pensamento, ou de órgãos? Ellas o manifestam entretanto quanto lhes consentem seus órgãos.

Quem presente o tempo que se avizinha, quem vae escolher a sua nutrição no terreno visinho, e despreza o proprio, quem esquiva-se ao perigo, quem mata o adversario, pensa, e quem pensa tem a consciencia do *Eu*.

—Verdade é, que se as flores e as plantas são seres animados, não têm os sentidos que nós temos, não tem olhos, ouvidos, olfato, tacto, paladar que lhes faça conhecer o mundo exterior. Mas se nós não tivéssemos estes sentidos, e todavia tivéssemos outros mui diversos, suspeitariamos nós que aquellas partes do corpo que chamamos órgãos, serviriam para fazer communicar a consciencia de um ente animado com o mundo exterior? Certamente que não. Ainda não temos podido advinhar qual seja o órgão complementar da vista no morcego, que se cegou, e pelo qual evita varas e cordas entre as quaes se faz esvoaçar. Porque negaremos nós ás flores e ás plantas órgãos que os mettem em contacto com o mundo exterior

Porque não os conhecemos? Ha órgãos além dos nossos. O morcego tem este supplementar da vista, os insectos tem palpos, ou antennas, que nós não temos, e que ignoramos como operam. Cortae os palpos de uma formiga, e bem que se lhes deixe intacta a vista, não saberá mais dirigir-se. Que sensação transmittem pois os palpos?

As flores e as plantas não terão certamente órgãos como os nossos; mas não terão o órgão substitutivo do morcego, o dos palpos, ou outros dos nossos? Eis o que é presumivel, visto darem indicios de que sentem de que querem, e de que pensam.

No raciocinio da planta caçadora da mosca, da trepadeira, da sensitiva está demonstrada a sua razão. Na sua razão está provada a consciencia do *Eu*, e nos seus actos está demonstrada a comunicação da sua consciencia com o mundo exterior.

—Já sabemos que nos dirão que tudo quanto a planta fáz, o faz automaticamente em virtude de um mecanismo especial sobre os quaes actuam influencias exteriores menos bem conhecidas. Porque diremos isso dos actos de razão das plantas, e não o dizemos dos nossos?

A nossa organização não é toda uma maquina? Quer-se até que sejam automaticos os actos dos animaes, actos que são os mesmos que os do homem! Por analogia de funcções organicas e de manifestação de pensamento, as plantas são seres animados. Se o homem nega-lhes este foro, é porque desde pequeno está prevenido que são inanimados; não que a razão o diga. O que podemos asseverar, sim, é que a sua vida intima nos é desconhecida,

ou quasi desconhecida por falta de meios de communicação entre a nossa consciencia e a delles.

Nós não temos idéa dos seus sentidos, assim como ellas não têm idéa dos nossos.

Nós temos cinco sentidos, o morcego tem outro, e os insectos outro, que nos são desconhecidos: ao todo sete. Mas assim como ha dous que ignoramos, não poderá haver seis, oito ou vinte?

Quem sabe, se nós tivéssemos todos os sentidos possíveis, se ignorariamos alguma cousa deste Universo, se elle ainda esconderia seus mysterios ás nossas investigações? A nossa razão é limitada aos objectos que nossos sentidos lhe trazem do mundo exterior. Se tivéssemos dez vezes mais sentidos do que temos, a materia nos seria conhecida por todos elles, os nossos conhecimentos do mundo exterior, e a nossa intelligencia seriam decuplos. Nos restariam ainda mysterios a penetrar?

Se toda a razão emana de uma organização, cada ser organizado tem sua razão proporcionada á essa organização. Tem pois sempre mais ou menos uso de razão. As plantas e as flores portanto têm uma razão, talvez inferior á de outros seres mais complicados do que ellas, mas sempre têm uma.

Flor, planta, infusorio, vertebrado, homem, tudo trabalha para a propria conservação, para a propagação da especie, e para a sua defesa. Todos com a sua sagacidade esgrimem contra o imprevisito, que tende a aniquilal-os. Todos precisam de razão, e sem ella extinguir-se-hião logo suas raças, e seus genros, especies e familias: elles que vivem, é porque têm uma razão conservadora. Attribuir á razão os actos do homem, e ao instincto os mesmos actos

nos animaes, e á organização actos analogos das plantas, é estabelecer *a priori* a racionalidade do homem, a irracionalidade dos animaes, a vida puramente vegetativa das plantas. E' estabelecer *a priori* o que se pretende e se tem dever de provar.

Identidade de effeitos faz suppor identidade de causas. Se o animal fosse um automato, não teria condições devida: o automato se quebra contra o obstaculo imprevisto, e não o esquiva. O automato não durará tanto que chegue para propagar. A razão é a unica sua salvaguarda que o póde fazer viver.

O cão acostumado a entrar pela porta, se a acha fechada, e se acha a janella aberta, pula pela janella. Se fosse automato, ou despedaçaria a porta, ou se despedaçaria contra ella. Pulando pela janella exerce um acto de razão.

Quando o homem, depois de ter elevado á perfeição e arte da guerra, se proclamava o unico capaz de guerrear, vio a formiga de posse da sua arte, e tão mestre nella como elle proprio. A vio dar batalhas em boa ordem, com suas phalanges desdobradas em centro, ala direita, ala esquerda e reserva, e aproveitando todos os accidentes do terreno, e fortificando-se onde era preciso.

Pensarieis que o homem coraria da sua jactancia e da sua fatuidade? Oh que não! A formiga, por pequena, não podia nem testemunhar, nem conhecer que estava ao nivel do homem, nem ouvir sua jactancia.

O homem estuda mathematicas para abrir um caminho subterraneo, parabolico, que vá dar n'um ponto determinado. Entretanto ha formigas nos nossos matos que

abrem este caminho para, da sua cidade subterranea, sahir no campo visinho a devastal-o, ou para ir sorprendender na propria cidade outras especies de formigas inimigas.

Ninguem mais engenheiros do que ellas nas suas construcções. Uma palha curva qualquer é para ellas um thesouro. Com ella reparam a cupola da casa que ameaça ruina.

Fazem della uma arcada, ou ainda melhor do que isso: fazem uma ogiva, ou arco diagonal, pois ellas sabem, que de todas as arcadas, a mais solida é a ogiva.

Perturbae-as no seu trabalho: espalhae veneno no seu caminho: logo as que ião, voltam, fazem parar as que encontram, contam-lhes o caso, e as fazem voltar tambem.

Quem não conhece o trabalho artistico e scientifico da abelha na sua colmea? Mas o homem, que rebaixa e desacredita todo o animal pela vaidade de erguer-se sobre elle, disse que a abelha trabalhava por instincto, e que não seria capaz de dar outra fórmula ao seu alveolo que a exagona. Pois bem: ella se encarregou de lhe dar um dementido. Debaixo das suas vistas variou á vontade a forma do alveolo.

A abelha prefere a fórmula exagona, porque é precisamente aquella que dá maior numero de alveolos n'uma área determinada. Mas não usa desta fórmula senão em quanto lhe convém. Se acontecer que o primeiro raio que colla sobre a madeira adhira fracamente, e sómente pelas saliencias, sendo os alveolos de seis faces, os faz sómente de cinco: a fórmula geometrica em vez de ser exagona, é pentagona. As grandes cellas reaes não são de seis

faces; mas tem a forma oval oblonga, o que dá á estas predilectas uma grande facilidade de desenvolvimento. Entre as mesmas cellas exagonas ha differenças, que têm sua razão de ser.

Para as abelhas respigadoras são pequenas, para as trabalhadoras da cera são maiores, e para os machos, são ainda maiores.

Se o espaço é diminuido, ellas diminuem o exagono em proporção. Se no lugar da madeira onde grudam os seus raios se pozer uma chapa de vidro, ellas desviam a construcção fazendo um cotovello, antevendo já que o seu grude não pegaria sobre uma superficie polida de vidro. Mas para dar aos raios a fórma de cotovello, é preciso mudar o diametro dos alveolos, alargar os da parte convexa, e estreitar os da parte concava. E' um problema delicado de architectura, que ellas resolvem praticamente na primeira construcção, sem errar.

Examinemos a sagacidade, ou o uso da razão de outros animaes.

O assassino consummado para matar o homem de um golpe, mette-lhe a faca na jugular. Sabe que por ahi escoa-se o sangue mais depressa, e com elle a vida.

O caracajou é o assassino da floresta mexicana: corta á dentes a jugular da sua presa. Entretanto se diz que a razão guia o cutello do homem, e que o instincto guia o dente do caracajou.

Vou contar um facto do qual fui testemunha.

N'uma fazenda havia enchames de *vira-bostas* que faziam estragos nas plantações. O dono da fazenda assentou de acabar com estas aves pelo veneno, e deitando

milho quebrado n'um lugar certo (que chamam *ceveiro*) e á hora certa, acostumou-os a vir todos os dias a comel-o áquella hora. Um dia envenenou o milho com sublimado. O primeiro passaro que engulio um fragmento d'elle, soltou um grito desusado, e fugiu. Atraz d'elle foi todo o enchame, e nenhum appareceu mais no *ceveiro*. Não fizeram precisamente o que faria o homem? Mas a razão que teria guiado o homem, no passaro é instincto! Seria um acto puramente automatico preparado e guardado na sua organização á espera daquelle envenenamento?!

Outro facto. Umhas formigas tinhão trepado n'um celleiro, e deitavam os grãos de milho, que outras em baixo carregavam; mas como um porquinho, acudido em tempo as fosse alliviando do trabalho de carregar, as formigas do paiol cessaram seu trabalho, e desceram todas.

O homem não teria feito outro tanto por um acto de razão? E este acto na formiga será de instincto?!

Por pouco que o homem se familiarise com os costumes dos animaes, vê nelles uma occupação continua para prover á si e á prole, vê as mesmas paixões do homem, e á cada paixão, á cada sentimento, vê corresponder uma linguagem especial, como vê no homem uma inflexão de voz especial.

Quantas vezes o cão fita os olhos no seu amigo, o patrão, para ler nos seus olhos o seu pensamento! E tudo isso no cão é instincto, no homem é razão?!

A formiga não abre uma galeria, não lhe dá uma fórma, o animal não se levanta ou se deita, não anda por este caminho ou por aquelle, sem uma razão.

A formiga e a abelha, sem terem estudado, sabem

fazer o que o homem só póde fazer com o auxilio da sciencia, e ellas são as ignorantes, que nem pensam: são maquinas!

O homem na sua fatuidade diz:—*Eu sou o rei da criação!* Tudo o que está creado, Deos o fez para mim. Eu sou a intelligencia suprema abaixo de Deos.—E as formigas e as abelhas a trabalharem para dar-lhe um desmentido pratico! E a formiga e a abelha podem bem dizer-lhe:—“Estuda e aprende com nosco, se quizeres habilitarte a fazer o que nós fazemos. Tu nos mostras desdenhosamente o teu vapor e o teu telegrapho electrico: E's imperfeito na tua organisação, precisas d'isso; nós, não. Para provermos ás nossas necessidades, temos o necessario, e os nossos recursos, de que tu nem tens idéa: são de sobra. Soberbo sabio do universo, elabora-nos promptamente, como nós elaboramos, um pouco de mel e de cêra, ou um pouco desse grude com que grudamos nossos alveolos, ou d'est'outro com que amassamos a terra, a fim de que a chuva não a possa delir. Dá-nos a razão das nossas galerias, da fórma das nossas cellas. Toma comosco um problema de architectura e de geometria, e resolve-o tão promptamente como nós o resolvemos, de curiosidade, porque nós não havemos cursado academias.”

“E ainda nos tratarás de intelligencias inferiores!”

“Faze alarde da perfeição do teu cerebro, magnifica maquina de pensamento e de telegraphia sensitiva do teu organismo, sem a qual, dizes tu, ninguem attingirá o nivel da tua intelligencia, nem a tua superioridade sobre as raças existentes. Pois bem: nós te apresentamos nosso cerebro, que nem cerebro é: é ape-

nas um ganglio nervoso, ou cerebro rudimental: entretanto é um compendio de mathematica, e de geometria applicada ás nossas construcções, é um compendio de chimica organica applicada ás nossas elaborações de cêra e de mel, de metereologia applicada á preservação da nossa organização contra as investidas da brutalidade atmospherica, é um compendio de medicina das nossas molestias, de hygiene para nós, é um codigo de previdencia e de ordem das nossas republicas, que nos dirige na nossa propagação, e na nossa conquista da terra; é emfim um compendio de muitas outras maravilhas das quaes nem dás fé, como nós não damos das tuas. „

“ Quando mediste tu e pesaste o teu e nosso saber (adquirido pelo estudo, ou recebido de presente) e a nossa intelligencia para dizeres, que o que é teu pesa mais do que o que é nosso, se mal apenas conheces a intelligencia e o saber que possues, e desconheces completamente os que nós possuímos? „

“ Que farias tu se tivesses o nosso corpo e ao mesmo tempo o teu cerebro em lugar do nosso ganglio nervoso?—Morrerias.—Sabes o que isso significa? Que cada organização é presidida por um órgão pensante que o póde elevar á sua maior perfeição possivel, e que na perfeição do desenvolvimento de cada ser está a igualdade entre elles. Esta intelligencia, quer resida n’um cerebro ou n’um ganglio, não deixa a descoberto uma só das necessidades do seu pupillo, ou animal; á tudo provê. Não ha pois animal, por simples que seja, inferior á outro, nem menos racional do que outro e do que o proprio homem Na sua perfeição relativa está a sua igualdade. Todos

têm a dóse de razão que lhes é precisa para cumprir seu destino sobre a terra, e se a sua razão viesse á ser trocada pela de outra, deixaria perecer a especie cuja manutenção lhe é confiada. „

Assim todo o ser é rei da criação como o homem, ou nenhum o é: todos provêm ás necessidades que a natureza lhes deu, por maneiras diferentes e desconhecidas de um á outro, e a mesma necessidade á que um provê com muito custo, outro a remedeia mui facilmente: entretanto todos tiram de si mesmos seus recursos. Melhor servidos são aquelles que têm em si maiores recursos. A formiga e a abelha considerando-se a si, devem dizer o mesmo que o homem diz de si com tanto orgulho. Porque ellas tambem tiram de si, como tira o homem todos os seus recursos, e com mais facilidade do que elle.

Ninguém sabe o proprio destino sobre a terra, e todos desejam sabel-o. Para satisfazer-se, o homem inventou o mytho da religião com que se embala e se illude espontaneamente. A formiga e a abelha terão tambem a sua?

Todos os animaes conhecem como o homem a morte, a temem e a fogem. Este conhecimento faz parte da providencia de que cada um delles anda munido.

No entretanto se quer que o animal seja regido pelo instincto, e o homem pela razão!

—E porque?—Porque o animal não tem uso de razão.—E porque não tem uso de razão?—Porque opera por instincto.—Circulo vicioso, logica da crença, condemnada por impenitente á eterna cegueira.

Ha actos que nos custa á comprehender, tanto nos homens como nos animaes; mas que por isso não podemos classificar de automaticos ou de instinctivos. O cabrito, logo ao nascer, pega no peito, e a criança tambem. Ainda não pensam, dizemos nós, e procuram a fonte da sua alimentação. Bem: dai-lhes um peito vasio, e o largarão descontentes, depois de terem-se certificado que está vasio. E' um acto de razão. Como tem elles já este uso de razão? O ignoramos. Porque não será tambem um acto de razão procurar a teta? Melhor é confessar a nossa ignorancia do que dizer magistralmente: é um acto automatico. Arriscamos a que alguem nos convide a explicar o mecanismo do acto, exigencia que nos poria em grande embaraço.

CAPITULO XXVI

A alma.—Suas funcções e seu destino.—Cada alma deve ser um milagre.—Deve ser da mesma natureza tanto a do homem como a dos animaes.—Não póde ser mola do corpo, nem suas funcções podem enfraquecer-se pelas molestias, visto ser incorporea.—E' um mytho inventado para clarear um mysterio, que deixa nas trevas.

Era um philosopho grave e serio, traspassado da quint'essencia da sabedoria, que fallando da alma, dizia:

A materia não pensa, não sente e não quer, e como nós pensamos sentimos e queremos, temos no nosso corpo uma substancia immaterial que sente, pensa e quer por nós. Esta substancia é a alma.

Ora, uma substancia immaterial não está sujeita ás

alterações da materia: é incorruptível, e imperecedoura. Portanto a alma é immortal, continuava o sabio.

Porque criaria Deos a alma immortal, se não tivesse occupação á dar-lhe por toda a eternidade? E se tem uma occupação, um destino, não póde ser senão a recompensa, ou a punição eterna de seus feitos praticados n'este segundo da eternidade, que dura a vida do homem.

—A ser como vós dizeis, Deos deve ter sempre prompto um sortimento de alminhas para introduzir a tempo, hora e minuto marcado em cada feto; e toda a concepção de mulher, christãa ou pagãa, seria favorecida de um milagrinho desse Deos dos christãos, á imitação do que Elle praticou em Adão por meio do assopro, que o converteu em homem de carne e osso, de estatua de barro que era. E não póde ser de outro modo. Se a alma fosse uma emanção do corpo humano, seria materia e não espirito.

Quem admitte o principio, não póde recusar as consequencias, que são o seu desenvolvimento. Cada alma, se não é parte material do organismo, formada com elle á maneira de qualquer tecido organico, se é immaterial, é um milagre. Assim Deos faz tantas almas, tantos milagres por dia quantos homens nascem. Se as estatisticas não erram, serão umas 90 mil, pouco mais ou menos, cada 24 horas. Tarefa não pequena para uma officina humana; mas que ha de ser um nada para a omnipotencia Delle.

Com quanto estas conclusões tenham ares de pouco serias, são filhas legitimas do raciocinio que inventou uma alma immaterial para o homem.

Ninguem se póde queixar dellas. Deve queixar-se do seu inventor.

Antes de discutir a materialidade ou a espiritualidade da alma, devemos comparar entre si as faculdades psychicas do homem e do animal para reconhecemos se são de natureza identica ou differente.

O corpo do homem, como o do animal, é a morada: e a dona desta morada é a alma. Pois bem; quero conhecer a dona de cada uma d'estas casas, e quero que me apresenteis á ellas. Não são ellas vossas conhecidas, vossas intimas? Não nos contaes de uma e de outra cousas que nos fazem pasmar?

—Mas a alma do homem é incorporea, e portanto invisivel: de que serve apresentar-vos á ella se não a podeis ver?

—E vós já a vistes?

—Não: invisivel para vós, o é tambem para mim.

—Mas a ouvistes?

--Tambem não: ella não tem corpo, e por isso não falla.

—Já a tocastes ao menos?

—Como tocal-a, se não tem corpo?

—Quem pois vos contou que ella ahi está, se não dá signal de si?

—O raciocinio: não ha effeito sem causa, e uma vez que se vê um effeito, é o mesmo que si se visse a causa.

—Então é uma hypothese.

—E': e vedes que não se póde visitar uma hypothese.

—O que não tem remedio, remediado está: renuncio esta visita. Tende porém a bondade de me apresentar á

alma do animal. Esta é material, se bem me recordo, e deve ser visível: não será uma hypothese.

—Tambem eu não a conheço: no meio dos tecidos organicos, não poderia dizer-vos qual é o tecido—*alma material*.—Ainda ninguem se occupou desta descoberta.

—Assim é outra hypothese.

—E', sim senhor.

—Contae-nos então, bom sabio, como o vosso raciocinio vos levou a descobrir a existencia das duas almas, material e espiritual, que vossos sentidos não poderam achar.

—O meu raciocinio me dizia: *O homem pensa, sente e quer....*

—O homem só?

—Sim, o homem só. O animal não pensa....

—E como conheceis que o animal não pensa?

—Elle vae pelo instincto, como locomotiva pelo trilho....

—E se um rochedo se lhe colloca adiante, espedaça-se n'elle.

—Não, evita-o.

—Então pensa.

—Talvez: para isso tambem tem uma alma material. Todos os animaes têm obrigação de a ter.

—Rodeado de perigos e de inimigos, este animal locomotiva, que anda pelo trilho do instincto, como os evita? Como provê a si, á propagação da especie e á prole; como joga de sagacidade contra seus inimigos?

—Pelo instincto.

—O instincto é a locomotiva que não tem raciocinio

nem sagacidade: ou espedaça o obstaculo, ou se despedaça contra elle.

—O instincto deve raciocinar por força, ajudado pela alma material que se lhe deu por companheira e conselheira.

—Então pensa.

—Talvez; mas não tanto como o homem.

—O animal no mato terá menores perigos a esquivar e a vencer, menores necessidades á prover para a conservação propria e da prole do que o homem?

—Não.

—Pois a conservação do animal exige d'elle tanto gasto de pensamento como ao homem exige a sua. Ambos gastam igual n'este mister; ambas provém ás mesmas necessidades. Um deve pensar tanto como outro.

—O homem pensa mais do que o animal.

—Como o sabeis? Já confrontastes a somma de pensamento de um e de outro?

—Não é possível.

—Pois se não é possível, não podeis dizer que pensa mais. Pensa quanto basta para ser ente racional. Pensa, não é? Tambem sente, tambem quer.

Não é pois o homem só que *pensa, sente e quer*; é tambem o animal. Fique pois entendido, que se ha alma, ella é a mesma, tanto a do homem como a do animal: se uma morre, outra tambem morre; se vive eternamente, outra tambem é eterna. Ambas seguem a mesma sorte, o mesmo destino. No paraiso, se o ha, o homem póde encontrar o seu cão, o seu cavallo ou o seu papagaio.

Continuai agora meu velho sabio, o syllogismo que vos fez descobrir as duas almas.

—O homem pensa....

—E o animal tambem.

—quer e sente ; e como a *materia não pensa, não sente e não quer..*

—E quem vos disse que a materia não sente e não quer ?

—Um cadaver pensa, sente e quer ?

—Um cadaver é materia morta ; tomai materia viva, tomai um homem vivo, e vos dirá que pensa, sente e quer.

—Por causa da alma que tem.

—Assim pois um homem pensa, sente e quer, por causa da alma que tem, e tem alma porque pensa, sente e quer !

—Certamente !

—Mas com isso ainda não me provastes e nunca me demonstrareis que tem alma.

—Nós não podemos comprehender como a materia pense, sinta e queira.

—E por isso lhe emprestaes uma alma invisivel, imponderavel, incorporea, immaterial em summa, isto é com todos os attributos do nada, e a incumbis de preencher funcções que a materia não póde preencher na vossa opinião por ser materia.

—Certamente.

—Agora que deveis saber como est'alma desempenha o emprego de que tomou posse, não me fareis o favor de m'o explicar ? Não me fareis comprehender como um

espírito, sem outros attributos que os do nada, pôde pensar, sentir e querer ?

—Isso não é possível, porque eu mesmo não o comprehendo.

—Mas tirastes estas funcções á materia porque não comprehendieis como ella os podia executar, e as entregastes á alma sem saber como ella as preencherá. Não valia a pena a transferencia. Agora ao menos resolvi-me um problema mui simples de mecanica.—Por qual artificio um ser incorporeo serve de mola a um boneco que tem de pôr em movimento?—O boneco é o homem, mola é a alma.—Resolvi-me outro de geometria.—Como um ente, que sendo incorporeo, não tem dimensões, pôde tomar as dimensões do corpo em que se encerra?—Fica entendido, que o ser incorporeo é a alma, e o corpo é o homem.—Finalmente proponho-vos outro de psychologia:—Como um ser tão simples, que tem apenas os attributos do nada, pôde exercer uma acção tão variada de imprimir á dous individuos, genio e indole differente. Em quanto não resolverdes estes problemas a voss'alma deve ficar adiada.

A immaterialidade é o nada, é a negação da existencia. A alma é a negação de si mesma.

Que diremos da sua immortalidade, effeito da sua immaterialidade? Diremos que a alma é tão immorredoura como o nada de que é uma parcella. E' certamente immortal, ou imperecedoura, porque ha somente duas cousas imperecedouras. A materia e o nada. Mas o nada é a negação de toda a existencia. Imperecedoura é pois a materia somente. Nega-se á materia a fa

culdade de viver, e para que viva, se lhe dá o nada com o nome de alma. E á este nada se impõe a obrigação de preencher funcções, que se diz que ella era incapaz de preencher. Quem disse ao philosopho que o nada faria mais do que a materia? E est'alma, como é natural, não dá signal de vida sem a materia organisada. E dá tanto mais signaes quantos mais orgãos a materia tem. Porque se dirá que a vida é della, e não da materia? Não se diz que fóra do corpo a alma pensa, sente e quer? Que mostre na materia organica e inerte para quanto presta.

Se uma pedra sentisse, pensasse e queresse, por quaes signaes manifestaria ella a sua sensibilidade o seu pensamento e a sua vontade?

Por nenhum, porque não teria orgãos com que manifestal-as. Mas fazei sahir esta pedra bruta da sua simplicidade; dai-lhe uns orgãos rudimentaes: fazei della um mollusco, uma ostra. Ella vos mostrará que sente se a tocam, que pensa e que quer, quando se abre para deixar entrar a presa nas suas conchas, e que se fecha depois de entrada.

Aperfeiçoi mais a sua organisação; fazei della um crustaceo: já lhe destes mais orgãos; por elles vos manifestará a sua vida mais abundante e mais activa.

Aperfeiçoi ainda a vossa obra: de melhoramento em melhoramento subi a escada dos seres; fazei do vosso crustaceo um crocodilo, do crocodilo um cão, do cão um macaco, do macaco um homem. Sem ter melhorado sua alma; mas tendo melhorado seus orgãos e seu systema

nervoso, tereis augmentado seu pensamento, sua vontade, sua sensibilidade, isto é—tereis augmentado sua alma.

Que o homem de uma riqueza e vigor de intelligencia superior, que são o distinctivo do *homo sapiens* mais imitante a Deos, seja atacado desta obliteração de capillares da massa cerebral, que a priva da sua nutrição e do seu phosphoro, e que constitue a molestia chamada amolecimento cerebral; e a sua intelligencia, a sua vontade, o seu pensamento e a sua sensibilidade terão descido ao nivel daquelles dos animaes inferiores os mais estupidos. A sua alma por ventura diminuiria com o seu cerebro? Não, que um ser incorporeo não pode alterar-se. Se dirá que o cerebro doente serve mal a alma. Mas se quem pensa, sente e quer é a alma; se ainda separada do corpo, pensa, sente e quer, não precisa de que o cerebro a sirva, e nem deixa de sentir, pensar e querer pela doença da pulpa cerebral.

Se estas faculdades se infraquecem, e vão se extinguindo por esta molestia, então quem as exerce não é a alma, é o cerebro.

Fica pois demonstrada esta verdade: que as funcções que se dizem preenchidas pela alma, o são por este orgão.

E' natural que não possamos comprehender como o cerebro ou a materia pense, sinta e queira. Se tivéssemos um espirito, com elle penetrariamos as operações da materia; mas se somos materia, nos não deve causar admiração que não conheçamos o mecanismo de nossas funcções. E' um mysterio que devemos nos resignar á não penetrar. Creando um'alma, criamos um mysterio

de mais, que nunca poderá servir-nos de facho para penetrar naquelle que queríamos esclarecer.

CAPITULO XXVII

As religiões.—Tendencias da humanidade para o polytheismo e para a idolatria, e sua razão.—Todas apresentam as mesmas provas d'autenticidade.—Todas usam dos mesmos artificios de propaganda.—Todas, apoiadas na autoridade do instituidor, adiantam-se sobre a razão, do crente e se lhe impoem.—Todas se condemnão e se excluem reciprocamente.—Não ha signal por onde se reconheça a verdadeira.—Não devem ser uma instituição publica.

A curiosidade de penetrar o segredo do Universo e de Deos, a necessidade de uma justiça e de uma protecção contra a prepotencia do acaso, dos homens e da mesma natureza, tem feito acolher com gratidão todos os prophetas que se tem apresentado de parte de um ente supremo mysterioso e omnipotente, com o facho de uma revelação, e com poderes discricionarios de punir os máos, e de proteger os bons, e distribuir o bem e o mal.

Nenhum destes prophetas até agora tem correspondido á expectativa; mas todos têm apresentado uma lenda cosmogonica e theogonica, todos têm-se formado um sequito, e tem fundado uma religião, que nunca teria medrado, a não ser a esperança que os acolheu como bem vindos, e que os cobre da sua protecção.

Dizemos que não têm correspondido á expectativa, porque tanto anda manco e ignorante o mundo onde do-

mina um propheta de Mafoma, como onde domina outro de Vichnou, de Christo ou qualquer feiticeiro de tribu, ou onde não domina nenhum. Se entre povos ha differenças, são devidas, não ao seu Deos; mas aos seus homens e ás suas condições, e aos seus usos e costumes herdados.

Para uma religião ter grande sequito basta que espalhe o maravilhoso e o absurdo ao redor de si, principiando pelos milagres. O verosimil é cousa humana de mais para ser apresentada como cousa divina.

Entretanto haverá maior puerilidade de que os milagres? Deos (quero que seja o Deos do Thibet) escondido atraz da scena da vida, fazendo ferver o sangue de S. Januario, ou fazendo uma pintura piscar os olhos, ou outras artes de pelotica (que Hermann faria mais limpamente) para convencer os espectadores que Elle ahi está, e que é omnipotente?! A necessidade de ganhar a vida entretendo os papalvos, poderá ser uma boa razão para um pelotiqueiro exercer a sua arte; mas Deos não deve entrar em concurrencia com elle de prestidigitação, de empalmação ou de magia branca ou preta. Se Elle quer convencer (a sua existencia o genro humano, e de que toma parte nas cousas deste mundo, não precisa de imitar os prestidigitadores: tem outros meios; e se o genero humano ou alguem duvida Delle, a culpa é sua, que não sabe dar-se a conhecer como é preciso para convencer.

Ninguem duvida por querer.

A verosimilhança não é condição de success^o de uma religião. Que verosimilhança havia na mythologia pagaã para que pudesse ser acreditada por sabi^{os}, por intelligencias subidas, como era a de Cicero, que a servia na

qualidade de aruspice, a de Platão, de Socrates e de tantos outros philosophos eminentes?

Andaria errado quem pensasse que nos nossos tempos não se poderia ser propheta, fundador de novas religiões, e que um que se apresentasse não acharia papalvos ou expertos, que se associassem á sua sorte. Haja á vista José Smith, o fundador do mormonismo, com suas visões, seus milagres, com a sua lenda do *livro de ouro* escripto em caracteres mysteriosos que decifrou com o *urim-thurim*, gigantesco par de oculos. Se os nove decimos dos seus sequazes não acreditaram na lenda, o acompanharam por causa da polygamia, do beneficio da igualdade entre os membros da sua sociedade, e da honra que elle dá ao trabalho. Os descendentes destes operarios acreditarão tambem no *urim-thurim*, e nas paginas de ouro. O seu sacerdocio terá cuidado de imprimir este artigo de fé na consciencia dos meninos, e ficará sendo um *dogma*.

Se não surgem todos os dias prophetas, é porque o officio de propheta é prohibido. Deixassem-os fazer, em vez de recolhê-los á cadeia, e seriam outros tantos fundadores de religiões novas. Mas os sacerdotes, que já se dividem o monopolio da crença, não querem concurrentes, e as leis eslão ás suas ordens para perseguir estes. Os prophetas fundadores de religiões sempre foram perseguidos, sempre tiveram de fugir ou de morrer: tambem nos nossos dias leve esta sorte José Smith.

Quanto ao povo, este anda sempre a cata de novos Deoses, de novos prophetas e de novos santos; se diria que tem por instincto o polytheismo, ou a idolatria; mas não tem: anda em busca de novos prophetas e de novos san-

los, porque não eslá contente com os que têm: a justiça não reina sobre a terra, e nós precisamos della; estamos rodeados das trevas da ignorancia, e queremos a luz; somos perseguidos pela doença e pela necessidade, e queremos a saude e a abundancia. E nada disso nos dá a religião. Eis porque estamos dispostos a experimentar novas religiões, novos prophetas e novos Deoses, que nos dêem isso tudo.

Esta é a verdadeira causa do polytheismo e da idolatria entre todos os povos. Ninguém procura um santo novo em quanto está contente com o de casa. E se não está contente, e lhe prohibem novos Deoses e novos prophetas, multiplica os que tem, a ver se um dos novos rebentões faz o que o tronco se recusa de fazer. E se lhe parece que faz, toma-lhe fé, e se esquece do *santo velho*.

Eu já ouvi uma boa mulher contar, que um Santo Antonio novo que tinha mandado arrematar em leilão, fazia muito mais milagres do que outro velho que tinha em casa; e que uma Nossa Senhora que andava muito suja, principiou tambem a fazer milagres depois que a mandou encarnar de novo. Entre santo e santa tinhamo-lhe ganho umas tantas velas em não sei quantos mezes. Porque parece que estes santos não estavam por fazer milagres de graça. Tambem conheci um santeiro com fama de fazer santos muito milagrosos, e por isso vendia-os muito cáros. Um santo vale pelos milagres que faz.

Eis o polytheismo criado em casa e na officina do santeiro, visto que não se consente que venha de fora. Prohibam isso se poderem!

Todas estas aberrações da crença e do senso com-

num provam uma cousa. Que Deos e os santos que temos não satisfazem ás nossas necessidades. Se a importação de novas religiões e de novos santos fosse permittida, ninguem se daria ao trabalho de os criar para seu uso. Na tribu onde não ha monopolio de crença, onde não ha religião d'Estado, nem Deos official, ha tantos espiritos protectores ou malfazejos, quantos cheguem para satisfazer as necessidades de todos, e estão, como os nossos Deoses, em relação directa com os seus ministros, que na tribu são os *feiticeiros*.

Não são sómente os fundadores de novas religiões os perseguidos pelo sacerdocio official, são tambem os innovadores das religiões existentes, os seus proprios irmãos na crença de um Deos pai commum, e contra elles a intolerancia é maior. Os irmãos são sempre os peiores inimigos quando se tornam inimigos.

Depois, os sectarios se introduzem no rebanho dos crentes como amigos, e tendo quasi sempre uma boa razão que convence, o levam comsigo, ou levam parte d'elle, ou algumas ovelhas. Não faz outro tanto o sacerdote de uma outra religião, que se chega a introduzir-se no rebanho, é logo fugido de todas as ovelhas como inimigo, como lobo.

Daqui vem que o Sunnite, o Chiite, o Wahabite são mais inimigos entre si do que o são do Christão; e o Catholico é mais inimigo de seus irmãos protestantes do que do Islamita.

Se os adoradores do mesmo Deos estão mais perto d'elle do que os adoradores de outro Deos, deve-se-lhes trato mais fraternal do que se deve aos outros.—E porque

se tratam como mais inimigos?—E' porque são concurrentes com probabilidade de serem bem succedidos. Vê-se pois que não é o serviço de Deos que regula este procedimento; mas a ambição do dominio.

Prophetas dos diferentes Deoses, prophetas dissidentes do mesmo Deos, todos se tratam com um rancor com um odio implacavel, que só se aninha nas religiões. E' o odio do fanatismo. Se não se degollam reciprocamente, é porque a lei os puniria. Temos exemplos horrorosos deste odio nas carnificinas feitas pelos Drusos na Syria.

Todos esses prophetas se atiram á face a accusação de impostura, de portadores de bullas falsas, se repellem, se injuriam, e juram pela verdade da sua lenda com uma convicção, que lhes faria supportar o supplicio e o martyrio em prova della.

Todos elles agradecem á Deos com effusão a graça de os ter feito nascer na verdadeira lei, e lastimam a desgraça dos seus adversarios que julgam estarem fora da verdade, da graça e da salvação eterna.

Se de cinco religiões quatro são falsas, quatro sobre cinco crentes são condemnados. Pois bem: nenhum dos cinco, nem por um instante suspeitará que não seja o unico favorecido entre elles.

Se um destes cinco, tão firme na sua crença, tivesse nascido em Babylonia, juraria mui seguro de si pela divindade do Deos *Belo*; nascido no *Forum* ou nas margens do *Scamandro*, juraria pelas *Divindades do Olympo*; nascido em Lessa, juraria por *Çakia-Mouni*; nas margens do *Ganges*, juraria por *Vichnou* e por *Brahama*; nas margens

do Bosphoro, juraria por *Mafoma*, e nas margens do Tibre jura por *Jesus Christo*. Qual vez, destas sete vezes juraria pelo verdadeiro Deos ?

Quem lhe dá esta segurança, esta profunda convicção por qualquer uma destas religiões, que se repellem e se condemnam reciprocamente?—*A Fé.*

—Então a fé engana os quatro quintos do genero humano, se é que o não engana todo. E a sacerdocio de todas as religiões não se cança de proclamar que na fé está a verdade, e que a fé salva.

Qual é então a religião verdadeira? E' aquella, seja qual for, que o instituidor escolhe para ensinal-a ao seu pupillo. Dai-me um menino a educar, e vol-o restituirei christão, ou ismaelita segundo a vossa encommenda, e tão firme e seguro na sua religião, como qualquer fanático Derviche.

Se a fé não é o signal da verdadeira religião, o será o testemunho dos governos?—Nem isso: os governos juram cada um pela sua, e governos ha que juram por duas ou tres que reinam nos seus Estados.

Se conhecerá pelos milagres? Creio que os Deoses todos deveriam renunciar á elles, e dei a razão da minha opinião. Darei uma outra: nem servem para fazer triumphar uma religião sobre as outras, porque todas ellas estão recheiadas delles. A' *Mafoma* mesmo (que aliás tinha aversão aos milagres e que dizia que não os fazia), deram uns poucos depois da sua morte. *Jesus Christo* fez os seus, nos quaes não acreditavam nem os phariseos que os viam, nem seus irmãos, nem sua mãe, que os ou viam contar.

Se reconhecerá a verdadeira religião ao fanatismo de seus adeptos? Então a verdadeira religião não é a christã. Os Indous chegam a fazer-se esmagar debaixo das rodas dos carros que levam em procissão seus idolos. Ha Fakires que ficam de pé muitos annos sem se sentarem, nem se deitarem; ha outros que conservam os braços no ar por toda a vida; ha outros que tambem por toda a vida se deixam ficar nus, expostos ao frio, ao calor, ás picadas dos insectos; ha outros que enterram-se em fossos por muitos dias; ha outros que se mettem fogo sobre a cabeça, e deixam-a queimar até aos ossos; ha outros que condemnam-se ao silencio por muitos annos; outros conservam as mãos sempre fechadas para que as unhas que crescem se enterrem nas carnes, e outros que se entretêm lanhos nas carnes com instrumentos que rasgam em vez de cortar, a fim de soffrereia maior dor.

Os Derviches giram sobre si mesmos dias inteiros, os braços estendidos adiante de si, a cabeça inclinada sobre um hombro, os olhos meio fechados, ao som de uma musica lenta e terna. Outros balanceiam o corpo de direita a esquerda com uma rapidez admiravel, conservando entre dentes um ferro vermelho ou uma brasa, até cahirem escorrendo suor, com os olhos saltados; outros se inficam pregos e espinhos nas carnes e martyrisam o seu corpo com quantos tormentos a sua imaginação lhes lembra. Em todos estes exercicios repetem o nome de *Allah* (Deos) horas inteiras.

—Todas as religiões usam dos mesmos meios. Se diria que todos os sacerdocios têm as mesmas manhas.

Em todas ellas ha sempre um Deos que se compraz

dos tormentos do genero humano, e que se torna propicio por meio do martyrio de seus adeptos.

Em todas ellas o sacerdocio está em relação com o sobre-natural. Os Sacerdotes christãos exorcisam, têm rezas que preservam do raio, da saraiva, da peste, e de todos os males, assim como os Derviches interpretam os sonhos, descobrem os ladrões, adivinham, enfeitçam e curam os doentes com os pés.

—Reconhecemos a verdadeira religião pelos seus modos de propagação?—Não, porque em todas são pouco mais ou menos os mesmos. São a violencia, e uma educação especial na fé e na ignorancia.

Moysés mandava matar os incredulos por seus levitas (e os incredulos eram os atilados); o islamismo abria-se caminho com o alfange, e prohibia outra leitura que não fosse o *corão*; e o catholicismo usou das fogueiras e do exterminio nos tempos transactos, e agora espalha a ignorancia e a fé por meio de seus jesuitas, e manda adiante na China, na Cochinchina e no Japão os canhões raiados de Napoleão III a abrir o caminho á seus missionarios.

Quem quizesse escolher entre as religiões a verdadeira, deveria escolhel-a entre as viventes, não só, como entre as que já feneceram. A verdade em materia de religiões pode ter morrido com ellas; e para fazer uma escolha acertada, o homem deve desembaraçar a sua consciencia desta *prevenção previa chamada fé, artificio com que todos os sacerdocios prendem o homem á sua falsa religião*. Sem a fé o mouro não seria mouro, nem o judeo, judeo.

A Fé é a sentinella que o sacerdocio de todas as re-

ligiões mette á porta da consciencia do homem para impedir o seu colloquio com a *razão*, que poderia convertel-a á verdade. Ella repelle tambem a *sciencia* pelo mesmo receio.

—A razão é enganadora, diz o sacerdote ; é a enviada por Satanaz para seduzir. A sua voz é a da sereia, as suas promessas são uma miragem que estravia no deserto. O homem nasce cego : deve ser levado pela mão por Deos no caminho da vida, e Deos lhe envia o sacerdote. Este deve ser a sua razão, este deve ser o seu guia.—

—A sciencia humana, diz o Ulema, é uma arte diabolica e perigosa. A verdadeira sciencia está toda no *corão*. Se todos os mais livros dizem o que o corão diz, são inúteis, queimai-os ; se dizem outra cousa, queimai-os, que são blasphemos.—

E todos os sacerdotes de todas as religiões gritam em côro : *razão e sciencia são disfarces da impiedade*.

Quanto mais ignorante é o seu vigiado, mais crente, e submisso é. Sabio deve ser o sacerdote para poder ser o superior do seu adepto ignorante, que é destinado a obedecer-lhe cegamente. Deos ou a natureza deram ao homem a consciencia do bem e do mal : é a sua luz que deve guial-o no caminho da vida. O sacerdote lhe apaga esta luz, e lhe diz : é perigosa : ella vos esconde o precipicio. Antes as trevas nas quaes eu vos guiarei pela mão, do que vós, sozinho com esta luz. O que a consciencia diz que é o bem, nem sempre o é ; é o mal, e vice-versa.

Em tudo isto estão de accordo os sacerdotes de todas as religiões ; mas quando se trata de fazer a partilha do

genero humano, os vereis arremessarem-se uns sobre os outros, injuriarem-se, e criminareem-se de impostores.

Qual d'entre elles será o verdadeiro propheta? —O que trazer uma credencial autographa do Ente Supremo.—Vós vos rides da lembrança?—Podeis rir-vos, de que existindo este Deos, e vendo brigar, e succumbir sob o peso da accusação de impostura os seus enviados, não lhes mande o soccorro da credencial ou outro qualquer equivalente, que os salve da condemnação e que salve o genero humano da perdição eterna? Deixando-se ficar sem dar signal de si, como quererá que se acredite Nelle, e que se reconheçam os seus enviados? Se Elle não existisse, não succederia o que está succedendo? Quem nos diz pois que elle existe, e que se envolve nas cousas humanas?

Se este modo de solver a duvida é impossivel, ha outros. Reunam-se os representantes de todas as religiões, e discutam pacificamente, sem intervenção de alfange, faca, ou mosquete, qual seja o verdadeiro Deos. A sua decisão será accita sem exame... ao menos por nós.

Não é isto possivel? Abra-se um atheneo onde todas as religiões antigas e modernas sejam expostas com clareza e sinceridade, e onde cada consciencia escolha a que julgar verdadeira.

Mas é preciso que todas renunciem á fraude, que prepara em proveito da sua crença a consciencia que deve fazer escolha; que não ponham nella a fé no lugar que deve ser occupado pela razão, que deve julgar. Indo assim a consciencia falsificada a fazer a escolha, esta escolha não será do postulante, será do sacerdote que o educou.

Quando o padre christão tenta converter o mouro e o acha inconvertivel, não se queixa do ulema que o precedeu, e que lhe trancou o accesso a consciencia do homem? E o ulema, e o bramane e o bonzo não fazem a mesma queixa do padre christão vendo-se impossibilitados de converter o discipulo do evangelho? O que é então a fé na opinião dos mesmos sacerdotes, senão uma fraude na mão dos outros? Só não é fraude na propria?!

O sigillo da fé é tanto mais perigoso quanto é indelevel. Uma vez estampado na consciencia da criança, nunca mais se risca: com o tempo mais endurece: se *fossiliza*. Poucos são os que chegam a apagá-lo. Sempre ficam vestigios que a seu tempo apparecem, e recuperam o seu direito *perdido*.

Não ha ninguem que passando n'um cemiterio de noute, ou pousando a noite n'uma *casa assombrada*, não se sinta possuido de inquietação e de temor. Não acredita em almas, nem em assombramentos; mas já acreditou em criança: impressão em criança é *fé*: não se apaga: vem agora reviver ainda que transitoriamente, e exigir o seu direito de dominio sobre o homem.

Ha *espiritos fortes*, libertados de ha muito da tyrannia estúpida da crença. Mas enfraquecidos pela velhice ou pela molestia, reduzido o seu physico á dependencia da criança, a fé recupera o seu direito sobre elles, o mesmo que tinha sobre a criança. O sacerdocio orgulhoso então os aponta como um milagre vivo de conversão feito pela *Graça de Deos*. E teria talvez razão, se este mesmo milagre não se operasse tambem a favor dos descridos de todas as religiões, pelo seus falsos Deoses.

—Se todos os sacerdotes de todas as religiões desconfiassem da propria, ou a tivessem em conta de impostura que podesse ser confundida pela razão, que farião para preserval-a de ser confundida?

Tomariam a dianteira sobre a razão, e a poriam em custodia sob a guarda da fé, que leriam prevenido contra ella.

Não é precisamente o que fazem os sacerdotes de todas as religiões? Os primeiros a condemnal-a como apocrypha são elles mesmos, que se intitulam uns aos outros de impostores, portadores de mythos, e que tomam tantas precauções para subtrahil-a ao exame da razão. Impedir que a razão a discuta, é condemnal-a de antemão.

A verdade não se esconde: offerece-se ao exame, precisamente para que triumphe. Mas os seus juizes não pôdem ser os insinuados pela fé.

Já ouvimos dizer, que se se esperasse pela idade da razão do homem, para que fosse aprender á religião n'um atheneo, não acreditaria nella, como não acreditam os adultos dos differentes povos do globo que os missionarios procuram converter; e que o genero humano arriscaria de ficar atheo.

Que lendas pois são estas religiões, que só as crianças pôdem crer?

E' opinião geral que a religião ainda sendo um mytho, deve ser conservada e protegida pelos poderes do estado, porque impedirá a descrença que é um flagello. Não é o que se tem feito até agora? E por ventura cessou a guerra entre a philosophia e a religião? Esta guerra é o verdadeiro flagello.

E que necessidade ha de uma crença?

E quem vos disse que a descrença é um flagello? Se a sociedade fosse composta toda de Barões de Holbac, estaria em peor condição do que está agora, corrompida por toda a casta de vicios? Uma parte da população da China professa o puro atheismo, entretanto ninguem ainda se apercebeo que ella fosse peor do que as outras.

Deixe o governo subsistir a mentira da religião, e entre ella e a razão continuará esta luta eterna que não deixa paz á humanidade. Terá elle que reprimir a descrença para que não vença, e terá depois que reprimir a theocracia, que vencedora, submeterá ao seu despotismo povos e governos.

Em todo o caso um governo que se respeita preferirá deixar a liberdade de consciencia ao cidadão, do que tornar-se auxiliar da mentira n'uma guerra contra a verdade.

Bem que ouçamos por toda a parte dizer que a religião é necessaria na sociedade, como não accetamos sem exame nem usos e costumes, nem crenças, passaremos á examinar esta necessidade.

CAPITULO XXVIII

A instituição das religiões falsas é um grande delicto.—Não o justifica nem a necessidade, nem a utilidade publica.—

O interesse de um falso propheta as fundou, a fé as mantêm, o interesse da casta sacerdotal as defende.—

Todas ellas submettem a humanidade ao seu poder.—

A philosophia que deve defender a liberdade humana, deve combatel-as.— A diffusão da moral não é da alça-

da dellas; mas da philosophia.—Todas ellas causam grandes males á humanidade.—O unico beneficio que lhe prestam, consiste no mal que deixam de lhe fazer, não sendo cumpridas á risca como manda a sua lei.—Sem as religiões a historia da humanidade não apresentaria as tristes paginas do seu fanatismo e da sua ambição.—São inimigas do progresso, da illustração, da sciencia e da civilisação, e se esforçam para os reprimir.—Se fossem livres de si, se exterminariam reciprocamente.—O catholicismo conspira e faz leva de broqueis abertamente, á luz do sol, contra a liberdade humana.—Perigo imminente.

Têm-se por verdade incontestavel que a sociedade não pôde passar sem uma religião; que o poder tendo a seu cargo prover ás necessidades publicas, deve adoptar como instituições, aquella ou aquellas religiões, que tiver achado em uso, muito embora não acredite em nenhuma dellas.

Assim o poder organisa em instituição os usos e os costumes que acha, sejam religião, sejam prostituição, sem se importar com a sua moralidade, com a sua utilidade, ou com o damno que causam. Organisa-se em instituição o mesmo crime, a servidão da raça humana a uma casta privilegiada, pela mutilação da razão e da consciencia do homem na sua infamia, e com que pretexto? Com o pretexto de que é um uso e costume, ou uma necessidade. Os recebe da geração que se retira, os soffre durante toda a sua vida, para transmittil-os á geração futura. E' o elo entre as duas gerações. Assim com a religião, transmittia

os sacrificios cruentos, a instituição dos casamentos, as ceremonias funebres, etc.

—Mas perguntaremos, o poder não pensa? Elle que se incumbio de pensar pelo homem, tem dever de pensar, de rever, de analysar, de avaliar e de reformar usos e costumes que recebe antes de submettel-o á elles, e transmittil-os ás gerações futuras, e sobre tudo deve supprimir os que attentam á liberdade, ou aos costumes, e que são perniciosos, ou que até são apenas desnecessarios. E o poder já examinou bem se as religiões são uma verdade, ou uma necessidade, ou um crime? Se elle é incapaz de pensar, ou de reger a sociedade, porque não deixa a humanidade a acção do seu pensamento e a liberdade do seu governo? O poder é sempre o poder. Ambicioso dominador, entra de parceria com todo o poder que acha explorando a humanidade e a sua liberdade, antes que combattel-o, e recebe a sua parte dos lucros, que paga com o seu auxilio.

A historia do Imperio Romano desde Cesar até aos nossos dias, a historia da humanidade, não é por ventura a historia de uma longa successão de combates entre poder que domina e outro que pretende dominar, em que o vencedor se associa ao poder theocratico que escravisa o genero humano?

—Negamos a necessidade de uma religião como parte de um governo, e como instituição, ao mesmo tempo que reconhecemos o direito de cada um á crença da sua escolha, e á homenagem publica ou privada á Divindade da sua predilecção. E' esta a unica religião que não escravisa o homem, porque não o sujeita, nem a uma cas-

ta privilegiada, nem ao poder : sujeita o homem á propria consciencia.

O direito que pretendem ler, o poder, o pai, a geração presente, ou o sacerdocio de, pela educação, e pela insinuação da fé, eda sua crença, apoderar-se da consciencia do cidadão, do filho, da geração futura, e do sectario, e de dirigir por ella o homem, a sua geração presente e as vindouras, não é um attentado, contra a liberdade de um individuo; mas é um systema completo de redução á servidão da humanidade inteira. Se a magnitude do delicto se mede pela magnitude do resultado, é ella o maior dos delictos, porque reduz á servidão o genero humano. E' maior do que este grande delicto chamado a guerra.

Eis o que é a instituição das religiões falsas na sociedade.

Não fallamos da verdadeira, porque a esta tudo é licito, sendo que procede por ordem de Deos. Mas para uma religião gozar desse privilegio, deve provar a sua autenticidade. E qual das religiões existentes apresenta a sua prova? Qual dellas apresenta a credencial de Deos, ou a chave dos mysterios nos quaes o homem não póde penetrar, como signaes de que vem de parte do Ente Supremo?

Provada a influencia illegitima das religiões sobre o espirito humano, quer-se justificar-a pela lei da necessidade.

Não ha burguez ambicioso de exercer ou de arremedar a aristocracia da intelligencia e do poder, que não se una a ellas para dizer sentenciosamente, que se a religião é um mytho, ou uma mentira, é necessaria para

governo do vulgacho, porque é um animal bravio, que deve ser dirigido pela ferula da gente sacerdotal, á condição todavia que esta respeitavel casta domadora dessa bicharia humana, não se entenda com a gente de boa feição, aristocrata da intelligencia ou do poder. Assim esta honrada gente se accomoda, consentindo que a pobre plebe seja atada ao carro triumphal do sacerdocio pelas cadeias de um mytho. E não se lembra que o sacerdocio, depois de ter domado e bem sujeito a plebe, terá aspirações mais elevadas: quererá atar o burguez de boa feição, que amanhã será declarado tambem animal bravio, elle ou a sua descendencia, e que terão de puchar o carro juntamente com o vulgacho, feitos talvez familiares do santo officio, porque a tendencia do sacerdocio é submeter a humanidade toda, casta por casta, desde a plebe até ao rei. Se tolera hoje pela força da necessidade que um philosofo ou um poderoso passe bem sem Deos; não o tolerará amanhã, ou não tolerará que passem sem Elle seus filhos. A historia das conquistas do sacerdocio nós deve servir de exemplo.

Espalhaes o mytho pelos ares como a fumaça, envolveis d'elle a humanidade, vós e vossos filhos, e pretendeis não respiral-a, pretendeis á immundade do contagio?!

Ha tambem quem pense, que é sempre bom ter uma crença qualquer, ou que ao menos nada se perde em tel-a.

Erro: a crença subordina ao sacerdote: questão de crença não póde ser indifferente, porque é questão de liberdade ou de servidão do crente ao homem superior que julga ser o enviado de Deos.

Sobre a crença especulou o primeiro fundador della, que submetteo a humanidade á sua casta, e a fé continua a especulação. Donde vem a sanha do sacerdocio contra os impios, os atheos e os descridos? Vem de que além de estes conservarem a sua independencia, se esforçoem de libertar seus irmãos do vulgacho, submissos as jugo do absolutismo sacerdotal.

O triumpho ou a derrota da impiedade é uma questão de vida e de morte por aquella casta e pelo seu poderio privilegiado. E como não hade ella clamar, se é seu interesse que uma religião qualquer seja indispensavel ao homem? Que seria do seu poder, se prevalecesse a sentença de que uma sociedade póde ser mui bem regida sem religião?

Em quanto a religião abafa a sociedade no nevoeiro do seu mytho, é bem preciso que a philosophia abra por toda a parte portas e janellas ao ár e á luz puros da verdade. Todos devem respiral-a amplamente, porque a verdade é a liberdade tambem. Se embala pela mentira a humanidade quando se quer sorprendel-a com a servidão. Então é preciso que a philosophia acuda em seu soccorro, porque em auxilio da mentira está o poder, de mordança n'uma mão, e de espada na outra.

—A religião, seja um mytho, muito embora, é necessaria na sociedade! Haverá pois imposturas necessarias, apoiadas pelo privilegio official?! A mentira em toda a parte suscita a discordia, e o Estado a toma sob a sua protecção, a faz espalhar, corrompe com ella a sociedade nascente, a entroniza, manda que se lhe preste homena-

gem e adoração, torna-se socio na especulação, e cumplice com ella de lesa liberdade e de impostura!?

Quando não fosse o fim, o meio seria reprobado de mais. Sómente uma instituição que se apoia n'um mytho, n'uma mentira, precisa do poder do governo para sustentar-se.

Se o homem deve a verdade a outro, ainda mais a deve o poder. Poder que paga em moeda falsa de mentira, poderá sustentar-se pela força; mas na opinião publica, é falsario, e decahido está de toda a estima.

Nenhum governo honesto deve ter uma religião d'estado, a não ter a prova mathematica em suas mãos de que ella é a verdade. Mas qual é o governo que a tem, se cada raça humana, quasi cada governo tem a sua? Ou todas as religiões seriam verdadeiras? E se o fossem, melhor faria cada governo em não se metter entre a consciencia do homem e a Divindade a fazer escolha.

Não será digno de compaixão o governo, que acceitando uma religião d'Estado, e acceitando portanto os dogmas, proclama na praça, em nome da religião e de seus sacerdotes, que o connubio dos sexos sem licença previa è peccado mortal, e que defronte d'esta proclamação organisa a prostituição official em nome da necessidade e da moral publica?

Não será digno de lastima o governo, que depois de garantir a verdade da religião e do mandato divino do sacerdocio, submette Deos aos seus regulamentos na pessoa deste sacerdocio?

Estas contradicções entre o principio proclamado e a sua execução pratica, próvam que o governo não cré no

principio. E se elle não crê, como pretende impor pela força esta crença?

Próvam mais, que o supposto principio não satisfaz a necessidade publica. E porque tolera uma mentira que nem traz a sua desculpa na força maior da necessidade publica?

Comprehendemos que a mentira é só para a plebe. Mas ella não vê por ventura que o poder repudia a religião?—E' para o vulgacho.—Eduque-se o vulgacho, de modo que não haja vulgacho, e se abola o mytho.

—E' para o vulgacho; mas nós já temos provado que a religião não torna bom o peão mexicano, o beduino, o bandido calabrez, o gauchó, e o hypocrita christão, que são vulgacho.

—Mas diz-se que ella consola o homem nas suas afflicções, e que sem ella cahiria no desespero.

O descrente por ventura nas suas tribulações não se remedeia sem Deos? Temprou o seu espirito ao infortunio, e acostumou-se a passar em jejum de consolação. Não consta que este grande atheo de Barão de Holbac, passasse peor do que este mystico e sempre choroso Thomaz de Kempis.

Mas se o crente gosa em certos casos da consolação, porque preço a compra? Pelo da sua liberdade, de que faz entrega ao seu consolador, o sacerdote. A' força de consolal-o faz d'elle uma criança, que chora por qualquer contrariedade; mas que quanto mais pedé consolo, mais obedece. Ao menos o descrente guarda a sua plena liberdade, e no infortunio e na provação tempra o seu animo.

—Diz-se que o atheo não crê n'uma vida futura, e que a idéa do nada depois da morte é terrivel e desoladora.—Creia nella quem precisar. Mas parece que este engano não é tão necessario como se pensa. Para os sectarios de Çakia—Mouni a felicidade eterna é cahir no nada depois de ter emigrado de corpo em corpo. Esta idéa poderá ser um desespero para quem se embalou na illusão de uma vida futura, não para quem se acostumou a ella. Quem deu a illusão é o unico culpado do desespero.

A morte atterra quem não se familiarisou com ella. O somno não nos atterra.—E o que é a morte?—E' um somno sem sonhos; sem as alegres folias da imaginação tresvariada; mas sem pesadelos, nem angustias. Que importa que este somno dure sempre? O nosso somno não durou uma eternidade antes de acordarmos á vida? Que dure outra depois de fecharmos os olhos: que mal haverá nisso? No descanso do sepulcro não repousamos a cabeça e o corpo sobre almofadas; mas tambem estamos a nosso gosto sobre o chão humido.

—Diz-se tambem que o homem não se accomoda sem que tenha a certeza de que as injustiças deste mundo serão reparadas no outro, e sem que a religião lhe o prometta.

—Assim ella promette o que sabe não se poder cumprir!

—Mas o descrito não se accomoda sem murmurar á esta injustiça? E por ventura o Deos da Biblia não tem feito tantas injustiças como o acaso? Não está aquelle livro cheio dellas, principiando pela condemna-

ção da raça humana pelo peccado de Adão? Será mais difficil acostumar-se ás injustiças dos homens, do que ás de Deos?

—Quer-se que a revelação, que é a alma da religião, satisfaça essa sede do espirito humano sequioso de conhecer os infinitos de tempo, de espaço, e de materia que nos rodeiam.

Infelizmente porém, não ha revelação que a satisfaça. Tanto o crente que accitou a revelação, como o descrido que a regeita, ficam com a mesma sêde, ficam na treva da mesma ignorancia. O mesmo sacerdote para se ver livre das importunações á que não pode responder, diz ao seu crente:—não indagai, mas crede.—Não é essa uma prova da impotencia da revelação e da sua inutilidade?

—Em fim, diz-se que não pode haver homem de bem sem que professe uma religião.—Então deixai-lhe a escolha, e não lhe insinueis a vossa durante a ausencia da sua razão, que a deveria escolher. Esta insinuação é uma fraude em vosso proveito.

Mas se por religião se entende a moral universal, esta não é da religião; é o *Codigo da honra*, tirado da consciencia e da razão; cousa de descrido, condemnada pelo sacerdocio, que diz ao homem que consciencia e razão são fachos de luz que cêga, e que conduz ao precipicio. Apaga-lhe esses fachos na infancia pela educação, para o conduzir pela mão, cêgo e vacillante em todo o caminho da vida.

Esta utilidade da religião, já é negativa, isto é, dam-

nosa. Temos entrado no caminho das utilidades negativas, prosigamos

—Pegai n'um homem, e fazei delle um Santo. Não é de obrigação a perfeição do homem? Não é a religião a unica que conduz á perfeição moral? Se todos os crentes não são Santos, é porque não cumprem o seu dever. E para fazer do homem um Santo, deve-se maceral-o com penitencias, atormentar-lhe o corpo, fazer-lhe soffrer necessidades, fazer o contrario do que os seus dezejões pedem, do que a sua natureza reclama.

Precisa de alimentar-se?—Condemnai-o ao jejum.—Precisa de dormir?—Condemnai-o á vigilia.—Precisa de apagar o fogo da concupiscencia?—Fazei do celibato a primeira virtude?

Se isso não basta, condemnai-o ao cilicio, á disciplina, dilacerai-lhe as carnes.

Mas os soffrimentos physicos não bastam: dai-lhe os moraes. Separai-o das affeições de familia, e fechai-o n'um desses carceres chamados claustros, onde renuncie para sempre ás suas amizades, e onde não lhe reste outra perspectiva até morrer, que a incerteza da sua salvação. Tereis feito uma victima de tormentos, e um louco de ascetismo.

Assim como trataes este homem, deveis tratar o genero humano todo: ninguem deve esquivar-se de ser Santo. Culpado é aquelle que se recusa de chegar á perfeição, e que quer ficar no caminho. A sua fé vacilla, ou a sua coragem desfallece: é preciso leval-o á força.

Se não reduzis a sociedade inteira á um grande hospital de loucos, que se agitam voluntariamente n'um in-

ferno de soffrimentos, é porque ella transgride a divina doutrina. Na transgressão está a vida supportavel que ella leva.

Ora, será util uma instituição, que sem utilidade para ninguem faria desgraçada a raça humana, sob promessa mais que problematica de uma recompensa eterna? O prejuizo é certo, em quanto que a indemnisação é duvidosa.—Mas sigamos no mesmo caminho.

—Se nunca tivessem existido religiões, nunca se teriam dado estas grandes guerras exterminadoras que espalharam o islamismo, e que defenderam o catholicismo do ataque das suas seitas. Seriam desconhecidas as noites de S. Bartholomeu, as Dragonadas, as fogueiras e a tortura da inquisição; e milhares de victimas não teriam perecido no campo de batalha, ou nos tormentos, ou sobre a pedra dos sacrificios. Nada mais cruel do que o fanatismo religioso. Elle é inhumanisavel.

—Sem as religiões a sociedade teria uma servidão de menos. Sem o catholicismo, este trabalho silencioso, incessante e occulto de todos os obreiros da casta sacerdotal, não minaria a independencia das nações que lhe deram entrada, e que lhe dão agasalho e sustento.

—Dir-se-ha que o catholicismo não conquista como conquistou o Islamismo, provincias e reinos. Não de certo: a igreja não vai, manda, quando pode, seus filhos armados na China e no Japão; mas o seu forte é a conquista pacifica, silenciosa pela propaganda, nos seus proprios dominios. Assim conquista a consciencia da mulher, e por ella governa a casa do homem e a familia. Conquista a consciencia do Principe, e por ella governa o

Estado. Os reis d'Hespanha, desde os mais remotos tempos, foram creaturas suas: assim esse paiz e as suas proprias colonias americanas, sempre foram o quartel general do exercito clerical.

Quem governa a Hespanha não é uma rainha livre e independente; é soror Patrocínio e a grei de freiras, de frades e de prelados que se escondem atraz do repositiro do throno. Nas republicas do Pacifico o caudilho militar que quer ser bem succedido, deve fazer alliança com o clero, e hade sujeitar-se a pagal-a bem caro. Mas quem a paga é sempre o povo. O mesmo atheo de Napoleão III, não desdenha seguir o exemplo dos caudilhos Sul-Americanos. Mercadeja o auxilio do clero, e o paga com honras, privilegios, poder, e com o auxilio ao Papa na occupação de Roma. Os negocios deste mundo não são de Deos; mas a alliança entre o Throno e o Altar não tem outro fim que os interesses mundanos, ao menos nos paizes catholicos.

—Em que horas da sua vida o sectario de uma religião não sente o peso oppressor do poder sacerdotal? Quem não soffre a cruel incerteza com que o sacerdote se compraz de dilacerar a consciencia do seu adepto, verdadeira disciplina moral com que o governa? Quem não tem adiante de si ao amanhecer, ao meio dia, ao pôr do sol, á mesa, na cama, nos seus appetites, nos seus recreios, a imagem sempre ameaçadora de um Deos exigente, caprichoso, e cuja vontade o crente não conhece se não transmittida em ordens pelo seu confessor? Haverá ente mais macerado pelo tormento moral do que o asce-tico? Dentre os funestos effeitos das religiões, não é

este de certo o menos cruel. Mas continuemos a enumeração.

—Não ha sciencia que não assuste as religiões. Em cada descoberta scientifica a religião teme um inimigo que lhe levante a ponta da mascara, e que lhe diga:—Tu és uma embusteira.—E' o ulema, é o bonzo, é o bramane e o padre, todos prohibem a sciencia, e se oppoem ao progresso.

Os que se atravessaram adiante de Colombo que ia tomar posse do Novo Mundo em nome do progresso e da sciencia, não foram o Oceano, as tempestades, os cachopos encobertos, e o desconhecido adiante de si. Foram a Biblia, os Santos padres, e o exercito dos frades reunidos em congresso, inspirados pelo fanatismo da época, armados das armas terriveis da inquisição, e escoltados das multidões estupidas e furiosas dos crentes.

Foi preciso que Colombo os arengasse com S. Agostinho na mão, e que a rainha Izabel cobrisse o grande genovez da protecção do seu manto real, para impor respeito á ignorancia vestida de burel e amotinada.

Nós sabemos a sorte do venerando Galileo, por querer pôr o pé na sciencia astronomica além da raia traçada pela Biblia.

Quereis a prova decisiva da perseguição que o catholicismo faz á sciencia? Vede que ella está toda reclusa nesse carcere levantado pela curia romana, chamado—*Indice*.

Dizem que os tempos de Galileo e de Colombo lá se foram, e que a curia romana é mais tolerante e illustrada que não foi.

—Nunca se foram aquelles tempos, ou se se foram, estão de volta: vede se não continua o encarceramento no mesmo Indice de tudo quanto apresenta de grandioso e de magnifico o espirito humano!

Se a curia romana tolera que haja um novo mundo, é porque não o pode esconder. Se tolera que a terra gire e que o sol esteja firme, é porque a opinião contraria foi condemnada pelo congresso dos sabios, e o genero humano confirmou a sentença. Que remedio tem se não subir a condemnação? Mas se a *Missão* de Deos está convicta de erro, que é mais da infallibilidade divina que ella representa? Ou não existe esse Continente onde eu estou escrevendo; e o sol e o firmamento giram n'um corrupio ao redor deste nosso pequenino planeta prestando-lhe homenagem, como o povo hebreu ao redor da arca santa, ou a palavra da Igreja não é mais palavra de Deos. Foi colhida em flagrante falsidade, ou em flagrante ignorancia.

Mas a curia romana era bastante sagaz para não expor-se segunda vez aos desmentidos da sciencia. Imaginou uma empresa temeraria, impossivel. Quiz que os seus campões dominassem o mar da sciencia, e que mettessem a fundo toda a descoberta que ameaçasse abalar a revelação.

Um dos primeiros que embarcaram nesse pelago da geologia foi Monsenhor Bechetti. Quasi que passou despercebido. Seu livro, aliás de muito merito fora escripto em italiano, e não fora traduzido; e como a geologia n'aquelle tempo havia soltado o panno arrojadamente, a obra de Bechetti ficou logo na retaguarda, e naufragou.

O famoso cardeal Wiseman o substituiu com a sua não menos famosa obra—*Twelve lectures on the connection between science and revealed religion.*

Depois d'elle Marcel de Serres, o geologo (!) com a sua *Cosmogonie de Moise.*

Mas o mar da sciencia é aberto e livre como todos os mares; e apezar da policia maritima da curia romana, tem continuado sempre a ser navegado por todos, sem licença della. Marcel de Serre, na impossibilidade de occultar a sciencia, procura harmonisal-a com a cosmogonia judaica.

A não ser a biblia, ninguem se desviaria da senda das investigações scientificas para procurar os vestigios da fabula do diluvio, nem para explicar como do homem branco nasceu o preto. São problemas propostos pela lenda judaica, que apenas tiram a sua importancia da fé.

Nada ha mais insensato do que esses dous problemas. Duas palavras d'explicação já este respeito.

Tempo houve no nosso planeta em que uma parte das agoas, tendo-se retirado no interior pelo esfriamento da terra, e tendo deixado a descoberto alguns continentes; mas conservando ainda grande calor, a evaporação era abundantissima, e por tanto as chuvas eram copiosissimas, os rios larguissimos e torrencias, cada bacia era um lago. Estas agoas na sua passagem depositavam os detritos das rochas que ião carregando, como se vem nos Delta dos grandes rios, e destes detritos fluviaes se formaram os terrenos de alluvião. Póde-se dizer que estes depositos principiaram no terreno do lias, e foram continuando até aos nossos dias, porém diminuindo o phenomeno de in-

ensidade com o diminuir das chuvas. Estes terrenos de alluvião são distribuidos por camadas, que marcam diferentes épocas no globo. Todos elles reconhecem a mesma origem, e têm a mesma importancia scientifica. Porém para o crente a camada immediata áquella das alluviões recentes tem uma grande importancia. E' sedimento do *diluvio*.—E porque não o são também as camadas inferiores que têm a mesma origem?

—Porque a biblia falla de um diluvio só, recente, isto é contemporaneo do homem.—E porque esta camada é diluvio, e as sotopostas são alluvião?—Porque se precisa de um diluvio para sustentar a biblia: ella o reclama para sua salvação. Venha pois a camada de alluvião a portar testemunho do diluvio a favor da biblia, ou da *fé*... E esta portará também testemunha a favor da geologia.

Verdade é que os vestigios não são de agoas despehadas de cataractas dos céos; mas os crentes respondem, que por diluvio não se entende literalmente a agoa cahida do céu, mas uma grande inundaçãõ por algum dique que se teria rompido.—Mas porque Moysés não declarou a verdade, e sahiu-se com as cascatas do Céu, que ninguem podia entender, como ainda hoje ninguem entende, em quanto todos terião comprehendido o arrombamento de um dique natural?

Parece que Moysés supponha que a terra era plana, que sobre ella estava uma aboboda de vidro, que por cima desta aboboda estavam as agoas, que podiam inundar a terra por meio de uma cataracta aberta de adrede. Estas agoas serião aquellas no meio das quaes foi creado o firmamento, e que sendo separadas das da terra, constituíam

as de cima do firmamento, em quanto que as dos mares seriam as de baixo do firmamento, como diz o Genesis. O firmamento seria umas tachinhas, ou lentejoulas para recreio da vista do homem, pregados na aboboda de vidro, e o sol e a lua seriam dous luzeiros, suspensos no ar, girando como a luz dos nossos pharóes para dar o dia e a noite.

Combine-se o Genesis com a explicação do diluvio, e ver-se-ha que a idea de Moysés não era outra.

Por extranha que nos pareça esta ignorancia, ella era a da época de Moysés. Desde aquella época até Anaxagoras, a humanidade adiantou-se na civilisação treze seculos. Entretanto esse philosopho contava aos Hellenos embasbacados, que o Sol havia de ser ao menos do tamanho do Peloponeso. Não se póde estranhar que Moysés pensasse que esse astro fosse um grande luzeiro, como elle o chamava, isto é menor do que o Peloponeso.

Não valeria certamente a pena de refutar o diluvio explicado por um propheta de tanta ingenuidade como Moysés: á ingenuidade se perdôa de bom grado a simplicidade do saber; mas não se póde perdôal-a a quem a quer apresentar como cousa divina, sublime, perante á qual devemos nos curvar, e entregar a espada da nossa ignorancia vencida.

—A biblia diz que o diluvio foi geral; mas como os vestigios do terreno chamado *diluvium* são parciaes, e representam inundações de epocas differentes, taes como o *Diluvium* Scandinavo, e o allemão, Marcel de Serres, geologo, defensor da biblia, vem em soccorro della e da sua reputação, e diz que a vulgata traduzio mal o texto hebrai-

co, e que a palavra *haarets* que foi traduzida por—*toda a terra*,—significa também, *região, provincia, plaga*, e que neste sentido deveria ter-se vertido.—E porque?

—Para que a biblia não fosse confundida pela geologia.

—Não se lembra elle que a Vulgata é a única tradução reconhecida pelo Concilio de Trento, e que corrigil-a, equivale a corrigir o que está revisto pelo Espirito Santo.—Mas acceitemos a nova interpretação.

—A raça humana no tempo do diluvio existia sómente na Asia, e precisamente naquelle circuito que tem por centro o *Ararat*, chamado Armenia. Á' essa região se limitaria a inundaçãõ, segundo Marcel de Serre.

Se os geologos deram aos vestigios das alluviões recentes d'Europa o nome de *diluvium*, fica entendido que foi uma denominação impropria dada pela crença; mas que reflectindo melhor, limitou o diluvio á essa região da Asia encerrada entre a cordilheira do Caucaso, o mar Caspio, a Mesopotamia e o Euphrates.

Nella a geologia nada diz, porque não foi interrogada; mas é certo, que se as leis que regulam hoje o equilibrio dos liquidos, regulavam também no tempo do diluvio, não podia agoa nenhuma, fosse qual fosse a sua origem, elevar-se á altura das menores montanhas, e ainda menos exceder de 15 covodos as mais altas.

A biblia diz que Noé recolheu na arca um casal de cada animal. Conheceria elle todas as especies de insectos que a nossa historia natural conhece, para fazer esta collecção? Mas esta precauçãõ, além de inutil, era impossivel: inutil porque se o diluvio alagou uma só re-

gião, e deixou livres as regiões visinhas, nellas estavam bem recolhidos e guardados os animaes da região inundada: impossivel, porque era impossivel recolher os animaes de todas as zonas do globo.

Na opinião pois dos mesmos defensores da biblia, eis a que fica reduzido o diluvio: á

Uma inundação parcial de uma região da Asia, que cobrio as mais altas montanhas da localidade (!) e que destruiu a raça humana e os animaes ahí accumulados. Deste cataclysmo Noé teria salvado, sem necessidade alguma; mas por ordem de Deos, um casal de cada animal, de cada reptil e de cada insecto que habitavam tambem as regiões poupadas.

E' preciso convir que se alguem refuta a biblia, não somos nós, os descritos, são os crentes que a defendem. A escoram por um lado para que não cahia, e não se apercebem que a derribam pelo lado opposto.

—Mas dizem que uma boa parte dos grandes povos têm a tradição de um diluvio. De certo: a Grecia tem a tradição de dois diluvios. A *Biblia*, os *Veda*, o *Zend-Avesta* e os livros chinezes, fallam de um só.

Tudo isso póde provar, que todos estes povos deram a mesma interpretação aos vestigios de alluvião que viam, ou que colheram a sua tradição á mesma fonte. Os mesmos defensores da biblia são obrigados a reconhecer, que não póde ter havido um diluvio como Moysés o descreve, entretanto que nada prova que tivesse lugar.

Trataremos nos da monogenia da raça humana, deste outro desvario da razão para favorecer a biblia? Não vale a pena como não vale discutir-se a viagem do propheta Jonas feita n'esse vapor de então, a barriga de uma baleia.

Eis a ingerencia da fé na sciencia, ratardando-lhe o progresso, introduzindo-a a divagar inutilmente nos labirintos inextricaveis da fabula e do erro.

Mas provae ao Mahometano, ao Bramane, ao Parsi, ao Christão, que os seus textos sagrados são mythos, e todos vos darão a mesma resposta:—Cala-te impio; não blasphemes o que vem de Deos, o que é sagrado.

—Mas perguntae a um delles o que são os seus collegas, vos dirá que são uns impios, são uns impostores, e seus Deoses uma ficção. E são sagrados!

—Que razão têm estes crentes para defender a sua religião? Que conhecimento têm da religião alheia para dizerem, que a sua é verdadeira e que as dos outros são falsas? Não têm estudos, nem conhecimentos; mas têm a fé, creatura de seus sacerdotes que pozeram de sentinella á sua consciencia, e que sempre dá razão á seus amos.

Mas todas estas precauções não são ainda sufficientes para estes sacerdotes: ordenam a ignorancia, porque a sciencia poderia illustrar a fé. Uma doutrina que precisa da fé para sustentar-se, condemna-se á si mesma. Se ella tivesse Deos por si, não precisaria do artificio da fé para ser acreditada; Deos lhe daria a credencial da evidencia.

—Soltae os braços aos crentes de todas as religiões, e o que pensaes que farão? Estes povos nascidos irmãos, filhos da mesma mãe, a Divindade ou a Natureza, se arremessarão uns sobre os outros, e se exterminarão em quanto tiverem uma bandeira que os guie.

O crescente, o idolo de quatro cabeças assentado sobre folhas de lodão, e a cruz, os arrastarão apoz de si ao

combate. Turcos e christãos, que são visinhos, não estão por ventura de armas ao hombro olhando-se com ar feroz e ameaçador, prestes a recommençar as cruzadas, e a se precipitarem uns sobre os outros, se o poder não se conservasse de permeio e não lhes impozesse a tregoa?

Mas um perigo imminente ameaça as nações catholicas na sua liberdade e na sua independencia, e ellas não o vêm!

O sacerdocio conquistou a geração actual, e a está organisando em milicia regular para dar batalha decisiva ás liberdades publicas, e ao proprio poder, se ousar defendel-as, e o poder está com o sacerdocio.

Este arregimenta irmandades sobre irmandades, recruta para ellas o que ha de mais influente na nação, accumula fundos, e apronta um grande exercito de fanaticos. O que é isso senão preparativo de guerra? E já não se prepara as caladas, nas trevas, com intenção encuberta. O faz em publico, em nome da Santidade da sua missão, do direito de Deos, e da liberdade humana: em nome dessa liberdade que elle vai extinguir, e contra a qual conspira. E o povo vê sem observar, e diz; não ha perigo: não se restaura a inquisição nos nossos tempos: estou acordado.

Assim dizia o povo tambem na vespera da inquisição e do alevantamento das fogueiras, e foi açoutado, torturado, queimado, e em quanto uns expiravam nos tormentos da fogueira, a multidão applaudia como a um expectaculo de touros.

O sacerdocio conspira publicamente, ordena ao poder, exige d'elle, reprehende-o; já é seu superior, e este acobarda-se, desculpa-se, transige. Nem se quer lhe

pede credenciaes de Deos da sua missão, nem lhe pergunta donde lhe vem tanta arrogancia e tanta exigencia. Teme o rompimento, e teme o dia de amanhã.

O perigo é imminente: *jam proximus ardet Ucalegon*. E o poder e o povo, ambos ameaçados da theocracia inquisitorial, porque não esconjuram o perigo? Porque não dissolvem estes alistamentos religiosos, este exercito da fé, que não pensa; mas que obedece? Porque continua a entregar a educação da mocidade á cleresia? Porque lhe dá todo o poderio? Porque não proclama a liberdade do ensino e dos cultos?

A sociedade estará por ventura paralisada sob a fascinação da serpente que está por tragal-a? Parece que sim, pois que até vai-lhe ao encontro para abreviar-lhe o caminho; chama a si os jesuitas, as irmãs da caridade, as de S. José, os lazaristas, os franciscanos, e toda a grei da *propaganda fide*. Não tem mais liberdades a ceder, e parece incommodal-a tambem a liberdade de consciencia, que vai entregal-a na mão do sacerdocio.

Se as religiões são um mytho, devem ser banidas das instituições sociaes por amor da justiça, por amor do direito, por amor da paz, pois a *verdade* e a *mentira* nunca hão de viver em boa harmonia no meio da sociedade.

Representada uma pela philosophia e pela sciencia, e outra pela superstição e pela fraude na educação da meninice, não se combatem desde que a *mentira* appareceu na terra? Adoptar o mytho como uma instituição, adoptal-o como compendio de educação da meninice, é perpetual-o, não extinguil-o. O governo que o protege em quanto o mytho conspira contra as liberdades huma-

nas, não é seu cúmplice, não é trahidor ao paiz, á sua familia e á si mesmo? Oh cegueira, senão corrupção!

Os amigos do catholicismo dizem que é muito liberal, que foi o primeiro a apregoar a liberdade humana.—Sim: quando elle era tambem escravo com a humanidade.

—Dizem que quer a igualdade entre os homens: certamente; mas nivela as cabeças humanas com o seu jugo.—Que pugnou pela independencia e pela liberdade d'Italia, contra os imperadores d'Allemanha.—Certamente porque esta independencia e esta liberdade era tambem a dos papas, que sendo os chefes do partido guelfo, aproveitavam o triumpho do seu partido.

A curia romana se liga a qualquer causa, achando que ganhar nella; fomenta a revolta da nacionalidade polacca, ao mesmo tempo que manda os bandidos calabrezes fazerem a guerra á nacionalidade italiana. Eis os seus principios. Quanto á sua ambição de dominio universal, ella não é cousa nova. Data de ha seculos. Já Gregorio VII. °, que reinou de 1073 á 1085, tinha ideado de fazer da christandade uma grande familia de povos irmãos, dependente do papa, pai commum, arbitro supremo, collocado acima dos reis e das nações, e que em caso de necessidade ás armas espirituaes da excommunhão, ajuntaria as armas temporaes, e os poderes de depôr os principes. Esta idéa grandiosa foi sustentada pelos seus successores durante mais de dous seculos, e se não se realisou, não foi por negligencia dos papas. Eis como entendem a liberdade humana.

Mas se o christianismo é uma verdade, o poder deve attendel-a, e mandar que seja posta em execução até

ás ultimas consequencias, como ordem de Deos que diz ser.

No capitulo seguinte vamos desenvolver este dever do principe com a verdadeira religião.

CAPITULO XXIX

Consequencias logicas da verdade de uma religião.

Uma religião affiançada pelo poder, uma religião official, com seu Deos official, a quem o Estado presta todas as honras, privilegios, homenagens e adorações devidas á sua alta jerarchia, devem ser acatados, respeitados e obedecidos em tudo e por todos na pessoa de seus enviados, os sacerdotes. O poder lhes deve, não somente hospedagem decorosa, como todo o auxilio preciso para desempenharem a sua divina missão.

Muito embora quatro das cinco grandes religiões que se repartem o genero humano sejam falsas, e todas cinco suspeitas de falsidade, aquella que foi reconhecida pelo poder, verdadeira é, ou o poder é um embusteiro.

Ora, os sacerdotes nos dizem que a vida humana é apenas uma pousada da alma, uma cella onde ella se prepara por seu merito a desprender o vôo para a mansão celeste. Elles que o dizem, é porque é verdade: é verdade sob a garantia do poder, e sob a palavra divina do sacerdocio.

Sendo assim, a quem deve pertencer este momento de preparação para a grande passagem?—A quem tem de preparar a alma para ella.

Ao sacerdocio, porque o poder temporal não recebeu missão para isso.

A creatura humana pois, desde que nasce, deve ser entregue aos cuidados dos enviados de Deos, afim de que não falhe o seu destino, o que seria a maior calamidade que lhe poderia acontecer. A duração da vida é um instante da eternidade: para preparar a alma, não ha tempo a perder, esse tempo é pouco.

Se nesta pousada se come, se bebe, se veste, e se propaga, não se precisa do poder temporal para prover á estas necessidades. O sacerdocio não deixa morrer de fome e de sede suas ovelhas; e tem o cuidado em prover a que andem cobertas, e que propaguem. O antigo Paraguay que o diga; que o diga a moderna Zaleh na Syria, pentarchia dos jesuitas; que o digão os Estados Pontificios. Nem essas necessidades physicas, accessorias da vida devem tomar ao homem mais tempo do que o indispensavel. Todo o tempo deve pertencer á alma.

Quem deve pois governar a humanidade? Cesar ou Deos? A *Aristocracia* ou a *Theocracia*?—Esta.

Quando o sacerdocio obedece ao poder temporal, cede á força; mas na sua consciencia magoada está o sentimento do proprio direito usurpado por um poder intruso.

Se o sacerdocio se apodera da educação da meninice, cumpre o maior dos seus deveres. A fé é prego da crença; se esta se soltar, despenha-se a alma na perdição eterna. Todo o tempo ganho sobre a incredulidade na conquista da consciencia do homem, é outra tanta garantia e segurança para a sua salvação.

As grandes guerras de religião, esta pequena guerra á impiedade chamada assassinato, os autos da fé, a cons-

piração permanente por meio de sociedades, ou irmandades religiosas contra o poder temporal usurpador; as cruzadas contra todos os infieis do mundo, até triumpho completo da causa do verdadeiro Deos, e do seu povo, e até exterminio da heresia, tudo é dever do apostolado. São as mais santas das violencias, porque resgatão o direito de Deos, e submettem-lhe o homem, que tem o arrojado de querel-o submeter ao seu poder.

Todos os desmandos de que se accusam o jesuitismo o papado, a religião e a inquisição, são sentenças da justiça de Deos, perante as quaes deve o homem ajoelhar-se reverente, para as cumprir na parte que lhe toca.

Quem quer os fins, não pôde deixar de querer os meios.

Digam o que quizerem, o sacerdocio é coherente em seus principios.

Se uma religião é verdadeira, o unico governo legitimo é o theocratico. A realza deve ceder o lugar á theocracia. Persistir em occupal-o, alem de ser usurpação, é pôr embaraços a que se cumpra a salvação do genero humano.

Ha banalidades para toda a razão, e até para escurecer a evidencia. O povo as acceita sem exame sob a fé do serio de uma sentença. Assim se diz, que entre o *poder temporal e o espiritual deve haver um justo meio, no qual fazem alliança os dous poderes.*

Entre dous principios oppostos, entre a *verdade e a mentira*, não pôde haver alliança porque uma exclue outra. Não é possivel *ser e não ser* ao mesmo tempo. Em quanto um principio não ceder o lugar á outro, deve haver guer-

ra entre elles. E' esta guerra eterna entre a *theocracia* e a *aristocracia* temporal, bem que figurem de braço dado em boa camaradagem, em quanto se trata de submeter o genero humano. Na partilha da conquista estará a duvida. Esta sentença vale como est'outra de um celebre estadista italiano, sentença que fez embasbacar os admiradores de tudo quanto é incomprehensivel. *Igreja livre em Estado livre*, o que quer dizer: Deos e o Diabo a governarem a mesma casa, cada um em plena liberdade, sem virem aos pontapés um contra outro. Vede se isso tem senso commum! Entretanto nenhuma lembrança recebeu tantos applausos como esta

O sacerdocio ao menos é de boa fé: julga-se seriamente o enviado de Deos; mas não é de boa fé o poder que diz que nesta qualidade o reconhece, e que entretanto o submete á sua autoridade. Ou crê, ou não crê. Se crê, não queira submeter Deos a si; e se não crê, não se dê por seu fiador.

O sacerdocio não póde ser suspeito de ambição pessoal ou de familia. Não tem familia, anda de burel, jejua, faz penitencia, despreza os bens da fortuna, e não quer nada para si. Os mais sybaritas d'entre elle se permitem o regalo de viver como outro qualquer homem—E são poucos. Se elle tem a ambição da sua casta, a pessoa não a frue, reverte em homenagem á Deos.

Mas o poder tem ambição mundana, e á ella sacrifica a causa de Deos. Submettendo a si o sacerdocio, o embaraça no seu apostolado, que é pescar para Deos o maior numero possivel de almas. O poder é então o maior criminoso perante Deos, e será o mais severamente punido.

Mas elle não faz caso da condemnação, e ainda se sorri de mofa por baixo do bigode! Então é incredulo, e quer que o povo acredite. E' peor do que incredulo : é embusteiro.

Entretem a religião ao seu serviço para que o ajude a submeter o povo! Faz della uma reserva do seu exercito. Este é a força, a religião é a astucia.

Ou isto é a profanação do que ha de mais sagrado, ou a religião é outro embuste! Entretanto ella se presta á ambição do poder.—E porque?—Será para supplantal-o pela sua vez na occasião propicia?

Aristocracia e Theocracia dando-se o abraço e o osculo de Judas na entrada do Templo, a Theocracia espreitando a occasião de cravar um punhal nas costas da sua rival, são necessidades do apostolado, cujo programma ainda em vigor, é sempre aquelle de Gregorio VII. ° : Reunir a Christandade toda sob o sceptro, que é o baculo, sob a coroa imperial, que é a tiara, e sob a autoridade do archi-imperador, o bispo de Roma.

Ah! que o homem no silencio e no isolamento do deserto, a sós com a sua consciencia não se perverte, e conserva a sua probidade e a sua dignidade primitiva.

Não valia a pena sahir delle para abdicar a liberdade na mão do poder, e sentar-se na escola da civilisação a tomar lições de embuste e de perfidia.

A religião é, ou não é uma verdade? Se é, o poder ceda-lhe o seu throno, e se não é, cesse o embuste de ambos. A humanidade tem direito á verdade.

CAPITULO XXX

Conclusão

O homem é o unico soberano de si mesmo ; mas apenas apparece na scena do mundo outro soberano, o poder, se apodera d'elle, o tange e o dirige como ovelha de rebanho. Não fica senão com aquella liberdade que apraz ao poder conceder-lhe.

—E' o unico dono legitimo da sua propriedade ; mas o poder lhe toma uma parte de seus ganhos, e os gasta sem lhe dar satisfação.

Submisso ao poder, elle e a sua propriedade, será ao menos equiparado ao animal domestico do pateo ? Terá ao menos a liberdade de suas funcções naturaes, como o gallo, como o porco, como a cabra ?—Nem isso mesmo ! Ha uma funcção que lhe é embargada. E' a propagação da especie : não se lhe a consente, senão sob condição ; não é dono della.

Escravizaram-lhe pois o corpo e suas funcções ; mas ao menos a sua alma é livre.—Pois não ! Desde criança prenderam-lhe est'alma com o laço da fé e fizeram della entrega á um Director espirital, que a governa por ella como animal indomito pela redea e pelo freio.

—O que mais resta a escravizar-lhe ?—Nada.

Ha poder que lhe diz :

—Sou teu senhor por raandado de Deos. *Omnis potestas a Deo.* Dá-te por entendido.—Este o declara escravo, e falla serio como um despota brutal.

Ha poder que lhe diz :—E's livre, soberano de ti, e reconheço a tua soberania. Obedecerás somente ás leis que para teu uso fizeres tu mesmo, por meio de teus delegados, que incumbirás de representár a tua vontade !—E' o poder constitucional.

—Pois eu tenho delegados ?...e vontade ? responde o homem : se os tenho, nem os conheço, nem nunca me consultaram.

—Este despota é menos brutal do que o primeiro; mas é mais embusteiro.

Eis o homem livre na sociedade, mesmo na democratica.

Se um dia, opprimido pela prepotencia, que eternamente pesa sobre seu peito, tenta derribal-a, é metralhado, ou encarcerado em nome da ordem publica. E' o *revolucionario, demagogo, turbulento, inimigo de toda a ordem.*

Se um dia infringir o preceito restrictivo que lhe é imposto acerca de sua funcção natural da propagação da especie, será encarcerado, como *bigamo*, como *adultero*, como *seductor*, será infamado, ao menos como *libertino*, em nome da moral publica e dos costumes.

Se um dia descobrir, e quizer provar aos crentes que tudo o que se diz de Deos, das almas, dos espiritos e dos Santos é cousa duvidosa, será encarcerado, se não entregue ao carrasco, que o tormentará com a tortura, e depois o deitará na fogueira por attentado contra a religião. Será *atheo, impio, descrido.*

Eis o homem no gozo da sua liberdade.

—Vos dizem que não pode ser por menos do que isso, salvo se se dissolver a sociedade, e cada membro tomar o caminho do deserto, para viver no isolamento.

Então digam francamente:—Não ha sociedade possível sem despotismo, sem que uns governem, e que outros obedeçam, e semde mbuste ás ordens da tyrannia.

—Seja.—Mas quem mandará? Quem obedecerá? Quem será a vil plebe? Quaes os privilegiados do poder?—A natureza deu á todos iguaes direitos. A força decidirá entre os pretendentes, e a luta será mais que legal. Luta entre o poder oppressor, e a liberdade. E o vencedor dirá depois da victoria. *Omnis potestas a Deo.* Formula de consagração da força triumphante, carta de investidura de dominio, que poderá ser rasgada pelo vencido, se pela sua vez se tornar vencedor. A historia da

humanidade não é por ventura uma longa historia de aggressão e de defeza ?

E se colloca a sociedade no meio desta luta, para que viva tranquilla no remanso da ordem e da paz ? Escarneo, mentira !

O homem abre os olhos no mundo para ver a sociedade assim organizada, sob o dominio do poder ; vê costumes, vê religião, e crê que tudo isso é o que em direito deve ser. Assim lhe dizem, e lhe mostram pelo exemplo em criança, e o que se diz e se mostra pelo exemplo á criança torna-se artigo de fé. São artigos de fé a religião ensinada, as instituições sociaes e politicas que o regem ; os costumes que o precedem.

Se pela razão mostraes ao homem que religião, costumes e instituições são a confiscação da sua liberdade, a sua razão concordará com vosco ; mas uma voz interna surge da sua consciencia, que lhe diz que a razão é sophisma.—Que voz é esta que o aconselha em segredo, e que não argumenta ?—E' a da fé, despota inflexivel que a educação creou nelle para ajudar aos despotas de fóra a subjugal-o.

O homem sente a servidão, o aviltamento, a expolição, a privação de seus direitos os mais naturaes ; mas soffre tudo como as intemperies e as molestias : a fé matou-lhe a consciencia do direito, e a energia da revolta. E ai d'elle se se revoltar ! O poder metralha os revoltosos, encarcera os philosophos que lhe explicam o direito, supprime a instrucção que promove a excogitação, e para manter a multidão nas trevas da ignorancia, e submissa pelo jugo da religião, entrega a educação da mocidade aos jesuitas.

Os philosophos são os malditos da humanidade : são os *demagogos*, os *libertinos*, os *impios*, que renascem sempre como as cabeças da hydra de Lerna, exigentes, importunas como...o direito.

Homens graves e serios vos dizem:—Tendes razão ;

mas que fazer? E' preciso um poder por uma parte, e uma obediencia por outra : sem isso não ha sociedade.

—Que poder regula no deserto as relações entre dous homens? entre dez? entre cem da tribu selvagem?—Nenhum: a tribu toda é o unico poder.—Uma aldêa de homens brancos não pode governar-se a si mesma como a tribu de indios côr de cobre, e sem chefe? Eis a sociedade sem a violencia, sem o despotismo nem governamental, nem theocratico.

—Mas isso é possivel somente n'uma aldêa, direis vós.

—Mas é possivel! Viva Deos! Pois bem: fraccio-nai a sociedade existente em aldêas, reparti entre milhões de individuos esse trabalho do governo que é tão mal feito por poucos; confederai essas aldeias para a defeza de todas; deixai que se confederem ás duas, ás tres, ás cinco, ás vinte, para tratar dos interesses communs á ellas; cada aldeão concorra com os outros com o seu conselho, com a sua vontade, com o seu dinheiro a governar o recanto de terra que habita; *nunca delegue poderes a ninguém*, porque a transição da liberdade para o despotismo começa precisamente na delegação dos poderes, e esta aldeasinha será um paiz livre, este aldeão será uma verdadeira fracção da soberania nacional, e a sociedade e o genero humano entrarão na posse de todos os seus direitos. Se esta aldêa quizer, poderá, depois de livre, ornar-se e ataviar-se de opulencia oriental. Quem lhe o vedará? O nome de aldêa?

Fixada a porção de terra pertencente a toda a aldêa, se poderão derribar todas as mais fronteiras nacionaes, e se poderão estabelecer a confederação e a fraternidade do genero humano para reciproco auxilio e mutua defeza, se alguns barbaros ficarem voluntariamente fora da confederação para hostilisa-la.

—Que nome terão esses pequenos governos parciaes?

—Aquelle que lhe quizerdes dar, com tudo que sejam governo da communa, exercido pelos comicios.

—Será o governo *municipal*?

—Deos nos livre deste governo, deste despotismo de familias aristocraticas em guerra continua, do qual temos tão tristes exemplos nos governos municipaes das republicas italianas do medio evo. Deos nos livre desta ficção traidora chamada *delegação de poderes* que transformou a liberdade em despotismo.

—Mas o povo não está ainda preparado para essas reformas, direis vós.

—Deixai então que os philosophos o preparem; deixai-os fallar á multidão do alto dos marcos de pedra, e das tribunas da imprensa. Para isso escrevemos este livro precursor. Mas se o libertaes pela imprensa, não o predeci pela educação. Educação livre, ensino livre, discussão livre de todos os principios, que fará triumphar a verdade, e que será o primeiro passo dado na liberdade.

—Temos demonstrado que na liberdade humana está a ordem e a moralidade; havemos resolvido o problema. Podemos como Archimedes correr pelas ruas a gritar: *Eureka; inveni*: achei. Contentamo-nos de perguntar ao leitor: somos o *sophista*, somos o *utopista*?

FIM.

M/10041

L-8 C-27